

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Filosofia, Sociologia e Política**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**



Tese de doutorado

**Estratégias de sobrevivência de agrupamentos familiares durante a pandemia  
de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Sul:**  
Um estudo a partir de populações vulneráveis

**Aline Elias Lamas**

Pelotas, 2023

**Aline Elias Lamas**

**Estratégias de sobrevivência de agrupamentos familiares durante a pandemia  
de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Sul:**

Um estudo a partir de populações vulneráveis

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor (a) em Sociologia

Orientador (a): Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

L213e Lamas, Aline Elias

Estratégias de sobrevivência de agrupamentos familiares durante a pandemia de Covid-19 no estado do Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] : um estudo a partir de populações vulneráveis / Aline Elias Lamas ; Léo Peixoto Rodrigues, orientador. — Pelotas, 2023.  
200 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Covid-19. 2. Estratégias de sobrevivência. 3. Populações vulneráveis. 4. Epidemiologia social. 5. Sociologia do conhecimento. I. Rodrigues, Léo Peixoto, orient. II. Título.

CDD 301

Aline Elias Lamas

**Estratégias de sobrevivência de agrupamentos familiares durante a pandemia de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Sul: Um estudo a partir de populações vulneráveis**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 16 de outubro de 2023.

Banca examinadora:

.....  
Prof. Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Documento assinado digitalmente  
 BRUNO PEREIRA NUNES  
Data: 19/12/2023 12:45:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 LEO PEIXOTO RODRIGUES  
Data: 19/12/2023 09:43:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

.....  
Prof. Dr. Bruno Pereira Nunes. Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Documento assinado digitalmente  
 ELAINE DA SILVEIRA LEITE  
Data: 20/12/2023 09:48:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

.....  
Prof. Dr. Elaine da Silveira Leite. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos

.....  
Prof. Dr. Marcos Aurélio Lacerda da Silva. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 MARCOS AURELIO LACERDA DA SILVA  
Data: 21/12/2023 14:30:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer faz parte da nossa jornada. Somos agradecidos a quem nos ajuda, seja no cotidiano ou em ocasiões especiais, como a conclusão de uma Tese.

Enquanto escrevo esse agradecimento, tenho um único pensamento: também preciso agradecer a mim mesma. Por não desistir, por despender horas dos meus dias e noites, escrevendo. A persistência não é tarefa fácil. Que possamos reconhecer sempre as nossas conquistas e aqueles que nos permitem que trabalhem por elas.

Ao meu orientador, Prof. Léo Peixoto Rodrigues, por fazer parte do “time” de incentivadores. O teu conhecimento e a tua sabedoria me encorajaram a fazer um bom trabalho. Obrigada.

Ao meu marido, meu maior mentor acadêmico, mas principalmente meu parceiro de “corrida” nessa vida - sim, pois não caminhamos juntos, corremos – muito obrigada.

A minha filha, Isabele, minha parceira e o brilho da minha vida: obrigada! Ao meu enteado, que me permite permanecer encantada sobre o poder das descobertas: obrigada, Luks!

Aos meus pais.

Obrigada!

## RESUMO

LAMAS, Aline Elias. **Estratégias de sobrevivência de agrupamentos familiares durante a pandemia de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Sul**: um estudo a partir de populações vulneráveis. Orientador (a): Léo Peixoto Rodrigues. 2023, 200 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política – IFISP, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2023.

O objetivo central desta tese é conhecer as “estratégias de sobrevivência” utilizadas por agrupamentos familiares em situação de vulnerabilidade no estado do Rio Grande do Sul, durante a pandemia de Covid-19. Para a finalidade desta pesquisa, chamamos de agrupamentos familiares o “homem simples”, o “povo” e a “massa”. A pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, causou impactos nas mais diversas áreas, apresentando-se com diferentes faces para a sociedade: enquanto parte da população buscava adaptar-se à realidade do *home-office* e das modalidades *online* de ensino, outros grupos enfrentavam dilemas em relação às dimensões essenciais da vida humana, como a decisão entre comprar comida ou álcool em gel e máscaras, buscar emprego na rua, ou proteger-se contra o vírus em casa. Considerando a natureza desta, ela apresenta um caráter metodológico dual: métodos sociológicos e epidemiológicos de pesquisa foram utilizados. O componente epidemiológico desta pesquisa, uma das suas dimensões de caráter epistemológico mais analítico, envolve o estudo Epicovid-19, um inquérito epidemiológico sobre a evolução da pandemia no Brasil. No âmbito sociológico, a lente norteadora foi a interpretação do sujeito e das suas relações de existência. Para isso, utilizamos aspectos centrais do materialismo histórico como teoria na compreensão da realidade social e como guia metódico. Visando conhecer as realidades dos grupos a serem pesquisados, e que fazem parte da problemática de pesquisa, considerando uma abordagem exclusivamente qualitativa, foi utilizada a técnica de coleta de dados, calcada em entrevistas semiestruturadas presenciais, e também aspectos metodológicos da Análise de Conteúdo. Constatou-se que a pandemia castigou de forma desproporcional os grupos populacionais vulneráveis, deixando evidente a necessidade de medidas políticas e sociais mais abrangentes e direcionadas para esses grupos, que foram comprovadamente os mais afetados, seja em percentual de contaminação, ou nas batalhas diárias de suas vidas cotidianas.

Palavras-chave: Covid-19. Estratégias de sobrevivência. Populações vulneráveis. Materialismo histórico. Sociologia do conhecimento. Epidemiologia Social.

## ABSTRACT

LAMAS, Aline Elias. **Survival strategies during the Covid-19 pandemic: a study with vulnerable families in the Rio Grande do Sul, Brazil.** Advisor: Léo Peixoto Rodrigues. 2023, 200 p. Thesis (Doctorate in Sociology) – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas/RS, 2023.

This PhD dissertation seeks to understand the survival strategies used by vulnerable families in the state of Rio Grande do Sul – Brazil – during the Covid-19 pandemic. For the purpose of this research project, families represent the “common man” and the “people”. The Covid-19 pandemic, declared by the World Health Organization in March 2020, impacted many areas of people’s lives, presenting different faces to society: while part of the population sought to adapt to the reality of home-office and online teaching modalities, other groups faced dilemmas in relation to the essential dimensions of human life, such as the decision between buying food or hand sanitizer and masks, looking for a job outside, or protecting themselves against the virus at home. This study used a mixed methods approach: sociological and epidemiological research methods were used. The epidemiological component of this research, one of its more analytical epistemological dimensions, involves the Epicovid-19 study, an epidemiological survey about the evolution of the pandemic in Brazil. In the sociological component, the guiding principle was the interpretation of the subject and its relationships of existence. To achieve this goal, we use central aspects of historical materialism as a theory and as a methodical guide. To understand the realities of the groups that were interviewed, and which are part of the research question, considering an exclusively qualitative approach, data collection was conducted through face-to-face semi-structured interviews, as well as methodological aspects of Content Analysis. We found that the pandemic disproportionately punished vulnerable population groups, making evident the need for more comprehensive political and social measures targeted at these groups, which were proven to be the most affected, whether in percentage of contamination, or in the daily battles to continue their everyday lives.

Keywords: Covid-19. Survival Strategies. Vulnerable Populations. Historical Materialism. Sociology of Knowledge. Social Epidemiology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – “Itinerário” esquemático onto-epistemológico da pesquisa.....	22
<b>Figura 2</b> – Média diária de casos confirmados de Covid-19 no Brasil e no mundo, ajustada para o tamanho da população .....	28
<b>Figura 3</b> – Prevalência de consumo regular de verdura e legumes, de frutas e refrigerantes ou sucos artificiais, pré-pandemia e primeiro trimestre de 2022, e excesso de peso e obesidade no primeiro trimestre de 2022: .....	31
<b>Figura 4</b> – Percentual de infectados pela Covid-19 conforme nível socioeconômico nas três fases do estudo Epicovid-19.....	32
<b>Figura 5</b> – Localização das cidades sentinela participantes do estudo Epicovid-19-BR .....	71
<b>Figura 6</b> – Desigualdades na disseminação do SARS-CoV-2 de acordo com o Epicovid-19-BR. ....	72
<b>Figura 7</b> – Regiões e cidades participantes do Epicovid-19-RS.....	73
<b>Figura 8</b> – Regiões e cidades do Rio Grande do Sul participantes dessa investigação e que contempla a “dimensão sociológica” da pesquisa .....	80
<b>Figura 9</b> – Nuvem de palavras.....	121

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Perfil dos participantes das entrevistas piloto .....	79
<b>Tabela 2</b> – Participantes entrevistados por cidade .....	81
<b>Tabela 3</b> – Descrição dos entrevistados quanto à idade, ocupação e presença de coabitantes no domicílio.....	89

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Categorias de análise <i>a priori</i> , provenientes do referencial teórico, que orientaram os “momentos situacionais” do processo de interação pesquisadora/pesquisado com vistas às dimensões interpretativas da investigação.....	87
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
CEVS	Centro Estadual de Vigilância em Saúde
Clacso	Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
EaD	Educação a Distância
EUA	Estados Unidos da América
Gestrado	Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não-governamentais
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
POA	Porto Alegre
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PRO-AIM	Programa de Aprimoramento de Informações de Mortalidade
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UCSD	University of California San Diego
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – A GUIA DE UMA INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 SOBRE O QUE TRATA ESTA PESQUISA .....	14
1.2 JUSTIFICATIVA E PRINCIPAIS ASPECTOS TÉCNICOS DA PESQUISA.....	16
1.3 COMO ESTA TESE ESTÁ ORGANIZADA.....	18
1.4 UM POUCO SOBRE O PERCURSO DA AUTORA ATÉ A PRESENTE TESE ..	23
<b>CAPÍTULO 2 – ASPECTOS DA REALIDADE BRASILEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19 E OS ABISMOS DA DESIGUALDADE E DA VULNERABILIDADE SOCIAL</b> .....	<b>26</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	26
2.2 A PANDEMIA EM DADOS: UMA LENTE SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL .....	26
2.3 A VULNERABILIDADE COMO <i>LOCUS</i> ESPECÍFICO E A REALIDADE DA “PESSOA VULNERÁVEL” .....	39
2.4. O(S) ROSTO(S) DO(S) ATOR(ES) VULNERÁVEL(IS): DA CATEGORIA ANALÍTICA À IDENTIFICAÇÃO CONCRETA DESSAS PESSOAS .....	41
<b>CAPÍTULO 3 – CAPITULO TEÓRICO</b> .....	<b>47</b>
3. 1 INTRODUÇÃO .....	47
3.2 UMA BÚSSOLA QUE APONTA PARA O MUNDO: A SEMPRE ATUAL REORIENTAÇÃO (DO IDEALISMO) PARA O MATERIALISMO .....	48
3.3 RETOMANDO A REFLEXÃO “TEORIA-MÉTODO” COMPLEMENTAR E INDISSOCIÁVEL DO “CONCRETO-ABSTRATO-CONTRATO .....	54
3.4 A ESCOLA DE FRANKFURT; A INTEGRAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA ÀS ESPECULAÇÕES TEÓRICAS OU A TRANSFORMAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA EM ONTOLOGIA? .....	58
3.5 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO: UMA RENOVAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA QUE NASCE NO SEIO DO MARXISMO .....	62
<b>CAPÍTULO 4 – METODOLOGIAS DE PESQUISA, ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS PRELIMINARES</b> .....	<b>68</b>
4.1 INTRODUÇÃO .....	68

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA(S) PESQUISA(S) E DELIMITAÇÃO DA ABORDAGEM “EPIDEMIOLÓGICA” E “SOCIOLOGICA” .....	69
<b>4.2.1. A dimensão (empírica) da “abordagem epidemiológica” .....</b>	<b>70</b>
4.3 A “DIMENSÃO SOCIOLOGICA” DA PESQUISA: MÉTODO E TÉCNICAS UTILIZADOS, RECORTE EMPÍRICO, E ASPECTOS DA OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	74
<b>4.3.1 Da abordagem “epidemiológica” à abordagem “sociológica” .....</b>	<b>74</b>
<b>4.3.2 Aspectos relevantes a serem destacados na abordagem qualitativa da presente pesquisa .....</b>	<b>75</b>
<b>4.3.3 Métodos e técnicas para a coleta e análise dos dados: Entrevista Semiestruturada e a Análise de Conteúdo .....</b>	<b>77</b>
<b>4.3.4 O Recorte empírico da Pesquisa .....</b>	<b>78</b>
<b>4.3.5 Detalhamentos importantes da operacionalização da pesquisa .....</b>	<b>82</b>
4.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....	84
<b>4.4.1 A análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas e apresentação dos dados .....</b>	<b>84</b>
<b>4.4.2 As dimensões objetivas (epistemológicas) e subjetivas (ontológicas) da análise e as categorias analíticas .....</b>	<b>86</b>
<b>4.4.3 A Análise de conteúdo propriamente dita .....</b>	<b>88</b>
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO METODOLÓGICO, ASPECTOS DA PESQUISA E DOS RESULTADOS DA ANÁLISE .....	122
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>134</b>
Anexo A - Roteiro Para Entrevista Piloto .....	135
Anexo B – Transcrição Das Entrevistas .....	137

## CAPÍTULO 1 – À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO

### 1.1 SOBRE O QUE TRATA ESTA PESQUISA

Em dezembro de 2019, autoridades de saúde chinesas reportaram o que seria o primeiro caso oficial de infecção pelo SARS-CoV-2. O vírus espalhou-se por diferentes continentes do planeta e, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estar havendo uma pandemia de Covid-19, a doença causada pela infecção pelo SARS-CoV-2. Em menos de três meses da notificação do surto da doença, foi reportada ao mundo a existência de mais de 118 mil casos, em 114 países, e que aproximadamente 4,2 mil pessoas haviam perdido a vida, sendo que outras tantas lutavam pela sua sobrevivência (OPAS, 2020).

Em 12 de março de 2020, foi registrado o primeiro óbito por COVID-19 no Brasil, e até meados de maio de 2020 foram confirmados 241.080 novos casos, espalhados por todo o país. Ao mesmo tempo em que o vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, espalhou-se rapidamente pelo país, emergiram, no Brasil, peculiares e distintas *estratégias de sobrevivência*, por parte, desenvolvidas pelo povo brasileiro, no sentido de criar mecanismos, seja no âmbito do trabalho, da saúde, da educação e da alimentação, mas especialmente em relação às suas vidas cotidianas, para o enfrentamento da pandemia, fenômeno esse jamais presenciado pelas atuais gerações.

Sabemos que o Brasil exhibe clara desigualdade social que, por ser histórica, é também estrutural. Essa desigualdade representa significativa parte da sociedade brasileira, mas que em tempos de “normalidade cotidiana” fica esquecida, como parte de uma paisagem social “normalizada” (e normatizada). Já momentos de excepcionalidades, como o ocasionado pela pandemia de Covid-19, trazem à tona e tornam mais visível a perversa desproporcionalidade entre os “iguais” de uma sociedade “democrática” marcadamente desigual. Foi assim que o cenário de desordem causado pela crise sanitária apresentou-se com diferentes faces para a sociedade: enquanto parte da população buscava adaptar-se à realidade do *home-office* e das modalidades *online* de ensino, outros grupos enfrentavam dilemas em relação às dimensões essenciais da vida humana, como a decisão entre comprar

comida ou álcool em gel e máscaras, buscar emprego na rua, ou proteger-se contra o vírus em casa.

Dentre os impactos da pandemia na economia do país, as transformações no mercado de trabalho atingiram diversas categorias de trabalhadores, que passaram a enfrentar e a lidar com novas realidades no que tange aos modos de viver e sobreviver. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios COVID<sup>1</sup> (PNAD-COVID), 2,7 milhões de pessoas foram afastadas do trabalho devido a pandemia, dessas, 879 mil deixaram de receber remuneração em virtude do afastamento. Adicionalmente, os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que os trabalhadores autônomos foram os mais afetados pela pandemia, visto que o rendimento dessa categoria teve a maior queda em 2020. Segundo a pesquisa, o maior corte em postos de trabalho atingiu principalmente os setores de construção, comércio, e empregados sem carteira assinada e, especialmente, trabalhadores por conta própria.

Já no âmbito da educação, o ensino a distância (EaD) foi apresentado como alternativa para a continuidade das atividades em várias instituições de ensino, porém, evidenciou uma série de desigualdades. A falta de acesso aos recursos digitais, como acesso à internet ou computadores, e as dificuldades de aprendizagem foram alguns dos fatores apontados por estudo do IPEA (2020) denominado “Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia”, o qual evidenciou que cerca de seis milhões de estudantes, desde a pré-escola até a pós-graduação, não têm acesso à internet banda larga ou 3G/4G em casa.

Os efeitos da pandemia no ensino não foram vivenciados somente pelos alunos: pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade de Minas Gerais (Gestrado/UFMG) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) apontou uma sobrecarga de trabalho para os professores, tanto pela falta de treinamento para o ensino remoto, quanto pela necessidade de um número maior de horas de trabalho, em virtude da adoção do trabalho remoto e das novas plataformas de educação.

---

<sup>1</sup>A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-COVID) é uma pesquisa desenvolvida pelo IBGE que objetiva estimar o número de pessoas com sintomas referidos associados à síndrome gripal e monitorar os impactos da pandemia da COVID-19 no mercado de trabalho brasileiro.

Essas e outras transformações sociais reacenderam um debate sobre o Estado, que, a partir dos seus elementos constitutivos, exerce um papel central na construção e articulação de direitos, no desenvolvimento de ações de proteção e regulação social, bem como nas suas relações e conexões com a sociedade civil. Porém, fato é que, a incapacidade dos Estados na resolução de problemas globais, muitas vezes leva as sociedades a assumirem para si papéis e responsabilidades que caberiam ao próprio poder público ou, pelo menos a não contar com ele, desenvolvendo estratégias por conta própria.

É fato que a crise sanitária global causada pelo SARS-CoV-2 atingiu todos os continentes, países, estados, cidade, bairros e vilas, indo aonde quer que houvesse pessoas. Porém, sabemos que as consequências e impactos dessa pandemia estão diretamente relacionados à realidade da região e da localidade atingida, seja por fatores de saúde, demográficos ou políticos, mas especialmente pelo contexto socioeconômico, ou seja, pelo grau de desigualdade que se manifesta em todo o país.

## 1.2 JUSTIFICATIVA E PRINCIPAIS ASPECTOS TÉCNICOS DA PESQUISA

Ao se fazer uma revisão bibliográfica do conhecimento acadêmico e mesmo de textos jornalísticos no âmbito das Ciências Sociais, especificamente no âmbito da Sociologia, concernente à tragédia sanitária que assolou o Brasil, é possível verificar que as indagações, as interrogações ou mesmo as pesquisas de caráter estritamente científico, têm sido voltadas, majoritariamente, para a relação Estado *versus* Sociedade Civil, ou mesmo para as ações de Estado e políticas públicas de enfrentamento à pandemia. Porém, um outro olhar não apenas é possível como também necessário, ou seja, um enfoque que vá ao encontro da sociedade; que dê voz às próprias pessoas, aos *agrupamentos familiares* que de fato vivenciam a vulnerabilidade e que, a partir das condições materiais (e não apenas) que lhes são dadas, precisam produzir a sua própria história – como, de outro modo, diria Marx (1969). Necessitam produzir uma história de sobrevivência, desenvolvendo suas próprias alternativas, ações, esforços, enfim, *estratégias* de enfrentamento à essa calamidade social brasileira.

É a partir dessas perspectivas que, por um lado apresenta uma situação de excepcionalidade sanitária que atinge os diferentes sistemas sociais e, por outro,

desnuda a nossa desigualdade quase corriqueira, posto que banalizada, que a presente Tese busca conhecer e desvelar as principais (dentre tantas outras certamente possíveis) *estratégias desenvolvidas por famílias, ou agrupamentos familiares em circunstância de vulnerabilidade*, para o enfrentamento de diferentes fazeres cotidianos – no âmbito do trabalho, educação, saúde, lazer etc. – por meio de estratégias próprias e pertinentes às suas realidades, independentemente de políticas públicas que tenham sido desenvolvidas nesse período de crise sanitária. Em outros termos, o foco da presente pesquisa está voltado para a perspectiva, para a dimensão ontológica – e não apenas epistemológica – do que chamaremos de grupos sociais familiares, em termos de enfrentamento e das dinâmicas de como tais agrupamentos lidam com a pandemia.

Portanto, é importante que se saliente, esta Tese não pretende conhecer a relação entre essas pessoas (em termos de uma sociedade civil) e o Estado – dicotomia essa que baliza boa parte da teoria em Ciência Política –, no que tange às políticas públicas que tenham sido desenvolvidas nesse período de crise sanitária e mesmo antes. O foco da presente pesquisa volta-se para o *conhecimento específico de estratégias e formas de sobrevivência* do “homem simples”, das pessoas; daquilo que também tem sido chamado sociologicamente de “povo”, de “massa” ou, como aqui nomeamos, *grupos (ou agrupamentos) sociais familiares*<sup>2</sup>.

Assim, propomos dois questionamentos centrais e certos desdobramentos que deles advêm, e que irão nortear o foco desta pesquisa, são eles: Quais são as iniciativas, as efetivas ações – guiadas por subjetividades, que se objetivam à medida das possibilidades – adotadas por grupos em condições de vulnerabilidade que visam garantir sua sobrevivência como indivíduo, como cidadão, como núcleo familiar, no decorrer do período em que perdurou a situação pandêmica, considerando-se esse momento como de “excepcionalidade cotidiana”? Qual foi a própria perspectiva desses *agrupamentos familiares* quanto à forma, quanto às possibilidades, quanto às reais condições de lidar com o “mundo-da-vida”, com o dia a dia pandêmico e ter de imaginar, produzir estratégias para a suas (sobre)vivências em tais condições?

Como questionamentos corolários, temos: a) Quais são as estratégias para evitar a contaminação e manter a saúde física? b) Quais são as estratégias de sobrevivência alimentar? c) Quais são as estratégias para a manutenção de moradia?

---

<sup>2</sup> Discutiremos tais conceitos de forma detalhada nos capítulos que se seguirão.

d) Quais são as estratégias para a manutenção de serviços essenciais, tais como luz, água, gás, telefonia e internet; e) Quais as estratégias para a manutenção (se for o caso) de estudos individuais e de familiares? f) Quais são as estratégias para a preservação de algum tipo de lazer?

Quanto à hipótese, sabemos que as hipóteses podem assumir diversas funções na pesquisa científica tanto qualitativa como quantitativa, tais como: (norteadora) *nortear* o caminho a ser percorrido para a resolução de um problema (ou questão) de pesquisa; (delimitadora) *delimitar* o campo empírico e, em certa medida, a própria abordagem teórica; (de inferência) fazer *inferir* sobre o desconhecido, com o propósito de ampliar as possibilidades investigativas, dentre outras (BARROS, 2008). Além dessas funções, classicamente as hipóteses têm um papel histórico de apresentar uma resposta provisória e antecipada (*a priori*) a problemas de pesquisa. Porém, assumindo que o nosso “problema” melhor se traduz pelo conjunto de indagações vinculadas às subjetividades das pessoas, cuja “resolução” ou “resposta” *a priori* ao próprio subjetivismo que se quer capturar (mesmo que posteriormente e sociologicamente se objective), as hipóteses não se aplicariam e, por certo, as inferências careceriam de propósito para a própria condução da pesquisa. Assim, conforme abordaremos de forma mais detalhada no Capítulo Terceiro da Tese, a natureza do referencial teórico que propomos, de certo modo, cumpre o papel de hipótese, uma vez que teoria e práxis estão indissociáveis. Em outros termos, certamente nosso olhar, mesmo na dimensão empírica da pesquisa, foi conduzido de modo mais ontológico que propriamente epistemológico.

### 1.3 COMO ESTA TESE ESTÁ ORGANIZADA

Visando alcançar os objetivos da Tese, utilizamos uma combinação de abordagens metodológicas vinculadas tanto a aportes “epidemiológicos” como a aportes “sociológicos” de pesquisa. O componente metódico “epidemiológico” envolve o estudo Epicovid-19<sup>3</sup>, um inquérito epidemiológico sobre a evolução da pandemia no

---

<sup>3</sup> O Epicovid-19 é um estudo coordenado pelo Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e financiado pelo Ministério da Saúde, que tem por objetivo medir a prevalência do coronavírus e avaliar a velocidade de expansão da Covid-19 no país.

Brasil. Esse estudo, o Epicovid-19, possui um braço estadual (Epicovid-19-RS) e um braço nacional (Epicovid-19-BR). Em outros termos, essa abordagem metodológica entra na presente pesquisa como o que se chama de “dados secundários”. Entretanto, no caso desta Tese, não foram propriamente os dados, mas uma importante parte técnica dessa reconhecida pesquisa – Epicovid-19-RS – que certamente foi fundamental para identificação de uma amostra com rigor técnico, e de regiões e populações vulneráveis em relação à pandemia. Acreditamos que a forma como procedemos, nesse caso, encontra-se pormenorizadamente descrita no Capítulo de método desta Tese.

Quanto ao que estamos chamando aqui de dimensão “metodológica sociológica” da pesquisa, a abordagem foi integralmente qualitativa, a partir da “segurança técnica”, sobretudo amostral como já mencionamos, dos resultados já apresentados pelo Epicovid-19-RS, considerando algumas cidades no estado do Rio Grande do Sul. Certamente a pesquisa qualitativa admite uma importante variedade de métodos e técnicas. Como esta pesquisa tem estreita vinculação teórico-epistemológica com dimensões de fundamentações tanto materialista-histórica como hermenêutico-interpretativas (“observado”, “observador” e “contexto situacional”), sua escolha permite contemplar o campo da subjetividade, aproximando – e tematizando em uma mesma unidade de sentido – sujeito-objeto-situação. Além disto, a pesquisa qualitativa nos permite a utilização do método de “Análise de Conteúdo”, adequado para a interpretação do questionário semiestruturado que utilizamos como técnica para as entrevistas. Cremos que a combinação entre a pesquisa qualitativa, o método de análise de conteúdo e a técnica de questionamentos semiestruturados, orientado pelos nossos referenciais teóricos, permitirão a apreensão de perspectivas subjetivas com relação às “realidades contextuais” a fim de atender a proposta dessa investigação.

A presente Tese consta desta Introdução – dada suas características decidimos dar-lhe um título e tomá-la como um Capítulo, o Capítulo I – onde buscamos de forma mais didática, cremos, situar o leitor quanto ao tema desta pesquisa; uma proposta de problema (ou problemática) a qual acreditamos até o momento carecer de investigação sociológica mais específica – agrupamento social em situação como diria Mannheim (1982); a forma como buscamos lidar, em termos de método, com a integração parcial de uma pesquisa (Epicovid-19-RS), realizada também na nossa

Universidade, a UFPel, e que impactou internacionalmente, com parte de um método, desta feita, sociológico e qualitativo que compõem a presente Tese.

Esta tese também consta de dois capítulos teóricos, os capítulos II e III. O Segundo Capítulo intitulado “Aspectos da realidade brasileira na pandemia de Covid-19 e os abismos da desigualdade e da vulnerabilidade social” trata de delimitar e qualificar o objeto (a temática geral) do nosso interesse, a pandemia de Covid-19. Portanto, de forma mais específica, ele possui um duplo papel nesta Tese: a) trata de delimitar e qualificar o objeto do nosso interesse, a pandemia de Covid-19; b) busca conceituar, delimitar (ou mesmo construir), através da reflexão de alguns autores contemporâneo, o nosso “objeto” empírico. Em sua primeira função, o Capítulo aborda e situa os principais aspectos da pandemia no Brasil em termos de números e dados em geral, e seus efeitos deletérios no âmbito da sociedade em geral. Nesse sentido, o Capítulo se desenvolve por meio de uma lente que ressalta o quão a vulnerabilidade se torna mais evidente em situações limites, como as impostas pelo contexto da pandemia de Covid-19. Posteriormente, ainda no Capítulo II, procuramos estabelecer, em termos teóricos, quem/quais são as nossas “unidades de análise”, isto é, os “agrupamentos familiares” a serem investigados. Para tanto socorremo-nos de alguns teóricos tais como Alain Tauraine, Ernesto Laclau (2013), José de Souza Martins (2011) dentre outros, com o intuito específico de problematizar (construir) o nosso “sujeito empírico”.

O objeto de investigação desta Tese tem como foco a construção da perspectiva e da efetivação do agir fático, concreto de determinados agrupamentos familiares. Por certo que esse conhecimento dar-se-á a partir da interpretação do sujeito e das relações de sua existência. A partir disto, o Terceiro Capítulo reflete o marco teórico sociológico que nos inscrevemos, como pesquisadora, e a lente a qual norteará, tanto o nosso olhar para a dimensão empírica dessa tese, como também a nossa interpretação do agir humano “em situação”. Discorreremos, assim, nesse Terceiro Capítulo, por alguns dos aspectos centrais do materialismo histórico, considerando a sua “dupla função clássica”: como teoria na compreensão da realidade social e como guia metódico, ou seja, um esforço para a adoção de uma “teoria da práxis”, ou nos termos marxistas, um método prático-teórico.

Ainda com relação ao Capítulo II, não podíamos nos furtar de explorar alguns dos aspectos da Escola de Frankfurt, cujo principal esforço – por certo que sempre norteado pela crítica – foi o de integrar a pesquisa empírica às especulações teóricas.

Talvez, na teoria sociológica, a Escola de Frankfurt tenha sido a primeira a explicitar a importância de uma *ontepistemologia*, ou seja, trazer para dentro da investigação científica social os aspectos ontológicos do conhecimento.

O Terceiro Capítulo – no esforço de gradativamente “afunilar” a dimensão teórica; em direção ao contexto empírico – valeu-se também da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim. A Sociologia do Conhecimento assevera a necessidade de que as análises não sejam feitas a partir de grandes generalizações e que devem ir em direção ao tempo e espaço concretos, uma vez que lá é o *locus* em que se engendram (e se fundem) o pensamento e o contexto social na construção da própria história. A Figura 1, apresentada nesta Introdução, busca demonstrar os momentos teórico-sociológicos do Terceiro Capítulo – preferimos deixá-los todos em um só capítulo –, em que partimos do geral ao específico, do teórico-epistemológico ao teórico-ontológico, para a efetivação de uma “sociologia da práxis” orientada pelo que estamos chamando aqui de uma *onto-epistemologia*.

Por fim, o Capítulo IV desta Tese, intitulado “Metodologias de pesquisa, análise de dados e resultados preliminares”, é o capítulo mais longo dessa tese e, cremos, o “coração” dela. Essa afirmação baseia-se no fato de que ele apresenta um esforço de unir, conciliar e corporificar diferentes momentos da nossa trajetória de pesquisa, em uma abordagem técnico-científica renovada. Possivelmente essa renovação esteja no fato de utilizarmos um referencial teórico de natureza mais clássica, mas, ao mesmo, propormos voltar esse referencial a uma problemática de pesquisa muito atual, buscando capturá-la conciliando tanto uma dimensão epistemológica, quanto uma dimensão ontológica, ou seja, interpretar o nosso objeto – “Ser-aí” (*Dasein*), nos termos de Martin Heidegger (1979) –, buscando não abrir mão de um certo rigor de natureza técnica, justamente por envolver importantes disciplinas, a Epidemiologia e a Sociologia.

Assim, esse Quarto Capítulo vai buscar ser minucioso tanto do ponto de vista de sua abordagem epistemológica como da ontológica, explicitando o que chama de “dimensão sociológica” e “dimensão epidemiológica”. O Capítulo também propõe o que chamamos de “macro categorias de perspectiva ontológica”, advindas da Sociologia do Conhecimento e que vão orientar (subjetivamente) nosso contato com o “mundo vivido” para que seja possível conhecer as “estratégias” de sobrevivência dos diferentes agrupamentos familiares.

Essa Tese apresenta uma última parte, denominada “Considerações Finais”, onde busca apresentar de forma um tanto menos analítica, como as Considerações do Capítulo IV, mas de forma mais aberta, subjetivada, perpassando os diferentes elementos (e momentos) desta Tese que de certo modo envolvem a constitui em uma unidade de pesquisa.

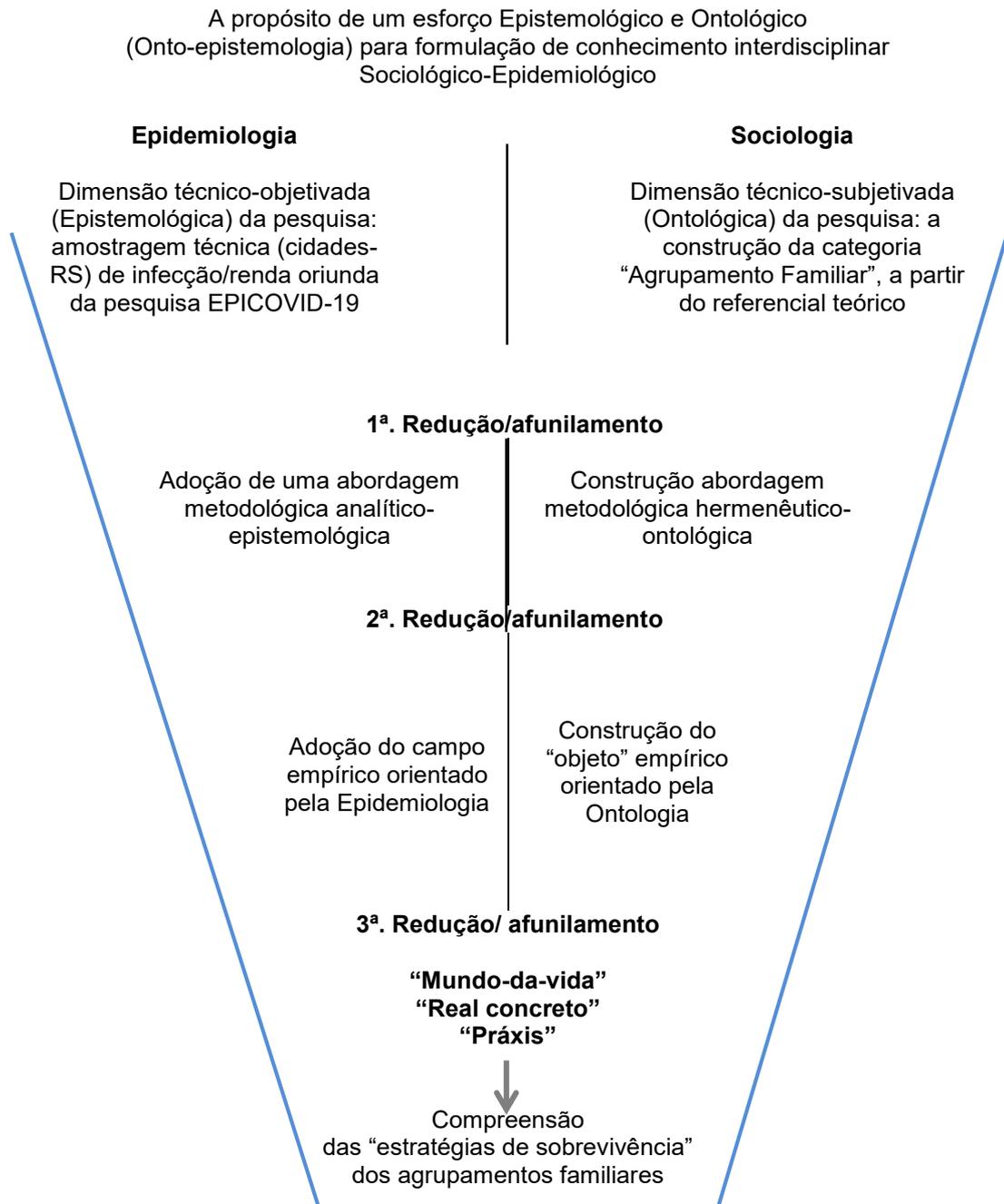


Figura 1 - “Itinerário” esquemático onto-epistemológico da pesquisa

Fonte: elaborada pela autora

#### 1.4 UM POUCO SOBRE O PERCURSO DA AUTORA ATÉ A PRESENTE TESE

Creemos que as características e peculiaridades da presente Tese são, de certa forma, um retrato do perfil da autora e de sua formação acadêmica. Assim, consideramos relevante apresentar, nesse subitem, de forma resumida, um pouco sobre o percurso da pesquisadora e os caminhos que proporcionaram esse momento: a escrita de uma Tese em Sociologia. Após concluir o ensino superior na área de Administração na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em 2005, já estando trabalhando na minha área de formação, prestei concurso para o cargo de Técnico Administrativo de Nível Superior, na UFPel. Iniciaria ali, desde o momento da minha posse, em setembro de 2006, a construção do “meu chão”, profissionalmente e academicamente falando.

Em virtude da natureza do meu cargo público, concluí duas especializações: Gestão Educacional, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Senac-POA-RS), e Especialização em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, na UFPel. Em 2015, foi a vez de iniciar o mestrado em Administração, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), oportunidade que certamente potencializou meu crescimento acadêmico, e me permitiu uma maior interação com outras áreas, uma vez que participei de diversos grupos de pesquisa e de eventos científicos nacionais e internacionais.

Embora meu perfil e minha carreira estivessem totalmente alinhados com a área da Administração, em 2019 encarei o desafio de participar do processo seletivo para fazer parte da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFPel. Confesso que, meu *background*, foi certamente um desafio para que eu acompanhasse as primeiras disciplinas teóricas, porém, consegui avançar e, creio, incorporar a Sociologia na minha vida acadêmica, pessoal e profissional. Talvez esse tenha sido o momento em que minha percepção sobre a relevância da interdisciplinaridade ficou ainda mais evidente: precisamos saber o que se passa em outras áreas, e compartilhar o conhecimento.

Cabe destacar que, durante os primeiros semestres do Doutorado, percebi que estava trabalhando com um tema que não me causava o entusiasmo que considerava essencial no percurso de um Doutorado. Por esse motivo, em março de 2021, foi aprovada minha troca de tema e de orientação. Novos desafios surgiram com essa mudança, que, afirmo com certeza, fizeram a diferença positivamente, em diversos

aspectos. Iniciei uma nova etapa sob orientação do Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues, que me ensinou, desde as primeiras disciplinas, o que é a Sociologia e que podemos (e devemos), sim, trabalhar com o que nos arrebatou.

Mal sabia eu, um dos maiores desafios da minha vida ainda estava por vir. Durante a pandemia de Covid-19, o cenário pandêmico, a polarização política no país e os ataques à ciência<sup>4</sup>, mostraram-me que mesmo nos tempos modernos, o “negacionismo” e a falta de informação podem causar danos irreparáveis a uma nação, e à vida individual das pessoas. Meu envolvimento e vivência com a pandemia fizeram com que eu tivesse certeza sobre a escolha do meu tema: como as pessoas comuns, e historicamente “excluídas” na nossa sociedade estão enfrentando esse momento?

A conjuntura no Brasil piorava, e a situação pessoal minha e de minha família passou a se tornar insustentável e insegura. Naquele momento, felizmente, tive a oportunidade de cursar Doutorado Sanduíche no exterior, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Viajei para os Estados Unidos (EUA), onde, entre setembro de 2021 e fevereiro de 2022, realizei parte dos meus estudos na Universidade da Califórnia San Diego (UCSD).

Ao passo que a pandemia se encaminhava para um fim, ao menos em termos de registros oficiais, o panorama socioeconômico e político no país, agravado pela crise de saúde global, somado às ameaças e perseguições sofridas pela minha família e por mim, pessoalmente, fizeram com que escolhêssemos um novo caminho em nossas vidas. Em outubro de 2022, após aceitar uma proposta de trabalho na Universidade de Illinois, mudamos para os Estados Unidos, onde atualmente atuo na carreira docente e sigo desenvolvendo atividades da minha área de formação, junto ao Departamento de Programas Internacionais da Universidade.

Por certo que não pretendo, com esse breve relato sobre minha trajetória, considerar a minha experiência durante a pandemia como uma “estratégia de sobrevivência”, embora pudesse. Porém, após conhecer as realidades das pessoas durante a realização dessa pesquisa, o que me conduz até o presente momento é a

---

<sup>4</sup> Durante a pandemia de Covid-19, foram relatadas uma série de ataques à cientistas, conforme divulgado em todos os meios de comunicação, nacional e internacionalmente. Minha família sofreu ameaças e perseguições. Vide: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/cientistas-narram-rotina-de-insultos-e-ate-ameacas-de-morte-na-pandemia>>. A revista Lancet também publicou um editorial sobre o assunto: SOS Brazil: science under attack. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7825897/>>.

certeza de que, com a minha vivência e meu papel como pesquisadora, tenho o dever de trabalhar em prol de uma sociedade melhor.

## **CAPÍTULO 2 – ASPECTOS DA REALIDADE BRASILEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19 E OS ABISMOS DA DESIGUALDADE E DA VULNERABILIDADE SOCIAL**

### **2.1 INTRODUÇÃO**

O presente Capítulo aborda, em seu primeiro subitem, uma visão da pandemia de Covid-19 – e seus efeitos deletérios no âmbito da sociedade – através de dados (números, gráficos), muitos deles oriundos de pesquisas brasileiras internacionalmente aceitas, outros já “estabilizados” no âmbito da própria ciência brasileira. Tem por objetivo contextualizar a pandemia de Covid-19 no Brasil.

Ao considerarmos que os problemas das populações vulneráveis ficam mais evidentes em situações limites, como as impostas pelo contexto da pandemia de Covid-19, o presente capítulo busca, também, estabelecer algumas categorias conceituais importantes a essa proposta de pesquisa, destacando, centralmente o conceito de “vulnerabilidade” e “estratégias de sobrevivência”, dentre outros.

O Capítulo ainda busca distinguir e justificar a nossa escolha em focarmos esta pesquisa não naquilo que a Ciência Política tem entendido por “sociedade civil” e a relação desta com o Estado. Contrariamente, a pesquisa foca nas estratégias desenvolvidas a partir de “agrupamento familiar” – categoria analítica mínima adotada nesta proposta de pesquisa – definindo-o como conceito sociológico, seja vinculado à uma sociologia do “homem simples”, como a de José de Souza Martins (2011), seja a partir da diferenciação de outras unidades analíticas como “povo”, “plebe” ou mesmo massa, como em Ernesto Laclau (2013).

### **2.2 A PANDEMIA EM DADOS: UMA LENTE SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL**

Até o mês de maio de 2023, o mundo registrava quase 690 milhões de casos confirmados de Covid-19 e quase 7 milhões de mortes. Porém, embora o termo pandemia indique que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e em toda parte, na escala global, os surtos não são iguais e o fenômeno não é universal e

homogêneo: cada um pode ter intensidades muito distintas de acordo com as relações e condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas e até mesmo individuais:

A crítica à concepção universalista sobre os sujeitos sociais, o espaço e o movimento considera a necessidade de estabelecer relações com outros marcadores sociais, como raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios e dinâmica social e econômica [...] analisar e intervir sobre os fenômenos decorrentes da circulação e transmissão do Sars-CoV-2 não se resume a identificar o vírus e controlá-lo [...] a colocação em cena da Covid-19 em diferentes contextos, especialmente e situações de extrema desigualdade socio sanitária, expõe a multiplicidade e especificidade do fenômeno pandêmico desde sua dimensão macrossocial até a capilaridade micropolítica nas formas de estratégias de produção do cotidiano (MATTA *et al.*, 2021, p. 15-16).

O Brasil, que possui 2,7% da população mundial, registrava, na mesma época, 37 milhões de casos confirmados (5,4% do total mundial) e 701 mil mortes, ou seja, 10% do total mundial (WORLDMETER, 2023).

Essa diferença entre o percentual que seria esperado em função do tamanho da população e o que é observado na prática, decorre dos equívocos cometidos no enfrentamento brasileiro da pandemia de Covid-19, incluindo a carência de políticas públicas baseadas em evidências científicas, a inexistência de um programa de testagem, rastreamento de contatos e isolamento de casos suspeitos, a turbulenta comunicação sobre Covid-19 no Brasil, a adoção equivocada de políticas de distanciamento físico (mais longas e menos intensas do que o recomendado pela ciência), a disseminação de informações sobre curas milagrosas que, na verdade, não possuíam efetividade e a confusão entre as atribuições do Governo Federal, governos estaduais e municipais na tomada de decisões sobre a pandemia (HALLAL, 2021).

A Figura 2 mostra as curvas epidêmicas de casos confirmados de Covid-19 no Brasil e no mundo. Com exceção dos meses mais recentes, a média no Brasil foi consideravelmente superior à mundial, confirmando que a pandemia causou mais estragos no Brasil do que na média dos demais países.

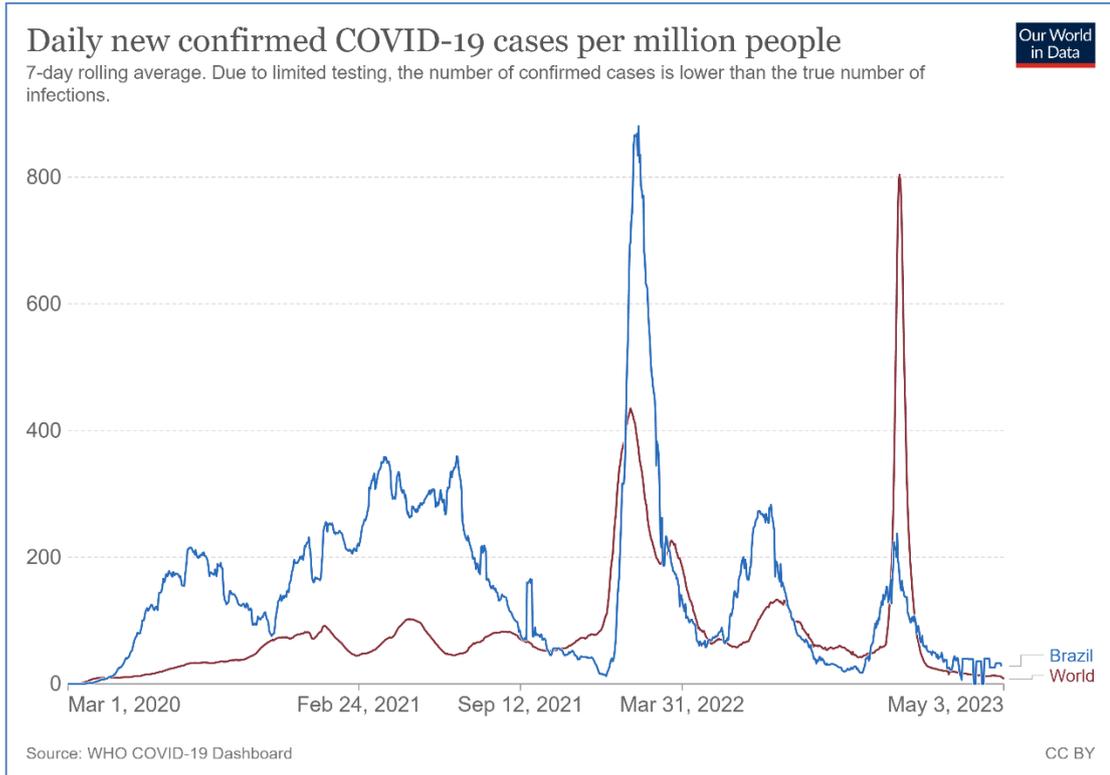


Figura 2 – Média diária de casos confirmados de Covid-19 no Brasil e no mundo, ajustada para o tamanho da população

Fonte: Johns Hopkins University, 2023.

No cenário brasileiro, assim que começou a transmissão comunitária do SARS-CoV-2, os estudos passaram a evidenciar marcantes desigualdades geográficas, sociais e étnico-raciais. Dados do EPICOID-19, um estudo de abrangência nacional, mostraram que as pessoas classificadas entre as 20% mais pobres apresentaram o dobro do risco de Covid-19 em comparação aquelas entre as 20% mais ricas. No mesmo sentido, evidentes desigualdades étnico-raciais foram observadas: o risco de infecção por Covid-19 foi quase cinco vezes maior nas populações indígenas em comparação aos brancos (HORTA *et al.*, 2020).

No entanto, as desigualdades não foram restritas ao maior risco de infecção em populações vulneráveis. A pandemia causou estragos na população como um todo. Um estudo realizado com idosos mostrou que a renda familiar reduziu em quase metade dos domicílios durante a pandemia de Covid-19. A pandemia também acirrou as desigualdades ao afetar de forma mais intensa os idosos em situação de vulnerabilidade socioeconômica (ROMERO *et al.*, 2021).

Outra pesquisa, realizada com dados nacionais, mostrou que nas cidades com menos produto interno bruto, a letalidade da Covid-19 em crianças e adolescentes foi

quatro vezes maior do que nas cidades com alto produto interno bruto. Além disso, as maiores taxas de letalidade foram observadas nas regiões Norte e Nordeste, historicamente as que apresentam menores índices de desenvolvimento econômico (FABRIN *et al.*, 2023).

Esses achados remetem ao conceito da “tripla desigualdade” discutido na obra de Breilh (2006), apenas com a substituição das desigualdades de gênero pelas desigualdades regionais, no caso da Covid-19. Para o autor, essa tripla desigualdade influencia na determinação da saúde, considerando que os mecanismos das três categorias (classe social, gênero e etnicidade) se inter-relacionam. A partir de uma visão interdisciplinar, o autor compreende o processo saúde-doença como uma ampla relação com interfaces sociais, econômicas e políticas, argumentando que é necessária a investigação das condições de vida em sociedade, para evitar que se estabeleça uma concepção causalista do processo, e permitindo uma construção mais complexa do objeto de estudo:

(...) uma construção que permite estudar as contradições determinantes do devir da saúde nas dimensões da sociedade em geral, os modos de vida particulares dos grupos situados em posições distintas das estruturas de poder, os estilos de vida pessoais e os processos contraditórios que se expressam nas pessoas (BREILH, 2006, p. 32).

Para Breilh, essa construção pode surgir a partir da reflexão sobre o processo histórico de constituição do sujeito social em diferentes países, possibilitando a valorização de distintas vozes, a partir das subjetividades, da consciência social e das identidades. Nesse sentido, em agosto de 2020, um artigo de Khalatbari-Soltani *et al.* (2020) já chamava a atenção para a necessidade de coletar dados sobre determinantes sociais da Covid-19, tendo em vista que a “vulnerabilidade socioeconômica estava amplamente associada com maior risco de doença e mortalidade, e não há razão para pensar que será diferente no caso do recém-descoberto coronavírus” (KHALATBARI-SOLTANI *et al.*, 2020, p. 620).

Os autores afirmam que, na época, a maioria dos estudos sobre a Covid-19 apresentava dados de gênero, comorbidades e faixa etária, porém, deveriam coletar e considerar também dados socioeconômicos como nível de escolaridade, renda e condições de moradia. Nos anos subsequentes, a hipótese do autor se confirmou, tendo sido observados maiores riscos de mortalidade e menores taxas de vacinação entre os grupos mais vulneráveis socioeconomicamente da população brasileira (PEREIRA *et al.*, 2022).

Um estudo epidemiológico realizado na Espanha (POLLÁN *et al.*, 2020) identificou que os imigrantes possuíam maior frequência de infecção em comparação àqueles nascidos no país. No Brasil, conforme já mencionado, o Epicovid-19 mostrou que a frequência de infecção nos 20% mais pobres era o dobro daquela observada nos 20% mais ricos (HALLAL *et al.*, 2020). Além disso, o estudo apontou maior prevalência da doença em indivíduos com menor escolaridade (HORTA *et al.*, 2020).

Já nos Estados Unidos, um relatório do estudo “Precisamos de políticas sensíveis à classe, raça e gênero para combater a crise de Covid-19” (NASSIF-PIRES, *et al.*, 2020, tradução nossa)<sup>5</sup>, aponta que o número de casos e a severidade da doença foram maiores na população de baixa renda. Para a epidemiologista Jessica Justman, da Universidade de Manhattan, tais números são reflexo do fato que, imigrantes e residentes de baixa renda vivem com muitos familiares em pequenos domicílios, sendo mais difícil cumprir distanciamento ou isolamento (BUCHANAN *et al.*, 2020).

Passados mais de três anos da pandemia, inclusive com o anúncio do fim da emergência sanitária pela OMS em maio de 2023, as desigualdades não apenas persistiram, como também foram acirradas, especialmente quando consideramos o desigual acesso as vacinas contra Covid-19 na comparação de países de renda alta e aqueles de renda média ou baixa (MOORE *et al.*, 2023).

Assim, considerando que os efeitos da pandemia de coronavírus acrescentam novas dimensões ao enfrentamento e às discussões sobre desigualdades sociais, impactando não somente na saúde pública, mas também na economia e no modo de vida de comunidades e dos indivíduos, há que se refletir sobre o processo de transformação social que enfrentaremos enquanto sociedade, para que possamos fortalecer as políticas voltadas às necessidades das populações socialmente vulneráveis.

Em meados de 2022, a UFPel, em parceria com a Vital Strategies, conduziu o estudo COVITEL<sup>6</sup>, para avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 sobre os fatores de risco para doenças crônicas no Brasil. A pesquisa mostrou aumento na inatividade

---

<sup>5</sup> Título original em inglês: “*We need class, race and gender sensitive policies to fight the Covid-19 crises*”.

<sup>6</sup> O Covitel é um inquérito epidemiológico que comparou a saúde da população brasileira antes e durante a pandemia de Covid-19, por meio de entrevistas a nove mil pessoas espalhadas por todos os estados da Federação. Para saber mais vide: <<https://www.vitalstrategies.org/resources/covitel-inquerito-telefonico-de-fatores-de-risco-para-doencas-cronicas-nao-transmissiveis-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: set, 2023.

física, obesidade e interrupção da série histórica de redução do tabagismo e do consumo abusivo de álcool no Brasil. No entanto, o resultado mais marcante da pesquisa foi o acirramento das desigualdades em saúde. Em todos os indicadores estudados, a diferença entre famílias com maior e menor renda se acentuou.

Entre as famílias de maior renda, houve maior capacidade de enfrentamento da pandemia, seja por maior acesso à internet, maior disponibilidade de bens de consumo, maior acesso a estruturas de lazer, entre outros. As famílias de menor renda, por sua vez, criavam estratégias de sobrevivência para enfrentarem a pandemia de Covid-19, com ênfase nos contextos da educação, saúde, emprego e sustento da família.

Os dados do Covitel mostram que as desigualdades por escolaridade, já presentes antes da pandemia, se acirraram com a pandemia de Covid-19. A Figura abaixo, retirada do Relatório do Covitel mostra que as diferenças no consumo de legumes e verduras e consumo de frutas, conforme escolaridade, se acirraram com a pandemia de Covid-19, basicamente em função do menor acesso a esses alimentos pelas populações de baixa escolaridade.

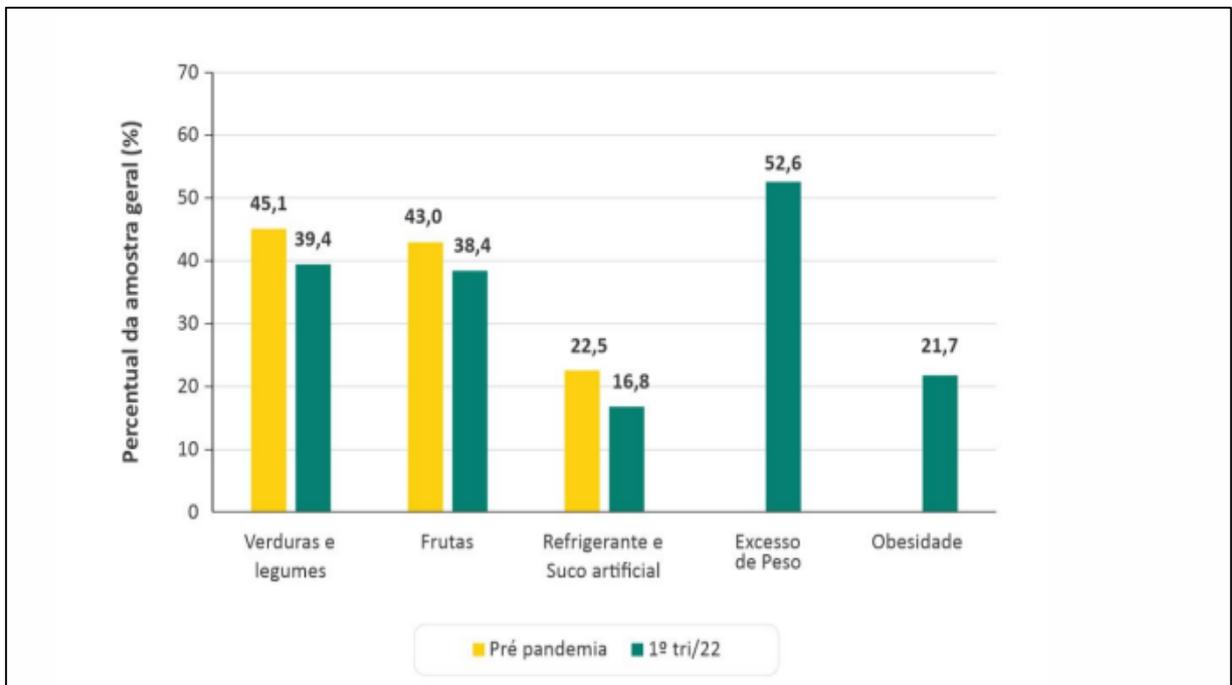


Figura 3 – Prevalência de consumo regular de verdura e legumes, de frutas e refrigerantes ou sucos artificiais, pré-pandemia e primeiro trimestre de 2022, e excesso de peso e obesidade no primeiro trimestre de 2022:

Fonte: Relatório Final Covitel (2022, p.26)

Embora a realidade socioeconômica da sociedade brasileira tenha raízes na sua formação histórica (SILVA, 2010), com um cenário já conhecido de disparidades e exclusão social, a pandemia de Covid-19 evidenciou ainda mais algumas dimensões da desigualdade social e econômica: além da rápida disseminação do vírus no país, parte da população sofre com a falta de acesso aos serviços de saúde, com moradias precárias e com o desemprego, acentuado pela crise econômica. Tais fatores, dentre outros, destacam-se e chamam a atenção do mundo para o avanço da pandemia no Brasil (THE LANCET, 2020).

O resultado dessa combinação de fatores foi identificado pelo Epicovid-19, que apresentou as diferenças nos percentuais de infectados no Brasil, de acordo com as regiões geográficas, sexo, idade, cor da pele e nível socioeconômico, constatando que há mais infecção entre os mais pobres.

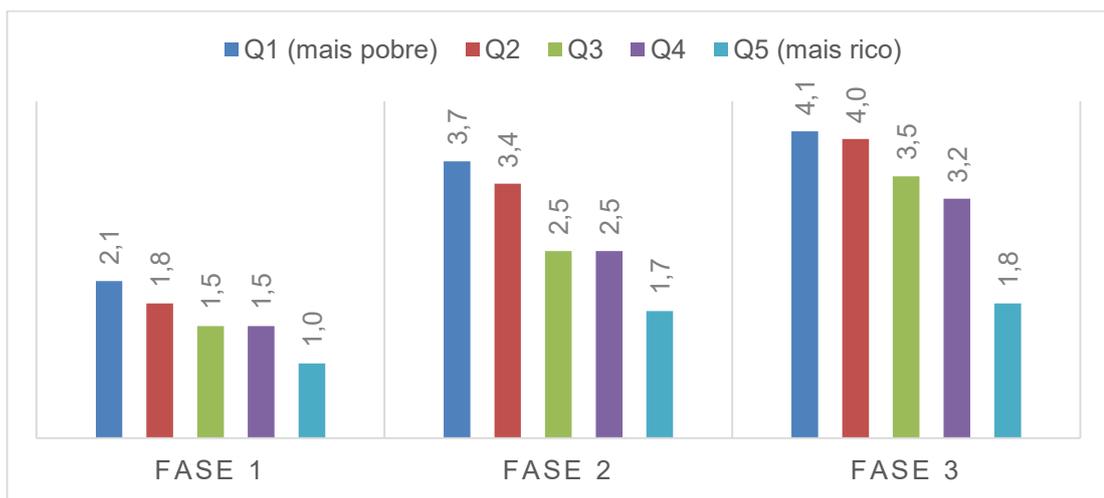


Figura 4 – Percentual de infectados pela Covid-19 conforme nível socioeconômico nas três fases do estudo Epicovid-19

Fonte: Adaptado do estudo Epicovid-19<sup>7</sup>.

Laura Carvalho, autora de um estudo que foi elaborado a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que analisa os determinantes para elevação da taxa de transmissão e severidade da Covid-19, afirma que: “Além de estarem mais sujeitos à contaminação, os mais pobres estão desenvolvendo quadros mais graves da doença” (CARVALHO, 2020). Esse resultado também pode ser explicado pelas diferenças de acesso aos

<sup>7</sup> Para a estratificação por nível socioeconômico foi utilizado um índice de bens – relatório do que as famílias possuem em suas casas – cuja aplicação algorítmica (ABEP) classifica as famílias de acordo com o nível socioeconômico do gráfico.

serviços de saúde de acordo com o nível socioeconômico. Uma análise incluindo gestantes mostrou que o risco de morte por Covid-19 foi significativamente maior entre aquelas admitidas em serviços de saúde públicos em comparação aos serviços de saúde privados (WU *et al.*, 2022).

Em resposta aos apelos das autoridades de saúde para que os brasileiros controlem a disseminação do vírus por meio do distanciamento social, e para destacar o cenário de desigualdade em que vivemos, a revista *Radis* da Fundação Oswaldo Cruz, publicada em 2020, indaga em seu editorial: “Ficar em que casa?”. Ao mesmo tempo em que a recomendação básica da saúde pública para redução na disseminação do vírus consistia em recomendar as pessoas que ficassem em casa, as famílias em situação de vulnerabilidade social possuíam maiores dificuldades em cumprir com essa recomendação, seja por falta de recursos financeiros, seja por dificuldades em adaptarem suas atividades ao formato remoto. Enquanto para algumas famílias de alto nível socioeconômico a recomendação de ficar em casa incluía espaços com ampla metragem e acesso a bens de consumo, como televisores, internet, entre outros, para outras famílias a recomendação envolvia o compartilhamento de pequenos espaços, muitas vezes sem acesso à internet.

A expansão da pandemia de Covid-19 pelas favelas, periferias e interiores do Brasil escancarou a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais, naturalizada e aceita por grande parte da sociedade e das instituições do Estado, o que representa uma barreira às recomendações de higiene básica, distanciamento físico e permanência em casa. O Conselho Nacional de Saúde (CNS) alerta sobre a necessidade de especial proteção a grupos em situação de vulnerabilidade (...) (PERES, 2020, p. 3).

Para Débora Noal, que trabalhou em mais de 40 países em situação de desastres e epidemias, lidar com as desigualdades foi o maior desafio da pandemia de Covid-19. Segundo ela, enquanto uma parcela da sociedade preocupa-se com o crescimento da curva de contágio pelo vírus, a preocupação das pessoas que vivem na rua é com a sobrevivência diária: “É uma escolha entre comprar o pão ou o álcool em gel” (2020, p.4), que realizou entrevistas com líderes comunitários e coordenadores de Organizações Não-Governamentais (ONG's) no Morro da Mangueira, uma comunidade do Rio de Janeiro que, como muitas outras no país, enfrenta uma batalha ainda mais árdua no combate ao coronavírus.

Segundo a DataFavela/Instituto Locomotiva, a pandemia já alterou a vida de 97% das 13,6 milhões de pessoas que moram em favelas. Com 1.142 entrevistas realizadas em 262 comunidades em março de 2020, o levantamento revelou que

apenas 19% dos entrevistados possuem contrato formal de trabalho – a grande maioria (47%) trabalha por conta própria ou é formada por profissionais liberais – sem contar os 10% que estão desempregados e os 8% que trabalham sem carteira assinada (PERES, 2020).

Enquanto as estatísticas oficiais resumem os dados da Covid-19 de maneira agregada, estudos como o do DataFavela/Instituto Locomotiva nos permitem compreender o impacto da pandemia na vida das famílias, nesse caso, daqueles em situação de vulnerabilidade. O fato de que menos de 20% dos entrevistados possuíam contrato formal de trabalho na época do estudo é especialmente preocupante, pois numa situação de dificuldade como a causada pela pandemia, é mais provável que sejam dispensados os trabalhadores sem contrato formal de trabalho do que aqueles cobertos por legislação trabalhista. Mais uma vez, as pessoas em situação de vulnerabilidade são aquelas mais prejudicadas com a pandemia.

Além de enfrentar a realidade econômica e os medos reais em relação ao vírus, cabe destacar outro aspecto da pandemia, que Strong (1990) chamou de “pandemia da dúvida”. Ao pesquisar sobre a epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no final dos anos 1980, Strong enfatizou os processos sociológicos que estão nas entrelinhas da epidemia do vírus em si, e que segundo ele, fazem com que a sociedade viva um turbilhão emocional decorrente justamente das incertezas de como poderão conduzir as suas vidas.

A comparação da AIDS e da Covid-19 ainda exige a reflexão de que, diferentemente da AIDS, a Covid-19 possui uma cadeia de transmissão muito mais simples, bastando em muitos casos o compartilhamento do mesmo ambiente para que a infecção aconteça. As pessoas em situação de vulnerabilidade notadamente vivem em residências menores, com maior concentração de moradores por metro quadrado. Além disso, são usuárias mais frequentes do transporte público, onde normalmente dividem o espaço com outras pessoas. Com as informações amplamente disseminadas do risco de transmissão, inclusive por meio dos assintomáticos, a “pandemia da dúvida” fica ainda mais evidenciada, com as pessoas precisando lidar com seus medos e incertezas ao mesmo tempo em que precisam buscar estratégias de sobrevivência para manterem suas vidas.

Além de doenças como a AIDS, todos esses fatores contribuíram também para um cenário desafiador em termos de cuidados em saúde mental, pois, em decorrência da Covid-19, o foco prioritário de atenção tende a ser voltado para a saúde física das

peças e ao combate ao vírus, ao mesmo tempo que, o contexto da pandemia é fator desencadeante de agravamento de quadros de sofrimento psíquico (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Em 2020, Pickersgill analisou a pandemia de Covid-19, a qual ele denomina a “pandemia da desigualdade”, uma vez que a crise sanitária amplia e multiplica as desigualdades sociais e seus malefícios. Ainda, embora já tenhamos vivido outras epidemias, foi durante a pandemia<sup>8</sup> de Covid-19 que a sociedade vivenciou seus processos globalizados de comunicação e interações sociais. Esse processo proporcionaria uma nova oportunidade para que se impulsionem políticas que aumentariam o sofrimento de indivíduos e comunidades específicas, já que, durante a pandemia de Covid-19, os encontros com o mundo são por meio da internet e das mídias sociais em geral (PICKERSGILL, 2020, p. 1).

Os encontros com o mundo por meio da internet e das mídias sociais representam mais uma fonte de desigualdade. Enquanto as famílias mais ricas podem manter suas atividades laborais, educacionais e de lazer por meio da internet, o mesmo não é necessariamente válido para famílias mais pobres. Novamente, dois fenômenos se sobrepõem: as novas formas de comunicação geradas pela pandemia e o acirramento das desigualdades causado pelo acesso digital às tecnologias digitais.

Diante das marcantes diferenças que se apresentam no cenário brasileiro, e considerando que grupos sociais distintos buscam encontrar em suas visões de mundo social, política e religiosa, dentre outras respostas às questões que o momento atual tem apresentado (GABATZ e ANGELIN, 2021), é relevante que se continue explorando, pesquisando dimensões variadas e desconhecidas de diferentes agrupamentos sociais no enfrentamento da pandemia, bem como dimensões específicas de —iniciativas comunitárias, populares que tiveram origem a partir de necessidades básicas concretas. Portanto, considerar as desigualdades sociais e econômicas e pesquisar sobre os determinantes sociais é essencial para que se possa pensar e construir políticas públicas para o enfrentamento de pandemias, especialmente voltadas àqueles em situação de vulnerabilidade, visto que tal população é a mais afetada (CARVALHO, 2020).

---

<sup>8</sup> Cabe aqui descrever a distinção entre epidemia e pandemia: de acordo com a definição do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), epidemia é um aumento inesperado no número de casos de uma doença em uma área geográfica específica. Já o termo pandemia é utilizado quando o crescimento de uma doença é exponencial, ou seja, a cada dia, o número de casos é maior do que no dia anterior e a doença atinge diversas populações e países (COLUMBIA SCHOOL OF PUBLIC HEALTH, 2021)

Embora a renda ocupe lugar central nos estudos e discussões sobre desigualdade ao longo do século XX, para que possamos pensar e discutir políticas públicas, precisamos conhecer outras dimensões da desigualdade que influenciam no comportamento de determinadas populações e grupos sociais (ARRETCHE, 2018). Para Arretche (2018), o acesso à serviços e condições de vida são dimensões não monetárias da desigualdade, e que permitem compreender decisões e caminhos traçados pelos indivíduos, ou seja, a trajetória da desigualdade seria o resultado dos efeitos de determinadas políticas sobre categorias distintas de afetados.

No Brasil, o enfrentamento da pandemia de Covid-19 evidenciou ainda mais a desigualdade socioeconômica no país. Uma vez que o quadro que vivemos provavelmente se estenderá pelos próximos anos, para além dos processos globais de transformação social, cabe aos cientistas incorporarem em suas pesquisas as novas agendas de pesquisa e intervenção na área das Ciências Sociais, especialmente considerando as tendências ocasionadas pela pandemia, e pela exposição desigual dos grupos populacionais vulneráveis (MATTA *et al.*, 2021). Conforme mencionou Lacerda *et al.* (2021, p. 41):

Se a problemática conceitual da definição do vírus pode nos conduzir a difíceis discussões de ordem moral, normativa e, mesmo, metafísica [...] o seu efeito social, político e econômico nos parece o lugar mais adequado para uma análise sociológica relevante.

Esse fragmento textual remete a um dos pilares centrais dessa Tese de Doutorado. Embora a pandemia tenha sido estudada por meio de diferentes lentes, o seu impacto no cotidiano do povo precisa ser aprofundado. Discussões de ordem moral e normativa, embora relevantes, muitas vezes afastam a discussão dos impactos diretos e crus da pandemia sobre a vida das pessoas e das famílias. Independente de posições sobre vacina, uso de máscaras e outras medidas preventivas, a população precisou seguir vivendo, trabalhando, sustentando suas famílias, se alimentando e interagindo.

É fato que há um maior número de óbitos entre os mais pobres, e esse resultado é decorrente de uma combinação de fatores. De acordo com a PNAD-COVID-19, que teve início em maio de 2020, em torno de 28% dos trabalhadores das classes A e B puderam optar pelo *home office*. Já nas classes D e E, apenas 7,5% tiveram essa opção. Ou seja, os trabalhadores de classes mais baixas precisaram continuar se deslocando ao trabalho, durante a pandemia, e muitas vezes utilizando transporte público coletivo. A necessidade de sair para trabalhar também foi dos

trabalhadores autônomos ou informais, que precisaram seguir na ativa para garantir seus rendimentos.

Para além das pesquisas sobre *home office* e deslocamento para o trabalho, Segata *et al.* (2022) apontou um aspecto relevante sobre a Covid-19 e a agroindústria de processamento da carne em larga escala, ou seja, o trabalho em frigoríficos. Tal indústria foi associada a inúmeros surtos de contaminação pelo coronavírus em países como os Estados Unidos, a Alemanha e o Brasil. No estado do Rio Grande do Sul, foram 5.804 casos de Covid-19 confirmados entre trabalhadores do setor frigorífico nos primeiros seis meses de pandemia, sugerindo que o trabalho com a carne represente uma grande fatia da interiorização da doença no estado<sup>9</sup>.

Um dos objetivos dos autores foi chamar a atenção para o capitalismo agroalimentar e a biossegurança, relatando a realidade de trabalhadores em infraestruturas precárias de frigoríficos e abatedouros, e o cenário de superexposição ao vírus enfrentado por esses indivíduos nos ônibus lotados que a indústria freta para transportá-los, especialmente no interior: “[...] de um ponto de vista antropológico, um vírus sozinho não faz pandemia [...]” (SEGATA *et al.*, 2022, p. 79).

Em São Paulo, a cidade mais populosa do país, a concentração de óbitos está localizada em zonas mais pobres, de acordo com dados do Programa de Aprimoramento de Informações de Mortalidade (PRO-AIM, 2021). Ainda, além das condições de moradia e das questões raciais e socioeconômicas, outra hipótese relevante para explicar diferenças nas taxas de mortalidade em populações vulneráveis é o acesso aos serviços de saúde (RIBEIRO *et al.*, 2021). De acordo com o estudo, o tempo transcorrido entre o aparecimento dos sintomas e o primeiro atendimento pelos serviços de saúde é um fator importante na definição do quadro da doença no indivíduo.

O tema do acesso aos serviços de saúde, aliás, deve ser avaliado com cautela. Embora o Sistema Único de Saúde (SUS), baseado no princípio da territorialidade, tente garantir que os cidadãos brasileiros sejam cobertos por uma Unidade Básica de Saúde (UBS) nas proximidades de sua residência, o tratamento da Covid-19 não conseguiu respeitar essa territorialidade, especialmente nos primeiros meses da pandemia. Os serviços de atendimento à Covid-19 muitas vezes foram centralizados,

---

<sup>9</sup> No Brasil, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul ganharam destaque pelo elevado número de casos de Covid-19 entre trabalhadores de frigoríficos, conforme estudo de Rocha (2020) e boletim epidemiológico do Centro Estadual de Vigilância em Saúde do RS (CEVS, 2020).

especialmente em hospitais localizados no centro das cidades, dificultando o acesso aos moradores de regiões periféricas das cidades.

Por certo que a problemática das populações vulneráveis fica mais evidente em situações limites, como as impostas pelo contexto da pandemia de Covid-19. Embora a relação entre epidemias/pandemias e vulnerabilidade social já tenha sido constatada em outros momentos históricos (FARIAS e JUNIOR, 2020) há que se compreender como as questões sociais e as realidades cotidianas desenham o cenário de construção de estratégias individuais no enfrentamento da pandemia. Diante desse cenário e constatadas as discrepâncias que atingem o cotidiano daqueles sujeitos mais vulneráveis, bem como o agravamento da situação desses indivíduos durante a pandemia, é sociologicamente relevante situar e compreender, através de instrumentos que epistêmico-teórico-metodológico que a própria sociologia já produziu (como ciência) e dispõe, sobre as agravadas condições de vulnerabilidade e seus desdobramentos como fator decisivo na ação dos sujeitos.

A pandemia também resultou em mudanças drásticas nos processos de ensino-aprendizagem, com a ampla disseminação de aulas *online*, tanto nas escolas quanto nas universidades. Em estudo conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para investigar os impactos da pandemia na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental e médio no Brasil, a diminuição no nível de aprendizado foi observada em todos os níveis de ensino, em escolas da rede pública e privada, em zonas rurais ou urbanas (BOF e MORAES, 2023).

Ainda, embora tenham sido desenvolvidos vários projetos de cooperação social com o objetivo de auxiliar populações em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de Covid-19<sup>10</sup>, são inúmeros os desafios na implementação de projetos dessa natureza, especialmente em virtude de problemas estruturais e a falta de recursos financeiros.

Certamente que os impactos aqui mencionados afetaram de forma distinta os diferentes grupos populacionais. O acesso às aulas remotas foi marcadamente menor

---

<sup>10</sup> O livro "Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil", organizado por Matta *et al.* (2021), lista uma série de iniciativas e movimentos regionais e locais sendo empregados no combate à Covid-19 em territórios vulnerabilizados de centros urbanos, e associações nacionais e internacionais de diferentes áreas que contribuíram nas pesquisas das ciências sociais. Vide: Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), (2020); Observatório Social do Coronavírus do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) (2020); União Europeia Sonar Global (2020); Covid-19 *Research Roadmap Recovery* (OMS, 2020).

entre os grupos sociais em situação de vulnerabilidade, sendo que muitas famílias sequer possuem acesso à internet em suas residências. Da mesma forma, os processos de trabalho foram afetados, e novamente os desafios para as populações vulneráveis foram maiores. Acreditamos que os efeitos perversos da pandemia, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem, ainda estão longe de ser diagnosticados completamente, posto que nesse caso os reflexos só podem ser observados, somente em médio e longo prazos.

### 2.3 A VULNERABILIDADE COMO *LOCUS* ESPECÍFICO E A REALIDADE DA “PESSOA VULNERÁVEL”

Ainda que seja possível admitir avanços no desenho do sistema de proteção social brasileiro (CARMO e GUIZARDI, 2018), é necessário considerar que vivemos em um cenário que diariamente agravam-se as diferenças sociais em virtude do modelo de desenvolvimento econômico da sociedade contemporânea, e marca (negativamente) o cotidiano de populações em vulnerabilidade social. Essas contradições, muitas vezes, buscam ser combatidas por políticas sociais ou políticas públicas, que são estabelecidas pelo Estado visando “a redistribuição dos benefícios sociais; visando a diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico” (HÖFLING, 2001, p.31), mas momentos específicos como o que tem sido vivenciado pela pandemia internacional e brasileira dão maior visibilidade às vulnerabilidades sociais, justamente por colocar em relevo a fragilidade da malha de proteção de tais iniciativas (de políticas) públicas que, na maior parte das vezes, são insuficientes mesmo em momentos de normalidade; isto é, de não excepcionalidade como fora o caso da pandemia.

Nesse embate, em um mundo de desigualdade material (e não apenas), além das lutas por direitos básicos como educação, saúde e lazer, também se agravam os esforços para a garantia de condições mínima de sobrevivência cotidiana (FRASER, 2006). Para compreender a injustiça, Fraser (2006) a distingue analiticamente de duas maneiras. A primeira delas, a injustiça econômica, que seria a exploração do trabalho e a privação de acesso a um padrão de vida material adequado. A segunda maneira, seria a injustiça nos padrões sociais de representação e comunicação, o desrespeito às interações da própria vida cotidiana. É a partir dessa perspectiva de Fraser que

situamos o sujeito vulnerável, “objeto” maior desta Tese: o indivíduo que não está simplesmente lutando por seus direitos de cidadão – porque em momento de excepcionalidade não lhe restam condições mínimas para tanto –, mas sim desenvolvendo estratégias (comunitárias ou por conta própria) que garantam simplesmente sua sobrevivência diante de uma situação de adversidade como esta imposta pela pandemia de Covid-19.

Ao apresentar algumas concepções sobre a utilização do termo ‘vulnerabilidade’ em diferentes áreas do agir humano, populacional, Carmo e Guizardi (2018) destacam que, na saúde, o termo começou a ser utilizado no início dos anos 1980, com os estudos sobre a AIDS. No campo da assistência social, o conceito é acrescido pelo termo ‘social’, “que indica a evolução do entendimento acerca das privações e desigualdades ocasionadas pela pobreza” (CARMO e GUIZARDI, 2018, p. 06). Já nas práticas sociais, a questão da vulnerabilidade seria pensada a partir da produção de cidadania para incrementar a forma de enfrentamento de processos de desproteção das famílias, na resolução das situações de vulnerabilidade que vivenciam.

Em estudo sobre vulnerabilidade e a incidência de Covid-19 em Fortaleza, Cestari *et al.* (2021, p. 1024) consideraram a vulnerabilidade social como uma condição de precariedade produzida pelas diferentes e desiguais formas de interação do sujeito com outras vidas ou instituições – o que caracteriza a própria noção de cidadanias –, referentemente à situação socioeconômica, identidade demográfica, contexto familiar e suportes sociais. Embora “vulnerabilidades” seja um termo utilizado em diversas áreas do conhecimento, cabe destacar que ele implica, necessariamente, em um “sujeito social” e está sempre ocorrendo no “território concreto”, ou seja, não como categoria analítica, mas no lugar (concreto) onde as pessoas vivem (FLORENCIO e MOREIRA, 2021).

Já na perspectiva de Castel (2000), a vulnerabilidade social é resultado do trabalho precarizado e da fragilidade de rede de apoio de sujeitos e de coletivos, seja ela relacional e institucional. O conceito de vulnerabilidade social, aliás, precisa ser compreendido e relacionado à situação concreta vivenciada pelas famílias durante a pandemia de Covid-19. Trata-se de prejuízos na capacidade de se alimentar, na capacidade de trabalhar, a capacidade de estudar e, quando afetado pelo vírus, na capacidade de se recuperar. Em outras palavras, o termo vulnerabilidade social não é usado nessa Tese como um conceito abstrato, afastado do cotidiano das pessoas.

Ao contrário, ele é tratado como um conceito real, que afetou as famílias durante a pandemia de Covid-19 e as obrigou a adotar estratégias de sobrevivência para prosseguir com suas vidas.

Quando o tema da vulnerabilidade social é colocado, seja do ponto de vista de Sociologia, do Serviço Social, da Economia ou de qualquer outra disciplina do conhecimento científico, reafirmamos uma questão que se coloca de imediato: esse “conceito” não pode ser uma abstração, ele precisa encontrar algo ou alguém que o encarne. Em outros termos, as noções de vulnerabilidade, vulnerável exige uma correspondência imediata no mundo, no “mundo da vida” como diria o existencialismo; na práxis como diriam os marxistas e, em termos de produção de conhecimento, no próprio empírico<sup>11</sup>.

No Brasil, foi instituída em 2004 a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que destaca que a vulnerabilidade social se expressa em diferentes situações, e que pode acometer os sujeitos em seus contextos de vida, no campo de atuação das suas ações<sup>12</sup>. Por isto, é no *cotidiano de vida das pessoas* que as vulnerabilidades se constituem, mostram-se, constroem-se enquanto fenômeno sociológico. Martins (2011) nos chama a atenção para este fato quando aponta que: “Na sociologia que se difundiu entre nós, houve relativamente pouco interesse *pelo cotidiano e seus personagens*, pelo que parece e por quem parece banal e insignificante, pelo que se repete e por quem se repete, e por isso, anula a visibilidade do todo e a consciência crítica que daí decorre (MARTINS, 2011, p. 12, grifo nosso).

#### 2.4. O(S) ROSTO(S) DO(S) ATOR(ES) VULNERÁVEL(IS): DA CATEGORIA ANALÍTICA À IDENTIFICAÇÃO CONCRETA DESSAS PESSOAS

O projeto neoliberal trouxe grandes consequências para as sociedades latino-americanas e, a partir daí, um cenário de luta por um processo de construção

---

<sup>11</sup> Aqui, como abordaremos em lugar específico desta Tese, referimo-nos às perspectivas de Karl Mannheim, proponente de uma Sociologia do Conhecimentos caudatária do marxismo e para quem um “ponto de vista” ou uma “visão de mundo” ou mesmo um determinado conceito mostram o seu significado de forma mais contundente por se acharem ligados e por emergirem de uma determinada situação social.

<sup>12</sup> Para fins de discussão acerca da vulnerabilidade social, não serão aqui considerados os requisitos e cálculos indicados para definição da população vulnerável pela PNAS, mas sim os aspectos e concepções que sugerem ausência ou precariedade no acesso à renda, atrelada também à fragilidade de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos (PNAS, 2004).

democrática com crescente participação da sociedade civil nos processos de tomada de decisão relacionadas às pautas e políticas públicas (DAGNINO, 2004). Essa maior participação popular e “divisão” do poder entre o Estado e a sociedade civil culminou em uma concepção do direito a ter direitos, que está incluída na pauta da nova cidadania, explicitada por Dagnino (2004), que requer a constituição de sujeitos sociais ativos, definindo o que consideram ser seus direitos e lutando para seu reconhecimento enquanto tais, sendo, também, uma estratégia dos excluídos, uma cidadania “desde baixo”, ou mesmo a “radicalidade” de uma democracia, nos termos propostos por Ernesto Laclau.

No caso do Brasil, o que há talvez de específico nesse processo é que ele se defronta com um projeto político democratizante, amadurecido desde o período da resistência ao regime militar, fundado na ampliação da cidadania e na participação da sociedade civil [...] esse projeto, gestado no interior de uma sociedade civil bastante consolidada, encontra suporte significativo em vários dos seus setores, tendo sido capaz, como vimos, de inspirar a criação de novas instituições que abrigassem seus princípios, tais como os Conselhos Gestores, os Orçamentos Participativos, etc (DAGNINO, 2004, p. 146).

No caso do Brasil, posteriormente aos anos 1960 e 1970, os agrupamentos familiares sofreram com o desenvolvimento econômico, que, além de não vir acompanhado do desenvolvimento social, ao se unir com políticas de Estado e de governo, desencadeou modificações no cenário social, quando os processos econômicos resultaram na desvalorização do trabalho e da vida do trabalhador (MARTINS, 2008). Resulta daí que o desenvolvimento do capitalismo (em particular no Brasil) tem transformado a família, o grupo familiar em um protótipo do trabalhador coletivo: o salário do indivíduo tende a ser da família e não do indivíduo, e o sistema econômico começa a causar problemas sociais à medida que transfere para o grupo familiar parte de suas irracionalidades, ou seja, o custo de sua própria transformação.

A análise sociológica tem buscado em diferentes momentos da sua história retornar ao “homem” concreto, mesmo que de diferentes maneiras, mas escapando da subjetividade do indivíduo, como *unidade analítica mínima* de investigação. Recentemente uma obra que imediatamente se tornou muito conhecida – mais no âmbito da ciência política que da Sociologia – foi a “A razão populista” de Ernesto Laclau (2013); nela é possível encontrar a questão da “unidade mínima de análise” para que se possa, de algum modo dar voz ao social. Laclau parte de Gustave Le Bon, discutindo a abordagem desse autor sobre as “multidões”, indo em direção aos escritos de Gabriel Tarde, sobre as “massas” e grupos sociais, estendendo-se até

Freud para quem o laço libidinal constitui-se na exteriorização primeira de laços afetivos com outras pessoas. Esse percurso desenvolvido pelo filósofo político argentino parece ter como objetivo (dentre outros) o estabelecimento de uma unidade de análise mínima possível; diz ele: “Qual vai ser nossa unidade mínima de análise? (...) podemos decidir que tomaremos como nossa mínima o *grupo* enquanto tal e nesse caso veremos o populismo como a ideologia ou o tipo de mobilização de um grupo *já* constituído” (LACLAU, 2013, p. 122). Embora o propósito de Ernesto Laclau seja o de demarcar a possibilidade “primeira” de uma construção ideológica, sua perspectiva vai no mesmo sentido de tantos outros sociólogos, em termos de buscar, estabelecer, demarcar uma unidade” primeira do social, para o processo investigativo<sup>13</sup>.

Por certo que o modelo de desenvolvimento econômico que se apresenta no mundo contemporâneo resulta em extremos de progresso tecnológico e de bem-estar para setores limitados da sociedade e em extremos de privação, pobreza e marginalização social para outros setores populacionais (MARTINS, 2008). No meio dessa exclusão moderna, afirma Martins, o problema real se constitui em dolorosas experiências cotidianas de privações e limitações, quando, muitas vezes passa-se a usar as pessoas como objetos e não como sujeitos: “Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano” (MARTINS, 2008, p. 2).

Alain Touraine (1998), cuja sociologia carrega um marcado “tônus” marxista e se volta para a ação concreta dos atores sociais, assinala que é, a partir da existência, da mobilização e das consciências individuais, que se dão as articulações concretas entre tais atores, precipitando, assim, as necessárias transformações da vida social. Neste sentido, para o sociólogo francês, tais mudanças ocorrem no nível de experiência de vida individual (TOURAINÉ, 1998).

As permanentes distorções do Estado que agravam a pobreza e a desigualdade, posto que o seu “encolhimento”, no sentido de sua crescente ausência e progressiva transferência de suas responsabilidades para a sociedade civil (DAGNINO, 2004; MARTINS, 2008), faz com que parte da sociedade, jogada à sua

---

<sup>13</sup> A sociologia Americana, tanto com relação à Escola de Chicago, como também a de orientação funcionalista, como a proposta por Robert K. Merton (1968), tem estabelecido diferentes formas de agrupamentos sociais, como unidade básica de análise para o conhecimento sociológico.

sorte, tenha de buscar estratégias de sobrevivência das mais variadas formas. Tais estratégias têm sido definidas por Martins (2008) como resultantes de um desenvolvimento anômalo e em um processo de exclusão e distribuição iníqua de benefícios sociais culturais e políticos, que a sociedade contemporânea tem sido capaz de produzir, mas não de repartir. A partir daí, argumenta, que os pobres buscam fazer parte daquilo que não lhe oferecem, buscam obter não só bens materiais, mas simplesmente âmbitos da vida que são vitais, por meio da produção de relações.

Heller disse que só quem tem necessidades radicais pode querer fazer a transformação da vida. Essas necessidades ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana, Só pode desejar o impossível aquele para quem a vida cotidiana se tornou insuportável, justamente porque essa vida já não pode ser manipulada [...] pois é, no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão [...] já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História (MARTINS, 2008, p. 06).

Embora as urgências de sobrevivência sejam problemas históricos e enraizados em nossa sociedade, é importante considerar que a luta e a resistência do sujeito se constituem a partir das consciências individuais, através da afirmação do indivíduo como ator das orientações e das transformações da vida social, conforme nos afirma Alain Touraine (1998, p. 76). O autor defende que é no nível individual, na esfera micro do social, que se desempenha o papel da defesa dos direitos do cidadão ou do trabalhador, sendo necessário que o indivíduo se reconheça como sujeito diante das suas experiências. Essa perspectiva do sociólogo francês, vinculada a uma Sociologia da Ação, tem privilegiado o ator, em seu lócus, como o “sujeito social”, ou seja, o indivíduo humano que encarna a vida em sociedade e as suas múltiplas relações e que, ao mesmo tempo, constrói a historicidade e a tessitura social.

Para Touraine (1998), a ideia de interpretação e análise a partir do sujeito é relevante à medida que, quanto mais o sujeito se torna concreto e carregado de realidades e relações sociais, maior a capacidade desse sujeito na avaliação da atuações de dirigentes políticos ou sociais, uma vez que os indivíduos terão suas percepções a partir de suas próprias demandas, e essas experiências pessoais impregnadas concederão um poder ao nível dos próprios autores, e não somente das instituições, no sentido de uma reconstrução no campo social e político. Diz Touraine (1998, p. 92): “Não apenas a sociedade não se tornou um sistema onipotente, mas ela é impotente para se produzir e reproduzir a si mesma: ela depende, de fato, da capacidade do sujeito para superar a decomposição do social”.

Cabe destacar o que alerta Martins (2011), que defende que há uma grande diferença entre condição social e compreensão social. Pessoas ou grupos sociais podem viver em uma determinada situação e possuir conhecimento sobre ela. Porém, a consciência social é que conduz para o caminho da legítima interpretação das relações sociais, e a sociologia não pode ser boa sociologia se não incorporar às suas análises a consciência social, que seria a percepção que os sujeitos têm das adversidades e de si mesmos.

Nessa perspectiva, penso que é metodologicamente necessário conduzir a investigação da modernidade brasileira pela via oposta à da tese do popular que nela se incorpora para dar-lhe cores e identidade (...) a questão da modernidade no Brasil fica melhor compreendida quando investigamos o modo como o moderno e os signos da modernidade são incorporados pelo popular (MARTINS, 2011, p. 29).

Ao tratar da vida social do homem simples e cotidiano, Martins (2011) destaca as lutas diárias desse homem em uma sociedade dividida e diversa onde, segundo ele, são travados os embates por conquistas fundamentais da vida humana. A partir das transformações humanas e sociais criadas pelo capitalismo, a modernidade tem evidenciado as desigualdades e as incertezas, as quais necessitam ser superadas pelo “homem comum”, por meio de caminhos que ele mesmo precisa descobrir e inventar. Para José de Souza Martins (2011) é na construção desse caminho que ocorre o fenômeno social que pretendemos investigar: a ação do homem comum no enfrentamento à pandemia de Covid-19, em um cenário adverso e desafiador, e é exatamente nessa investigação da realidade social das pessoas simples e comuns que a compreensão sociológica se reveste de sentido, para tratar das urgências que nos afligem, como a pobreza e a injustiça. Martins (1998, p.02), em outro momento, detalha que:

Se a sociologia do século XIX e da primeira metade do século XX descobriu o homem como criatura da sociedade, o período recente põe a sociologia ante a crise dessa concepção e crise dessa verdade relativa e transitória (...) se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano.

O debate teórico apresentado no presente Capítulo não apenas apresenta aspectos do flagelo brasileiro durante o período da pandemia, mas também – na mesma esteira do debate teórico de destacados sociólogos – busca salientar a importância de se estabelecer, delimitar, para o conhecimento de certos fenômenos, sem precedentes atuais, unidade mínima de análise para o conhecimento das estratégias desenvolvidas pelas pessoas vulneráveis, encarnadas em agrupamentos

maiores, sejam eles o povo, as massas, a sociedade. Para tal, decidimos estabelecer o que denominamos de *agrupamentos familiares*, sejam eles de que natureza for, do tipo de ideologia a que se vinculam, e independentemente do número de indivíduos que componham tal unidade.

## CAPÍTULO 3 – CAPÍTULO TEÓRICO

### 3.1 INTRODUÇÃO

As inesperadas modificações decorrentes da pandemia de Covid-19 desordenaram os mais diversos sistemas sociais tais como, o político, o econômico, o educacional e o cultural, dentre tantos outros, fazendo com que a sociologia se estendesse e interagisse com outras ciências, de forma a conduzir novas discussões e novos olhares sobre os imprevistos acontecimentos e suas consequências, por vezes de proporções muito drásticas, como a própria vida<sup>14</sup>.

A sociologia contemporânea, ainda, precisou olhar para as novas realidades de forma mais abrangente, valorizando os distintos aspectos que construíram e formaram as diferentes dinâmicas surgidas durante a pandemia. Diante disso, o Capítulo III retoma – talvez mais que isto, evoca aspectos do materialismo histórico dialético como uma contribuição ao método desta tese – um método prático-teórico, como diria o marxismo – ou como uma bússola teórica, um pouco no sentido discutido por Gurvitch (1987), para quem a reflexão dialética materialista tem como essência uma demolição de conceitos engessados ou adquiridos, visando construir um caminho, uma via entre a parte prática e a teoria da presente tese.

Ainda, o Capítulo procura explorar a ideia de materialismo e de historicidade, no sentido da dimensão “fenomênica” ou do “mundo da vida” (*lebenswelt*), nos termos propostos pela fenomenologia de Husserl como possibilidade de conhecimento, buscando apontar para a forma sempre renovada pela realidade, isto é, dimensão do mundo real que por vezes, de modo surpreendente, se impõe.

---

<sup>14</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre as implicações da pandemia, a partir de uma perspectiva sistêmica, ver Lacerda *et al.* (2021, p. 40); e, a partir de uma perspectiva sistêmica luhmanniana, em que aborda a mútua (e complexa) implicação simultânea entre os diferentes sistemas sociais ver Rodrigues e Costa (2021). No artigo os autores alertam sobre as peculiaridades do sistema cultural brasileiro, dizem eles: “quando observamos as medidas de distanciamento social, não podemos perder de vista que algumas culturas, como a brasileira e mesmo as latino-americanas, por exemplo, apresentam maior proximidade entres as pessoas (sistemas orgânicos) de forma absolutamente involuntária. Como se sabe, cultura é uma dimensão profundamente introjetada, e quando exteriorizada, se faz de forma automática, não refletida, conforme nos mostra o próprio conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1989), e muitos dos estudos culturais. Portanto, o sistema cultural é uma dimensão importante a ser considerada na eficácia do distanciamento social em determinadas regiões, isto é, na adesão ou não por parte da população” (BOURDIEU, 1989, p. 324-325).

Tendo em vista que o objeto de estudo da presente tese tem como foco o processo de pensamento e a ação pelas lentes da realidade dos indivíduos, buscando a interpretação dos fenômenos a partir do sujeito e das relações de sua existência, o presente Capítulo tem como objetivo abordar os elementos teóricos, juntamente ao Capítulo I, que guiam as reflexões, as interpretações – e porque não dizer as sínteses – dos “achados”, de determinantes, mesmo que circunstanciais, empíricos, à luz do materialismo histórico.

Pareceu-nos clara a necessidade de uma “velha”, mas de certo modo sempre atual visão clássica da teoria sociológica, o materialismo histórico, na sua inspiração dialética, como movimento de compreensão da realidade social e como guia metódico, no sentido de captação e elaboração das ideias a partir da união entre a teoria sociológica e a investigação prática do fenômeno o qual pretendemos trazer à tona. Dessa forma, não podemos deixar de concordar com Gurvitch (1987, p.12): “Não se pode omitir tampouco o fato de haver outra afinidade profunda entre a experiência e a dialética: ambas estão relacionadas ao humano, àquilo que os atos, as ações, os juízos o contexto e o aparato humano representam (...) a experiência é sempre humana (...) ela carrega a marca do humano, do social, do histórico”.

### 3.2 UMA BÚSSOLA QUE APONTA PARA O MUNDO: A SEMPRE ATUAL REORIENTAÇÃO (DO IDEALISMO) PARA O MATERIALISMO

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pela construção das ideias a partir das ações práticas em sociedade, isto é, trata-se de descobrir, pelo movimento do pensamento, as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história (PIRES, 1997). A busca pela compreensão das formas de pensar foi fundamental para o surgimento da ciência sociológica e para a aplicação de princípios científicos ao estudo da vida social. Os acontecimentos decorrentes da Revolução Comercial, do Renascimento e da descoberta da América evidenciaram que o universo era muito mais complexo do que se pensava, e que o ser humano era potencialmente muito mais livre do que se imaginava. Logo, esses elementos contribuíram no processo de busca de um método adequado para compreender a realidade (KONDER, 2008).

No século XIX, os intelectuais entendiam que não mais poderiam analisar os fenômenos modernos a partir de uma visão filosófica, mas sim, defendiam que era preciso partir do método experimental e da observação da realidade empírica nessa busca pelo conhecimento da realidade. Em consequência disso, foi se desenhando um entendimento de que as ideias da sociedade surgem a partir da experiência prática dos indivíduos, e que a construção do mundo se dá em torno dos movimentos da “vida real”. Nesse movimento da realidade econômica, social e histórica e através das experiências, encontramos (ou somos obrigados a nos deparar) com a dialética. Gurvitch (1987) é muito lúcido ao abordar essa perspectiva, diz ele:

Enquanto movimento real, a dialética é o caminho tomado pelas totalidades humanas e, em primeiro lugar, pelas totalidades sociais e históricas, em vias de fazer-se e desfazer-se, no âmbito da geração recíproca de seus conjuntos e suas partes, de seus atos e de suas obras, assim como no âmbito da luta que estas totalidades travam contra os obstáculos internos e externos com que se chocam em seu caminho (GURVITCH, 1987, p. 31).

Embora possamos discutir sobre seus fundadores e origens, fato é que, o conceito de dialética já se apresentava, na Grécia antiga, como a arte do diálogo<sup>15</sup>. Já na interpretação moderna, dialética seria o modo de pensar e compreender as contradições da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, conforme definição de Konder (2008, p. 8). Entretanto, é na Modernidade, mais especificamente no desenvolvimento filosófico moderno, que a dialética é retomada vigorosamente por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1870-1831) em sua obra (dentre outros escritos) “A fenomenologia do Espírito”<sup>16</sup>, publicada, originalmente, em 1807. Hegel, por meio da dialética, no decorrer de quase toda a sua obra, busca demonstrar que a consciência torna-se consciente de si, pelo movimento dialético do pensamento, cujas sínteses se dão no âmbito da própria consciência, do próprio espírito. Por isto, a sua dialética, o seu movimento dialético passou a ser conhecido como “*dialética idealista*”. Aqui cabe uma breve definição da dialética idealista de Hegel e, para tanto, nos socorremos de Nobrega (2005), um dos grandes intérpretes de Hegel, que diz:

Estamos falando (...) de um movimento pelo qual realidades novas se explicitam, se deduzem, graças à contradição, à oposição que existe na realidade anterior. Se perguntamos, pois, a Hegel, como as realidades se

---

<sup>15</sup> Embora dialética e diálogo não sejam sinônimos e o termo “dialética” tenha apresentado muitos significados no decorrer da história, *día*, do grego, significa, “através de”, “por meio”, “de forma interativa” ...; *letik*, apresenta uma mesma raiz que o termo, também grego, *logos*, cujo significado é razão. “Diálogo”, portanto, seria a possibilidade interativa entre duas ou mais possíveis “razões”, também em movimento análogo ao de teses, antíteses e sínteses (ABBAHNANO, 2003, p.269-274).

<sup>16</sup> Aqui, utilizamos a edição brasileira da obra de Hegel (1992).

deduzem necessariamente, a resposta é esta: por um movimento dialético. Se perguntamos por que o princípio imprincipiado não resta eternamente a única realidade, a resposta está aí: ele carrega em si a contradição e a luta de opostos. Nenhuma realidade, portanto, existe, que esteja isenta deste movimento dialético, desta luta de opostos (NOBREGA, 2005, p.43).

De certo modo, é bem conhecida a história de que quando o jovem Karl Marx fora para Berlim, no final da década de 1830, juntara-se à Esquerda Hegeliana, capitaneada por Ludwig Feuerbach, que criticava a centralidade da filosofia de Hegel à época. É nesse contexto que ele passa a frequentar, juntamente com Arnold Hüge e Bruno Bauer, o grupo de jovens hegelianos, o chamado *Doktorclub*. Se por um lado os jovens membros (e fundadores) do *Doktorclub* encantavam-se pelo pensamento hegeliano, sobretudo aqueles das obras “Fenomenologia do Espírito” (1992) e “Ciência da Lógica” (2011), por outro lado criticavam os aspectos políticos a “Filosofia do Direito”<sup>17</sup>, publicada por Hegel, em 1829. Conforme Hans-Georg Flickinger (1986, p. 22), jovens hegelianos e membros do *Doktorclub* “teriam suposto que o filósofo alemão não questionara na sua “Filosofia do Direito”, a realidade repressiva existente e manifesta no sistema político-social da Prússia contemporânea”.

Certamente que essa história é muito conhecida e que existem milhares de trabalhos nesses últimos quase dois séculos, desde os “Manuscritos de Paris”, sobre o tema. Queremos apenas contextualizar, mesmo que brevemente, que a dialética materialista histórica tem a sua origem no pensamento dialético (idealista) hegeliano e que ele fora fundamental para que Marx pudesse, assim, propor e desenvolver – juntamente com outros críticos da dialética idealista, como Feuerbach – o seu edifício teórico, cuja base de sustentação foi a inversão do idealismo dialético para o materialismo (histórico) dialético. Foi a partir daí, que Marx consegue articular de forma consistente e interconectada as diferentes facetas de seu pensamento, tais como uma perspectiva (filosófica) humanista, uma renovada abordagem econômica, com a teoria do valor e, por certo, uma lúcida aguda perspectiva do social – como conceitos de mercadoria, alienação, classes sociais, entesouramento etc., culminando em sua vigorosa crítica ao capitalismo do século XIX.

---

<sup>17</sup> Segundo Flickinger (1986), fundamentando-se no direito burguês, nessa obra, “Hegel referiu-se à base ideal desta sociedade fundamentada e proclamada nas revoluções burguesas, especialmente na França: pela primeira vez na história humana, a sociedade pós-feudal fazia da igualdade e da liberdade os princípios constitutivos e universais da comunidade, princípios obrigatórios e válidos para todas as relações sociais, sem exceção, ou seja, referentes todos os membros desta sociedade” (FLICKINGER, 1986, p. 44-45).

A partir desse modo de pensamento e do princípio de que a realidade está sempre em movimento e assumindo novas versões, é que utilizamos o materialismo histórico de Marx como possibilidade de percepção dessas “adaptações do humano”, em momentos em que as pessoas são, ao mesmo tempo, “sujeitos” de um acontecimento e protagonistas de suas próprias vidas nas condições materiais que lhes são impostas.

Quando Marx (1987, p. 47) afirma que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” ele não apenas condena os processos dialéticos idealistas, onde as sínteses acontecem no pensamento, mas também reafirma um conjunto de processos materialmente apresentados, atuantes e dependentes das suas realidades e dos seus contextos objetivados. Isto fica claro quando Gorender na observação na introdução da “Ideologia Alemã”:

A premissa de que parte a ciência positiva da história são os indivíduos humanos reais, sua ação e condições reais de vida [...] a premissa de toda história humana é a existência de indivíduos humanos viventes. Neste fato concreto se funda o materialismo histórico (GORENDER, p. 24, 2001).

Embora muitos autores marxistas<sup>18</sup> tenham explorado (e explorem) a dialética de Marx (GURVITCH, 1987; KONDER, 2008; NETTO, 2006), diversos aspectos e características relevantes do seu método foram destacados por ele mesmo em algumas de suas obras clássicas, como “Contribuição à Crítica da Economia Política”, “A Ideologia Alemã” e “O Capital”. No posfácio da segunda edição de “O Capital”, ao transcrever algumas passagens de um artigo escrito sobre a sua obra e publicado no Correio Europeu em maio de 1872, Marx afirma que os autores da referida publicação conseguiram com êxito descrever o seu método, quando enfatizaram que, para ele o que importa é descobrir os fenômenos por meio de suas modificações, seu desenvolvimento visto que seu objetivo é demonstrar a necessidade de determinadas ordens das relações sociais, e que “com o desenvolvimento diverso da força produtiva, alteram-se as condições e as leis que as regem” (MARX, 2011, p. 128).

Essa perspectiva fica bem ilustrado com o clássico, mas sempre atual texto em que destaca “a ilusão de Hegel” ao propor uma perspectiva idealista da dialética como método. Diz ele em “O Método da Economia Política”:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de

---

<sup>18</sup> Além de contemporâneos, praticamente a totalidade dos “marxismos” durante a primeira metade do século XX na Europa, tais como Gramsci (1891-1937), Lukács (1885-1971), Lefebvre (1901-1991), Goldman (1913-1970) e, sobretudo Mannheim.

síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação. No primeiro caso, a representação plena é volatilizada numa determinação abstrata; no segundo caso, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento. Eis por que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que, partindo de si mesmo se concentra em si mesmo, se aprofunda em si mesmo e se movimenta por si mesmo... (MARX, 1978, p. 116).

Embora Hegel tenha criado um tipo de dialética que se diferenciava das dialéticas anteriores, especialmente pelo princípio da contradição, de acordo com Gurvitch (1987) no pensamento de Marx, a dialética hegeliana apresentava uma mistificação ou falsas representações, que se afastavam das estruturas consideradas por ele: as forças produtivas, os quadros sociais e as obras culturais da consciência real. Para ele, todos os seres vivos buscam assegurar a sua existência e perpetuar a sua espécie, porém, os seres humanos procuram dominar a natureza e estabelecer relações sociais (MARX, 1974).

Ademais, apesar das suas construções acerca das forças produtivas e da figura do homem econômico, em um rompimento com a economia clássica, cabe destacar que Marx não foi um teórico restrito apenas às análises do capitalismo e a sua perspectiva não se restringiu à economia política (ARAÚJO e SIQUEIRA, 2021), mas também às análises dos modos de produção. Assim, considerando que produção constitui sempre um corpo social, um sujeito social que atua num conjunto, é preciso considerá-la em sua diferenciação temporal e espacial. Nos termos do próprio Marx: “Essa produção do homem pelo trabalho humano é unicamente material? Não, porque através de seu conteúdo, como através de seu exercício, a atividade e o espírito são, segundo sua existência, sociabilidade social e espírito social” (MARX, 2011, p. 40).

A contribuição dada por Marx nesse sentido foi justamente a criação de um caminho que mostra como compreender as estruturas, dentro de seus contextos e de interações, por meio de uma configuração material da realidade, como ele mesmo observou anteriormente: concreta, não “ideativa”. Mesmo tendo deixado claro que embora se declarasse discípulo de Hegel e tivesse consciência de que este foi pioneiro na exposição das formas gerais de movimento, o processo de construção de seu método se deu a partir de uma total oposição ao método hegeliano. Ele afirmava inclusive que “a dialética hegeliana “se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico” de Hegel (MARX, 2011, p.129). Diz Marx (2011, p.49): “Ao invés de subsumir a ontologia na

lógica, são as categorias econômicas e sua história concreta que põem à prova as categorias lógicas e lhes imprimem movimento (...) a consciência é consciência do ser prático material que é o homem”.

A partir do método filosófico Hegeliano, o marxismo desenvolveu a concepção da diferença entre este e os métodos das ciências especiais, com a sua concepção de dialética materialista baseada em suas chamadas leis básicas<sup>19</sup>, que possibilitam a oposição à teoria metafísica. Essas leis básicas abordam as questões mais gerais da teoria de Marx, revelando a fonte de desenvolvimento do mundo objetivo e do pensamento humano. Conforme Kopnin, (1978, p. 106), “As categorias da filosofia marxista têm conteúdo objetivo, (...) pois são reflexo das leis do mundo objetivo, (...) têm importância metodológica, servem de meio de procura de novos resultados, são um método de movimento do conhecido ao desconhecido”. A ideia de indivíduo pelas lentes marxistas sempre foi baseada na lógica de que, como os indivíduos produzem em sociedade, a produção de indivíduos é socialmente determinada, com o argumento que “os homens fazem a sua própria História, mas não a fazem como querem e sim sob as circunstâncias que encontram” (MARX, 1961; 2008).

Em “Miséria da Filosofia”, Marx já defendia que os movimentos são as forças transformadoras, e que a história nada mais é do que uma transformação contínua da natureza humana: “(...) assim, o movimento da história produz as relações sociais, o movimento industrial proporciona os produtos industriais, etc.” (MARX, 1987, p. 66). A partir do pressuposto histórico-social da obra de Marx, Netto (2006, p. 17) sintetizou que, “é na sociedade burguesa que os homens podem compreender-se como atores e autores da própria história”. Assim, a partir do pensamento e da visão da teoria sociológica de Marx e da ideia de que a consciência do ser nasce da necessidade e da relação social, é que se pretende interpretar e apreender os fenômenos e fatos encontrados na esfera empírica da presente pesquisa, considerando a teoria Marxista como uma “matriz cultural” capaz de dar conta da dinâmica constitutiva do ser social (NETTO, 2006, p. 19).

Embora a perspectiva de Marx tenha surgido a partir de determinado contexto social e político, com o objetivo de analisar as relações do modo de produção

---

<sup>19</sup> De acordo com Kopnin, as leis básicas da dialética revelam a fonte de desenvolvimento do mundo objetivo e do pensamento humano, a orientação desse desenvolvimento, a tendência e a relação mútuas entre suas formas. Já as leis não-básicas, traduzem aspectos e momentos isolados no processo de desenvolvimento (KOPNIN, 1978, p. 104).

capitalista, ela se constitui de um pressuposto crítico que permite a construção de diversas análises, mesmo contemporaneamente, dos processos de transformação social.

Ora, a verdadeira tarefa do método dialético refere-se à demolição de todos os conceitos adquiridos e cristalizados, com o objetivo de impedir sua mumificação – devida à sua incapacidade de captar as totalidades reais em movimento – assim como com o objetivo de considerar de forma simultânea aos conjuntos e suas partes (GURVITCH, 1987, p. 20).

Assim, pensando no método materialista histórico-dialético como possibilidade de interpretação da realidade desejada, com suas perspectivas singulares e de forma renovada, é que precisamos retomar a reflexão sobre elementos da dialética que, de fato, orientem e acompanhem as possibilidades de interpretação dos fenômenos encontrados no âmbito prático da presente pesquisa, a partir de seus elementos que possam contribuir como suporte metódico.

### 3.3 RETOMANDO A REFLEXÃO “TEORIA-MÉTODO” COMPLEMENTAR E INDISSOCIÁVEL DO “CONCRETO-ABSTRATO-CONTRATO

Elementos de dialética, como método, já se encontravam no pensamento de diversos filósofos do século XVII, porém, mesmo com a influência dos processos históricos no desenvolvimento da compreensão da realidade, o Iluminismo pouco contribuiu para o avanço da dialética em sua potencialidade metódica. A maioria dos iluministas mantiveram uma visão mais superficial dos processos de transformação social, com exceção de alguns pensadores, como por exemplo, Diderot, que compreendeu que a mudança dos contextos e os movimentos influenciavam os indivíduos: (...) o que é um ser? A soma de um certo número de tendências. E a vida? A vida é uma sucessão de ações e reações (...) (KONDER, 2008).

Na concepção moderna, a dialética seria um caminho para a construção do pensamento por meio do empírico e da reflexão teórica para a interpretação da realidade (SAVIANI, 1991). Assim, obviamente que a observação e discussão acerca da relação entre sujeito e objeto é uma tarefa complexa, porém necessária, para que possamos compreender a constituição de determinados processos e seus movimentos que, de certo modo, queiramos ou não, vinculam-se à lógica dialética no que se refere, como diria Marx (1978, p. 16), que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é a unidade do diverso”.

Sendo o método um meio para a obtenção de determinados resultados tanto no conhecimento (sua dimensão teórica) como na prática (sua dimensão empírica); e, considerando que todo método científico atua sob a forma de aplicação de certo sistema racional a diversos objetos no processo da atividade teórica e prática do sujeito (KOPNIN, 1978, p. 91), podemos dizer que o método de Marx constitui-se como uma apropriada abordagem sociológica de investigação uma vez que está próxima e vinculada à “concretude” da “realidade social”, de modo a expor as múltiplas relações nelas constituídas.

O aporte científico de Marx consiste em um enorme edifício teórico sobre o capitalismo que precisa ser estudado em toda a sua profundidade [...] compreender a fase atual que vivemos, além da necessidade de apropriar-se de maneira adequada dessa teoria, pressupõe um grande esforço científico de nossa parte (CARCANHOLO, 2008, p. 12).

De fato, como bem salienta Carcanholo (2008), o método materialista histórico-dialético, no qual Marx ampara a sua análise do capitalismo – como modo de produção –, mas não apenas, posto que sua perspectiva humanista do homem como *ente-espécie*, – aquele para o qual o trabalho não apenas satisfaz as suas necessidades, mas também o realiza na sua dimensão subjetiva, exclusivamente humana<sup>20</sup> – requer tanto profundidade, como habilidade, aptidão para o seu emprego. Isto porque de certo modo Marx (e sua dialética) abre também espaço para a possibilidade do que seria a explicação (ou mesmo compreensão) sobre os fenômenos sociais que também contemple as propriedades dos indivíduos compreendidos no fenômeno. Certamente que não se trata de reduzir a análise apenas ao plano individual, mas sim, considerar os aspectos sociais e individuais no processo de interpretação dos fatos.

A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas*, por mais que também — e isto necessariamente — o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais *universal* da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal*. [...] O homem é, do mesmo modo, tanto a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na efetividade, tanto como intuição e fruição efetiva da existência social, quanto como uma totalidade de externalização humana da vida (MARX, 2004, p. 107-108).

Considerando o que foi dito, os próprios marxistas entendem os escritos de Marx como uma “teoria-método” que se potencializa mutuamente, que se completa,

---

<sup>20</sup> Jean-Paul Sartre, em sua obra “Questão de Método” faz uma importante discussão acerca do existencialismo humanista existente nos escritos de Marx, sobretudo aqueles que se referem ao “ente-espécie” e quanto à relação do homem com a natureza, no que se refere a sua autorrealização enquanto ser humano que se dignifica, não apenas materialmente, pelo trabalho, mas com sobretudo como “ente-humano”.

em uma relação indissociável do “concreto-abstrato-contrato, no sentido mesmo de uma filosofia da práxis. Essa passagem de Louis Althusser (1967) é particularmente significativa ao se referir, ao discutir a dialética materialista, em seu subtítulo denominado: “A prática teórica marxista”; diz ele:

Ora, uma prática teórica real (que produz conhecimento) pode muito bem desincumbir-se de sua função de teoria, sem precisar necessariamente construir a teoria de sua própria prática, do seu processo (...) a ciência pode realizar a sua tarefa, isto é, produzir conhecimentos, por muito tempo, sem sentir a necessidade de construir a teoria daquilo que faz, a teoria da sua prática, do seu método (ALTHUSSER, 1967, p.25).

É com base nessa análise, por meio da efetiva existência social, e pela perspectiva de que a história não deriva de princípios abstratos, ou seja, não é resultado das ideias do homem, mas sim da materialidade humana, que Marx contrapôs-se ao idealismo de Hegel, invertendo a dialética deste, e ao positivismo, quando não aderiu às leis naturais como causa final da sociedade (ARAÚJO e SIQUEIRA, 2021). Diferentemente da dialética Hegeliana, que não levava em consideração as origens materiais para o desenvolvimento da consciência humana, o materialismo de Marx acredita que o homem se desenvolve na medida em que interage com a natureza e modifica os meios de produção material. O próprio Marx afirmou: “Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto” (MARX, 2011, p. 129).

De fato, a diferença a qual se referia Marx, não está no “movimento dialético” em si, mas na materialidade das sínteses com a “inversão” da dialética idealista hegeliana. Sempre que pensamos no método materialista histórico, entretanto, não obstante a tudo que já tenha sido dito por Marx e por muitos marxistas, a “aplicação prática” da dialética materialista, como um método de investigação empírica, não é nem uma tarefa simples, nem um método plenamente aceito, mesmo pelas ciências sociais contemporâneas<sup>21</sup>, que parece ter esquecido a potencialidade da dialética como teoria e método, mesmo com as dificuldades apontadas por La Garza (2010) que ao considerar a própria dialética materialista exposta por Marx, destaca que

O método Concreto-Abstrato-Concreto é um método de construção de teoria com suas duas etapas, pesquisa e exposição. No seu interior surgem

---

<sup>21</sup> Estamos cientes de todo o debate epistemológico travado na primeira metade do século XX, não apenas entre os positivistas lógicos, na figura de Karl Popper - consideramos aqui o conhecido debate Adorno-Popper -, mas mesmo com filósofos de orientação analítica. Esse debate estendeu-se até meados do século XX, quando da emergência, um tanto gradual da epistemologia de orientação histórica. Para um conhecimento mais amplo e específico desse período ver: POPPER, Karl (2010; 1977; 1974); KUHN, Thomas (2011; 2006; 1996); STANDLER, Friedrich (2010); OLIVA, Alberto (2005; 1999).

problemas clássicos como: os pontos de partida da investigação e da exposição; o papel do lógico e do histórico em ambos os métodos; o papel da teoria acumulada na reconstrução; a função metodológica da Totalidade (LA GARZA, 2010, p.244-245).

Parece, de fato, que usamos a dialética materialista mais como dimensão teórica, potente para se pensar a materialidade do mundo e a concretude dos problemas sociais, do que propriamente como um método de aplicação imediata, plenamente descritível, e que considere um claro e distinto problema de pesquisa. A passagem a seguir bem ilustra esta questão:

Na América Latina, nos anos de 1970, sem dúvida o marxismo dominou as Ciências Sociais (...) a discussão sobre o método renasceu e tornou-se mais orgânica principalmente em torno do método da economia política (Marx, 1975). A discussão deu origem a várias interpretações desse método: próxima ao positivismo ou a que reivindicava o papel ativo do sujeito. O método de A Economia Política foi dissecado e identificados subproblemas importantes (...) uma proposta recuperável foi concebê-lo como método de construção de teoria e não justificação de hipóteses. (LA GARZA, 2010, p. 237)

Mesmo no período que antecedeu os anos de 1970, aquele posteriormente à segunda Grande Guerra, quando ainda o debate sobre o método marxiano girava em torno do “Método da Economia Política”, o marxismo acadêmico empregava esforços na busca de possibilidades metódicas práticas e que fizessem frente ao método positivista (e a uma epistemologia de orientação analítica vinculada ao método hipotético-dedutivo) dominante à época (LA GARZA, 2010). Fato é que a potencialidade da dialética materialista, como algo que orienta uma adequada prática do pesquisador, tem a capacidade de se fazer (também) “prática” na efetiva pesquisa (também) empírica. Ademais, se essa “prática teórica”, como afirmam alguns marxistas<sup>22</sup>, estiver associada a determinadas abordagens metodológicas, também de natureza materialista histórica, mesmo que por diferentes caminhos e novas significações da teoria marxiana, então não podemos deixar de fazer alusão à Escola de Frankfurt.

---

<sup>22</sup>Referimo-nos aos seguintes pensadores marxista, apenas para citar alguns, considerando as suas variadas obras: Gramsci (1891-1937); Max Horkheimer (1895-1973); Lukács (1885-1971); Herbert Marcuse (1898-1979) Theodor Adorno (1903-1969); Goldmann (1913-1970). Dentre outros, somente para citar alguns.

### 3.4 A ESCOLA DE FRANKFURT: A INTEGRAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA ÀS ESPECULAÇÕES TEÓRICAS OU A TRANSFORMAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA EM ONTOLOGIA?

É fato que o modo de pensar e se produzir, efetivamente, a ciência, foi se modificando, desenvolvendo-se e ampliando-se em termos de perspectivas, tanto de caráter teórico, epistemológico, e metodológico, ao longo da história. Esse fenômeno de ampliação e desenvolvimento da própria ciência, por certo que acompanhou (e tem acompanhado) o progresso, o desenvolvimento, as transformações – sejam elas quais forem – da própria da sociedade. No que se refere à sociologia, desde o positivismo de Comte, as relevantes mudanças na sociedade europeia no século XIX, especialmente no cenário econômico, dispararam um processo cujo objetivo – mais que isto, constatara-se a necessidade – seria o de investigar os problemas sociais a partir de um ponto de vista mais rigoroso, ou seja, pela ótica científica. Calçado em uma objetividade metódica, Comte (1934, p. 52) afirmava e propunha que “o estudo dos fenômenos sociais deve partir de um conhecimento aprofundado das leis relativas à vida individual”.

Desde sua fundação no século XVI, a ciência moderna vem sendo objeto de investigação. Primeiramente, através das "teorias do conhecimento", em seguida, pela "filosofia da ciência", mais tarde pelas "epistemologias lógicas" e "históricas", ou, mais contemporaneamente, pela "história da ciência", que reúne abordagens históricas, filosóficas e sociológicas. (PORTOCARRERO, 1994, p. 18).

No processo de deflagração do conhecimento científico iniciado ao longo do século XIX, os movimentos de desenvolvimento do pensamento e da ciência frequentemente surgiam a partir de rupturas com correntes e pensamentos existentes, buscando apresentar em sua essência novos aspectos e métodos de pensar a sociedade baseadas em avanços reflexivos de métodos científicos e da própria ciência, como uma instituição (ou sistema) social. Com base no pensamento Iluminista, os filósofos da época buscavam investigar a natureza humana comum e tomaram como tarefa a descoberta de leis científicas a partir do modelo metodológico das ciências naturais (COSTA, 2016). Portanto, o modelo científico tomado como referência, foi, em larga medida, evolucionista e aquele empregado pelas “ciências naturais”, em geral. A este respeito, Rodrigues (2020), parece ser elucidativo:

Se considerarmos os ‘quatro mundos’ propostos pelo historiador Franklin L. Baumer, que caracterizam o Século XIX “como estilos ou mundos de pensamento”, (...) [O primeiro mundo], o ‘Mundo evolucionário’, não entrou

de imediato na França, como entrara na Inglaterra e na Alemanha, dada a resistência francesa ao darwinismo (...) É o 'segundo mundo', o chamado 'Mundo neo-Iluminismo', (...) avesso ao pensamento metafísico do Iluminismo do Século XVIII que a filosofia de Auguste Comte não apenas datou a Modernidade a partir do movimento industrial, mas também estabeleceu, em seu "Curso de filosofia positiva" que aquele era o momento de maturidade do 'espírito humano' (...) Aproximadamente três décadas posterior ao nascimento de Durkheim, o evolucionismo darwinista e spenceriano tomava conta de boa parte do espírito europeu. Alfred Fouillée, filósofo francês, chegou a afirmar, em 1896, que "A segunda metade do nosso século [o século XIX], é evolucionista. Um positivismo dinâmico substituiu o antigo positivismo estático" (RODRIGUES, 2020, p. 157-158).

É importante considerarmos que nesse período, ou seja, a segunda metade do século XIX – e mesmo em seu último quartil – e em conformidade com a citação acima, o pensamento de Marx não era considerado estritamente científico, mas antes filosófico, quanto muito político-econômico. Menos ainda seria considerado um pensamento "científico sociológico", posto inclusive que a sociologia estava constituindo-se, como ciência, na Europa através das perspectivas de Spencer, Durkheim e Weber. O método científico era, *par excellence* o método indutivo-dedutivo, consagrado pelas ciências disciplinares em geral (física, química, biologia, medicina, economia-política), que já se encontravam em alguma medida constituídas. Portanto, não se há, aí, de se falar em um método científico, em se tratando de produção de conhecimento sociológico, em termos de materialismo histórico-dialético, não obstante as reflexões metodológicas de Marx em seu "Método da Economia Política", ao criticar o método utilizado pelos economistas clássicos. Diz ele: "O último método, [o dialético materialista], é manifestamente o método cientificamente exato" (MARX, 1978, p. 116). É na virada do século XIX para o século XX, na Europa Ocidental, principalmente a partir da década de 1920, após a I Grande Guerra, com a "chamada crise da sociologia clássica" (CUIN e GRESLE, 1994), que o marxismo de diversas correntes busca uma sistematização – mesmo que ontológica – para uma abordagem metodológica da dialética materialista histórica, como em parte já discutimos em itens anterior.

Nesse contexto de uma efetiva busca de aplicação de princípios onto-epistemológicos<sup>23</sup> de aplicabilidade de um método materialista dialético, ou mesmo de

---

<sup>23</sup> Marcelo Marques (2023) ao se referir a estudos entre Estado e Sociedade civil, utiliza o termo da seguinte forma: "Refiro-me especificamente aos esforços pautados na tese da mútua constituição (...) essa perspectiva ontoepistemológica indica uma compreensão de Estado e sociedade como relação, interações" (MARQUES, 2023, p.157). Refere-se também à "dimensão relacional como parte de suas perspectivas ontológicas, epistemológicas e/ou metodológicas" (MARQUES, 2023, p.159). Em outro trabalho, Marques (2022, p. 32-33) vai ser mais claro ainda com relação ao termo e, de certo modo é

uma reflexão teórico-metodológica que fuja de abordagens “científicas tradicionais”, não podemos deixar de mencionar a Escola de Frankfurt<sup>24</sup>, ou a chamada “teoria crítica”. Conforme Gaeta, Gentile e Lucero (2008, p. 208) “os membros do Instituto (...) procuravam incorporar à teoria marxista os resultados das investigações empíricas desenvolvidas no campo da economia, da sociologia e outras disciplinas sociais...”. Uma das características centrais da Escola de Frankfurt ou da própria Teoria Crítica é o fato de considerar o pensamento cartesiano como a forma por excelência da Teoria Tradicional. Pensamento esse que se plasma no *cogitans* pensante, na construção da razão clássica como única via de acesso ao conhecimento, e na ideia de que existe uma verdade fundante universal e atemporal. Conforme Matos (2005, p.20).

Por Teoria Tradicional, [entende-se] o pensamento da identidade, da não-contradição, que se esforça em reconduzir, a alteridade, a diversidade, a pluralidade tudo o que é o outro em relação a ela, à dimensão do mesmo, como faz a ciência cartesiana (...) o contraditório é impensável porque confuso, sinônimo de ‘irracional’<sup>25</sup>.

Em “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1980), após Horkheimer propor uma ampla reflexão sobre o que vem a ser teoria e, em específico, qualificar a Teoria Tradicional, ou seja, aquela proposta inicialmente pela filosofia cartesiana, estendendo-se aos demais filósofos modernos e sendo apropriada pela própria burguesia, a passagem a seguir parece bem caracterizar a diferença entre as “duas” teorias, a tradicional e a crítica. Nas palavras de Horkheimer:

O especialista ‘enquanto’ cientista vê a realidade social e seus produtos como algo exterior e ‘enquanto’ cidadão mostra o seu interesse por essa realidade através de escritos políticos, de filiação a organizações partidárias ou beneficentes e participação em eleições sem unir ambas as coisas e algumas outras formas suas de comportamento, a não ser por meio da interpretação ideológica. Ao contrário, o pensamento crítico é movido pela tentativa de superar realmente a tensão, de eliminar a oposição entre a consciência dos objetivos, espontaneidade e racionalidade, inerentes ao indivíduo, de um lado, e às relações dos processos de trabalho, básica para a sociedade, de outro. O pensamento crítico contém um conceito de homem que contraria a si enquanto não ocorre essa identidade. Se é próprio do homem e que seu

---

neste sentido que empregamos aqui: “[A] ontoepistemologia de pesquisa, cuja mobilização de diferentes métodos e/ou procedimentos metodológicos está diretamente relacionada à explicação do fenômeno pesquisado, normalmente envolvendo aspectos espaço-temporais e uma variação maior de aspectos comportamentais do fenômeno”.

<sup>24</sup> O Instituto para a Investigação Social, fundado por Karl Grünberg em 1923 e vinculado à Universidade de Frankfurt. Daí é que posteriormente as ideias e os trabalhos produzidos passam a ser vistos como pertencentes a uma “escola” a Escola de Frankfurt.

<sup>25</sup> Entre as raízes filosóficas das análises frankfurtianas destaca-se o ensaio de Horkheimer escrito em 1937: “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, que passou a ser o verdadeiro manifesto da Escola de Frankfurt. Está sendo elaborada aí a Teoria Crítica, em oposição a todo pensamento da identidade, da não-contradição, típico da filosofia desde Descartes, denominada pelos frankfurtianos Teoria Tradicional (MATOS, 2005, p. 18).

agir seja determinado pela razão, a *práxis* social dada, que dá forma ao mundo do ser (*Dasein*), é desumana, e essa desumanidade repercute sobre tudo o que ocorre na sociedade (HORKHEIMER, 1980, p.132).

A passagem acima mostra o quanto a Escola de Frankfurt, desde sua origem, busca seccionar, realizar um corte praticamente irreconciliável entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica, ou, em outros termos entre teoria e empiria; ou, ainda, entre uma epistemologia e uma ontologia do social – por este motivo uma teoria da *práxis*. Essa dissociação entre metafísica e *physis*, teoria e empiria, razão e prática, idealismo e materialismo – coração (ou dimensão de fundamentação) da Escola de Frankfurt –, vai acompanhá-la mesmo quando o Instituto se transfere para os Estados Unidos<sup>26</sup>. Martin Jay, um dos maiores historiadores da Escola de Frankfurt, ao abordar a história do período que se estende de 1923 a 1950, vai dizer:

Desde o começo a Escola de Frankfurt criticou as tendências reducionistas implícitas nas ciências sociais que tinham orientação indutiva e empírica. Ao explorar os fenômenos sociais, ela priorizava a teoria e não a compilação de ‘fatos’, do mesmo modo que, na política, punha a teoria à frente da *práxis*. Ao mesmo tempo, é claro, a Escola nunca dispensou, arrogantemente a pesquisa empírica, inclusive com quantificação dos resultados (...) como demonstraram os estudos de Fromm sobre os trabalhadores alemães (...) Escola de Frankfurt ensinava a usar métodos empíricos, para enriquecer, modificar e respaldar (embora nunca propriamente verificar) suas hipóteses especulativas (JAY, 2008, p. 284).

Certamente que a Escola de Frankfurt, desde seu início, teve pretensões reais de articular (ou pelo menos integrar) a pesquisa empírica a abordagens de caráter mais especulativos. Como menciona Jay (2008, p.317) em seu capítulo intitulado “Por uma filosofia da história: a crítica do Iluminismo”, ele aborda que a Escola de Frankfurt “... procurava superar o isolamento acadêmico existente entre teoria tradicional e suas implicações práticas, sem por isso reduzir o pensamento especulativo a um instrumento utilitário”. Mesmo com a crítica que a Escola fizera ao ortodoxismo marxiano, ela parecia manter a inspiração original, qual seja; “a união final da teoria crítica com a prática revolucionária” (JAY, 2008, p. 317). Entretanto, a partir da década de 1940, a Escola como um todo passa a ter dúvidas dessa possibilidade de síntese.

---

<sup>26</sup> Conforme Bárbara Freitag (1986, p.16), “Em 1934, Horkheimer negocia a transferência do Instituto para Nova Iorque. Ela se tornará possível graças ao apoio dado por Nikolas Murray, diretor da Universidade de Colúmbia em Nova Iorque, Reinhold Neibuhr e Robert McIver. Assim, como a primeira sede era vinculada à “Universidade de Frankfurt, o Instituto passa a vincular-se, sob o nome de *Internacional Institute of social Research*, à Universidade de Columbia...”

### 3.5 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO: UMA RENOVAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA QUE NASCE NO SEIO DO MARXISMO

Karl Mannheim nasceu em Budapeste, em 1893, estudou em diferentes cidades e universidades tais como (Budapeste, Berlin, Friburgo), vivenciou tanto a atmosfera marxista europeia como as influências advindas – sobretudo no período que viveu e trabalhou em Heidelberg. Ele foi discípulo de Alfred Weber – de quem talvez tenha herdado a sua perspectiva (também empírica) do conhecimento. Mannheim lecionou na Universidade de Frankfurt, quando se tornou colega de Theodor W. Adorno e de Max Horkheimer. Para Mazucato, (2018) alguns acontecimentos históricos que refletiram o pensamento de Mannheim podem ser vistos como a I Guerra Mundial e a ascensão do nazismo na Alemanha. Do primeiro, pode-se perceber um “enfraquecimento de teorias que postulavam a harmonia social e a supremacia da razão, e, do segundo, principalmente a intolerância e o irracionalismo produzindo falsas consciências” (MAZUCATO, 2018, p.187-188).

Com a ascensão de Hitler, Mannheim migrou para a Grã-Bretanha, para lecionar na “*London School of Economics*”, no período que se estendeu de 1933 a 1945, vindo a falecer em 1947 (LAMO DE ESPINOSA *et al.*, 1994; RODRIGUES, 2005). Vera Cepêda, ao apresentar a trajetória intelectual de Mannheim vai identificar três grandes ordens de mudança:

Autor de vasta obra e imerso em um período de transformações culturais, políticas e cognitivas rápidas, Mannheim foi intelectual que transitou entre três grandes ordens de mudança: a primeira, derivada dos desdobramentos e da evolução do impacto causado pelo historicismo no campo dos estudos da filosofia, migrando para a forma de filosofia social; a segunda, na emergência de um tipo particular de crise associada ao esgotamento ou limitações da promessa de emancipação pautada nos ideais iluministas (a razão individualizada e a original percepção da ordem histórico-evolutiva contida na ideia de *progresso*); a terceira, quanto ao esfacelamento, visível entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, dos pressupostos da filosofia liberal...” (CEPÊDA, 2015, p. 10).

É certo que Mannheim precisou refletir e enfrentar a clássica questão da objetividade ou subjetividade do conhecimento. De certo modo, e de forma simplificada, essa fora o fulcro da abordagem da Teoria Crítica *versus* Teoria tradicional, bem delineada por Max Horkheimer, nos primórdios da Escola de

Frankfurt<sup>27</sup>. Para o idealizador da Sociologia do Conhecimento – uma proposta inovadora em fins da segunda década do século XX – haveríamos de admitir que sujeito e objeto, em se tratando de ciências humanas, “são da mesma natureza e ambos compartilham motivações (objetivos e valores), a relação entre ambos nas ciências humanas não pode ser concebida de forma tão distanciada como nas ciências da natureza” (MAZUCATO, 2018, p.188). De certa forma, a Sociologia do Conhecimento proposta por Mannheim, parece surgir como importante alternativa teórico-epistemológica em um momento em que se fazia, e, que se apresentava, um certo radicalismo entre duas formas de conhecimento: uma que privilegiava trabalhos de natureza estritamente empírica; outra como a frankfurteana, cuja proposta, por vezes, parecia de natureza meramente ontológica, embora a proposta, desde sua fundação, não eras bem essa. Cepêda (2015), bem retrata esse momento na passagem a seguir:

Mannheim tratou, em suas obras e em um movimento de *aggiornamento* dessa reflexão, dos efeitos dessa constelação de problemas e, ao fazê-lo, terminou por constituir uma nova teoria social: a Sociologia do Conhecimento. Na perspectiva temporal e de trajetória individual (...), Mannheim foi um intelectual de *fortuna* e *virtú*. A *fortuna* foi encontrar-se em um momento exponencial de transformação no qual foi exigido aos intelectuais analisarem a crise dos paradigmas concernentes à própria gramática da modernidade, tais como o pressuposto da autonomia da Razão (histórica ou individual), a percepção de uma ordem ou *telos* da História e, em especial, do desafio imposto pela multiplicidade de pontos de vista que emergiam no mundo social” (CEPÊDA, 2015, p. 11).

É de conhecimento relativamente amplo no que concerne à história da sociologia, sobretudo aquela retratada na primeira metade do século XX, que não obstante a proximidade física entre os idealizadores da Escola de Frankfurt, mormente na figura de Max Horkheimer, e a Sociologia do Conhecimento, proposta por Karl Mannheim<sup>28</sup>, essas duas perspectivas sobre a produção do conhecimento científico sociológico rivalizavam em aspectos teóricos e epistemológicos e ontológicos. Entretanto, certamente esse não foi, cremos, o aspecto central das divergências entre essas duas perspectivas sociológicas. Como bem destaca Martin Jay (2008, p. 108) o aspecto central dessa divergência estaria no fato de que:

<sup>27</sup>Para um conhecimento breve, mas bem esquematizado dessa trajetória acadêmica de Mannheim, em diferentes momentos e instituições na Alemanha, ver Amalia Barboza (2018).

<sup>28</sup>Barboza (2018, p.15-16) lembra que: “Quando se fala da Sociologia de Frankfurt, nos dias atuais, internacionalmente se pensa na ‘Escola de Frankfurt’ ou no ‘Instituto de Pesquisa Social’. Este instituto foi inaugurado em seu próprio edifício no campus universitário no ano de 1924 e, no mesmo ano em que Max Horkheimer assumiu a direção do Instituto de Pesquisa Social, em 1930, Mannheim também foi nomeado para a Universidade de Frankfurt”.

Ao rejeitar as pretensões de verdade absoluta, a teoria crítica teve de enfrentar muitos problemas que a sociologia do conhecimento vinha tentando resolver na época, mas Horkheimer e os outros nunca se dispuseram a ir tão longe quanto Karl Mannheim (...) em seu ‘desmascaramento’ do marxismo como apenas mais uma ideologia entre outras. Ao afirmar que todo o conhecimento se enraizava em seu contexto social [*Seinsgebunden*], Mannheim pareceu solapar a distinção marxista básica entre consciência verdadeira e falsa à qual a teoria crítica aderiria.

Fato é que, independentemente, das disputas específicas – mesmo em se tratando de disputas no campo teórico-epistemológico – e da perspectiva apontada por Barboza (2018, p.18), a qual alude que: “Mannheim sempre fora apontado como sendo o antípoda da Teoria Crítica e, em grande medida, fora recebido nesta condição”, a Sociologia do Conhecimento tem suas raízes também fincadas no marxismo – evidentemente que não ortodoxo – uma vez que adere a boa parte da perspectiva materialista, no que tange aos contextos sociais historicamente constituídos, como bem salientou Rodrigues (2005), ao destacar que a Sociologia do Conhecimento de Mannheim

(...) propor-se a não ficar nas análises sociais em que são realizadas grandes generalizações, mas ir em direção ao tempo e espaço concretos em que se forjam os fundamentos do pensamento, através de seus vínculos com o contexto social na construção da própria história (RODRIGUES, 2005, p.58).

O próprio Mannheim, em sua mais conhecida obra, “Ideologia e Utopia” (1968)<sup>29</sup> não deixa de demonstrar toda a sua inserção no pensamento materialista histórico, mas que, de certo modo, possibilita, “objetiva” um conhecimento mais imediato, mais específico, mais circunstancial, sem perder os necessários vínculos com aspectos de ordem macrossocial. Nas suas palavras:

Esta é a tarefa da Sociologia, na medida em que a Sociologia é a ciência do que é político. Não aceita nenhum argumento teórico como absolutamente válido em si, mas reconstrói os pontos-de-vista originários para os quais o mundo se apresenta de tal ou qual forma, e procura compreender a totalidade das visões, derivadas das várias perspectivas, através da totalidade do processo. (MANNHEIM, 1968, p. 127).

Nesse sentido, tendo como ponto de partida a ideia de que a forma de pensamento é socialmente condicionada, é que Mannheim buscou desenvolver conceitos e métodos para comprovar essa perspectiva, destacando a influência das

---

<sup>29</sup> Como salienta Costa (2016, p. 06) “Apesar de não ser amplamente reconhecido como um dos clássicos fundadores da sociologia e discutido na teoria social, principalmente no *mainstream* da sociologia que voltou à temática da relação entre pensamento e existência social a partir da década de 1970 com Habermas, Bourdieu, Giddens, Foucault, Elias, entre outros (PELS, 1996), a obra de Mannheim constitui elemento decisivo para se compreender o início da abordagem do conhecimento na sociologia, pois propõe uma análise diferenciada em meio a um período de grandes debates sobre o objeto da sociologia pela qual passava o início do século XX”.

posições sociais e das perspectivas individuais na formação de ideias e de crenças, para compreender as relações entre *estrutura social, pensamento e a realidade particular do indivíduo*. Mannheim, como afirma Portocarrero (1994) introduziu conceitos que demonstram que um ponto de vista, ou uma maneira de pensar, emergem, usualmente, de uma situação social específica, sendo as interações e conexões características da sua sociologia. Nos termos dele, o pensamento humano opera não em um vácuo social, mas em um meio social definido, não devendo "se encarar como fonte de erro o fato de todo o pensamento se achar enraizado desta forma", e de submetê-lo "à posição do observador" (MANNHEIM, 1976, 105-106).

Certamente que a Sociologia do Conhecimento apresenta conexões com o pensamento também com a dialética de Marx, entretanto, a teoria manheimiana produziu conceitos distintos ao marxismo, focando na análise das estruturas sociais, para uma compreensão mais diversa sobre o pensamento dos homens, a partir da ideia de que "o indivíduo faz parte do processo social e seu pensamento deve ser analisado na sua relação com a existência social" (COSTA, 2016, p. 17).

Ainda, a proposta teórico-metodológica de Mannheim difere-se, no que se refere à concepção acerca das ideologias – tendo sido essa diferenciação uma das principais "rivalidades" entre o pensamento de Mannheim e dos frankfurtianos como mencionamos anteriormente, uma vez que Mannheim introduz uma perspectiva relativista para a formação de qualquer conhecimento em diferentes sociedades ou grupos sociais, enquanto para Marx, esse conhecimento ou concepção partiria do pensamento indiretamente determinado pela ideologia burguesa (MARCUSE, 2018). Aliás, a crítica à perspectiva ideológica marxista foi um dos grandes entraves entre a sociologia do conhecimento e a Teoria Crítica de Frankfurt.

Mannheim procurou resolver a problemática do conhecimento, do método da "verdade" através de uma teoria da correspondência da consciência (pensamento) com o ser (nível do ser histórico, do mundo da vida...), o que seria aparentemente um defeito fundamental do método sociológico: a falta de reflexão sobre a existência do próprio nível do ser histórico (...) cada situação histórica realizou algo que ela própria possuía de específico, cada mundo da vida relacionou-se a algo (MARCUSE, 2018, p. 63-64).

Rodrigues (2002) também parece ser bastante enfático quando destaca essa inovação (e certamente um avanço ao marxismo, sem abandonar suas principais raízes) trazida pela Sociologia do Conhecimento, como um método teoricamente bem

fundamentado. A sociologia do conhecimento de certo modo antecipa aspectos que só foram levantados posteriormente na teoria sociológica que seria a articulação entre aspectos sociais de natureza micro com aqueles de natureza macro. Segundo Rodrigues,

Podemos considerar que a Sociologia do Conhecimento tem por objetivo identificar, conhecer, explicar e validar os nexos existentes entre as condições sociais, posicionadas historicamente, e as produções culturais de atores individuais e coletivos oriundas da interação de conteúdos cognitivos desses atores com a própria realidade coletiva (tipos de instituição, crenças, doutrinas, racionalidades sociais) (RODRIGUES, 2002, p. 147).

A Sociologia do Conhecimento nas últimas décadas tem sido revitalizada não apenas como teoria, mas como possibilidade metodológica para o conhecimento do social<sup>30</sup>. Isto tem acontecido justamente porque ela, desde sua fundação, já considerava a mudança (ou a necessidade dela) de uma “epistemologia analítica”, para uma “epistemologia (de orientação) histórica”. Em outros termos, um certo esforço “ontoepistemológico” que busca considerar dimensões subjetivas e objetivadas do conhecimento científico. Como bem salientaram Mazucato e De Antônio em artigo publicado em um dos primeiros dossiês científicos de Sociologia sobre a pandemia de Covid-19<sup>31</sup>, lembraram, com muita propriedade que:

Quando Karl Mannheim escreveu seu clássico *Ideologia e utopia*, em 1929, havia uma década que o mundo passara pela gripe espanhola, uma epidemia de proporções mundiais que, guardadas as devidas proporções, assemelhasse ao que o mundo presencia atualmente na pandemia de coronavírus. O mundo presenciava, naquela década imediatamente posterior à epidemia de gripe espanhola, uma sensação de crise, que se manifestava não somente no âmbito econômico (...) mas numa crise de sentidos que seria característica da contemporaneidade (MAZUCATO e DE ANTONIO, 2020, p.107-126).

É neste sentido que a Sociologia do Conhecimento vai – juntamente à perspectiva materialista histórica, e atenta às preleções feitas pela Escola de Frankfurt, quando a necessidade de um olhar ontológico para a construção do conhecimento em Sociologia – “equilibrar” o olhar que propomos ao nosso objeto de pesquisa, os agrupamentos familiares. Conforme serão mais densamente articuladas no Capítulo de Metodologia, as dimensões epistemológica e ontológica que propomos nesta Tese encontram importante acolhida na associação entre essas três dimensões

<sup>30</sup> Considerando essa revitalização contemporânea da Sociologia do Conhecimento não se pode deixar de destacar alguns autores brasileiros que têm contribuído, ao longo das últimas duas décadas, para tal esforço, tais como: Rodrigues (2001; 2005; 2015); Mattedi (2006); Mazucato (2014; 2015; 2020); Cepêda (2014; 2015); Gusmão (2012; 2015).

<sup>31</sup> Trata-se da revista científica “Simbiótica”, Edição especial. 7. ed. Vitória - ES: PPGCS/UFES, 2020. v. 7. 171p.

teóricas propostas: materialismo histórico, teoria crítica e sociologia do conhecimento. Além disso, nosso referencial teórico tem a pretensão de aproximar – dentro do que chamamos de abordagem ontoepistemológica – duas disciplinas do conhecimento científico, a Sociologia e a Epidemiologia, que estão diretamente envolvidas no fenômeno que nos propomos investigar.

## CAPÍTULO 4 – METODOLOGIAS DE PESQUISA, ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS PRELIMINARES

### 4.1 INTRODUÇÃO

A presente Tese, conforme previamente abordado na Introdução desta, tem como objetivo central conhecer as “estratégias de sobrevivência” utilizadas por agrupamentos familiares em situação de vulnerabilidade no estado do Rio Grande do Sul, durante a pandemia de Covid-19. Entretanto, esse conhecimento das “estratégias”, como poderá ser constatado no próprio desenrolar do presente Capítulo, procura explorar, ao mesmo tempo, duas dimensões distintas do “ato de conhecer”: uma com *características epistemológicas* – entendendo aqui como “o fazer científico” e seus preceitos mais gerais; e, outra, com *características ontológicas* – entendendo aqui “o fazer científico” que contempla a subjetividade do “ser-no-mundo”. cremos que estas duas dimensões – a segunda muito característica das ciências humanas – de certo modo atende as necessidades de uma adequada prática científica quando se associam duas dimensões ou áreas de conhecimento, a Epidemiologia e a Sociologia, como no caso desta Tese.

O presente Capítulo visa apresentar os elementos metodológicos utilizados como base para o desenvolvimento da presente pesquisa. Portanto, trata-se de um Capítulo que ao mesmo tempo apresenta a nossa proposta metodológica e o caminho que trilhamos em detalhes, cremos – a estrutura técnica da abordagem empírica socorreu-se de parte de outra pesquisa, no que tange principalmente ao delineamento da nossa dimensão amostral, já realizada com recursos públicos – trazendo também a análise e os resultados da coleta de dados, integralmente conduzida pela pesquisadora, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma presencial.

O Capítulo está constituído em cinco subitens e diversos (sub)subitens, como apontado em nosso sumário. O objetivo de tais subdivisões deve-se ao fato de que entendemos que uma metodologia deva explicitar de modo detalhado o percurso do pesquisador. Neste particular, já pedimos escusas caso tenhamos pecado por excesso, entretanto a intenção foi a de sermos didáticos na demonstração de tal percurso.

O subitem 3.2 busca destacar que esta pesquisa apresenta uma dimensão interdisciplinar, no sentido que abrange tanto a área biomédica, a Epidemiologia Social, e as Ciências Sociais, mais especificamente, a Sociologia. Revela, também, a forma como utilizamos elementos técnicos de uma pesquisa brasileira – com a participação da UFPel – já realizada e publicada internacionalmente, através de mapas e gráficos, e como parte dessa pesquisa associou-se à presente Tese para, no caso, investigar aspectos sociais do mesmo fenômeno, que não foi objeto de estudo da anterior.

No subitem 3.3, após termos situado a contribuição da dimensão técnica, sobretudo em termos amostrais da pesquisa epidemiológica, abordamos o que chamamos de “dimensão sociológica” da pesquisa e apresentamos, em detalhe, todo o percurso desse o tipo de pesquisa e aspectos de sua operacionalização. Este subitem apresenta também alguns detalhamentos importantes em forma de (sub)subitem.

No subitem 3.4, procedemos, uma análise de conteúdo das entrevistas que foram realizadas com os mencionados agrupamentos familiares. Certamente este item é o mais longo e importante – cremos - uma vez que apresenta efetivamente os elementos centrais da nossa pesquisa. Neste sentido é importante salientarmos, também que A coleta de dados ocorreu entre julho de 2021 e agosto de 2022, sendo as primeiras entrevistas realizadas de forma piloto previamente à qualificação da presente Tese.

Por fim, o subitem 3.5 trata de algumas considerações gerais sobre o capítulo, ao tempo em que já traz (adianta) alguns dos resultados desta pesquisa de Tese.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO DA(S) PESQUISA(S) E DELIMITAÇÃO DA ABORDAGEM “EPIDEMIOLÓGICA” E “SOCIOLÓGICA”

A presente Tese socorreu-se uma combinação de “elementos metódicos” que vão buscar combinar, ou melhor, harmonizar componentes de natureza teórica – uma teoria da *práxis* orientada por nosso referencial–, com o “olhar” que a pesquisadora carregou consigo, para capturar as dimensões de natureza mais subjetiva, mesmo aqueles pertinentes a uma abordagem mais objetivada, como de certo modo impõe o instrumento de coleta. Diríamos que, nesse sentido, o esforço foi o de articular uma

dimensão – senão de natureza puramente ontológica –, que chamaríamos aqui de onto-epistemológica. Isto significa que, por um lado, fomos orientados por um referente teórico materialista-histórico e pela possibilidade efetiva de aplicação de algumas categorias analíticas (mesmo que renovada, atualizadas e adaptadas ao contexto atual) da Sociologia do Conhecimento, cujo cerne da intenção “teórico-situacional” proposta por Karl Mannheim, que parece não ter perdido a potência ao falar do “grupo em situação”. Por outro lado, socorremo-nos de um método, cuja natureza certamente é de caráter mais analítico – de uma epistemologia de caráter analítico, alguns diriam –, sobretudo para identificarmos, considerando a complexidade (certamente oriunda de desigualdades sociais) contemporânea, os grupos a serem pesquisados.

Assim sendo, essa pesquisa – certamente refletindo a forma de ver o mundo da pesquisadora e a sua inserção no mundo da pesquisa que vem se iniciando – tem um caráter metodológico dual: métodos e “sociológicos” e “epidemiológicos”. Primeiramente passaremos a apresentar a dimensão metodológica de caráter mais analítico, ou seja, os aspectos mais vinculados a uma abordagem (um recorte) de natureza epistemológica.

#### **4.2.1 A dimensão (empírica) da “abordagem epidemiológica”**

O componente epidemiológico desta pesquisa, uma das suas dimensões de caráter epistemológico mais analítico, envolve o estudo Epicovid-19, um inquérito epidemiológico sobre a evolução da pandemia no Brasil. Esse estudo, o Epicovid-19, possui um braço estadual (Epicovid-19-RS) e um braço nacional (Epicovid-19-BR). O Epicovid-19 surgiu da necessidade de produção de dados epidemiológicos sobre a disseminação do vírus na população brasileira. A coordenação do estudo coube a Universidade Federal de Pelotas pela experiência acumulada em mais de 40 anos de pesquisas de base populacional, nas quais amostras da população são sorteadas para gerar grupos representativos dos locais em estudo. O Epicovid-19 envolveu testagem para Covid-19 e administração de um questionário detalhado sobre aspectos sociais, demográficos, comportamentais e de saúde dos entrevistados.

No estudo nacional (Epicovid-19-BR), foram selecionadas 133 cidades sentinela, representando todas as regiões intermediárias do país, conforme

classificação do IBGE. Nas quatro primeiras fases, foram entrevistados e testados para Covid-19, 250 moradores de cada cidade, totalizando 33.250 pessoas. Na quinta fase, a amostra incluiu mais de 100.000 pessoas, devido a modificações no processo amostral. Para ilustrar, a Figura 5 apresenta a localização das 133 cidades participantes do Epicovid-19-BR. Por sua abrangência, o Epicovid-19 foi um dos maiores estudos epidemiológicos do mundo sobre a disseminação do coronavírus, sendo também o maior estudo epidemiológico nacional.

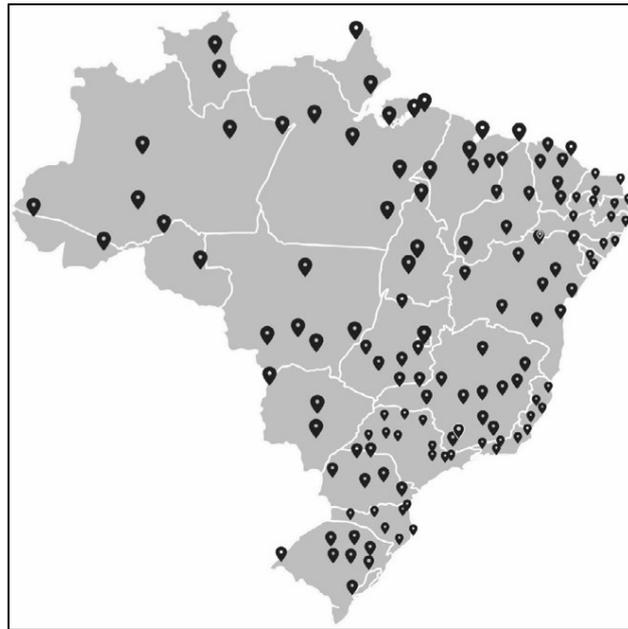


Figura 5 – Localização das cidades sentinelas participantes do estudo Epicovid-19-BR  
Fonte: Sítio eletrônico Epicovid19-RS

Já na pesquisa de âmbito estadual, foram conduzidas 10 fases entre abril de 2020 e abril de 2021. Em cada fase da pesquisa estadual – que de fato importa para a nossa abordagem sociológica – foram entrevistados e testados 4.500 gaúchos em nove cidades, espalhadas por todas as regiões do estado. Estudo de revisão conduzido por pesquisadores chineses (CHEN *et al.*, 2021) classificou o Epicovid-19 como um dos 14 estudos com qualidade metodológica máxima, considerando um total de 404 pesquisas analisadas.

A relevância do Epicovid pode ser destacada por alguns dos achados mais importantes do estudo, que incluem: (a) identificação da subnotificação de casos: a prevalência de Covid-19 identificada pelo estudo sempre foi muito superior aos dados que constavam nas estatísticas oficiais; (b) desigualdades: a prevalência de Covid-19 foi consistentemente diferente entre os estratos sociais e grupos étnicos, sempre com maior risco entre as populações mais vulneráveis; (c) sintomatologia: o Epicovid-19

foi um dos primeiros estudos no mundo a identificar o sintoma perda de olfato / paladar como essencial no diagnóstico de Covid-19; (d) desigualdades regionais: o Epicovid-19 identificou as rotas da disseminação do vírus no Brasil, iniciando pela região Norte, seguida pela região Nordeste e pelas grandes capitais do Sudeste, atingindo apenas mais tardiamente as regiões Sul e Centro-Oeste.

A Figura 6, disponível no artigo de Hallal *et al.* (2020, p. 1392), ilustra as desigualdades regionais na disseminação do coronavírus no Brasil nos primeiros meses da pandemia.

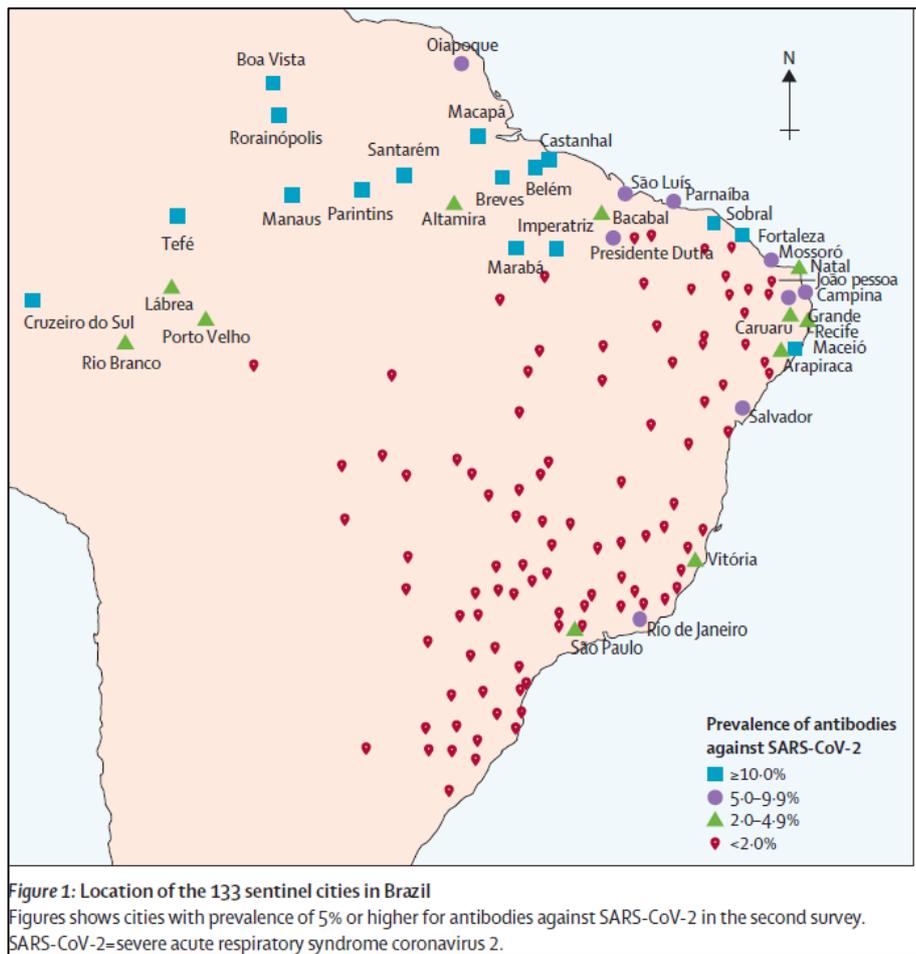


Figura 6 – Desigualdades na disseminação do SARS-CoV-2 de acordo com o Epicovid-19-BR.  
 Fonte: Hallal *et al.* (2020, p.1392).

Um dos principais objetivos do Epicovid-19 foi o de avaliar a proporção de indivíduos já infectados pelo SARS-Cov-2 e analisar a velocidade de expansão da infecção e estimar o percentual de infectados com e sem sintomas. Conforme mencionado acima, cabe destacar que, em todas as fases do estudo Epicovid-19, foram observadas desigualdades na infecção por SARS-CoV-2 entre os estratos sociais e entre os grupos étnicos, com consistente maior risco de infecção entre as

*peças pertencentes as famílias mais vulneráveis economicamente e entre as pessoas indígenas e as pessoas negras, tanto as pessoas pretas quanto as pessoas pardas.* Em relação ao nível socioeconômico, o estudo mostrou que a frequência de infecção nos 20% mais pobres era o dobro daquela observada nos 20% mais ricos (HALLAL *et al.*, 2020).

O estudo gaúcho (Epicovid-19-RS) – cujos aspectos técnicos referentes à construção da amostra que tomaremos para os aspectos sociológicos da nossa pesquisa – foi desenvolvido em nove cidades sentinela, representando cada uma das regiões intermediárias do estado, conforme divisão do IBGE. Em cada uma das 10 fases da pesquisa, foram entrevistados e testados para Covid-19, 500 moradores de cada cidade, totalizando 4.500 pessoas. A Figura 7 apresenta as regiões e cidades participantes da amostra do Epicovid-19-RS.

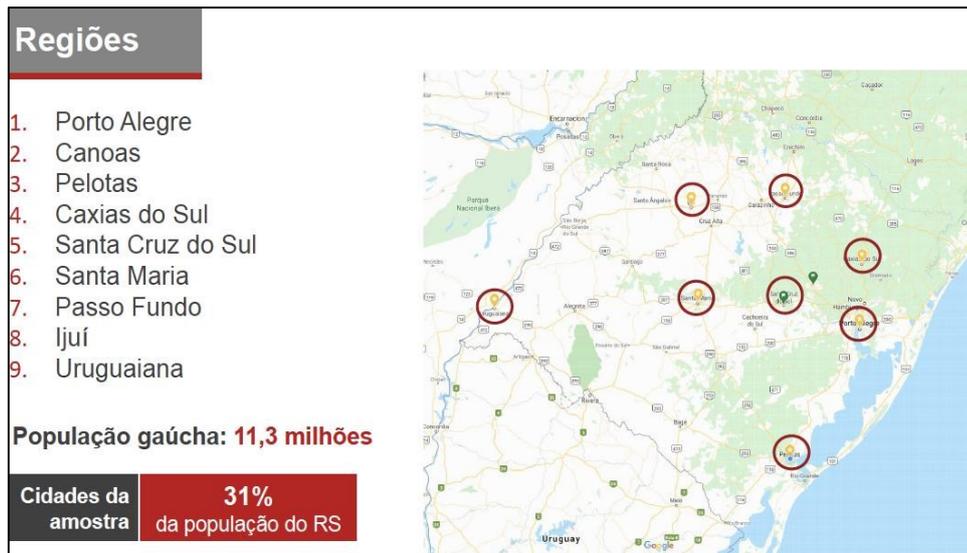


Figura 7– Regiões e cidades participantes do Epicovid-19-RS

Fonte: Sítio eletrônico Epicovid19-RS

Os resultados do Epicovid-19, além de ampla divulgação na mídia, têm sido acolhidos e publicados em uma série de periódicos de excelência científica internacional, como a Revista de Ciência e Saúde Coletiva, *Pan American Journal of Public Health*, *Nature Medicine* e *The Lancet Global Health*.

### 4.3 A “DIMENSÃO SOCIOLÓGICA” DA PESQUISA: MÉTODO E TÉCNICAS UTILIZADOS, RECORTE EMPÍRICO, E ASPECTOS DA OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

#### 4.3.1 Da abordagem “epidemiológica” à abordagem “sociológica”

A metodologia de pesquisa que norteará a nossa investigação empírica socorrer-se-á de boa parte da metodologia utilizada no Epicovid-19, sobretudo em seus aspectos técnicos do recorte empírico, que teve por base uma análise pormenorizada de dados demográficos do IBGE, em termos de características populacionais (etnia, gênero, faixa etária, extrato socioeconômico), bem como importante rigor técnico na construção amostral, tanto em nível nacional como regional. Justificamos a utilização *de parte da metodologia da pesquisa Epicovid-19* pelos motivos que se seguem<sup>32</sup>:

- a) primeiramente porque, tecnicamente, parte do método utilizado na pesquisa Epicovid-19 atende plenamente às nossas necessidades “estatístico-amostrais” que, como mencionamos anteriormente, faz parte da nossa dimensão de caráter mais epistemológico-analítico da mesma em termos metódicos para a investigação por nós pretendida;
- b) por considerarmos a atualidade desse estudo e o seu reconhecimento técnico-metodológico internacional conforme mencionamos;
- c) pela pesquisa Epicovid-19 já ter aportado significativos recursos financeiros públicos para o estabelecimento e definição de seus diferentes recortes empíricos, tanto nacional como regional, que seriam impossíveis de serem obtidos para esta pesquisa.
- d) Pelo acesso não apenas aos pormenores da pesquisa, como pela facilidade de contato com os pesquisadores “idealizadores” e realizadores do

---

<sup>32</sup> Estamos plenamente conscientes, como explicita Morse (1991), quando adverte que “o ponto importante é que cada método deve ser completo em si mesmo; ou seja, todos os métodos utilizados devem atender aos critérios de rigor adequados. Se forem conduzidas entrevistas qualitativas, elas devem ser conduzidas como se este método fosse o único. As entrevistas devem continuar até que a saturação seja alcançada, e a análise de conteúdo conduzida indutivamente, em vez de forçar os dados em algumas categorias preconcebidas para se adequarem ao quantitativo” (MORSE, 1991, p. 121, tradução nossa).

processo, dado meu mesmo pertencimento institucional, a Universidade Federal de Pelotas UFPel/RS

Sendo assim, foi utilizada uma “porção” técnico-amstral, o Estado do Rio Grande do Sul, a partir do Epicovid-19-RS, para identificação de regiões e *populações vulneráveis em relação à pandemia*. Conforme descrevemos tanto na Introdução dessa Tese, como posteriormente especificamos no problema de pesquisa apresentado, embora nossa pesquisa tenha tomado “carona técnica” no estabelecimento empírico-amstral do referido estudo epidemiológico, nossa investigação, em seu segundo momento é de natureza especificamente qualitativa, voltada à uma dimensão das “condições materiais da existência humana”, para grupos sociais ou núcleos familiares em condições reais (e concretas) da vida cotidiana.

Como dissemos anteriormente, esse segundo momento da metodologia desta pesquisa conduz a uma abordagem *orientada onto-epistemologicamente*. A partir dos dados encontrados no Epicovid-19-RS com relação à prevalência da infecção em bairros específicos de cada cidade sentinela, nessa proposta de ampliação de uma pesquisa de caráter mais quantitativo que teve, como já apontamos, grande repercussão no Brasil e internacionalmente, foram selecionadas *famílias* – como unidades primárias de análise<sup>33</sup> Portanto, nossa abordagem marcadamente qualitativa será realizada a partir da “segurança técnica”, sobretudo amostral, dos resultados já apresentados Epicovid-19-RS, considerando o Estado do Rio Grande do Sul e as cidades indicadas na Figura 8.

#### **4.3.2 Aspectos relevantes a serem destacados na abordagem qualitativa da presente pesquisa**

Minayo e Sanches (1993) afirmam que o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre teoria e a realidade empírica, onde o método é o fio condutor para se formular essa articulação. Normalmente as pesquisas de caráter

---

<sup>33</sup> De certo modo nos vimos confrontados com um dilema semelhante (não idêntico) àquele apresentado por Ernesto Laclau (2013, p. 122) ao definir a “família” como nossa “unidade básica de análise” posto que tal escolha sempre implicará em arbítrio e passível de possibilidades outras.

mais quantitativo – muitas vezes é difícil dizer aquilo que é pura quantificação ou aquilo que é pura qualificação – parecem dispensar grandes arcabouços teóricos, posto que, como diz o “jargão” estatístico ou matemático, “os números falam por si só”. Entretanto, as pesquisas qualitativas quase sempre requerem, digamos, um substrato teórico que revela o “lugar” de onde um enunciado (em termos foucaultianos) parte, ampara-se. Nosso referencial teórico busca cumprir, em parte, este papel, uma vez que assenta as condições histórico-materiais do humano na sua própria “existencialidade”, como em Marx, para uma orientação (hipotética) de características macro; ou com a própria perspectiva prático-teórica de Mannheim (1982, p.31) que diz que a Sociologia do conhecimento “busca compreender o pensamento no contexto concreto de uma situação sócio-histórica”.

A pesquisa qualitativa constitui-se em uma dimensão metódica de investigação científica que possibilita a análise de um dado fenômeno em suas peculiaridades, em suas particularidades mais ocultas, por certo vinculadas a determinados contextos sociais ou momentos históricos Creswell (2010). Essa abordagem comporta uma variedade de métodos e técnicas (observação, compreensão, interpretação, descrição, etc.) que vão necessariamente estabelecer – como quase toda a abordagem que se socorre de fundamentações onto-epistemológicas, hermenêuticas, interpretativa – a necessária tematização (ou triangulação) do “observado”, do “observador” e do “contexto situacional”. É neste sentido que devemos salientar que a abordagem qualitativa em uma pesquisa vai exigir, para que seja possível a construção de uma unidade de coerência, uma devida conexão com a fundamentação teórica proposta, por um lado e, por outro lado, com o “campo” que constitui o objeto a ser pesquisado empiricamente Creswell (2010).

Assim, considerando não apenas os objetivos, mas a unidade teórico-metodológica dessa Tese, a abordagem qualitativa foi escolhida porque se afirma no campo da subjetividade, realizando uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, se voltando com empatia aos motivos e às intenções, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO e SANCHES, 1993).

### 4.3.3 Métodos e técnicas para a coleta e análise dos dados: Entrevista Semiestruturada e a Análise de Conteúdo

Visando conhecer as realidades e as subjetividades dos grupos a serem pesquisados – previamente apontados na nossa Introdução e aqui também indicados – e que fazem parte da problemática de pesquisa desta Tese, e considerando uma abordagem exclusivamente qualitativa, utilizaremos não apenas a técnica de coleta de dados calcada em entrevistas semiestruturadas presenciais, como também nos socorreremos de aspectos metodológicos da Análise de Conteúdo, para interpretar todo o material oriundo das falas dos respondentes, justamente para que possamos capturar suas perspectivas subjetivas com relação às “realidades contextuais” e identificar, efetivamente as “estratégias” estabelecidas para lidar com o problema da pandemia. Conforme nos diz Poupart (2008, p. 222), o entrevistado pode e (deve) ser visto

como um informante-chave, capaz precisamente de ‘informar’ não só sobre as suas práticas e as suas próprias maneiras de pensar, mas também (...) sobre os diversos componentes de sua sociedade e sobre seus diferentes meios de pertencimento.

A partir das entrevistas coletada, gravadas, e dos apontamentos e “observações subjetivas” que envolvem o “ator em situação”, ou seja, o entrevistado falando a partir no seu próprio local de pertencimento e rodeado da sua “mundaneidade”, procederemos a análise do conteúdo deste material. Essa seria a dimensão, digamos de caráter “ontológico” da pesquisa – evidentemente que com certa objetivação das próprias entrevistas. Assa combinação certamente proporcionará a oportunidade de apreensão de atitudes, condutas, “ideologia”, contradições etc., que possam surgir (MARCONI e LAKATOS, 1996).

A Análise de Conteúdo, considerada mais como método que propriamente técnica, será utilizada nesta investigação para apreender, da melhor maneira possível, a falas dos respondentes (discursos), aprofundando suas características e extraíndo as partes mais relevantes das mesmas (RICHARDSON, 2008). A partir de um ponto de vista de caráter (mais) epistemológico, a Análise de Conteúdo repousa (também) em uma dimensão de inferência, ou seja, etapa em que são formuladas deduções lógicas que possibilitam a interpretação do fenômeno com base no confronto entre o achado e o arcabouço teórico escolhido (BARDIN, 1977).

Em outros termos, a Análise de Conteúdo, quando bem orientada por um adequado referencial teórico e suas indissociáveis categorias analíticas faz com que seja possível compreender, de maneira crítica, o sentido contido nas comunicações, além das significações que podem estar explícitas ou ocultas, por parte do pesquisador (CHIZZOTTI, 2001).

#### **4.3.4 O Recorte empírico da Pesquisa**

Neste item, momento em que nos aproximamos da efetiva análise dos dados qualitativos, ponto central desta Tese, é importante que retomemos (ou relembremos), mesmo que brevemente, alguns dos elementos de caráter mais técnico desta investigação: a problemática dessa pesquisa, bem como o seu objetivo mais amplo. Com relação à hipótese, cabe aqui destacar (e antecipar), que em pesquisas de caráter qualitativo o papel da hipótese – sobretudo “hipóteses de trabalho” que não necessariamente requerem a sua comprovação afirmativa ou negativa – é tomado (meio que de empréstimo) a partir do próprio referencial teórico. No caso desta pesquisa, o referencial teórico certamente não deixa de cumprir esse papel, uma vez que é ele que orienta o caminho que essa pesquisa deseja perseguir, para buscar explicitar os seus achados.

Retomando resumidamente nosso problema de pesquisa, poderíamos dizer que ele está orientado pelo questionamento sobre como determinados agrupamento familiares desenvolveram estratégias de sobrevivência – em diferentes setores da vida social (cotidiana) – e quais forma essas estratégias. Assim, os questionamentos que se fizeram necessários foram: Quais são as estratégias para evitar a contaminação e manter a saúde física? b) Quais são as estratégias de sobrevivência alimentar? c) Quais são as estratégias para a manutenção de moradia? d) Quais são as estratégias para a manutenção de serviços essenciais, tais como luz, água, gás, telefonia e internet; e) Quais as estratégias para a manutenção (se for o caso) de estudos individuais e de familiares? f) Quais são as estratégias para a preservação de algum tipo de lazer?

O objetivo geral estabelecido foi o de identificar, conhecer e interpretar o *conjunto de estratégias* desenvolvidas pelas famílias (ou agrupamentos familiares), em situação de vulnerabilidade, para garantirem a sua sobrevivência considerando

questões tais com econômicas, de saúde (biopsicossocial), de educação, convívio social.

Em outros termos mais específicos, o conhecimento de tais estratégias volta-se a questões referentes a proteção da saúde física, à sobrevivência alimentar, à manutenção de moradia, à preservação de serviços essenciais (luz, água, gás, telefonia e internet), à manutenção de estudos e de lazer – desenvolvido e utilizado por grupos familiares em situação de vulnerabilidade utilizadas para garantir a sua sobrevivência neste período de pandemia de Covid-19 no Estado do Rio Grande do Sul.

Cabe aqui salientar que por ocasião da qualificação do nosso Projeto de Pesquisa em 30 de agosto de 2021, realizamos uma abordagem empírica piloto (uma sondagem amostral, ou uma pesquisa exploratória), não somente para testagem do nosso instrumento de coleta de dados, mas também para verificar a potencialidade da nossa unidade de análise, anteriormente à qualificação da presente Tese. Essa pesquisa exploratória ocorreu conforme quadro abaixo:

<b>Participantes da entrevista piloto na cidade de Pelotas, RS</b>		
<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Coabitantes</b>
60 anos	Aposentado	Mãe e duas irmãs
40 anos	Do lar	Marido e dois filhos
48 anos	Servente de limpeza	Marido e um filho
87 anos	Aposentada	Mora sozinha

Tabela 1 – Perfil dos participantes das entrevistas piloto  
Fonte: Elaborada pela autora

Destacamos que, em se mostrando pertinente o instrumento de coleta de dados, bem como o nosso “objeto empírico” nessa fase de “testagem”, todas as entrevistas apresentadas no quadro acima, bem como as respectivas análises de conteúdos, foram aqui integradas às demais, para que pudéssemos analisar de forma conjunta os dados obtidos tanto nas entrevistas piloto, quanto nas demais entrevistas.

No mapa a seguir, Figura 8, apresentamos as regiões em que foram efetivamente realizadas as entrevistas. Como salientamos anteriormente, a pesquisa Epicovid forneceu-nos os critérios para a escolha das referidas cidades e regiões.

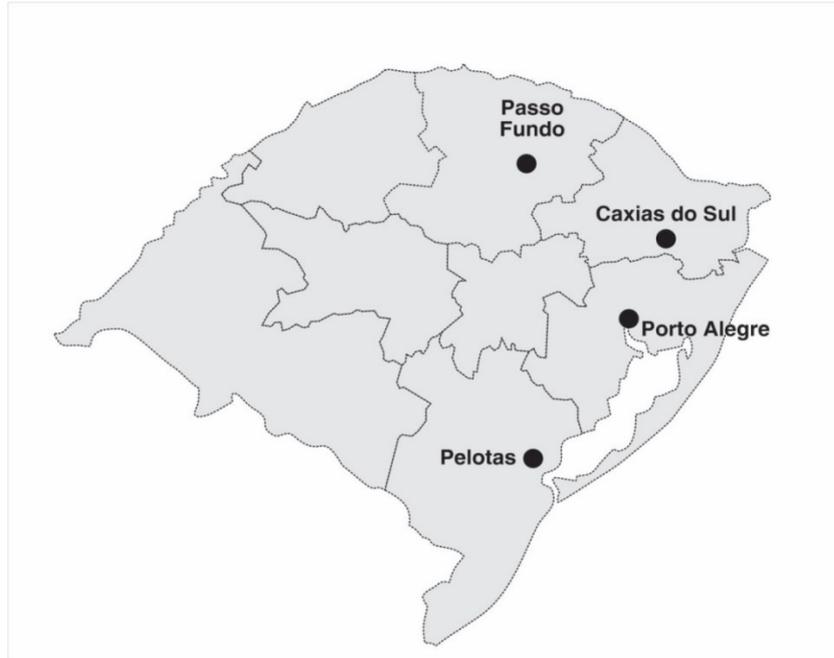


Figura 8 - Regiões e cidades do Rio Grande do Sul participantes dessa investigação e que contempla a “dimensão sociológica” da pesquisa

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 2 a seguir mostra os respondentes da nossa pesquisa, considerando os municípios, as idades, as ocupações e as demais pessoas que formam o agrupamento familiar. O critério de escolha dos pesquisados aconteceu de forma aleatória, como discutimos mais detalhadamente a seguir, com o apoio dos Serviços de Atenção Primária à Saúde. Nesses locais, aonde a comunidade vai espontaneamente, julgamos encontrar (e cremos ter encontrado) exatamente o perfil de entrevistados concernentes ao nosso objetivo.

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Coabitantes</b>
<b>PELOTAS</b>			
Participante A	60 anos	Aposentado	Mãe e duas irmãs
Participante B	40 anos	Do lar	Marido e dois filhos
Participante C	48 anos	Servente de limpeza	Marido e um filho
Participante D	87 anos	Aposentada	Mora sozinha
<b>PORTO ALEGRE</b>			
Participante E	50 anos	Faxineira	Marido, três filhos e uma neta
Participante I	31 anos	Comerciante	Esposa
Participante J	63 anos	Aposentado	Filha
Participante M	22 anos	Comerciária	Marido e filha
<b>CAXIAS DO SUL</b>			
Participante F	26 anos	Metalúrgica	Marido e dois filhos
Participante G	67 anos	Aposentada	Marido
Participante N	69 anos	Aposentada	Marido
<b>PASSO FUNDO</b>			
Participante H	30 anos	Empregada doméstica	Mãe e filha
Participante K	40 anos	Auxiliar de limpeza	Pai, mãe e um filho
Participante L	64 anos	Aposentada	Filha

Tabela 2 – Participantes entrevistados por cidade  
 Fonte: Elaborada pela autora

Dentre os entrevistados, houve maior número de mulheres, o que pode ser explicado pela maior procura das mulheres aos serviços de atenção primária à saúde, onde as entrevistas foram conduzidas. A idade dos entrevistados variou entre 22 e 87 anos de forma que as entrevistas conseguiram contemplar diferentes fases da vida. Em relação à ocupação, as entrevistas incluíram pessoas desempregadas, aposentadas e trabalhadores das áreas de limpeza e comércio. Por fim, diferentes composições familiares foram observadas entre os entrevistados, desde participantes que moravam com os pais, até entrevistados que moravam com os filhos ou apenas com os companheiros.

A amostragem foi por conveniência, até o atingimento do ponto de saturação, observando para que fossem entrevistados, pelo menos, dois indivíduos em cada uma das cidades visitadas. Os respondentes foram identificados aleatoriamente, nas filas ou salas de espera de usuários de UBS, em bairros indicados pelo Epicovid-19 e nos relatórios das Secretarias Municipais de Saúde como sendo os locais de maior

prevalência de infecção pelo SARS-Cov2. Conforme mencionado, as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, e tiveram como objetivo responder aos questionamentos apontados no problema de pesquisa, enriquecendo o debate sobre as estratégias de sobrevivência durante a pandemia, de acordo com as categorias analíticas apresentadas no subitem a seguir.

#### **4.3.5 Detalhamentos importantes da operacionalização da pesquisa**

Todas as entrevistas foram realizadas e gravadas mediante consentimento livre e esclarecido dos participantes, após serem abordados na espera de atendimento das Unidades Básicas de Saúde selecionadas. Foi realizado contato prévio com a Coordenação de cada uma das UBS visitadas para solicitar autorização para a realização do estudo. Em seguida, foi pactuada uma data para a realização do mesmo. A abordagem escolhida foi identificar aleatoriamente pessoas na fila de espera, que representassem a nossa unidade básica de análise, grupos familiares, e convidá-los a participar do estudo piloto.

No dia 30 de julho de 2021, foram realizadas as primeiras entrevistas-piloto na cidade de Pelotas-RS, localidade de moradia da pesquisadora à época, na UBS Ivo Levien, localizada no bairro Py Crespo, com representantes da nossa categoria básica, ou seja, “agrupamento familiar”. Considerando a abordagem qualitativa do presente projeto, a pesquisa piloto teve por objetivo testar o roteiro semiestruturado das entrevistas e avaliar se as categorias analíticas preestabelecidas estariam adequadas à realidade da população, bem como identificar a possibilidade de emergirem novas necessidades de investigação que pudessem melhor atender os questionamentos constantes no nosso problema de pesquisa e ao nosso objetivo geral. Conforme mencionado anteriormente, para fins de análise, não faremos diferenciação entre as entrevistas-piloto e as demais entrevistas.

A pesquisadora abordou os potenciais entrevistados na fila ou na sala de espera, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando consentimento para participação no estudo. Foram entrevistadas quatro pessoas na cidade de Pelotas, sendo que a duração média das entrevistas foi de aproximadamente 30 minutos. No momento da realização das entrevistas, a pesquisadora e o entrevistado tiveram acesso a uma sala privativa, para manter a confidencialidade dos temas tratados na

entrevista. A UBS Ivo Levien foi inaugurada em 2012 e atende em média 250 pacientes por dia.

A segunda cidade escolhida foi Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul. Novamente, a pesquisadora fez contato com a Secretaria Municipal de Saúde, que solicitou o envio do projeto e de uma mensagem eletrônica explicando os objetivos do estudo. A coleta de dados foi realizada no dia 27 de junho de 2022, na Unidade Básica de Saúde Ramos. A pesquisadora chegou à Unidade Básica de Saúde e foi acompanhada por um profissional de saúde, Chefe do Setor de Atendimento da Unidade. Os entrevistados foram abordados na rua, enquanto aguardavam na fila, e, após consentirem participar da pesquisa, as entrevistas foram realizadas em local reservado. Foram entrevistados três usuários nesta localidade.

A próxima cidade incluída no estudo foi Caxias do Sul, por localizar-se em região distinta das cidades anteriores e por ser um importante polo regional. Fez-se contato com a Secretaria Municipal de Saúde, solicitando autorização para a realização da coleta de dados no município, além da indicação de uma Unidade Básica de Saúde localizada em região de vulnerabilidade social. A coleta de dados na cidade de Caxias do Sul ocorreu no dia 02 de agosto de 2022, na Unidade Básica de Saúde Belo Horizonte. Foram entrevistados três usuários, que foram abordados na sala de espera, pela pesquisadora principal, sendo as entrevistas posteriormente realizadas em espaço reservado, para garantir a confidencialidade dos temas abordados na entrevista.

Por fim, deliberou-se por realizar a última coleta de dados numa cidade bastante afetada pela pandemia e localizada em outra região do estado: Passo Fundo. A pesquisadora principal fez contato com a Universidade de Passo Fundo, que intermediou o contato com a Secretaria Municipal de Saúde. As entrevistas foram realizadas no dia 12 de agosto de 2022, na Unidade Básica de Saúde Alexandre Zachia. Nessa oportunidade, os pacientes também foram entrevistados em sala reservada, após consentimento dado na sala de espera. Foram realizadas três entrevistas na cidade.

Após a realização das entrevistas nessas quatro cidades, localizadas em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul, a autora da Tese de Doutorado e seu orientador concluíram que havia indicativos de saturação nas respostas, com a maioria dos itens se repetindo, e as últimas entrevistas não estavam trazendo

elementos novos para a escrita da presente tese. Portanto, foi deliberado por concluir a coleta de dados e partir para a transcrição, análise e interpretação dos resultados.

Vale ressaltar que durante a coleta de dados, a pesquisadora visitou localidades de diferentes regiões do estado, com graus de desenvolvimento distintos, sistemas de saúde distintos e culturas distintas. A experiência de coletar dados nessas localidades, por si só, já representou um aprendizado, além da possibilidade de observar a realidade pesquisada. No entanto, o maior aprendizado foi conhecer as estratégias de sobrevivência adotadas por famílias em situação de vulnerabilidade social para, literalmente, sobreviverem à pandemia de Covid-19.

Ressalta-se ainda que, apesar de as entrevistas terem sido realizadas em ano eleitoral, e que várias pessoas entrevistadas mencionaram questões políticas relacionadas à polarização observada no país durante o período da pandemia de Covid-19, o foco do presente estudo não foi analisar as políticas de estado ou de governo para responderem à pandemia de Covid-19. Essa tese é baseada nas estratégias de sobrevivência adotadas pelas famílias para lidarem com a pandemia, independente das políticas de saúde adotadas, correta ou incorretamente, pelos governos durante o período.

#### 4.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

##### **4.4.1 A análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas e apresentação dos dados**

A análise de conteúdo como método na presente pesquisa é a análise das falas dos respondentes, ou seja, daqueles que foram entrevistados em suas situações e contextos específicos de “existencialidade”. Por meio de questionário – com perguntas semiestruturadas, e que abrangeu dimensões variadas das vivências cotidianas – e por certo, dimensões (possíveis) e necessárias de cada um dos pesquisados, buscamos conhecer aspectos do momento histórico vivenciado pelas pessoas entrevistadas.

A seguir, reproduzimos os temas e questionamentos que constituíram a pesquisa e que tentam refletir os principais momentos da vida (concreta) e dos fazeres humanos e suas estratégias de sobrevivência no momento da crise sanitária.

### **Tema 1: Trabalho e finanças**

1-A) Quantas pessoas moram na sua residência?

1-B) Como o(a) Sr. (a) e sua família tem lidado ou tem feito com a questão financeira, de entrada de dinheiro neste período de pandemia? Continuaram trabalhando, perderam emprego, trocaram de emprego? receberam algum tipo de ajuda, seja do governo ou de parentes e amigos?

1-C) Qual era/é a principal fonte de renda da família (tipo de trabalho/atividade)?

1-D) E como está agora a situação de trabalho e financeira da sua família?

### **Tema 2: Saúde**

2-A) Como o(a) Sr. (a) e sua família lidaram com a questão de saúde durante a pandemia? Usaram algum tratamento/medicamento para prevenir Covid-19? Quais foram as estratégias para a prevenção?

2-B) Como foi o uso de máscaras? Conseguiu limpar as mãos com álcool gel, água e sabão? Houve algum outro procedimento para evitar a contaminação? Conseguiu cumprir as recomendações dos órgãos de saúde?

2-C) O Sr./Sra. praticou o distanciamento social recomendado pela medicina?

2-D) O(A) Sr. (a) acha que existe algum remédio que cura Covid-19? O(A) Sr. (a) já se vacinou? Vai se vacinar? Acredita na vacina ou tem algum medo?

2-E) Alguém da sua família teve Covid-19? O(A) Sr. (a) perdeu alguém próximo para o coronavírus?

### **Tema 3: Educação e lazer**

3-A) Como o(a) Sr. (a) e sua família lidaram com a questão da educação durante a pandemia? As crianças continuaram estudando? Em casa ou na própria escola?

3-B) Se alguém da família estudando: Quais foram as principais dificuldades enfrentadas para manter os filhos (ou familiar) em aulas, seja presencial ou online?

3-C) Vocês tinham algum lugar para deixar as crianças quando precisavam sair, para trabalhar ou qualquer outra coisa; qual a sua percepção, opinião sobre a falta de apoio presencial da escola na sua família?

#### **Tema 4: Percepções gerais**

De modo geral, o que o Sr. (A Sra.) considera como o maior desafio enfrentado nesse período de pandemia?

#### **4.4.2 As dimensões objetivas (epistemológicas) e subjetivas (ontológicas) da análise e as categorias analíticas**

É importante que não esqueçamos que o método proposto nesta Tese tem como característica privilegiar a “análise” de conteúdo<sup>34</sup> – no sentido de “desconstruir” ou, melhor ainda, de proceder uma interpretação orientada a partir das falas dos respondentes. Para que essa análise não padeça de uma “objetivação fria”; para que as subjetividades dos “contextos situacionais” também sejam capturadas, é necessário que se mobilize um “olhar interpretativo”, possibilitado por determinadas “categorias teóricas” *a priori*, o que chamamos de “*interpretação orientada*”. Certamente que tais categorias, cuja função precípua é a de conduzir o olhar do pesquisado no momento situacional, contextual da investigação, devem não apenas estar em conformidade com o referencial teórico proposto na Tese, como *também guiar permanentemente a interpretação do pesquisador*, ou seja, a forma de fazer a sua própria “analítica”.

Tendo isso em vista, propomos a seguir um *conjunto de categorias* que, se não manifestadas explicitamente no instrumento de coleta, ou nos resultados objetivados da análise, desempenharam um importante papel de “esclarecimento crítico”, de “aconselhamento” (ou mesmo heurístico), durante os momentos de nossas interações

---

<sup>34</sup> Como método, o termo *análise* de fato bem expressa sua origem grega, isto é: “*ana*”, significando “separação”, e “*lise*”, significando “quebra em partes”. Daí, por esse viés, sua aproximação com a hermenêutica.

junto às pessoas pesquisadas. Talvez em termos mais simplificados, as categorias analíticas, nesse caso, tenham um papel não de uma “vigilância epistemológica”, como em Bourdieu *et al.* (1999) e Bachelard<sup>35</sup>, mas como uma (certa) “vigilância ontológica”.

O Quadro 1, a seguir, apresenta as principais categorias analíticas que “conduziram o olhar” desta pesquisadora.

<b>Macro categorias de perspectiva ontológica que orientam (subjctivamente) nosso contato com o “mundo vivido”</b>	
a)	A história é feita pelos próprios homens, não como a querem, mas sob as circunstâncias que se encontram (Marx).
b)	O materialismo e a historicidade representam a manifestação, a dimensão “fenomênica” ou o próprio “mundo da vida”.
c)	Afirmar que todo o conhecimento enraíza-se em seu contexto social, aos contextos sociais historicamente constituídos é ir em direção ao tempo e espaço concretos em que são forjados.
d)	O conhecimento do social dá-se pela busca dos fundamentos do pensamento e seus vínculos com o contexto sócio temporal na construção da própria história.
e)	Mesmo as interações e conexões sociais constituem-se sempre, de um modo ou de outro, como emergência de determinadas situações sócio-históricas específicas.
f)	A construção do mundo deve ser vista como manifestações dos movimentos da “vida real”.
g)	A reconstrução dos pontos-de-vista para os quais o mundo se apresenta de tal ou qual forma, é a compreensão da totalidade das visões advindas das variadas perspectivas envolvidas no processo.
h)	Cada “mundo vivido” relaciona-se a algo dentro de seus contextos e interações, em meio a uma configuração material da realidade

Quadro 1 – Categorias de análise *a priori*, provenientes do referencial teórico, que orientaram os “momentos situacionais” do processo de interação pesquisadora/pesquisado com vistas às dimensões interpretativas da investigação

Fonte: elaborado pela autora

Considerando os quatro momentos centrais das nossas perguntas, quais sejam: 1) Trabalho e finanças; 2) Saúde; 3) Educação e lazer e 4) Percepções gerais, a análise de conteúdo das respostas dar-se-á da seguinte maneira: apresentaremos (reproduziremos) a pergunta (e seus desdobramentos) feita pela pesquisadora, por exemplo:

<sup>35</sup> “Defender juntamente com Bachelard que o fato científico é conquistado, construído, constatado, é recusar, ao mesmo tempo, o empirismo que reduz o ato científico a uma constatação e o convencionalismo que lhe opõe somente as condições prévias da construção” (BOURDIEU *et al.* 1999, p. 22).

## **Tema 1 – Trabalho e finanças**

Apresentaremos, a partir daí, os principais trechos das entrevistas de todos os respondentes, separadamente, relativos aos questionamentos feito pela entrevistadora sobre o tema indicado, identificando cada respondente pela letra correspondente (A, B, C...). As falas da pesquisadora/entrevistadora serão identificadas pela letra P. A partir (e ao final) de todos os trechos relevantes da fala de cada um dos respondentes sobre a questão específica, procederemos a análise do conteúdo trazido pelos respondentes.

A Tabela 3 a seguir apresenta e caracteriza os/as entrevistados/as que foram pesquisados, onde chamaremos os participantes através de letras maiúsculas (A, B, C...), preservando assim suas identidades. Constam também na identificação, a idade, a ocupação e a relação familiar ou do grupo que coabita.

### **4.4.3 A Análise de conteúdo propriamente dita**

O Tabela 3 a seguir apresenta a descrição dos entrevistados. Para manter o anonimato dos respondentes, estes serão identificados através de letras maiúsculas.

Identificação	Idade	Ocupação	Coabitantes
Participante A	60 anos	Aposentado	Mãe e duas irmãs
Participante B	40 anos	Do lar	Marido e dois filhos
Participante C	48 anos	Servente de limpeza	Marido e um filho
Participante D	87 anos	Aposentada	Mora sozinha
Participante E	50 anos	Faxineira	Marido, três filhos e uma neta
Participante F	26 anos	Metalúrgica	Marido e dois filhos
Participante G	67 anos	Aposentada	Marido
Participante H	30 anos	Empregada doméstica	Uma filha e a mãe
Participante I	31 anos	Comerciante	Esposa
Participante J	63 anos	Aposentado	Filha
Participante K	40 anos	Auxiliar de limpeza	Pai, mãe e filho
Participante L	64 anos	Aposentada	Filha
Participante M	22 anos	Comerciária	Marido e filha
Participante N	69 anos	Aposentada	Marido

Tabela 3 – Descrição dos entrevistados quanto à idade, ocupação e presença de coabitantes no domicílio.

Fonte: Elaborada pela autora

Abaixo, passaremos a apresentar as análises, que serão divididas de acordo com o tema, e por respondente, utilizando trechos retirados das entrevistas, que estão transcritas na íntegra no Anexo I. Quando necessário, para facilitar a compreensão dos diálogos, as falas da pesquisadora estão precedidas pela letra P.

### **Tema 1: Trabalho e finanças**

1-A) Quantas pessoas moram na sua residência?

1-B) Como o(a) sr. (a) e sua família tem lidado ou tem feito com a questão financeira, de entrada de dinheiro neste período de pandemia? Continuaram trabalhando, perderam emprego, trocaram de emprego? receberam algum tipo de ajuda, seja do governo ou de parentes e amigos?

1-C) Qual era/é a principal fonte de renda da família (tipo de trabalho/atividade)?

1-D) E como está agora a situação de trabalho e financeira da sua família?

### **Respondente A**

Quando perguntado sobre “*trabalho e finanças*”, a adoção de uma estratégia é evidenciada no trecho a seguir, extraído da entrevista do respondente A. Nota-se que tanto a irmã quanto a mãe do entrevistado trabalhavam antes da pandemia, enquanto o entrevistado já era aposentado e estava sem atividade laboral. Com a chegada da pandemia, toda a dinâmica laboral e econômica da família foi modificada. Inclusive, a irmã do entrevistado também acabou afastando-se da atividade laboral, para ajudar no cuidado da mãe em casa. Ainda, o entrevistado teve que retomar atividades laborais, não mais na área que exerceu durante toda a sua vida, mas sim como motorista de aplicativo.

*A: ... sou aposentado.*

*P: E a sua mãe também trabalha, quem mais tem fonte de renda na casa?*

*A: Não, a minha mãe não trabalha e nem nenhuma das minhas outras duas irmãs não trabalham.*

*P: Não trabalham... então a sua renda é a que sustenta toda a casa...*

*A: A minha mãe e a minha irmã trabalhavam, mas aí quando a minha mãe necessitou de cuidados ela teve que ser obrigada a pedir... fazer acerto onde ela trabalhava para ficar cuidando a minha mãe. Aí ela tá cuidando da minha mãe agora em casa.*

*P: E o senhor acha que foi fácil praticar distanciamento social, o senhor cuidou disso durante a pandemia, conseguiu fazer, como foi?*

*A: É, eu vou dizer uma coisa, porque a gente tá lutando contra essa coisa, né? Tamos lutando com isso aí que eu vou dizer uma coisa, todo mundo anda aí na volta, mas cada que [inaudível], mas qualquer um lado diferente, tá pesadinho, pesadinho...*

*P: Sim, até porque o senhor tem a mãe idosa, morando junto, né?*

*A: É esse é o maior problema, não tanto por mim, mas é por ela em casa, porque para mim, eu levar um problema para casa, né?*

*P: E o senhor continuou saindo, para fazer suas atividades, o senhor saia para fazer supermercado, tudo?*

*A: Sim, mas aí quem faz mesmo é a minha irmã, isso não faz parte ... porque eu se eu vou, eu agora eu tô fazendo umas corridinhas aí, sabe o que é, eu tô trabalhando um pouco de Uber, para me ajudar um pouco, entendeu? E aí, então ... esse tipo de coisa eu não faço, eu praticamente só entrego e deu...*

### **Respondente B**

Na entrevista com a Participante B, a categoria analítica referente às estratégias de sobrevivência nas áreas econômicas e laborais também foi bastante evidenciada. No trecho abaixo, a entrevistada menciona que a parte mais difícil da pandemia foi a redução de carga horária laboral do marido, o que impactou na renda da família.

*B: Eu acho que foi assim porque foi a parte financeira, porque diminuir a carga horária de trabalho acaba diminuindo bastante. Que tem muitos lugares que não estão abrindo, né. Agora que tá recomeçando, né. E aí acaba diminuindo a renda mensal.*

*P: E quem é que trabalha na tua casa?*

*B: O meu marido, o meu marido. Eu recebo o LOAS dele [se referindo ao filho autista que estava junto]. Ele é ajudante de motorista e motorista. Ele trabalha na (fala o nome da empresa), né. Mas é uma coisa boa por causa que ele trabalha todos os dias e vem pra casa, porque já teve empresas que ele trabalhava, chegava a segunda, 4h da manhã saía. Chegava na quarta, dez da noite, saía na quinta de madrugada. e aí, depois, só na sexta.*

*P: Tem trabalho com carteira assinada?*

*B: Tudo direitinho, graças a Deus, o ano passado teve assim, no mês de abril, a gente ficou meio sebestoso porque aí teve aquela função do ter que ficar em casa, ele entrou naquele programa do bem informal, né, então diminuiu a renda né. A gente andou bem apertado até porque a medicação do R. agora, trocaram a medicação dele e uma das medicações é bem cara. Não é barato né. Ela se torna cara porque tem um vidro só não dá no mês. Então tem que ser 2, né. E só um vidro custa R\$ 183,00. Então é ... tira a estrutura da casa, né. Tu gasta mais porque a criança em casa ela come mais. Então eles estão sempre comendo... é uma fruta... o R. não é tanto no besteiro porque não é disso. Agora já l. não, a l. já gosta mais do doce, né. Fazer coisa pra comer, doce...*

*B: (...) quando ele aderiu ao bem informal e agora né, não é por acaso, porque diminuiu, ele recebia mil, mil e cem por aí, e agora tá recebendo 800, 700. Aí acaba quebrando a banca como se diz, né. E aí foi só isto que foi ruim assim. Foi o ruim mesmo foi a parte financeira, de a criança pedir e não ter para dar.*

### **Respondente C**

Já a respondente C trouxe uma outra situação sobre a questão do trabalho e finanças. Ela tinha decidido ir morar no interior para ter uma vida mais tranquila, mas teve que voltar a trabalhar no setor de limpeza hospitalar, situação que foi extremamente impactante para a respondente, conforme pode ser observado na sua entrevista.

*P: E a senhora sempre trabalhou na área da limpeza em hospital, ou trabalhava em outro lugar antes?*

*C: Trabalhava na Beneficência (hospital), trabalhei nove anos ali. Aí sai de lá e fui embora pra fora. Tentar descansar um pouco. Só que aí tem um filho adolescente, que queria trabalhar, né, aquela coisa toda e aí pediu para vir embora e acabei vindo embora pra cá. Você está desempregado, precisa trabalhar para ajudar em casa. Daí peguei na FAU, faz dois anos e meio que eu to lá agora. Só que tá bem complicado, né! Tá... bastante... tumultuado, né. Tu vê muita coisa, e isso vai sobrecarregando, né...*

### **Respondente D:**

Já a participante D também relatou preocupação com a situação financeira, mas mais do que isso, ela diz que “a pandemia nos tirou tudo que a gente tem”. Nesse mesmo aspecto, ela ressalta que o filho, que não mora com ela, também está sobrecarregado, pois além de trabalhar e auxiliar nas tarefas da casa, ele é quem faz as compras de supermercado para a mãe.

*D: ... A pandemia nos tirou tudo que a gente tem. Porque eu não tenho benefício nenhum, só a aposentadoria que é mísera. Eu moro sozinha, eu moro num apartamento emprestado do meu neto, então eu tenho que pagar a luz, eu tenho que pagar o condomínio, eu tenho que pagar a luz... então, para mim tá sendo muito difícil, eu branqueei os cabelos da noite para o dia, porque eu sou loura, tá bem?*

### **Respondente E**

A respondente E, além de relatar uma piora na situação financeira, relatou dificuldade para conseguir trabalho, visto que ela e o marido trabalham informalmente, com limpeza e serviços gerais, respectivamente.

*E: Ah, eu acho que piorou, né? Até pro serviço como eu trabalho com faxina...*

*P: As pessoas também estavam sem dinheiro, né?*

*E: Sim. (E o marido) ele trabalha assim, de fazer casa, colocar janelas, portas. Certo, faz serviços gerais? Uhum (...) também foi mais difícil”.*

### **Respondente F**

A respondente F relatou que perdeu o emprego durante a pandemia, e passou a receber o seguro-desemprego. Após, a respondente ficou grávida e teve outro filho durante a pandemia. Embora tenha respondido que a perda do emprego não teria afetado a família, ela relata que voltou a trabalhar para poder ajudar em casa. Ela menciona também que, o marido, por trabalhar como coletor de lixo, não tinha como usar máscara no trabalho.

*P: E como é que foi, durante a pandemia? Tu seguiste trabalhando? Teu marido também trabalha?*

*F: É, eu peguei o seguro durante a pandemia no emprego, né? ... O primeiro ano foi tranquilo, mas eu peguei covid, né? A primeira vez [...] eu peguei duas vezes, mas a primeira vez foi bem complicado (...) daí aquela época eles davam afastamento, né? De quinze dias, aquela época.*

*F: (...) Ah, eu acho que a mesma coisa, porque assim, claro, eu comecei a trabalhar pra ajudar mais aqui em casa. Até porque aumentou a família, né? (...) aí o meu marido é coletor, ele ... daí não tinha como usar máscara. Como é que a pessoa vai correr recolhendo lixo com máscara?*

### **Respondente G**

A respondente G foi uma das únicas que não relatou mudanças na questão financeira e laboral, visto que ela e o marido são aposentados.

*P: E como é que foi assim, durante a pandemia? Vocês trabalham? Vocês são aposentados?*

*G: Nós semo aposentado.*

*P: E a senhora recebeu durante esse período alguma ajuda do governo?*

*G: Não!*

*P: Algum benefício? Nada? E conseguiu lidar bem durante a pandemia? Foi mais difícil? Ou foi a mesma coisa?*

*G: Foi a mesma coisa.*

### Respondente H

A respondente H trabalha com carteira assinada como doméstica, não relatou diminuição na renda, mas constatou que estava gastando muito mais no supermercado.

*P: E como é que foi assim, durante esse período, a coisa financeira para vocês, de trabalho, seguiram na mesma função que trabalhavam antes?*

*H: Seguimos na mesma função, mas foi mais difícil, né? (...) com a pandemia (...) ahnn, o mercado aumentou absurdamente (...) nós, ali em casa, em três, a gente gastava no mercado uns setecentos, até setecentos e cinquenta por mês, nós três. Agora não baixa de mil reais. Não baixa de mil reais, e é necessidade, né? Que a gente compra, não é [...] não baixa de mil reais e o salário continua sempre o mesmo.*

### Respondente I

O respondente I trabalha no mercado familiar, administrado pelo irmão. Ele relata uma série de mudanças decorrentes da pandemia. Ao falar do pai, que trabalha como taxista, relata que ele seguiu trabalhando normalmente, sugere uma “normalidade”, mas ao mesmo tempo menciona que a renda diminuiu pela falta de clientes.

*I: (...) Trabalho, trabalho. Meu irmão tem um mercado. Não estudo, parei, tranquei, fazia faculdade de matemática, por causa do mercado, né? Trabalho com ele, é da minha família o mercado, trabalho junto das sete e meia até nove e meia. Todo mundo trabalhou normal na minha família até. Meu pai é taxista, que foi a pessoa que eu mais achei que ia ficar afetado. No início ficou pela verba, né? No caso, né? Não tinha muito dinheiro por causa da falta de cliente, mas fora isso, tranquilo.*

Ainda, o respondente relata que recebeu um dinheiro inesperado de uma ação judicial, o que contribuiu com as suas finanças. Porém, apesar disso, relatou dificuldades no mercado da família, em virtude da pandemia.

*I: Sim, sim, graças a Deus, não passamos trabalho, graças a Deus. Eu achei que ia ser um ano [...] foi um ano bom, até pra mim, porque foi um ano que eu peguei um dinheiro na justiça, umas coisas assim, sabe? Achei que ia ser horrível e foi um ano maravilhoso na minha vida assim, financeiramente. Fora isso, foi ruim, claro, não achei menor graça no que aconteceu assim, sabe? Sei que muita gente sofreu com tudo que aconteceu.*

*P: Sim. E o mercado, foi normal? Ou tu achas que diminuiu?*

*I: Não, diminuiu muito, diminuiu demais. Bah, no começo, a gente tá no terceiro ano da pandemia, não? Dois mil e vinte e um, lá por fevereiro, se não me engano, sei que foi no início do ano passado, eu acho, foi muito ruim. Ano passado no início já tava na pandemia, né? (...) Então foi no início do ano passado, tava muito ruim, muito ruim mesmo assim. Horrível! E tinha que abrir e se cuidar com a fiscalização, caso tinha alguém que podia pegar [...] alguma (...) sabe aquela coisa? Que tu tinha que te cuidar contigo, com os outros, foi terrível! Ai depois melhorou e a gente já tá normal*

O respondente relatou também que houve redução no número de funcionários empregados pelo mercado familiar. Inclusive menciona que um dos funcionários foi demitido pois não conseguia usar a máscara de proteção, exigida durante alguns momentos da pandemia, o que causou apreensão nos proprietários do mercado.

*I: (...) com certeza, houve uma redução grande no número de funcionários. Eram duas caixas de noite, duas caixas de manhã, aí ficou caixa de manhã, uma caixa de noite. (...) o açougueiro saiu por causa que ele não conseguiu usar máscara, o cara não conseguia, sabe? Isso que a gente começa a reclamar e acabava ficando com medo, tomando multa. Que a multa, pelo que eu sei, era uma multa alta, né? Uma multa grave, aí não deu.*

### **Respondente J**

O respondente J tem 63 anos, e aposentado e mora com a filha mais nova, de 12 anos. Ele não relatou dificuldades financeiras decorrentes da pandemia, mas mencionou que os dois filhos mais velhos, que moram no exterior, eventualmente o ajudam financeiramente, quando necessário.

*J: (...) Eu sou aposentado.*

*P: O senhor trabalhava no que?*

*J: Era motorista (...) de caminhão, de ônibus, de tudo um pouco [risos]*

*P: E como é que foi durante a pandemia, o senhor conseguiu se sustentar com sua renda?*

*J: Sim, a minha renda é renda de motorista, né? Aí mais ou menos dá pra viver eu e ela tranquilo. É que antes eu pagava uma pensão pra ela já, né? Era quase seiscentos reais a menos, né? (...) Agora não, agora já reverteu tudo (...) e meus filhos também, aqueles lá do exterior, eles me [...] sempre mandavam algum quando eu precisava de qualquer coisa, eles me ligavam “pai, como é que tá a coisa aí?” eles me mandavam, né?”*

### **Respondente K**

A respondente K trabalha como auxiliar de limpeza em uma escola, e todos os três coabitantes da residência trabalham. Em virtude do seu vínculo empregatício, ela não relatou dificuldades financeiras durante a pandemia, mas deixa evidente que a sua mãe, mesmo com problemas de saúde, ainda precisa trabalhar.

*K: (...) Eu tô morando com meu pai e com a minha mãe e o outro filho mais velho.*

*P: Ah, sim. Moram todos juntos. Como é que foi? Quem é que trabalha na casa onde a senhora mora? Os seus pais trabalham também?*

*K: Meu pai, minha mãe (...) meu pai trabalha todo dia, daí o filho mais velho, daí a minha mãe, ela trabalha só nas quartas-feiras. Que ela também ... ela também passou já por várias cirurgias já de varizes também*

### **Respondente L**

A respondente L é aposentada por invalidez e mora com a filha, que trabalha como representante comercial. Ela relata que não recebeu nenhum outro auxílio

financeiro durante a pandemia, e deixa claro que, em virtude da natureza do trabalho da filha, a situação econômica da residência foi afetada durante a pandemia.

*P: E como é que foi, durante a pandemia? A senhora recebeu algum auxílio do governo? Só a aposentadoria?*

*L: Só a aposentadoria (...) e aí foi mais difícil, né? Porque a minha filha também, as vendas dela não foi muito bem, né? Porque as pessoas também não conseguiam quase, né? Vender. Daí ficou meio apertado. Agora que a gente tá se [...] quase conseguindo sair das conta. (Ela) seguiu trabalhando, não dava muito, mas tinha que trabalhar, né? Se não (...)*

### **Respondente M**

A respondente M, na época em que foi realizada a entrevista, trabalhava como vendedora em uma loja de roupas. Porém, no início da pandemia, a respondente era funcionária de um hotel, e foi demitida após retornar da licença maternidade.

*P: E tu seguiu trabalhando? Tu já trabalhavas na loja?*

*M: Não, eu trabalhava num hotel. Daí assim que (...) veio o coronavírus eles me afastaram. Porque, como eu era gestante e asmática, e lá tinha muita gente [...] como é um hotel tinha muita gente de tudo que é lugar (...) então eles não queriam que ficasse gente gestante lá, eles me afastaram e eu continuei recebendo até o final da gestação. Entrei em licença maternidade e (...) depois eu voltei a trabalhar e depois de um mês, eu fui demitida.*

Ela relatou, ainda, que na época da pandemia, o marido trabalhava em uma empresa de salgados congelados, porém mudou de ramo e começou a trabalhar de casa, com bolsa de valores.

*P: E o teu esposo ele trabalha com o que?*

*M: Ele trabalha de home office (...) Ele trabalha com bolsa de valores.*

*P: Ah sim. E aí, então, para ele não afetou muito essa questão do trabalho durante a pandemia?*

*M: Na verdade, não, na verdade assim, ele trabalhava, ahn, numa empresa de salgados e congelados.*

A respondente relata que a questão financeira foi um dos aspectos mais difíceis da pandemia, destacando que teve dificuldade para comprar alimentos, especialmente porque estava grávida e sentia mais fome, o que mudou o padrão de consumo da residência.

*M: Porque assim, as pessoas em casa comem muito, tudo subiu, tudo! Na verdade, tu vai comprar um arroz, tá horrível de caro, uma coisa que era tão barata. Um azeite, muito caro. Então, foi assim, a gente passou muita dificuldade, mesmo ele trabalhando e mesmo eu recebendo pelo governo, sabe? Porque a gente em casa, ainda mais gestante, eu comia muito e não tinha muito o que comer, eu tive anemia na gravidez por não ter muito o que comer, entende? Por não ter exatamente o que era pra mim comer, qual a dieta era pra mim fazer, entende? Então, foi bem financeiro por conta da comida, afetou muita gente.*

### **Respondente N**

A respondente N mora com o marido, e ambos são aposentados. Ela não relatou mudança na situação financeira, porém demonstrou que em alguns momentos sentiu-se sobrecarregada com as tarefas domésticas, uma vez que ela e o marido ficaram isolados em casa.

*N: (...) Daí eu [...] deu em nós dois e a gente não saía de casa, não sei como a gente pegou.*

*P: E aí, vocês ficam praticamente sozinhos? A senhora e o seu esposo? Fizeram tudo sozinhos? A senhora cozinha? Tudo?*

*N: Ah sim! Tudo! Nós fizemos (...) A gente faz assim, um dia limpa uma peça, que a minha casa é bem grande lá pra dentro, depois limpa a cozinha.*

### **Considerações sobre as respostas do Tema 1: trabalho e finanças**

Como foi possível observar nos trechos destacados acima, as entrevistas confirmaram a importância da categoria analítica que engloba as questões econômicas e laborais e as estratégias de sobrevivências adotadas pelas pessoas e pelas famílias para manterem o sustento ao mesmo tempo que precisavam manter sua saúde. Vários trechos das entrevistas evidenciam o impacto da pandemia sobre as condições de trabalho dos participantes, e sobre a mudança na situação econômica, em diferentes níveis.

A instabilidade gerada pelos empregos informais ficou ainda mais evidenciada durante o período da pandemia, visto que os empregadores, ao perceberem o impacto negativo da pandemia sobre seus negócios, tinham liberdade para demitir os trabalhadores, especialmente aqueles não cobertos pelas garantias trabalhistas proporcionadas pelos contratos formais de trabalho, como destacamos aqui através de um trecho da entrevista da respondente E ao falar sobre o aspecto mais difícil da pandemia: *“Ah, acho que foi, né ... a parte financeira porque quem trabalha assim, que não (...) uns que tinham carteira assinada foram despedidos, né? Quem não trabalha com carteira assinada piorou a situação, né?”*.

Outro aspecto evidenciado nas entrevistas foi o aumento dos custos básicos de sobrevivência durante a pandemia, justamente em um momento em que as famílias passavam por maiores dificuldades financeiras. Uma das entrevistadas, por exemplo, relatou que houve um aumento de mais de 30% nos gastos familiares no mercado durante o período da pandemia. Ainda, a respondente B trouxe um outro aspecto sobre os impactos nas finanças familiares, quando relata que, durante a pandemia, o fato de as crianças ficarem em casa gerou um aumento no consumo de alimentos,

quando ela diz: “(...) *tu gasta mais porque a criança em casa ela come mais. Então eles estão sempre comendo.*” Os respondentes G e N, ambos aposentados, não deram ênfase aos impactos financeiros causados pela pandemia.

Talvez o depoimento mais dramático sobre o aspecto financeiro e as implicações no trabalho e na vida profissional, tenha vindo da entrevistada que ficou grávida durante a pandemia, uma vez, ao retornar às atividades laborais após a licença maternidade, a trabalhadora foi demitida.

Mesmo nos casos em que o entrevistado aparentemente não valoriza a pandemia, tendo inclusive relatado que sua família não passou por dificuldades financeiras, fica evidente certa contradição, pois o próprio entrevistado relata que os negócios diminuíram muito. Aparentemente, o fato de que o entrevistado recebeu um dinheiro como parte de processo judicial amenizou a gravidade dos problemas financeiros causados pela pandemia. Porém, apesar disso, quando o assunto envolve os trabalhadores da empresa gerenciada pela família do entrevistado, fica nítido o impacto da pandemia sobre as finanças e nas relações de trabalho.

Por fim, considerando as realidades apresentadas, podemos destacar que situações como mudança de emprego, retorno ao mercado de trabalho, sobrecarga e exaustão em profissionais que trabalhavam em funções relacionada a pandemia e diminuição de renda, foram os aspectos mais evidentes nas falas dos respondentes.

## **Tema 2: Saúde**

2-A) Como o(a) Sr. (a) e sua família lidaram com a questão de saúde durante a pandemia? Usaram algum tratamento/medicamento para prevenir Covid-19?

Quais foram as estratégias para a prevenção?

2-B) Como foi o uso de máscaras? Conseguiu limpar as mãos com álcool gel, água e sabão? Houve algum outro procedimento para evitar a contaminação?

Conseguiu cumprir as recomendações dos órgãos de saúde?

2-C) O Sr./Sra. praticou o distanciamento social recomendado pela medicina?

2-D) O(A) Sr. (a) acha que existe algum remédio que cura Covid-19? O(A) Sr.

(a) já se vacinou? Vai se vacinar? Acredita na vacina ou tem algum medo?

2-E) Alguém da sua família teve Covid-19? O(A) Sr. (a) perdeu alguém próximo para o coronavírus?

### **Respondente A**

O respondente A, de 60 anos, mora com duas irmãs e a mãe, de 88 anos. Até o momento da entrevista, nenhum dos dois havia contraído a doença. Porém, o entrevistado menciona que “apesar da vacina”, o irmão pegou. Muitas vezes ele agradece `a Deus.

*A: (...) Ela (a mãe) teve até um negócio assim de uma gripe, mas ela não teve, graças a Deus... eu que ando na rua aí também, graças a Deus também não peguei essa porcaria, por enquanto, Deus que me ajude. A gente faz o possível... e o meu irmão que é aposentado também, pois ele fez as duas vacinas e ele pegou... Ele não precisou (ficar internado), ele não precisou, só ficou em casa acho que uns quinze dias, porque a firma deu para ele... não, dez dias, porque a firma tinha dado para ele, porque daí ele voltou, fez o teste, tava bom, não é...*

### **Respondente B**

A respondente B tem 40 anos, mora com o marido, o filho de 11 anos, que tem autismo, e a filha de 15 anos. Ao ser perguntada sobre a manutenção das atividades e consultas para o filho autista, ela diz que sim, mas relata uma série de percalços.

*B: Ah, sim, e agora, agora ele (se referindo ao filho) anda com pânico de sair de casa, agora para nós ir pra cá já foi uma função toda, porque a gente já teve duas vezes de quarentena, né? Era suspeita de COVID, mas graças a Deus não teve (...) eu ia para a escola pegava ele, levava ele para terapia ocupacional lá. Ali no Amílcar Gigante. Aí ele fazia terapia ocupacional ali, mas na pandemia ele continuou fazendo terapia ocupacional, né, via celular. Custou, assim, mas ele aprendeu bastante. Ele pegou uma terapeuta assim maravilhosa, né, a (...) assim uma pessoa maravilhosa porque ela conseguia trabalhar comigo e eu com ela em conjunto e em conjunto com a psicopedagoga. Deu super certo, né. Ele conseguiu... ele aprendeu amarrar os cadarços, né... ele conseguiu...*

Ao responder sobre os cuidados e proteção durante a pandemia, ela faz um relato interessante sobre uma estratégia adotada pelo marido. Na mesma resposta, ela demonstra preocupação com a saúde dos filhos, que naquele momento ainda não podiam receber a vacina, especialmente com a filha mais velha, que em virtude do seu transtorno, segundo a mãe, teria mais dificuldades com os cuidados na escola.

*P: E então, com todas as dificuldades conseguiram fazer distanciamento social, conseguiram comprar máscaras, álcool em gel, seguir as recomendações?*

*B: Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... O marido tem um tubo de mostarda dentro da mochila cheio de álcool e a gente anda sempre com os flaconetes com álcool, para proteção... claro que se voltarem as aulas, o R. e a I. eu não vou mandar, eu já assinei termos na escola que eu não mandaria eles, até porque eles não tão vacinados. Se a I. ainda se vacinasse, até poderia eu deixar, né. Mas no caso dela como é mais difícil né, porque tem que ter toda aquela concentração para ela poder entender o que está se passando, tu acaba te cansando muito, né.*

Em outro momento, ao falar das dificuldades, a participante também relata indícios de fragilidade na sua saúde mental:

*B: (...) Daí eu trouxe ela aqui, conversei com o Dr. (...), com o Dr. (...), aí eles me encaminharam o médico neurologista, porque eu também tenho ... eu sou diagnosticada com crise de pânico generalizado e crises de ansiedade.*

### **Respondente C**

A participante C, com seu relato, amplia os elementos referentes à categoria analítica relacionada aos impactos da pandemia sobre a saúde das pessoas e das famílias. Por atuar em serviço de saúde que lida diretamente com pessoas com Covid-19, a participante manifesta sofrimento mental e relata ter tomado medicações para ajudá-la a lidar com tal sofrimento. Ao relatar que viu muita gente sofrendo, fica nítida a preocupação, consciente ou inconsciente, de que sua família passasse pelos mesmos sofrimentos.

*C: Não, não, eu tô assim, na verdade eu estou trabalhando na área do COVID, né, lá na FAU. E eu tô até bastante agitada. Não sei se é devido a isso aí... a gente pega muita sobrecarga das pessoas... eu já tive aí outro dia, agora me deram um calmante para mim, só que para mim não tá me adiantando, está abalando o coração. Daí hoje eu vim para ver o que está acontecendo, porque está cada vez pior.*

*C: Não, tá, tá bem, bem complicada a situação. Já trabalhei na parte de cima, lá do COVID e daí para eles me tirarem porque a gente viu muita coisa ruim e acho que isso aí, não sei., tá me abalando cada vez pior. Eu estou bem, bem ruim...*

A participante também reporta as estratégias de sobrevivência adotadas quando ela própria foi contaminada com Covid-19. Tendo em vista sua experiência na área da saúde, a entrevistada isolou-se do filho e do marido, para diminuir o risco de contaminação, especialmente devido ao fato de o marido ter diabetes, uma doença que aumenta o risco de casos graves de Covid-19.

*P: E a senhora precisou internar ou ficou em casa?*

*C: Não, fiquei só em casa, fiquei em casa. E aí me afastei do filho e do marido, né, para eles não pegarem. Como o meu marido tem...*

*P: Fez isolamento em casa mesmo, como foi?*

*C: Fiz em casa... e ele tem diabete, né... e daí eu fiquei no quarto lá, sozinha, lá trancada lá. Tinha banheiro até...*

*P: E quem é que lhe fazia comida, essas coisas?*

*C: Ah, ele fazia, me botava na porta, eu abria e pagava. Fiquei me cuidando ali... ah é bobagem! ... Não, não é bobagem não, porque se você se pegarem... a gente via né... do jeito que tava lá. Então vou ficar sozinha e vocês ficam aí. Aí fiquei por 10 dias... 10 dias, daí não senti mais sintomas, era dor de cabeça só que eu tinha, né, e muita tosse... e ainda tenho tosse também... diz que isso é normal, a pessoa tem também...*

## Respondente D

A respondente D, que é aposentada, relatou que não havia contraído Covid e que estava seguindo as recomendações de isolamento, mas manifestou que esse cuidado com a saúde teve um custo, que foi o afastamento dos netos e filhos e o isolamento no seu apartamento, visto que ela mora sozinha. Ela relata crises de ansiedade e depressão, bem como outros sintomas decorrentes do abalo emocional sofrido.

*D: Não, não, os netos estão na casa deles, trabalhando, estão lá, tudo isolado. Tá todo mundo isolado. Eles não entram na minha casa, nem eu na deles, estou assim, confinada dentro de casa. Eu só saio como agora, para vir aqui, porque por incrível que pareça eu tenho convênio, mas um médico adoeceu, o outro se aposentou, o outro tá com COVID, o outro... então...*

*D: Pra mim foi muito difícil eu ficar muito isolada, porque os apartamentos lhe separam do... como é que é... do meio (...) do convívio. E agora tu não tem convívio com ninguém, isso que tá me deixando muito depressiva, muito ansiosa, eu tive uma crise de ansiedade muito grande, e continuo assim, não tenho vontade de comer, estou com inapetência, eu tenho crises assim emocionais, muito difícil, muito, muito difícil...*

Em outro trecho da entrevista, ela retoma o assunto sobre a sensação de dificuldade em realizar tarefas e atividades simples, além do desamparo:

*D: Tinha o fim de semana, com as amigas, passava o fim de semana, ia ao centro, de tarde, dar uma voltinha, sempre tinha alguma colega, amiga, que a gente se encontrava, ia num barzinho, tomava um cafezinho... hoje não, eu estou completamente isolada, nem pessoas para se fazer uma limpeza, nada, não se consegue mais ninguém! Nem para te acompanhar a ir ao médico. Vou fazer uma cirurgia de catarata, agora dia 26... Não, dia 16, estou enxergando muito pouco com o olho esquerdo. E eu não estou conseguindo ninguém para me acompanhar. Tá difícil!*

Ao falar sobre o acompanhamento dos cuidados com a saúde, ela respondeu:

*P: E a senhora seguiu consultando e se cuidando durante a pandemia ou evitou?*

*D: Não, porque os médicos nem tavam atendendo. Não tinha médico que atendesse. Então isto aí me causou um transtorno muito grande porque o meu médico que, que eu vou mais seguido não está bem. O outro, Dr. (...), que foi meu chefe, também está impossibilitado. Então... ninguém quer atender. Fiz até a panorâmica, estou esperando.*

## Respondente E

A respondente E, que trabalha como faxineira e mora com o marido, três filhos e neto, disse que mesmo trabalhando conseguiu seguir as orientações de saúde indicadas durante a pandemia, mas demonstrou sinais de fragilidade na sua saúde e preocupação com a saúde do neto.

*E: Eu ... não chegou a me dar covid, mas me deu infecção respiratória, me deu ... até cheguei a baixar o hospital, ahn, sinusite, eu me ataco muito, né? É, só me apavorei mesmo quando foi meu neto que ficou com a [...] pegou a*

*covid porque ali tava no começo. Ele pegou no começo então ali eu entrei em pânico, né?*

### **Respondente F**

A respondente F relatou que, ao contrair Covid, além de ter que enfrentar os sintomas e consequências da doença, sentiu-se sobrecarregada, pois estava amamentando a filha, que na época tinha um mês de idade.

*F: Mas a primeira vez que eu peguei eu perdi paladar, perdi olfato, perdi tudo, sabe? Só queria ficar na cama, febre alta ... Daí a minha menina, novinha né? Foi, acho que em janeiro, se não me engano, ela é de dezembro, então, ela tinha um mês, sabe? E eu amamentava. Ai, eu fiquei bem, mas bem louca, né? Ai o médico me recomendou a botar a máscara pra amamentar ela.*

*P: E ela pegou ou não?*

*F: Pegou!*

A respondente também trouxe um outro aspecto sobre os cuidados com a saúde durante a pandemia, quando respondeu sobre as dificuldades do período, dizendo que inicialmente procurava seguir as orientações de segurança para evitar o vírus, mas que, eventualmente, já não se cuidava mais.

*F: Ah, eu digo que seria os cuidados porque, tipo, uns se cuidam, outros não. Né? Eu digo por mim mesmo, eu de início fiquei com medo e tal, mas aí depois de um tempo já não dei tanta bola. Então, eu não me cuidava o suficiente.*

### **Respondente G**

A respondente G afirmou que, até o momento da entrevista, nem ela nem o marido haviam contraído o vírus da Covid, e ressalta que seguiu convivendo com outros membros da família que foram infectados. Diz que conseguiu manter as reuniões familiares, porém, ao mesmo tempo, quando responde sobre o aspecto mais difícil enfrentado durante a pandemia, ela diz que foi o isolamento e a diminuição nos seus passeios.

*P: E a senhora teve covid em algum momento ou não?*

*G: Graças a Deus não, Nem eu e nem meu velho. E a minha guria, toda a família, até o bebê de três meses já pegou covid. E eu convivi com eles e não peguei. Eu convivi com outra guria também, minha neta, também pegou covid e eu não peguei. Eu tenho catorze netos e tenho três bisnetos*

*P: E como é que foi durante a pandemia, a senhora seguiu vendo eles ou evitou?*

*G: Sempre (...) tão tudo bem, graças a Deus ... Eu achei que foi mais difícil eu não poder dar umas passeadas, a gente ficou mais isolado, dentro de casa, né?*

## Respondente H

A entrevista da respondente H, que trabalha como doméstica em uma residência de duas pessoas idosas, traz alguns pontos interessantes que transitam no âmbito da saúde e também das relações de trabalho. Ela relata que os seus empregadores optaram por manter ela trabalhando, mas estavam atentos ao estado de saúde da respondente. Essa preocupação dos empregadores 'é vista pela respondente como positiva, porém, mais adiante, ela admite que não gosta de faltar ao trabalho para consultar e ter que dar explicação, e finaliza dizendo que só procura auxílio médico quando se sente realmente “*muito ruim*”, dizendo que precisar dar “*explicação*”.

*H: É que na casa que eu trabalho são pessoas mais de idade, né? Então, eu usava máscara, não dentro da casa, mas quando eu chegava usava álcool e coisa porque nenhum dos dois pegou. Nenhum dos dois pegou covid até hoje. Então, os cuidados que eu tinha era usar máscara no ônibus, usar máscara fora e quando eu chegava passava álcool e coisa e daí fiquei trabalhando. Mas, eles sempre me apoiaram se tivesse qualquer coisinha, eles sempre me mandavam ir fazer teste e coisa. É, que nem ontem que eu tava engripada, daí ela disse pra mim: “vai consultar, tá? Vai consultar”. Porque eu não gosto de botar atestado, daí a gente chega lá e dá explicação porque tu faltou. Ah, não, eu prefiro ir trabalhar. E outra coisa, tu vem aqui e tu fica a manhã inteira esperando ... pra ti ser atendida. Eu trabalho das sete à uma. Vou sair daqui meio dia, mais uma hora. Então, eu só venho quando eu to muito ruim mesmo, sabe?*

Quando questionada sobre os moradores da casa que contraíram o vírus, ela responde que a mãe sofreu mais consequências, pois desenvolveu diabetes e também está hipertensa.

*H: Ah, eu tive, mas tive ... como é que é aquele, assintomático, né? A minha mãe teve, foi internada, tudo. Usou oxigênio, tudo, ficou vinte e poucos dias internada no hospital da cidade, mas graças a Deus, melhorou. Só que agora os sintomas, (...) mais sintomas, ficou com queda de cabelo, esquecida. Tem coisa que ela não tinha e tem agora. Não tinha diabete, agora tem, não tinha pressão alta, agora tem.*

*P: Mas agora ela está bem?*

*H: Tá bem. Só que daí ficou, né? Com diabete, com pressão alta.*

## Respondente I

O respondente I tem 32 anos e mora com a esposa. Durante a sua entrevista, relatou que não contraiu o vírus, mesmo quando a esposa testou positivo. Em alguns momentos e falas ele demonstra desconfiança em relação a vacina e também ao vírus, ao mesmo tempo que afirmou que usou máscara e frequentemente utilizava álcool em gel pra se proteger.

*I: (...) tanto que eu achei uma coisa estranha quando ela pegou covid, né? No caso ... E a gente morando junto, eu não peguei, não tive nada. Sempre achei*

*estranho essas histórias, essas vacinas que eles querem obrigar a tomar. Eu não tomei vacina nenhuma, nem gosto. Sou bem contra isso, sabe? Tenho a minha opinião, respeito quem toma. É como quem tem opiniões diferentes, seres humanos são pessoas diferentes*

*P: E a tua esposa ficou bem? Quando ela teve ovid?*

*I: Ficou, ela só teve dor de cabeça até, daí ela foi e falaram que tava com covid, né? Aí eu sempre achei estranho a história do covid, daí eu fui fazer o teste e não deu. O nome dela é (...), ela até fez o teste nesse posto aqui. Aí eu não tive covid, ali pra mim foi, foi onde eu vi que bah! Eu não sei, tive uma opinião estranha, acho essas vacinas muito estranha, te obrigarem que nem te obrigavam. O cara não acredita, mas fica com o pé atrás, tem que cuidar, tem que usar máscara.*

*I: Álcool gel, eu comecei a pegar uma mania de passar álcool gel, louco assim ó, tava louco, tava sempre (...) conversava contigo, botava a mão na mesa, já tinha que passar álcool gel. Me cuidei, entendeu? Não acreditando, mas também não sou ... não vou também me abraçar e pegar todo mundo na rua.*

O trecho a seguir também demonstra o ceticismo do respondente em relação ao vírus, especialmente pelo fato de a esposa ter positivado para Covid e ele, não.

*P: Mas tu acreditas no vírus? Na circulação do vírus?*

*I: Não acredito nesse vírus que eles tão falando pra nós, eu acredito que essa, essa gente controla tudo e pra mim eles vão testando algumas coisas, até pra num futuro querer diminuir a população. E pra mim não interessa, é um vírus qualquer, uma coisa que tão testando na gente, entendeu? Porque, querendo ou não, eles não trataram com seriedade, se for pesquisar e ver algumas coisas tem muito cara que já é desse ramo aí que nem quis se vacinar, entendeu? Tem muito (...) não sei se tu acompanhou, tem um (...) ah, não dez deles lá, eu sei que três só se vacinaram, uma série de coisas, sabe? Então, pra mim, eu creio que (...) eles passam uma informação pra gente, população, nós assim, né? Faz um alarde e às vezes não é tudo isso. Tanto que tem várias coisas, vários casos, eu mesmo, como te expliquei, minha esposa pegou e eu não peguei, eu não tive covid nessa pandemia, entendeu?*

Mais adiante, durante a entrevista, o respondente relata que estava no posto de saúde naquele momento pois é usuário de drogas, e participaria de um grupo de apoio, que exige a realização do teste de covid para que o participante pudesse comparecer na reunião presencial.

*I: Eu tô aqui por causa que eu preciso de um exame, né? Que eu vou participar de um grupo, por causa de drogadição, né? Porque eu tenho problema com drogas, com cocaína. Aí eu vou participar de um grupo lá e pra participar desse grupo tem que ter um teste de covid. Eles não deixam participar. Eu me trato já faz dois anos. Eu tenho umas recaídas, às vezes, não muito, mas tenho. E eu quero tentar zerar isso e eu tô tentando participar de um grupo de pessoas, no CAPs.*

Ao ser questionado sobre as maiores dificuldades e preocupações durante a pandemia, o respondente menciona que se preocupava com os pais e com a possibilidade de contraírem o vírus, especialmente, dele transmitir aos pais.

*I: Meu pai velho. Não, meus pais e a minha vó, eu tinha preocupação. Meus avós e meu pai, que meu pai é velho, minha mãe é nova, minha mãe tem quarenta e seis anos. Meu pai tem sessenta e sete, eles têm uma diferença de idade muito grande, mais de vinte anos. Não, é, dezoito anos. Aí eu ficava*

*bem preocupado com ele, até tinha medo de eu pegar ... Porque eu me cuido, eu faço academia, um monte de coisinha. Então, eu não, eu não, tipo, até se eu pegasse, eu achava que eu ia me sair bem até, entendeu? Eu tinha medo de eu pegar e ir lá e passar pra ele, entendeu? Por mais que eu não acreditasse, como eu te falei, né?*

Em outro trecho, o respondente reforça sua preocupação com os pais, apesar da sua opinião sobre o vírus e a pandemia. Ainda, ele relata que fez o teste diversas vezes.

*I: Então, eu tenho minha opinião formada sobre aquelas coisas, mas eu vou seguir tudo que falam pra seguir, tipo, usar álcool gel, usar uma máscara, evitar [...] Eu não vou, por causa da minha forma de pensar, eu vou lá botar meu pai e a minha mãe em risco, entendeu? Então, eu me cuidei, com certeza. Eu tentei (...) fazer bolinho (...) essas vez que eu fui em aniversário (...) a gente fez (...) fui no aniversário e a gente foi fazer exame logo em seguida, esse do palitinho que eu acho horrível. Esses exames eu fiz umas nove, dez vezes, eu acho.*

Ainda no que se refere à vacinação, um trecho da entrevista chama atenção. O participante relata que teve a chance de não tomar a vacina porque seu irmão é o dono do negócio onde ele trabalha. Já os demais trabalhadores não tiveram essa escolha e precisaram tomar a vacina, ou seriam demitidos.

*I: (...) como é que eu vou te falar? Tu é obrigada a fazer certas coisas, entendeu? Eu não tomei a vacina porque meu irmão é dono do mercado, porque teve funcionário que foi obrigado a tomar a vacina. (...) ele teve funcionário, uma caixa, a (...) que ela não queria tomar vacina e eles falaram “se tu não tomar a vacina, tu vai pra rua”. Então, tipo, é uma ditadura ou tu vai tomar ou tu ... entendeu?*

Quando perguntado sobre os impactos de ser usuário de droga, especialmente durante a pandemia, ele respondeu que faz uso da substância mesmo durante o expediente de trabalho, mas manifesta preocupação com a saúde.

*I: Cara, como, como eu uso (...) eu tô com trinta e um, eu uso desde os dezoito, né? Eu parei e botei o pé no freio desde os vinte e oito, então, faz uns três anos. Eu uso tranquilo no trabalho, eu não deixo de fazer as minhas coisas, se eu for usar, eu uso no trabalho, não deixo de dar atenção pra minha esposa, não deixo de comprar as coisas pra dentro de casa. Eu nunca, eu nunca roubei de dentro de casa, nada. Como eu não ganho mal, eu não ganho bem, mas não ganho mal. Eu consigo sustentar meu vício, mas eu não quero, não pelo fato financeiro. Eu não quero porque não quero. Faz mal, saúde, tudo mais. Aí tem uma tia minha que trabalha em Viamão, que ela que me ajudou muito no início, acho que foi até ela que me deu essa roupinha, ela trabalha na prefeitura lá... O marido dela é da prefeitura. Aí eles me ajudaram bastante eles no início, né? Eles começaram, né? “Bah, não precisa disso, tu é um guri bom” porque eles descobriram foi num natal lá que eles me pegaram usando lá e “Bah, ó meu! Por que tu tá fazendo isso? Nunca imaginei!”. Aí “pum” parece que eu comecei a me virar, né? Pior que não preciso dessas coisas. No final, se tu for ver, daqui uns vinte anos, isso vai impactar na minha saúde, entendeu? Por mais que eu ache que não, aí eu comecei a me cuidar mais, né? Agora tô aí, em tratamento faz um tempo, mas eu tenho muita recaída, tipo, dia cinco, esses dias, sabe? Que tu pega*

*dinheiro na mão, bah, é complicado pra mim, né cara? Quando caí o pagamento, eu vejo assim, bah, meu Deus do céu!*

### **Respondente J**

Quando questionado se já havia contraído o vírus da Covid, o respondente afirmou que sim, e que apesar do tempo decorrido desde a sua infecção, ele ainda sofre com alguns sintomas e consequências. Apesar disso, não relatou outras questões sobre saúde, afirmando que conseguiu seguir as recomendações durante a pandemia.

*J: Tive, faz um [...] quase um ano mais ou menos, eu tive. Até isso aí, eu vou falar com o médico, tem certas coisas que eu como, eu não sinto gosto, mas tem outras coisas, eu me alimento legal. O café mesmo é uma coisa que eu tomo, mas é a mesma coisa que não tá tomando, [risos] não tem gosto! Nem café com leite, nem nada, não tem gosto pra mim. Depois que eu tive a covid, tive isso aí faz um ano, a minha diabetes é sempre, sempre alta. Sempre duzentos e pouco, duzentos e cinquenta, duzentos e sessenta, duzentos e setenta. Eu tenho uma lista aqui que eu fiz dos quinze dias agora. Foi isso aí só. É duas coisas: é o café e essa diabetes alta sempre, de mais (...) Só que daí a diabetes minha só subiu que ela era na base de 120, 130. Agora não baixa nunca de 200.*

### **Respondente K**

A respondente K Trabalha como auxiliar de limpeza em uma escola. Ela afirma que sofre de doença venosa nos membros inferiores. Disse que dentre os coabitantes da sua residência, apenas o pai, de 52 anos de idade, teve Covid.

*K: Meu pai teve. O pai, meu pai teve (...) mas ele quando descobriu que teve ficou bem louco, ficou bem nervoso, não queria nem chegar perto assim, de nós. Ele dizia “quanto mais longe de vocês, é melhor eu ficar”. Ele ficou numa (...) como eu tenho minhas peças nos fundos, ele ficou lá, ele se isolou lá. Ele mesmo se isolou lá, fez ele mesmo fazia o café dele, fazia a comida dele, levou os prato, levou os copo, tudo pra lá, até se recuperar bem.*

### **Respondente L**

A respondente L mora com uma filha, dois filhos, o marido e a neta. Ela conta que conseguiu manter os cuidados recomendados durante a pandemia, mas relata dificuldades por causa das mudanças nos hábitos diários, como pequenas caminhadas e visitas.

*L: Nós temo aposentada. Me aposentei por invalidez, né? Porque deu desgaste no quadril e na coluna.  
P: E a senhora trabalhava no que?  
L: Na Colônia (...) daí [incompreensível] tem que dobrar lá, né? Firmava muito a perna pra subi o cerro [risos].  
P: E o seu marido também e aposentado?  
L: Sim! Ele teve um AVC, né? Daí ele também ficou encostado e depois se aposentou (...) É, a gente não saía, né? Difícil.*

Sobre a manutenção dos cuidados com a saúde durante a pandemia, e também sobre os desafios enfrentados na rotina do período pandêmico, ela afirmou:

*L: Ah, foi mais difícil que a gente não conhecia isso aí, né? A gente tinha que ficar em casa, meio parado, né? Acostumado a fazer as caminhadas por causa da coluna, né? Daí não dava pra sair (...) sair na rua, né? Tem que ficar meio parado, né? Foi meio difícil, daí tem outro filho lá fora também que não dava pra visitar, né? Nem os netos dava pra visitar, né?*

### **Respondente M**

A respondente M tem 22 anos, e ficou grávida durante a pandemia. Além das precauções básicas, o relato da participante expõe outros aspectos referentes à saúde, enquanto gestante e parturiente em uma realidade pandêmica.

*M: Na pandemia, foi bem complicado porque eu descobri a gravidez ... porque eu sou asmática. Então, era muito risco, né? Na verdade. E eu passei assim, um belo sufoco porque aqui ficou bem complicado as, as consultas ... as ecografias pior ainda, entende? Então, foi bem complicado tudo, em questão de ecografia, é, marcação de consulta. No final da gestação, ahn, eles pulavam as minhas consultas (...). Até porque eu tava no final já, eu já tava com dilatação e daí eles ficavam remarcando as minhas consultas, eu vinha pra ser atendida e não me atendiam.*

*P: Foi a primeira gestação, certo?*

*M: É, sim! Claro, qualquer dor eu não sabia se era normal ou não era. Eu me assustei bastante, até porque eu era tentante. Eu tentei engravidar e quando eu consegui, eu fiquei um ano e meio tentando, eu não conseguia engravidar. Quando eu consegui engravidar e veio o coronavírus, eu praticamente entrei... eu tinha que tomar fluoxetina porque eu ficava muito ansiosa, eu ficava nervosa por tudo. Então, afetou bastante*

*M: Ela nasceu, ela nasceu dia dezenove de outubro ... de 2020. No hospital Conceição. Uma semana, fiquei uma semana inteira, antes do nascimento dela, sangrando, é, vazando líquido e eu ia no hospital todo dia pra tomar soro, né? Porque eles não queriam me baixar pra induzir, eles queriam segurar ela um pouco mais, pra ter um parto natural, que não queriam induzir. E pra mim foi, né ... foi uma coisa bem nova, bem complicada. Eu tive ... eu fiquei 7 horas em trabalho de parto.*

Quando questionada se teve acompanhamento do marido ou familiar durante o parto, ela relata que sim, mas com limitações. Ela relata apreensão e insegurança, uma vez que após o parto, ficou sozinha com a filha.

*M: Eu tive ele (se referindo ao marido) no parto, daí ele foi no parto, ficou uma hora junto com a gente e depois ele foi embora. Não tinha visita, não deixaram fazer visitação e daí depois ele foi me buscar. E na verdade pra mim foi bem complicado porque, como era primeira, por mais que eu já tivesse cuidado dos meus irmãos, como era primeira, eu tinha medo de deixar ela pra mim tomar um banho. Porque era mais pessoas no quarto, entendeu? Então, a gente tem aquele medo. Eu tinha medo de roubarem ela, entendeu? E daí pra mim tudo, eu não conseguia dormir porque eu tinha medo que alguém entrasse e pegasse ela. Então, faltou alguém ali comigo, entendeu? E agora eu não sei como vai ser neste porque ainda estamos na pandemia.*

Contou que, estando grávida, procurou seguir as recomendações para evitar contrair o vírus, porém, por ser asmática, tinha dificuldades em utilizar a máscara de

proteção, o que fazia com que ela ficasse bastante tempo sozinha em casa, isolada, uma vez que o marido seguiu trabalhando normalmente. Ela relata que essa situação inclusive causou quadros de ansiedade. Em outro trecho, ela relata que passou a tomar medicação para tratar a ansiedade.

*M: Foi péssimo. Não, na verdade não tinha ninguém, né? Como todo mundo trabalhava, minha sogra, ela era bastante ocupada, meu marido tava trabalhando. Foi bem complicado pra mim, até porque eu não sou de ficar em casa. Daí eu fiquei praticamente trancada, sabe? Pra mim foi bem frustrante até, tanto que daí, isso aí me deixava bem nervosa, me deixava muito ansiosa, daí tinha a gestação, daí não podia sair pra rua. E eu, como sou asmática, qualquer coisa me sufoca. Todo o lugar que eu ia a máscara era bem péssima, sabe? Mas, eu usava, só que era bem complicado. Daí, depois do parto eu continuei tomando fluoxetina porque eu tinha muito medo da minha filha pegar alguma coisa, sabe?*

*P: E tu já usava medicamento antes, para dormir?*

*M: Não.*

*P: Tu achas que isso (o quadro de ansiedade) foi gerado durante essa situação?*

*M: Por conta da pandemia. Eu não usava nada. Nunca tive problema com ansiedade, nada. O que me sufocou bastante foi saber que eu estava grávida numa pandemia e que vendo na televisão muita gente estava morrendo e que, como acontece com muita gente, não tá livre, ninguém tá livre, né? Eu tinha bastante medo.*

## **Respondente N**

A respondente N afirmou que, apesar dos cuidados e de cumprir o isolamento, ela e o marido contraíram o vírus.

*N: Deu em nós dois e a gente não saía de casa, não sei como a gente pegou. Usava álcool, esterilizava bem a casa, ahn, eu acho que foi do lado. Porque daí do lado da minha casa deu ... na ... no dono da casa, dois filhos e duas filhas. Morreu a mulher e as duas filhas.*

*P: Seus vizinhos?*

*N: Vizinha. Do outro lado morreu (...) a mulher (...). Do outro lado morreu outra mulher, nos fundos morreu um homem, na frente morreu outro (...) e foram antes do que eu no hospital e faleceram. E eu dei graças a Deus, eles queriam me entubar e eu pedi: "Pelo amor de Deus" que não. Daí me deu a enfisema pulmonar, eu sou diabética, me deu enfisema pulmonar.*

Em outro trecho, ela relata que ambos sofreram com o vírus da Covid ao mesmo tempo, e considerando que o quadro de saúde dela foi considerado grave, ela necessitou de internação hospitalar. Nesse período, ela contou com a ajuda de familiares, mas o marido ficou sozinho em casa, e por isso, segundo ela, às vezes inclusive ele não se alimentava.

*N: Tinha minha sobrinha que vinha ali fazer e a minha filha como podia e eu fiquei, daí fiquei nove dias no hospital internada e ele ficou sozinho em casa*

*P: E ele em casa sozinho?*

*N: Daí vinha minha cunhada e, às vezes, vinha minha filha ali, mas ele não comia também.*

## Considerações sobre o Tema 2: Saúde

No que concerne à saúde, as entrevistas realizadas possibilitaram o registro de diversas “estratégias de sobrevivência” adotadas pelos respondentes, ou até mesmo resoluções de problemas que, em uma realidade cotidiana, fora de um momento de pandemia, seriam situações de fácil solução. Um dos entrevistados, por exemplo, menciona que a sua estratégia foi a de afastar a mãe do trabalho, visto que, devido à idade avançada, ela possuiria risco aumentado de doença grave em caso de infecção pelo vírus SARS-CoV-2. Para isso, uma de suas irmãs teve que deixar o trabalho. O entrevistado então, precisou voltar a trabalhar, e encara a nova rotina como pesada, especialmente pois teme que, ao sair para trabalhar, sente que pode colocar em risco a saúde da mãe, caso contraia o vírus.

Diversos e distintos conflitos puderam ser identificados nas entrevistas. Em uma delas, ao mesmo tempo em que a entrevistada vê o lado positivo de o marido ter mantido um emprego, ela menciona também o lado negativo de ele ter sofrido redução da jornada de trabalho, com conseqüente redução salarial. Em seguida, a entrevistada relata o impacto dessa redução no cotidiano da família, o que acarretou inclusive dificuldade para comprar os medicamentos necessários para o tratamento do autismo do filho mais novo, o que já demonstra alguns dos desafios enfrentados na área da saúde.

As implicações e mudanças decorrentes da vivência na pandemia sobre a saúde e a vida das pessoas ficam ainda mais evidentes no caso de uma gestação. A entrevistada que estava grávida durante a pandemia, ao contrair Covid-19, foi instruída pelo médico a amamentar usando máscara de proteção. Pelo relato da participante, fica evidente o impacto que essa recomendação teve na mãe. Além da questão da interação da mãe com o bebê, ela demonstra ainda a questão da sensação de culpa por ter passado o vírus para a filha pequena. Ela relatou também sinais de ansiedade e preocupação, por não poder contar com acompanhamento de familiares durante o período pós-parto no hospital, revelando que evitava dormir com medo de que alguém levasse a filha recém-nascida.

As estratégias de sobrevivência adotadas pelas famílias para proteger sua saúde durante a pandemia foram múltiplas. No caso relatado abaixo, a entrevistada relata que utilizaram um “buraco” para comunicação com a família que morava em um puxadinho da casa, evitando o contato entre os moradores das duas residências, o

que poderia aumentar à exposição ao vírus: *“Aí a gente mora um do lado do outro tipo, se tinha que alcançar alguma coisa era só na porta ali, por baixo que tinha um buraco e tipo, bem (...) sabe? Eles viviam o isolamento deles” (Respondente F).*

Os cruzamentos e conflitos entre os temas 1 (trabalho e finanças) e 2 (saúde) ficam diversas vezes evidenciado, especialmente quando as características e a natureza do trabalho influenciam na saúde dos participantes. No caso relatado abaixo, o marido da respondente era coletor de lixo, e a entrevistada relata como era difícil manter sua atividade laboral normal, que envolvia corridas com esforço físico e o uso da máscara de proteção, necessária para reduzir o risco de exposição ao vírus: *“Aí o meu marido é coletor, ele [...] daí não tinha como usar máscara. Como é que a pessoa vai correr recolhendo lixo com máscara?” (Respondente F).*

As inseguranças em relação à manutenção do emprego também influenciam os cuidados em saúde como pode ser observado no trecho abaixo. A entrevistada, por estar apresentando sintomas gripais, foi recomendada pelos empregadores a visitar a Unidade Básica de Saúde. No entanto, ela mesmo relata que quando os sintomas são leves, ela prefere não os destacar, para evitar a necessidade de procurar atendimento em saúde: *“Eu trabalho das sete a uma. Vou sair daqui meio dia, mais uma hora. Então, eu só venho quando eu to muito ruim mesmo, sabe?” (Respondente H).*

O trecho abaixo, retirado de uma das entrevistas, expõe os conflitos vivenciados pelos entrevistados durante uma pandemia que foi caracterizada, especialmente no Brasil, por politização e disseminação de discursos divergentes. Ao mesmo tempo em que o entrevistado relata, com orgulho, sua decisão de não se vacinar, ele manifesta que usou máscara durante a pandemia. Logo a seguir, o entrevistado relata que praticamente toda sua família teve Covid-19 e que, inclusive, sua esposa apresenta sintomas de longa duração. Ainda, o entrevistado manifesta que a avó se manteve isolada durante a pandemia, e ele próprio afirma que, mesmo não acreditando muito nessa tal Covid-19, preferia ver a avó isolada do que entubada.

*(...) minha vó ficou isolada do mundo, né? A gente ia ver ela assim como eu e tu tamo assim, no máximo os dois numa distância. Ia fazer churrasco, sabe? Aquela coisa bem (...) e ela por ser voinha, ela não aceitava isso, sabe? Ela achava que era o cúmulo aquilo, mas por um lado foi bom, melhor do que ver ela entubada, respirando mal depois, né? (Respondente I).*

Outros entrevistados manifestaram o surgimento ou exacerbação de sintomas e doenças durante a pandemia de Covid-19. Por exemplo, uma das entrevistadas

relata que sua glicemia de jejum subiu de 120-130 para mais de 200 durante o período da pandemia, o que pode ser explicado pelo fato de que vários pacientes de doenças crônicas deixaram de manter em dia seu acompanhamento das doenças em função da pandemia. Além disso, da fala de outra entrevistada, fica nítido que os serviços de pré-natal foram afetados pela pandemia de Covid-19.

Na maior parte das entrevistas, a palavra medo foi usada, tanto de forma explícita quanto implicitamente nas falas dos entrevistados. No caso da participante gestante, o medo aparece de maneira mais evidente, incluindo uma menção aos relatos sucessivos de mortes apresentados pela mídia como potencializadores desse medo. No entanto, a própria entrevistada manifesta que os casos eram reais e poderiam acontecer com qualquer um. Fica nítido, portanto, que a entrevistada não está “culpando” a mídia por relatar as tragédias causadas pela pandemia, mas sim assustada com a quantidade de relatos e com a possibilidade de que sua família se tornasse mais uma das vítimas da pandemia. Maior que o medo de contrair o vírus, as entrevistas demonstraram que a principal preocupação dos respondentes era com a saúde dos familiares.

Para encerrar a análise dessa categoria analítica, há um relato curto, mas brutal de como a pandemia impactou a vida dessas famílias. A entrevistada relata que sua filha e o marido (genro) pegaram Covid-19, e que o genro acabou indo a óbito. Naturalmente, a entrevistada (mãe) complementa agradecendo a Deus pelo fato de a filha ter se salvado: *“Daí a outra, minha filha, pegou nela, pegou no marido. Daí o marido morreu e ela, graças a Deus, ficou”* (Respondente N).

### **Tema 3: Educação e lazer**

3-A) Como o(a) Sr. (a) e sua família lidaram com a questão da educação durante a pandemia? As crianças continuaram estudando? Em casa ou na própria escola?

3-B) Se alguém da família estudando: Quais foram as principais dificuldades enfrentadas para manter os filhos (ou familiar) em aulas, seja presencial ou online?

3-C) Vocês tinham algum lugar para deixar as crianças quando precisavam sair, para trabalhar ou qualquer outra coisa; qual a sua percepção, opinião sobre a falta de apoio presencial da escola na sua família?

### **Respondente A**

O entrevistado A tem 60 anos, mora com a mãe de 88 e duas irmãs. Nenhum dos moradores da residência estudam.

*A: Não, a gente estudou praticamente até a quinta série. Não, a gente pouco estou estudou, a gente teve que ser obrigado a trabalhar ainda com oito anos, a nossa vida sempre foi muito difícil. Os velhos se separaram também e a gente tomou conta da casa, teve que ser obrigado a agachar o lombo, a trabalhar. Mas a gente não tá arrependido por causa disso, como se diz, né? Claro, se tivesse chance de ter estudado talvez seja melhor, mas também...*

O participante respondeu que praticamente não saiu de casa durante a pandemia, exceto quando era essencial, como para ir ao supermercado ou consulta médica.

*A: (...) a gente prestava muita atenção naquilo ali, o que que pode, ou fica por casa, evita de ir lá, ou... entendeu? Essa é a função que a gente tá tentando, a gente só sai mesmo obrigado, como se diz, né? Quando temos obrigado aí não tem, né? O que fazer?*

### **Respondente B**

A entrevistada B ressalta a importância da categoria analítica referente às estratégias de sobrevivência adotadas pelas pessoas e pelas famílias no campo educacional. O trecho a seguir retrata a estratégia adotada pela participante para garantir a participação da filha nas aulas remotas, ao mesmo tempo em que os cuidados com o outro filho, que tem autismo, eram mantidos, novamente evidenciando que a questão da saúde foi uma dificuldade durante a pandemia, em virtude das necessidades específicas para o acompanhamento do filho.

Ainda, ela relata que teve que se afastar da filha de 15 anos por um longo período, visto que não possuía computador com acesso à internet na residência. Assim, a estratégia de sobrevivência adotada pela família foi garantir que a filha passasse seis meses na casa de parentes que possuíam computadores e internet. A mãe não esconde o sofrimento com a distância da filha, ao dizer que ela foi passar uma semana na casa dos parentes e acabou ficando seis meses lá. Ao mesmo tempo em que a mãe relata a estratégia de sobrevivência adotada para garantir a educação da filha, ela também expõe a estratégia adotada para manter a educação do filho, com autismo.

*B: (...) Foi bastante apertado em função assim, no ano passado não foi tanto porque a Isa não ficou tanto tempo comigo. A (filha) ficou durante seis meses lá na casa do (sobrinho), né? Porque eu não tinha computador e não tinha impressora, né? Então até tu adquirir essas coisas, as coisas do R., como a I. tinha saído de uma escola pequena e foi pra uma escola bem maior que é*

*o Pelotense, né? Então a estrutura era bem, bem maior, vinha muito material, e eu não ia dar conta. E a minha irmã como está fazendo magistério e é para anos iniciais, então resolvi deixar ela uma semana lá. Ela foi para passar uma semana e passou seis meses.*

*B: Foi bem difícil, porque aí eu tinha que sair nas segundas-feiras, para tirar xerox, aquela coisa toda. Mais a questão do (nome do filho), em si, foi também complicada, né. Porque aí eu tive que adaptar, fazer, porque eles tinham toda, todos os dois têm muitas atividades durante a semana, né, durante de manhã nas segundas o (filho) tinha apoio e a sala de recursos, né. Aí na terça feira eles fazem uma orquestra de manhã, o ônibus pegava eles aqui oito, nove horas, ele retornava meio dia. Chegava em casa, tomava banho, ia para o colégio, né? E nas terças feiras ele ainda chegava em casa, tomava banho, ia para o colégio, ficava na escola até às três horas. Eu ia para a escola pegava ele, levava ele para terapia ocupacional lá. Ali no Amílcar Gigante. Aí ele fazia terapia ocupacional ali, mas na pandemia ele continuou fazendo terapia ocupacional, né, via celular. Custou, assim, mas ele aprendeu bastante. Ele pegou uma terapeuta assim maravilhosa, né? E a Agnes assim, uma pessoa maravilhosa porque ela conseguia trabalhar comigo e eu com ela em conjunto e em conjunto com a psicopedagoga. Deu super certo, né. Ele conseguiu... ele aprendeu amarrar os cadarços, né... ele conseguiu...*

Já no trecho a seguir, a entrevistada expande o relato sobre os desafios educacionais vividos durante a pandemia. Ela relata que, em função de o marido ser analfabeto, ele não podia ajudar os filhos em tarefas de algumas disciplinas. Por outro lado, como o marido tinha habilidades na matemática, acabava ajudando nessa disciplina. Mais ao final, a entrevistada reporta uma alta carga de estresse em decorrência da situação, manifestando a necessidade de conversar com outras pessoas para tentar lidar melhor com a situação.

*B: Piorou bastante porque, o meu marido ele é um analfabeto né. Então porque só tem um celular em casa esse daqui, acaba que as vezes tu tá atrapalhado, dando atenção para eles, pros estudos nas segundas-feiras, que ele tem a rotina dele, se sai fora da rotina babau, porque tu não consegue fazer nada. E aí então a matemática como meu marido gosta de matemática e a única coisa que ele sabe fazer, então a matemática a gente deixa para ele fazer junto com o R. Então foi uma maneira da gente conseguir unir o útil ao agradável. A função do português. Ele também tenta interagir né. E agora eu voltando a estudar. Também estou dando mais aquela atenção, sabe, aquela coisa básica. Mas acaba te irritando porque as vezes tu está até atrapalhada uma coisa né: "amor, parte aqui pra mim"; "mãe, mãe como é que eu se escrevo isso" né. E aí fica assim porque tu estás com a cabeça cansada, nem é o corpo físico cansado, mas sim a cabeça cansada né. E aí é um momento que eu acabo me explodindo né. E aí a minha explosão é interna lá né. E aí acaba o que eu digo pelo amor de Deus eu preciso de conversar com alguém*

### **Respondente C**

Na entrevista com a participante C, também podemos observar relatos de prejuízos na educação do filho durante a pandemia. Sobre os impactos educacionais, a entrevistada comenta acerca da situação do filho, afastado da escola em função da pandemia, e que acabou trabalhando no comércio, por meio turno, auxiliando no

sustento da família, mas adiando sua educação formal. No trecho a seguir, a participante relata o desejo de que tal afastamento seja temporário, e que o jovem retome as atividades escolares assim que possível, e demonstrando preocupações em relação a educação.

*C: Meu filho estuda. Agora devido ao colégio tá parado né, agora ele pegou pelo jovem aprendiz, ele trabalha na (nome da loja) agora, meio turno. Ele faltou terminar o segundo grau agora, falta dois anos para ele, falta dois ou três anos para ele.*

*P: E ele chegou a fazer aula online, algo assim?*

*C: Não, não, ele não chegou a fazer. Agora é que ele vai ver se faz, porque ele tá trabalhando e ele vai ver se paga, para poder terminar.*

Ela também relata que teve algumas vezes teve que ficar com o neto, pois a filha não tinha onde deixar a criança, uma vez que a escola (educação infantil) não estava funcionando, mas afirma que quando não podia, a filha tinha que resolver a situação sozinha. Ainda, ela diz que uma pessoa que trabalhava em uma escola de atendimento especializado, organizou uma “escolinha” informal durante a pandemia, onde a filha deixava o neto eventualmente.

*C: (...) porque eu tenho netos, também, coisa, a filha que é separada, aí eu tinha que cuidar as vezes a criança, e daí eu digo não, não dá para ficar... ela se virara de outras maneiras, porque que em função a escolinha também não estava funcionando, né. Ah, eu cuido dele no fim de semana, porque ela trabalha sábado, né, na farmácia. E aí na semana a gente também, a gente ficava com ele. E aí tinha outros dias que a outra mulher ficava com ele, a mulher da (nome de uma escola de atendimento especializado) que tinha uma escolinha que não estava aparecendo, né, como era pouquinhas crianças a minha guria deixava lá...*

### **Respondente D**

A respondente D é aposentada e mora sozinha, portanto, não coabita com ninguém que estude na sua residência. Para ela, a maior dificuldade foi em relação ao lazer, pois ela costumava a sair com amigas e fazer pequenos passeios antes da pandemia.

*D: Tinha o fim de semana, com as amigas, passava o fim de semana, ia ao centro, de tarde, dar uma voltinha, sempre tinha alguma colega, amiga, que a gente se encontrava, ia num barzinho, tomava um cafezinho... hoje não, eu estou completamente isolada, nem pessoas para se fazer uma limpezinha, nada, não se consegue mais ninguém! Nem para te acompanhar a ir ao médico.*

### **Respondente E**

A respondente E mora com o marido, dois filhos e um neto. O neto, que tem 16 anos, estava cursando o sexto ano do ensino fundamental. A entrevistada diz que ele

não fez aulas online, apesar de reconhecer que ele já estaria atrasado, considerando a sua idade, no que se refere a educação formal.

*E: O meu neto que mora comigo? Ele estuda, ele tá com dezesseis.*

*P: Ele fez aula online?*

*E: Não.*

*P: Que série que ele está? Ele está no ensino médio?*

*E: Tá no sexto ano, ele tá bem atrasado.*

*P: Então, basicamente ficou em casa sem estudo todo esse período?*

*E: Sim, uhum.*

### **Respondente F**

A respondente F tem dois filhos que não estavam em idade escolar durante a pandemia, no momento da entrevista.

### **Respondente G**

A respondente G tem 67 anos e mora somente com o marido. Nenhum dos habitantes da residência estuda. Para os momentos de lazer, ela relata que manteve o convívio com os filhos e netos.

### **Respondente H**

A respondente H tem uma filha de 9 anos. Sobre a educação da filha durante a pandemia, ela afirmou que a menina fez aulas online, mas na sua opinião, em virtude das dificuldades desse tipo de ensino, especialmente tecnológicas, “foi a mesma coisa que não fazer (aula)”.

*H: Fez aula online, mas foi a mesma coisa que não fazer, né? Não tinha (...) a gente não tinha computador pra ela estudar e nem telefone. A internet também não era boa e às vezes fazia, às vezes não fazia, às vezes caía, às vezes não caía. Foi bem complicado.*

*P: E que ano ela tá?*

*H: Hoje ela tá na terceira série. Mas ela fez a primeira e a segunda online (...) Ahn, eu não queria que ela passasse, né? Mas tinha uma lei que fizeram, não sei o que, que tinha que passar, eu não sabia.*

*H: (...) Sim, é, o que ela aprendeu bastante foi na creche, né? No pré, né? Que ela conheceu as letra e coisa e daí lá na primeira que tinha que juntar o bê-a-bá não conseguiu.*

*H: Daí na segunda série também não, começou a ter aula muito no fim do ano acho que foi. Daí esse ano que teve, né?*

*H: Mas, graças a Deus, ela é bem inteligente. Já tá aprendendo a ler.*

Ela conta também que a menina frequenta, em turno inverso a escola, um programa de apoio oferecida por uma instituição de ensino, que promove atividades físicas como dança, e culturais e artísticas. Uma pessoa contratada pela mãe busca

a criança na atividade da manhã, para levar a menina para a escola no turno da tarde, uma vez que a mãe trabalha como empregada doméstica.

*H: (...) Isso, daí ela só não tem aula na terça, na terça, ela tem aula a semana inteira das oito às onze e meia, só não tem aula na terça-feira.*

*P: E quem é que busca ela ali escola de manhã quando tu estás trabalhando, pra levar de tarde?*

*H: A babá que cuida dela, a vizinha.*

### **Respondente I**

O respondente I tem 31 anos mora com a esposa e não tem filhos. Ninguém estuda na residência. Sobre lazer, ele relata que sabia que festas continuavam acontecendo, diz que evitava esse tipo de evento, mas participou de alguns, inclusive um show de música.

*I: Normal. Isso não mudou em lugar nenhum. Isso não mudou, nunca mudou isso aí. Parece que nesse lado da noite, da madrugada, das festas, curtidão, nunca teve pandemia, nunca teve nada.*

*P: E tu foi? Frequentou festas durante esse período?*

*I: Não, muito difícil. Eu evitava, né? Não vou dizer que não fui, acho que fui em dois aniversários e fui numa festa que ia ter um show dum cara que eu gostava. O cara faz rap, é um amigo meu, até fui pra dar um apoio pra ele. Mas, nunca teve problema, por isso que eu achei estranho, sabe? Tipo, falavam em contaminação, contaminação, mas os ônibus sempre lotados, as festas sempre acontecendo e enfim. Aí agora Ano Novo, Natal, “bum” bombando. Ano novo tu tem que ver como é que tava a praia, eu fui pra Santa Catarina, meu Deus do céu, né cara? Um mar de gente, todo mundo sem máscara. Não teve surto, não teve nada, entendeu? Vivia, vivia, vivia em festa, não, vivia sabendo de festa, vivia vendo acontecer tipo, em stories, em status de amigos meu, conversando, festas acontecendo durante as noites todas. A pandemia bombando e as festas bombando, todo mundo sem máscara e não via, ninguém morria. Não ficava sabendo de vinte se contaminarem e morreram, entendeu?*

O participante então questiona o fato de alguns setores do comércio permanecerem fechados enquanto as festas, especialmente casas noturnas, segundo ele, muitas vezes funcionavam.

*I: Tu não pode ir no shopping porque quis, mas teve festas de noite tavam lotada e ninguém usava máscara, entendeu? Então, não faz o mínimo sentido, nenhum sentido, na verdade, né?*

### **Respondente J**

O respondente J tem 63 anos, e aposentado e mora com a filha de 12 anos. Ele menciona que a filha é uma estudante dedicada que não enfrentou maiores problemas durante a pandemia.

*P: E quem cuida dela em casa, quando o senhor sai?*

*J: É eu*

*P: Tudo o senhor?*

*J: É eu. Tudo eu. Ela, quando eu saio, ela fica sozinha em casa. Ela vai pro colégio a uma e meia, né? Esse horário eu saio, né? Quando eu tenho que fazer as minhas coisas. Na parte da manhã eu fico em casa com ela.*

*P: E como é que foi, ela, durante esse período de pandemia? Ela seguiu estudando? Fez aula online?*

*J: Ela continuou estudando com o celular, né?*

*P: O senhor tem, já tinha internet em casa? Como é que foi isso?*

*J: Já tinha. Sempre ela tem no celular, né? Sempre, eu tenho um plano, né? Daí (...)*

*P: Qual é a série que ela tá agora?*

*J: Na sexta (...) Ela gosta muito do colégio. Hoje ela vinha falando pra mim “bah, pai, eu to louca que comece as férias, eu não aguento mais esse colégio” ela fala assim pra brincar comigo, né? Mas ela gosta de estudar, não me incomodou. É, tranquila, ela é (...) em casa ela faz os todos os temas dela e tudo. Ela é bem, ela consegue fazer tudo. E no colégio mesmo, agora, eu peguei uma avaliação dela nesse, nesse trimestre agora. Foi tudo “A”. (...) É, é muito legal. Eu vou no colégio uma vez por mês eu vou ver como é que tá o andamento, né? Converso com as professoras que, até o colégio me ajudou pra mim pegar a guarda dela, me mandaram um ofício daqui pra mim levar pro juiz, tudo.*

## **Respondente K**

A respondente K, que mora com os pais e com o filho de 12 anos, contou que o menino, que está na sétima série, teve aula na modalidade de ensino remoto, e que recebia trabalhos para fazer.

*P: E como é que foi assim, durante o período de pandemia? Ele teve aula online?*

*K: Teve. Se não tivesse nós [...] a dele não foi online, a dele foi só distribuir os trabalhos e fazer em casa (...) tinha alguns dias marcados que ia ter aula online, mas não era quase todo dia, era lá de vez em quando. Mas, o que ele mais recebia era os trabalho.*

*P: E quem ajudava ele, por exemplo, quando ele tinha alguma dificuldade? Tu conseguia ajudar? Como é que era?*

*K: Sim, eu ajudava ele a fazer todos os trabalho. A minha mãe que ficava em casa me ajudava um pouco pra ele fazer os trabalho, e ele conseguia fazer os trabalho, ficava pronto daí eu levava, daí tinha que pegar outra remessa de trabalho pra ele fazer (...) é, o dia de entrega, o dia dos trabalhos era só na terça, na segunda, na quarta e na sexta era as entrega de trabalho. Daí cada trabalho era uma matéria diferente, né? Daí ele pegava, a gente ajudava ele a fazer em casa. Tranquilo.*

## **Respondente L**

A respondente L mora com 3 filhos, uma neta e o marido. A neta, que tem 9 anos, está na 4° serie. Quando a filha saía para trabalhar, eventualmente ela precisava ajudar a neta, mas conta que esperava a mãe da menina chegar, pois não tem familiaridade com tecnologias.

*L: É que no começo ali foi meio sofrido porque daí muitas coisas eles não conseguem fazer, né? Em casa assim, né? Mas, graças a Deus, ela tá bem.*

*P: E quando a sua filha sai pra trabalhar ou durante a pandemia saía e a sua neta sem aula, ficava com a senhora em casa?*

*L: ... daí tinha que esperar a mãe dela chegar pra fazer os trabalho porque, né? Eu não entendo de nada de internet. Sentiu falta sim, dos colegas, né? (se referindo à neta). Daí tinha que ficar só em casa, mas ela não saía também, menos que nós [risos] ficava só em casa. Era complicado porque ela gostava mais de ficar lá no colégio, né? Em casa muitas vezes não entendia, às vezes ela ia fazer e não entendia e ficava braba, aí eu também não sabia [risos] Teve criança que ficou bem atrasada, né? Bah, foi difícil pro povo, né? Tá sendo ainda.*

### **Respondente M**

A respondente M, que mora com o marido e a filha de 2 anos, conta que a menina fica em casa com o marido, que trabalha de home office, enquanto ela sai para trabalhar. Conta que planejou matricular a criança em uma creche, porém houve um surto de Covid que impossibilitou.

*P: Ela vai na escola, ou quem é que fica com ela? Quando tu vai pro trabalho?*

*M: Não, ela fica com meu marido.*

*P: Fica com ele? Claro, e ele em home office?*

*M: Isso, aham! Por enquanto ela tá [...] até porque as escolinhas estavam em surto de covid ali onde eu moro, eu moro no Sarandí, zona norte.*

### **Respondente N**

A respondente N, que tem 69 anos, aposentada, mora com marido. Nenhum coabitante é estudante.

## **Considerações sobre as respostas do Tema 3: saúde**

Os trechos acima apresentados, referentes ao tema “educação”, mostram que improvisos e ajustes nas rotinas foram essenciais durante o período de pandemia, nas residências que possuem estudantes. Alguns relatos demonstram a sobrecarga nos responsáveis pela educação dos estudantes, impactando também na saúde mental. Dos relatos de síndrome do pânico ao uso da expressão “pirei na batatinha”, uma participante expos as dificuldades vivenciadas para lidar com esse momento de pandemia, tendo que organizar uma rotina com dois filhos estudando na modalidade online.

Em outros relatos, fica nítido que a pandemia freou o engajamento de jovens na educação formal. No trecho abaixo, a entrevista fornece respostas curtas que confirma que o jovem de 16 anos ficou afastado da escola durante toda a pandemia. Uma das interpretações possíveis para as respostas curtas envolve a percepção da

entrevistada de que sabe que sua resposta não é a ideal, embora expresse a realidade. Parece quase uma sensação de culpa, por não ter conseguido garantir que o jovem mantivesse sua educação formal durante o período pandêmico.

No mesmo sentido, outra entrevistada relata que jovens mantiveram a educação online, mas que a efetividade do método não foi boa. Ela relata problemas com as tecnologias, característicos de famílias com renda familiar baixa, e fica nítido que o engajamento do jovem com as atividades online não era ideal. Essa entrevista escancara a distância entre as expectativas quando a educação à distância e a realidade, especialmente no caso de famílias em situação de vulnerabilidade. Em outra entrevista, a precariedade do sistema educacional durante a pandemia também fica evidente, quando a entrevistada afirma que apenas foram distribuídos trabalhos para serem realizados em casa.

Outro aspecto que ganha destaque nas entrevistas refere-se aos arranjos familiares necessários para viabilizar a educação dos jovens. O uso de cuidadores, sejam parentes ou trabalhadores contratados, para cuidar dos jovens e crianças foi comum. No entanto, alguns desses cuidadores não possuem familiaridade com as ferramentas tecnológicas utilizadas no sistema educacional à distância, impossibilitando que prestassem o auxílio necessário aos estudantes.

#### **Tema 4: Percepções gerais**

Ao longo das entrevistas, ficou nítido que, embora os participantes relatassem os desafios econômicos, de saúde e educação vivenciados durante a pandemia de Covid-19, havia outras áreas da vida que também foram impactadas pela pandemia. O isolamento social, por exemplo, foi mencionado por vários entrevistados. A sensação de solidão, de ansiedade e de preocupação com os demais membros da família foi mencionada diversas vezes.

Os relatos de novas configurações e organizações dos núcleos familiares foram diversos, dependendo da realidade do entrevistado. Um exemplo seria a fala da participante D, que relata, em diversos momentos da entrevista, que está passando pela pandemia sozinha, uma vez que está cumprindo o distanciamento social recomendado, especialmente pela sua idade. Fica evidente também, pelo relato da entrevistada, que a limitação nas relações sociais acarreta consequências negativas à saúde.

*D: (...) os netos estão na casa deles, trabalhando, estão lá, tudo isolado. Tá todo mundo isolado. Eles não entram na minha casa, nem eu na deles, estou assim, confinada dentro de casa. Eu só saio como agora, para vir aqui (...)*

*P: E o que a senhora considera que foi mais difícil, durante a pandemia? O que mudou?*

*D: Pra mim foi muito difícil eu ficar muito isolada, porque os apartamentos lhe separam do... como é que é... do meio...*

*P: ... do convívio?*

*D:... do convívio. E agora tu não tem convívio com ninguém, isso que tá me deixando muito depressiva, muito ansiosa, eu tive uma crise de ansiedade muito grande, e continuo assim, não tenho vontade de comer, estou com inapetência, eu tenho crises assim emocionais, muito difícil, muito, muito difícil...*

Percepção semelhante é observada no relato de outra entrevistada, que, quando perguntada sobre o impacto da pandemia sobre a saúde, a entrevistada começa falando sobre a falta que sente das suas caminhadas diárias, mas imediatamente migra a resposta em direção às dificuldades causadas pela diminuição das relações sociais. Nessa e em outras respostas, os entrevistados parecem fazer uma ressalva de que entendem a necessidade do isolamento, para restringir a circulação do vírus. No entanto, também fazem questão de manifestar o quanto esse isolamento impacta suas vidas.

Outro aspecto referente às relações sociais mencionado nas entrevistas, foi uma mudança de comportamento, especialmente entre os mais jovens, em idade escolar. Nos trechos a seguir, retirados de duas entrevistas distintas, os participantes mencionam o isolamento como causador de um aumento na “rebeldia” no comportamento de seus familiares mais jovens: *“Ah, eles ficam mais (...) parece mais revoltado, né? Porque tem que ficar só dentro de casa e coisa, né? Não... não podem sair, não pode. Ficam mais rebelde um pouco, mais alterados”* (Respondente E) ou ainda, conforme relata entrevistado, *“era complicado porque ela gostava mais de ficar lá no colégio, né? Em casa muitas vezes não entendia, às vezes ela ia fazer e não entendia e ficava braba, aí eu também não sabia [risos]”* (Respondente L).

Não é somente na faixa etária dos jovens que a importância e a ausência das relações sociais durante a pandemia foram evidenciada. Grande parte dos entrevistados que foram obrigados a se isolar de filhos e/ou netos, relatou a sensação de solidão e ansiedade.

A maior permanência em casa, devido a necessidade de isolamento social, também resultou em maior participação das crianças e jovens nas atividades domésticas. No relato a seguir, o participante manifesta que sua filha, de 12 anos, ajudava muito nas tarefas domésticas durante a pandemia, e que, em certos

momentos, reclamava que a casa era demasiadamente grande para a limpeza. A criança chegou a propor ao pai que se mudassem para uma casa menor.

*P: E como é que o senhor fez assim, durante a pandemia com criança em casa? Com as tarefas domésticas? O senhor tem alguém que lhe ajude? O senhor faz tudo?*

*J: Não, eu e ela mesmo (se referindo a filha) fizemos, ela me ajuda bastante, ela é bem atenciosa comigo e eu com ela. Cuido bem dela, né?*

*Então nós se ajudamos, né? Porque a nossa casa é grande, né? Então, já [...] ela só diz pra mim “pai, nós temos que se mudar, é muito grande essa casa” [risos].*

Um outro relato relevante no que se refere às estratégias de sobrevivência adotadas pelos entrevistados, vem da participante que teve um filho durante a pandemia. Durante o pós-parto, apenas a entrevistada (e não o pai da criança) pôde ficar no quarto durante a noite, para evitar aglomeração. A mãe relata que tinha dificuldade para dormir, por medo de que alguém pudesse roubar a sua criança, tendo em vista que o pai não estava lá para ajudar.

O participante A, por exemplo, era aposentado, mas morando com a mãe de 88 anos e duas irmãs, organizou a nova rotina da família para que a mãe não precisasse mais trabalhar. Isso fez com que uma das filhas também ficasse em casa para cuidar da mãe, e o entrevistado, de 60 anos, voltou a trabalhar como Uber.

Quando questionada sobre o aspecto mais difícil vivenciado durante a pandemia, a respondente B afirmou: *“Foi o ruim mesmo foi a parte financeira, de a criança pedir e não ter para dar”*.

Por fim, alguns dos participantes manifestaram a importância da fé para auxiliar no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Desde relatos mais sutis, nos quais os participantes utilizam expressões como “graças a Deus”, até a relatos mais explícitos, nos quais a participante atribuí a sua fé o principal combustível para sobreviver durante a pandemia de Covid-19: *“É. Não apavorou porque, graças a Deus, a gente, né? Tem fé em Deus” (Respondente N)*.

A nuvem de palavras a seguir foi construída a partir das respostas de cada respondente para a pergunta: *“qual foi o maior desafio enfrentado na pandemia”?* Certamente que, em virtude do perfil e do modo de comunicação, bem como do vocabulário pessoal de cada entrevistado, apareceram diversas interjeições e verbos durante as conversas, que foram propositalmente informais, a partir do roteiro semiestruturado da entrevista.



#### 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO METODOLÓGICO, ASPECTOS DA PESQUISA E DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

Após a finalização da coleta de dados e da análise de conteúdo das entrevistas, podemos concluir que a escolha metodológica da utilização da pesquisa Epicovid-19 como suporte para a presente Tese foi extremamente válida e enriquecedora no processo de construção do presente estudo. Isso pois, ao utilizar um estudo de cunho biomédico, disciplinarmente no âmbito da Epidemiologia Social, com alto reconhecimento e qualidade metodológica, foi possível desenvolver uma pesquisa sociológica de maior fôlego, no sentido de otimização de recursos públicos e do desenho delineado para a nossa Tese, cujo foco foi a interação da pesquisadora com o objeto de estudo.

Ainda, com essa experiência, podemos dizer que, mais do que nunca, a integração entre as áreas do conhecimento é fundamental no desenvolvimento da ciência, independente da disciplina. Não há motivo para a existência de uma cisão entre dimensões disciplinares do conhecimento (sociologia, epidemiologia, medicina etc.), e um dos aspectos demonstrados nessa Tese é que dispomos de bons métodos tanto em *hard Science* como em *soft Science*, que, quando harmonizadas, podem potencializar distintos saberes com respostas mais rápidas e econômicas para a sociedade.

Não há dúvida que a pandemia de Covid-19 trouxe consequências impactantes na vida de todos e nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana. Os trechos acima transcritos permitem que possamos identificar uma série de aspectos relevantes para a compreensão das estratégias dos indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade durante a pandemia.

Compreender as formas de pensar e agir a partir das realidades individuais e familiares, vai muito além das notáveis dificuldades financeiras, pelas quais passaram todos os entrevistados. Foi possível identificar novas configurações e situações que evidenciam os distintos percalços enfrentados durante a pandemia, como por exemplo, novos arranjos familiares e de moradia, como no caso da família que precisou mandar a filha de 15 anos para morar com a madrinha, por falta de recursos tecnológicos necessários para que a adolescente participasse das aulas *online*. Na mesma família, ainda, a mãe precisou se tornar professora do filho autista, sem o apoio especializado presencial, evidenciando que os indivíduos tiveram que ir além

das suas habilidades, criando capacidades para enfrentar o período que estavam vivenciando, o que corrobora com a ideia de que a construção do mundo, se dá a partir e em torno dos acontecimentos da vida real.

Ainda, o surgimento de atividades informais, conforme menciona a entrevistada C, quando diz que, no período em que as escolas estavam fechadas, uma pessoa conhecida utilizou a sua casa e sua experiência para cuidar de algumas crianças, que estavam sem aula nos momentos de fechamento das escolas.

No âmbito do trabalho e renda, a necessidade de um aposentado retornar ao trabalho, como aplicativo de Uber, para poder sustentar os coabitantes. Semelhante ao caso da participante C, que havia decidido ir morar na zona rural, para ter uma vida tranquila após trabalhar há muitos anos na área de limpeza de hospitais, porém, teve que voltar a trabalhar na mesma função, inclusive em áreas de atendimento Covid-19, o que acabou gerando, para a entrevistada, um grande abalo psicológico, várias vezes mencionado por ela.

Conforme dito anteriormente, uma preocupação recorrente dentre os entrevistados, é a saúde dos familiares. Em algumas situações, relatos demonstram que a(o) entrevistada(o) procurou seguir as recomendações de prevenção ao vírus somente por medo de transmitir a doença para algum familiar. Em outras passagens, podemos notar que o empenho e a intensidade em manter os cuidados de prevenção foram diminuindo com o passar do tempo.

Ainda, outro aspecto relevante foi a insegurança em relação as informações sobre a pandemia, sobre a efetividade das vacinas, sobre a transmissão do vírus, e sobre as medidas e decisões dos órgãos e esferas governamentais responsáveis pelas políticas desenvolvidas durante o período pandêmico.

Diante de todos os relatos e realidades, dentre os tantos desafios que puderam ser percebidos nas entrevistas, é importante que possamos reconhecer que algumas minorias e grupos específicos tem necessidades diferenciadas, e que políticas e regras em um momento pandêmico devem ser articuladas e orientadas por tais necessidades, como por exemplo o atendimento e apoio às gestantes e parturientes. Ainda, estudantes em idade de alfabetização ou portadores de algum transtorno ou dificuldade de aprendizagem, e que requerem um acompanhamento personalizado e contínuo, e que não podem ser submetidos ao mesmo método de ensino dos demais estudantes. Os idosos que moram sozinhos, e que muitas vezes não possuem rede de apoio. Profissionais que trabalham em atividades que simplesmente não permitem

que sejam seguidas as recomendações básicas de prevenção à saúde, como no caso da pandemia de Covid-19. Todas essas questões devem ser repensadas para que possamos enfrentar novos desafios semelhantes com mais eficácia. E nesse sentido a ciência pode e deve nortear os caminhos.

Cabe destacar que um dos aspectos mais evidentes nas entrevistas foi a questão da saúde mental e o impacto da pandemia sobre as relações sociais. Todos os participantes relataram fragilidades emocionais, tanto pelo isolamento e distanciamento social, quanto pelo convívio intensificado durante a crise sanitária. Mesmo a participante D, aposentada, embora não enfrente graves problemas financeiros, e não tenha que lidar com questões educacionais, relata ao longo de sua entrevista o quanto está abalada pela falta de convívio com os filhos e netos. Embora a questão da saúde mental não seja o foco do presente estudo, é uma evidência certamente relevante para futuras pesquisas e estudos, não somente das Ciências Sociais.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ARRETCHE, M. Democracia e redução da desigualdade econômica no Brasil: a inclusão dos outsiders. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online], vol. 33, n. 96, 2018.

ARAÚJO, W. dos R. M.; SIQUEIRA, A. M. de O. Dialectical historical materialism and the historicity of society in Marx (1818-1883). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e7410212012, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12012. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12012>. Acesso em: 2 oct. 2023.

BARBOZA, Amalia. A chance perdida de uma cooperação entre a “Escola de Frankfurt” e o Seminário de Sociologia de Karl Mannheim. In: MAZUCATO, Thiago; CEPÊDA, Vera (Orgs). **A Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim Teoria, Método e Aplicação**. Penápolis, FUNEPE, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, Ed. 70, 225 p.; 1977.

BARROS, José D’Assunção. As hipóteses nas Ciências Humanas: considerações sobre a natureza, funções e usos das hipóteses. **SÍSIFO revista de ciências da educação**. n. 07, set/dez, p. 151-62, 2008.

BOF, A. M.; MORAES, G.H. Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 7, n. 200, 2023.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, p.; CHAMBOREDON. J.; PASSERON, j. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

BREILH, J. **Epidemiologia Crítica: ciência emancipadora e interculturalidade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

BUCHANAN, L.; PATEL, J.K.; ROSENTHAL, B.M.; SINGHVI, A. A month of Coronavirus. **The New York Times**. Nova Iorque, abril 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/04/01/nyregion/nyc-coronavirus-cases-map.html?referringSource=articleShare>> Acesso em: 05 mar. 2020.

CARCANHOLLO, M.D. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 247-272, maio-ago., 2018.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. Ensaio. **Cad. Saúde Pública** **34**, 2018.

CARVALHO, L. Doenças crônicas farão brasileiros de baixa renda os mais afetados pela Covid-19. **Jornal da USP**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/doencas-chronicas-farao-brasileiros-de-baixa-renda-os-mais-afetados-pela-covid-19/>> Acesso em: 25 fev. 2021.

CASTEL, R. As transformações da questão social. In L. Bógus, & M. C. Yazbek. **Desigualdade e a questão social**, pp.235-272. São Paulo: EDUC, 2000.

CENTRO ESTADUAL DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO RS (CEVS). Boletim Epidemiológico Covid-2019, semana epidemiológica 22 de 2020. Porto Alegre, 3 jun. 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.rs.gov.br/upload/arquivos/202006/04134058-boletim-epidemiologico-covid-19-coers-se-22.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2020

CEPÊDA, Vera A. A Sociologia do Conhecimento em Karl Mannheim. In: HAYASHI, Maria Cristina P. B.; RIGOLIN, Camila C. D. & KERBAUY, Maria Teresa Miceli (orgs.). **Sociologia da Ciência: contribuições ao campo CTS**. Campinas: Alínea, 2014.

CÊPEDA, Vera A. Karl Mannheim e o desafio da compreensão sobre a mudança social. In: CEPÊDA, Vera; MAZUCATO, Thiago; FONTANA, Felipe (orgs.) **Interfaces da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim**. São Carlo: UFSCar, 2015.

CESTARI, V.R.F.; FLORÊNCIO, R.S.; SOUSA, G.J.B.; GARCES, T.S.; MARANHÃO, T.A.; CASTRO, R.R.; CORDEIRO, L.I.; DAMASCENO, L.L.V.; PESSOA, V.L.M.P.; PEREIRA, M.L.D.; MOREIRA, T.M.M. Vulnerabilidade social e incidência de COVID-19 em uma metrópole brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

COLUMBIA SCHOOL OF PUBLIC HEALTH. Epidemic, endemic, pandemic: what are the differences? **Mailman School of Public Health**. Columbia, february, 2021. Disponível em: <<https://www.publichealth.columbia.edu/public-healthnow/news/epidemic-endemic-pandemic-what-are-differences>> Acesso em: 14 abr. 2021.

COMTE, Auguste. **O Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal em Treze Conferências Sistemáticas Entre uma Mulher e um Sacerdote da Humanidade**. Tradução de Miguel Lemos. Lisboa: Lucas, 1934.

COSTA, D.L.S. A sociologia do conhecimento de Karl Mannheim: entre ideologia e ciência. **Cadernos de Pesquisa em Ciência Política**. [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Piauí, v. 5, n. 3, jul./set., 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. **História da Sociologia**. 2ª Ed. São Paulo: Ensaio, 1994.

DAGNINO, E. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: **Políticas de cidadania e sociedade civil em tempos de globalização**. FACES, Universidade Central de Venezuela, p. 95-110, 2004.

FABRIN, C.; BOING, A.C.; GARCIA, L. P.; BOING, A.F. Desigualdade socioeconômica na letalidade e no cuidado hospitalar de crianças e adolescentes internadas por Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 26:e230015, 2023.

FARIAS, M.N.; JUNIOR, J.D.L. Vulnerabilidade Social e Covid-19: considerações a partir da Terapia Ocupacional Social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, Preprint, 2020.

FLICKINGER, H.G. **Marx e Engels: o porão de uma filosofia social**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

FLORENCIO, R.R.; MOREIRA, T.M. Modelo de vulnerabilidade em saúde: esclarecimento conceitual na perspectiva do sujeito-social. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2021;34:eAPE00353, 2021.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". **Cadernos De Campo**, v. 15, n.14-15, p. 231-239, 2006.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986

GABATZ, C.; ANGELIN, R. (org.). **As configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos**. 1ª ed. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2021.

GAETA, Rodolfo; GENTILE, Nélida; LUCERO, Susana. **Aspectos Críticos das Ciências Sociais: entre a realidade e a metafísica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

GORENDER, Jacob. Apresentação, In: MARX, Karl; ENGELS, Fredrich. **A Ideologia Alemã**. 1a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GURVITCH, G. **Dialética e Sociologia**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.

GUSMÃO, Luis. **O fetichismo do conceito**. Topbooks: Rio de Janeiro: 2012.  
HALLAL, Pedro C.; HARTWIG, F.P.; HORTA, B.L.; SILVEIRA, M.F.; STRUCHINER, C.J.C.; VIDALETTI, L.P. SARS-CoV-2 antibody prevalence in Brazil: results from two successive nationwide serological household surveys. **Lancet Global Health**, 2020.

HALLAL, Pedro C. SOS Brazil: science under attack. **Lancet**, doi: 10.1016/S0140-6736(21)00141-0, 2021.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Ed. Vozes, 269p, 1992.

HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das ciências filosóficas** (em compêndio). São Paulo, edições Loyola, 2011.

HEIDEGGER Martin. **Conferências e Escritos filosóficos**. In: Os pensadores. São Paulo Abril Cultural, 1979.

HÖFLING, E. M. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, n. 55, p. 30-41, 2001.

HORKHEIMER, Theodor W. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p.118-161, 1980.

HORTA, B. L.; SILVEIRA, M. F.; BARROS, A.J.D.; BARROS, F.C.; HARTWIG, F.P.; DIAS, M.S.; MENEZES, A.M.B.; HALLAL, P.C.; VICTORIA, C.G. Prevalence of antibodies against SARS-CoV-2. according to socioeconomic and ethnic status in a nationwide Brazilian survey. **Revista Panamericana de Saúde Pública**, 2020.

IBGE. **PNAD COVID19**. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>> Acesso em: 21 abr. 2021.

JAY, Martin. **A Imaginação dialética: A história da Escola de Frankfurt e do instituto de Pesquisas Sociais – 1923-1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/region/brazil>>. Acesso em: set. 2023.

KHALATBARI-SOLTANI, S; Cumming RC, Delpierre C, Kelly-Irving M. Importance of collecting data on socioeconomic determinants from the early stage of the COVID-19 outbreak onwards. **Journal of Epidemiology and Community Health**, 2020. doi: 10.1136/jech-2020-214297.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

LACERDA, M. RODRIGUES, L.P.; COSTA, E.V.G. Ciência, pandemia e lockdown: o lugar vago da Sociologia. **Revista Simbiótica**, Edição Especial, vol. 8. n. 3, out. 2021.

LACLAU, Ernesto. **A razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LA GARZA, E. **Hacia un concepto ampliado de trabajo**. Barcelona: Anthropos, 157p., 2010.

LAMO DE ESPINOSA, Emilio; GARCÍA, José; ALBERO, Cristóbal. *La Sociología del Conocimiento y de la Ciencia*. Madrid: Alianza, 1994.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

MANNHEIM, K. **Mannheim** (Coleção Grandes Cientistas Sociais; organização Marialice Foracchi; Florestan Fernandes). São Paulo: Ática, 1982.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCUSE, H. Sobre a problemática da verdade no método sociológico – Karl Mannheim: “Ideologia e Utopia”. In.: MAZUCATO, T.; CEPÊDA, V.A (orgs.). **A sociologia do conhecimento de Karl Mannheim**: teoria, método e aplicação. Penápolis, FUNEPE, 2018.

MARQUES, M.S. **Interações socioestatais**: mútua constituição entre os coletivos culturais e o estado no Espírito Santo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2022.

MARQUES, M.S. Interações socioestatais: aspectos epistemológicos e contribuições a partir da Abordagem Estratégico-Relacional e da perspectiva da Pólis. **Tempo Social**, v. 35, n. 2, p. 157-188, 2023.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**. Rev. Sociologia, v. 10, n. 1, USP, São Paulo, p. 1-8, 1998.

MARTINS, J. S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 3 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3 ed. São Paulo; Contexto, 172 p., 2011.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1969.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, K. **Miseria de la Filosofia**. Respuesta a la filosofia de la miséria de P.J. Proudhon. 10ª ed. Serie los clásicos. Siglo XXI Editores, 1987

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Fredrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MATTA, G.C.; REGO, S.; SOUTO, E.P.; SEGATA, J. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 221 p, 2021. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.

MATOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, p. 12-70, 2005.

MAZUCATO, Thiago; CEPÊDA, Vera (Orgs.). **A Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim Teoria, Método e Aplicação**. Penápolis, FUNEPE, 2018.

MAZUCATO, Tiago; DE ANTÔNIO, Henrique B. Ideologias, utopias e cultura política elementos para a compreensão da disputa ideológica no Brasil em tempos de Coronavírus. In: RODRIGUES, Léo; COSTA, Everton; GUEDES, Eduardo. (Orgs.) **Simbiótica Edição especial**. 7. ed. Vitória - ES: PPGCS/UFES. v. 7. p.107-126, 2020

MERTON, Robert K. **Sociologia teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jaú, 1968.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 239-262, jul/ser, 1993.

MOORE S, HILL, E.M., DYSON, L., TILDESLEY, M.J., KEELING, M.J. Retrospectively modeling the effects of increased global vaccine sharing on the COVID-19 pandemic. **Nat Med**. Nov; v. 28, n.11, p. 2416-2423, 2022. doi: 10.1038/s41591-022-02064-y. Epub 2022 Oct 27. Erratum in: **Nat Med**. 2023 Mar 27. PMID: 36302894; PMCID: PMC9671807.

MORSE, J. Strategies for sampling. In J. M. Morse (Ed.), **Qualitative nursing research**: A contemporary dialogue. Newbury Park, CA: Sage, 1991.

NASSIF-PIRES, L. XAVIER, L.L.; MASTERSON, T.; NIKIFOROS, M.; RIOS-AVILA, F. We need class, race and gender sensitives policies to fight the Covid-19 crises. [Relatório]. The Levy Economics Institute. Disponível em: < [http://multiplier-effect.org/we-need-class-race-and-gender-sensitive-policies-to-fight-the-covid-19-crisis/#\\_ftn1](http://multiplier-effect.org/we-need-class-race-and-gender-sensitive-policies-to-fight-the-covid-19-crisis/#_ftn1)>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NETTO, J. P. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006

NOBREGA, F.P. **Compreender Hegel**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativa: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

PERES, L. Favelas contra o vírus. **Revista. Radis Comunicação e Saúde**, v. 212, maio, p. 20-25, 2020. Disponível em: <[https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis212\\_web.pdf](https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis212_web.pdf)> Acesso em: 25 fev. 2021.

PICKERSGILL, M. Pandemic Sociology. Engaging Technology. **Science and Society**, n. 6, p. 347–350. doi:10.17351/ests, 2020.

PIRES, M. F. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. UNESP, v. 1, n. 1, p. 83-94, 1997. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>.

PNAS. **Política Nacional de Assistência Social**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, 2004. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/PNAS2004.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf)> Acesso em: 28 jul. 2021.

POLLÁN, M.; PÉREZ-GÓMEZ, B.; PASTOR-BARRIUSO, R.; OTEO, J.; HERNÁN, M.A.; PÉREZ-OLMEDA, M.; SANMARTÍN, J.L.; FERNÁNDEZ-GARCÍA, A.; CRUZ, I.; LARREA, N.F.; MOLINA, M.; RODRÍGUEZ-CABRERA, F.; MARTÍN, M.; MERINO-AMADOR, P.; PANIAGUA, J.L.; MUÑOZ-MONTALVO, J.F.; BLANCO, F.; YOTTI, R. Prevalence of SARS-CoV-2 in Spain (ENE-COVID): a nationwide, population-based seroepidemiological study. **Lancet**, v. 396, n. 10250, p.535-544, 2020.

PORTOCARRERO, V. **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 272 p., 1994. ISBN: 85-85676-02-7

RIBEIRO, K. B.; RIBEIRO, A.F.; VERAS, M.A.S.M.; CASTRO, M.C. Social inequalities and Covid-19 mortality in the city of São Paulo, Brazil. **International Journal of Epidemiology**, v. 9, v. 50, n. 3, p. 732-742, jul 2021. doi: 10.1093/ije/dyab022

RICHARDSON, Roberto Jarry. Epistemologia do Trabalho Científico. In: RICHARDSON, Roberto Jarry, *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas S. A., cap. 3, p. 33-54, 2008.

ROCHA, C. Por que os frigoríficos são foco de disseminação do coronavírus. Nexo, 15 maio 2020. Disponível em: <[www.nexojournal.com.br/expresso/2020/05/15/Porque-os-frigor%C3%ADficoss%C3%ADfoco-de-dissemin%C3%ADdo-coronav%C3%ADrus](http://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/05/15/Porque-os-frigor%C3%ADficoss%C3%ADfoco-de-dissemin%C3%ADdo-coronav%C3%ADrus)>. Acesso em: 8 set. 2020.

RODRIGUES, L. P. A Sociologia do Conhecimento: aspectos clássicos

e contemporâneos. In: BAUMGARTEN, Maíra. **A era do Conhecimento: Matrix ou Ágora**. Brasília: UnB; Porto Alegre: Ed.EFRGS, p. 21-44, 2001.

RODRIGUES, L. P. **Introdução à Sociologia do Conhecimento da Ciência e do Conhecimento Científico**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.

RODRIGUES, L. P. Karl Mannheim e os problemas epistemológicos da Sociologia do Conhecimento: é possível uma solução Construtivista? In: CEPÊDA, Vera; MAZUCATO, Thiago; FONTANA, Felipe (orgs.) **Interfaces da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim**. São Carlo: UFSCar, 2015.

RODRIGUES, L. **A ciência pós-determinista, supradisciplinar e transparadigmática**: reacendendo o debate sobre teoria, analogia e conceito. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 43, n. 1, p. 151-172, Jan./Mar. 2020

RODRIGUES, L.P.; COSTA, E.G.; GUEDES, E. Introdução: em tempos de pandemia...para um pós-epidêmico como oportunidade virtuosa. **Revista Simbiótica, Edição Especial**, v. 7. n. 1, jun. 2020.

RODRIGUES, L.P.; COSTA, E.G.; GUEDES, E. (Orgs. Dossiê.). **Simbiótica** Edição especial. 7. ed. v. 7. 171p, Vitória - ES: PPGCS/UFES, 2020.

RODRIGUES, L.P.; COSTA, E.G. Impacto da pandemia de Covid-19 ao sistema social e seus subsistemas: reflexões a partir da teoria social de Niklas Luhmann. **Revista Sociologias**, v. 23 n.56, 2021.

ROMERO, D.E.; MUZY, J.; DAMACENA, G.N.; SOUZA, N.A.; ALMEIDA, W.S.; SWARCWALD, C.L.; MALTA, D.C.; BARROS, M.B.A.; SOUZA JÚNIOR, P.R.B.; AZEVEDO, L.O.; GRACIE, R.; PINA, M.F.; LIMA, M.G.; MACHADO, I.E.; GOMES, C.S.; WERNECK, A.O.; SILVA, D.R.P. Idosos no context da pandemia da Covid-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 3, 2021.

SARTRE, J. **A questão do método**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966. Er

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: Primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SEGATA, J.; SCHUCH, P.; DAMO, A.S.; VICTORIA, C. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, jan./abr. 2021

SEVALHO, G. The concept of vulnerability and health education based on the teory laid out by Paulo Freire. **Interface (Botucatu)**, v. 22, n.64, p. 177-88. 2018

SILVA, M. O. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. Espaço Temático: Serviço Social e pobreza. **Rev. Katálysis**, v. 13, n.2, 2010.

STRONG, P. Epidemic psychology: a model. **Sociology of Health & Illness**, v. 12, n.3, p. 249-259, 1990.

THE LANCET. Covid-19 in Brazil: “So what?”. [Editorial]. **Lancet**, v. 395, 09 mai 2020. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31095-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31095-3/fulltext)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

THE LANCET. Covid-19 is not a pandemic. **The Lancet**. Comentário, v. 396 September 26, 2020. Disponível em: <[www.thelancet.com](http://www.thelancet.com)>.

TOURAINÉ, Alain. **Podemos viver juntos?** São Paulo: Vozes, 1998.

VITAL STRATEGIES; HALLAL, P.C.; SARDINHA, L.M.V.; WEHRMEISTER, F.C.; PAULA, P.C.B. **Covitel** – Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas não-transmissíveis em Tempos de Pandemia. [Relatório Final]. 1 Ed. São Paulo: Vital Strategies, 2022. Disponível em: <<https://www.vitalstrategies.org/wp-content/uploads/Covitel-Inque%CC%81rito-Telefo%CC%82nico-de-Fatores-de-Risco-para-Doenc%CC%A7as-Cro%CC%82nicas-na%CC%83o-Transmissi%CC%81veis-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>> Acesso em: set. 2023.

WORLDOMETER. **Coronavirus**. Disponível em: <<https://www.worldometers.info/coronavirus/>> Acesso em: 05 ago. 2021.

WU, J.T.; LEUNG, K.; BUSHMAN, M.; KISHORE, N.; NIEHUS, R.; SALAZAR, P. M.; COWLING, B.J.; LIPSITCH, M.; LEUNG, G.M. Estimating clinical severity of Covid-19 from the transmission dynamics in Wuhan, China. *Journal Nature Medicine*. 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41591-020-0822-7>>. Acesso em: mar. 2021.

**ANEXOS**

## Anexo A - Roteiro para entrevista piloto

Bom dia (ou Boa Tarde). Meu nome é Aline Lamas, sou aluna do Doutorado em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. Em primeiro lugar, gostaria de te agradecer por aceitar participar da pesquisa. O objetivo do meu estudo é compreender as estratégias, ou seja, como vocês fizeram para contornar as diversas dificuldades trazidas pela pandemia de Covid-19, que ainda estamos atravessando. Falaremos sobre trabalho, sobre saúde, sobre educação, e sobre qualquer outra questão relacionada à forma como se organizaram para enfrentar a pandemia que o(a) sr.(a) queira conversar. A nossa entrevista é bem informal e não existem respostas certas ou erradas, mas queremos saber sobre a suas vivências e como tem contornados as dificuldades que vieram com a pandemia.

### **1) Trabalho e finanças**

1-A) Quantas pessoas moram na sua residência?

1-B) Como o(a) sr.(a) e sua família tem lidado ou tem feito com a questão financeira, de entrada de dinheiro neste período de pandemia? Continuaram trabalhando, perderam emprego, trocaram de emprego? receberam algum tipo de ajuda, seja do governo ou de parentes e amigos?

1-C) Qual era/é a principal fonte de renda da família (tipo de trabalho/atividade)?

1-D) E como está agora a situação de trabalho e financeira da sua família?

### **2) Saúde**

2-A) Como o(a) sr.(a) e sua família lidaram com a questão de saúde durante a pandemia? Usaram algum tratamento/medicamento para prevenir Covid-19? Quais foram as estratégias para a prevenção?

2-B) Como foi o uso de máscaras? Conseguiu limpar as mãos com álcool gel, água e sabão? Houve algum outro procedimento para evitar a contaminação? Conseguiu cumprir as recomendações dos órgãos de saúde?

2-C) O Sr./Sra. praticou o distanciamento social recomendado pela medicina?

2-D) O(A) sr.(a) acha que existe algum remédio que cura Covid-19? O(A) sr.(a) já se vacinou? Vai se vacinar? Acredita na vacina ou tem algum medo?

2-E) Alguém da sua família teve Covid-19? O(A) sr.(a) perdeu alguém próximo para o coronavírus?

**3) Educação e lazer**

3-A) Como o(a) sr.(a) e sua família lidaram com a questão da educação durante a pandemia? As crianças continuaram estudando? Em casa ou na própria escola?

3-B) Se alguém da família estudando: Quais foram as principais dificuldades enfrentadas para manter os filhos (ou familiar) em aulas, seja presencial ou online?

3-C) Vocês tinham algum lugar para deixar as crianças quando precisavam sair, para trabalhar ou qualquer outra coisa; qual a sua percepção, opinião sobre a falta de apoio presencial da escola na sua família?

4) **Percepções gerais:** De modo geral, o que o Sr. (A Sra.) considera como o maior desafio enfrentado nesse período de pandemia?

Anexo B – Transcrição das entrevistas

<b>Entrevista 1</b>
<b>Respondente A</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>A:</b> Entrevistado (a)

- P:** Então, conforme lhe expliquei, vou conversar com o senhor sobre algumas coisas, o senhor autoriza então que eu grave só para uso no meu trabalho?
- A:** Não tem problema, não tenho nada que esconder, você [inaudível]...
- P:** Claro, deixa eu te perguntar, o Senhor trabalha, tem alguma ocupação?
- A:** ... sou aposentado.
- P:** E a sua mãe também trabalha, quem mais tem fonte de renda na casa?
- A:** Não, a minha mãe não trabalha e nem nenhuma das minhas outras duas irmãs não trabalham.
- P:** ... não trabalham... então a sua renda é a que sustenta toda a casa...
- A:** Exatamente ...
- P:** E durante a pandemia, mudou muito a questão financeira?
- A:** Deu uma boa quebrada, né ... [inaudível]? Mas claro, pra nós deu uma boa quebrada, né?
- P:** Verdade! Ficou mais difícil E as suas irmãs trabalhavam antes, ou a sua a sua mãe?
- A:** A minha mãe e a minha irmã trabalhavam, mas aí quando a minha mãe necessitou de cuidados ela teve que ser obrigada a pedir... fazer acerto onde ela trabalhava para ficar cuidando a minha mãe. Aí ela tá cuidando da minha mãe agora em casa.
- P:** Ah, claro! E a sua ocupação qual era antes, no que o senhor trabalhava?
- A:** A minha ... eu trabalhei sempre em arroz. Trabalhei 18 anos na Extremo-sul e 23 na Josapar. Me aposentei, e aí quando entrou esse problema da pandemia foi que eu larguei, mas eles nem queriam me largar, mas foi daí que eu pedi para ele me largar e...
- P:** ... sim, daí o senhor pediu demissão.
- A:** sim... não, mas daí eles me pagaram tudo. Mas já tava aposentado, já fazia quatro anos que eu estava aposentado e estava trabalhando.
- P:** Sim, e além disso o senhor teve algum outro auxílio do governo, agora durante a pandemia, auxílio emergencial, ou outro?
- A:** Não...
- P:** Somente a sua renda então.
- A:** Não, sim, exatamente! Exatamente!
- P:** E as suas irmãs receberam?
- A:** Não, não, não...
- P:** Também não, certo. Então o senhor acha que realmente ficou mais difícil, porque a sua irmã também teve que deixar o trabalho...
- A:** ... para cuidar da minha mãe.
- P:** ... é verdade... e durante a pandemia, como é que foi a questão de saúde, qual a doença da sua mãe? Ou os cuidados são só pela idade...

**A:** Ela teve até um negócio assim de uma gripe, mas ela não teve, graças a Deus... eu que ando na rua aí também, graças a Deus também não peguei essa porcaria, por enquanto, Deus que me ajude...

**P:** Que bom! Que bom! E o senhor acha que na sua casa vocês conseguiram se cuidar, seguir o distanciamento, fazer o uso de máscaras...

**A:** ... Faz, faz, a gente faz o possível... e o meu irmão que é aposentado também, pois ele fez as duas vacinas e ele pegou...

**P:** Claro acontece.

**A:** ... e eu fiz recém, e agora dia oito eu faço a outra...

**P:** Que bom! A vacina não impede a gente de pegar doença, mas ela faz com que seja menos grave, certo? Então, ela nos ajuda a não ter que internar, enfim... esta é a principal vantagem de quem já fez a vacina.

**A:** Ele não precisou, ele não precisou, só ficou em casa acho que uns quinze dias, porque a firma deu para ele... não, dez dias, porque a firma tinha dado para ele, porque daí ele voltou, fez o teste, tava bom, não é...

**P:** Sim. E o senhor tem filhos?

**A:** Eu tenho um casal. Mas eles já são casados, eu sou separado, mas já faz muito tempo...

**P:** Sim, sim, mas eles não moram com o senhor...

**A:** ... não moram...

**P:** E o senhor acha que foi fácil praticar distanciamento social, o senhor cuidou disso durante a pandemia, conseguiu fazer, mais ou menos?

**A:** É, eu vou dizer uma coisa, porque a gente tá lutando contra essa coisa, né? Tamos lutando com isso aí que eu vou dizer uma coisa, todo mundo anda aí na volta, mas cada que [inaudível], mas qualquer um lado diferente, tá pesadinho, pesadinho...

**P:** Sim, até porque o senhor tem a mãe idosa, morando junto, né?

Entrevistado:

**A:** É esse é o maior problema, não tanto por mim, mas é por ela em casa, porque para mim, eu levar um problema para casa, né?

**P:** E o senhor continuou saindo, para fazer suas atividades, o senhor saia para fazer supermercado, tudo?

**A:** Sim, mas aí quem faz mesmo é a minha irmã, isso não faz parte [inaudível]... porque eu se eu vou, eu agora eu tô fazendo umas corridinhas aí, sabe o que é, eu to trabalhando um pouco de Uber, [inaudível], para me ajudar um pouco, entendeu? E aí, então ... esse tipo de coisa eu não faço, eu praticamente só entrego e deu...

**P:** Sim, mas de qualquer forma o senhor teve que sair para trabalhar e conseguir uma nova renda.

**A:** Exatamente...

**P:** E com o dinheiro mais difícil, tudo mais apertado, como foi para comprar o álcool em gel, tinham dinheiro para comprar máscaras ou fizeram em casa...

**A:** Bom, a gente tem um problema, a gente nunca botou, atirou dinheiro para cima, a gente sempre controlou o dinheiro para a hora que a gente precisasse a gente ter uma coisinha para poder se escorar [risos]... aí, então, a gente, graças a Deus a gente comprou, a gente tem...

**P:** ... conseguiu ter acesso, que bom. E na sua família, na sua casa, ninguém teve COVID?

**A:** Não, não, lá na minha casa. não. Só o meu irmão, mas ele mora fora. Ele mora no Sítio Floresta.

**P:** Certo, e todos na sua casa vacinaram, pelo menos a primeira dose, ou vão se vacinar?

**A:** As minhas duas irmãs foram vacinadas, a minha mãe foi vacinada, só eu que falta uma dose...

**P:** ... uma dose, mas já tá bom, então? E na sua casa, tem alguém que estuda? Ou estudava? Alguma das irmãs....

**A:** Não, a gente estudou praticamente até a quinta série. Não, a gente pouco estudou, a gente teve que ser obrigado a trabalhar ainda com oito anos, a nossa vida sempre foi muito difícil. Os velhos se separaram também e a gente tomou conta da casa, teve que ser obrigado a agachar o lombo, a trabalhar. Mas a gente não tá arrependido por causa disso, como se diz, né? Claro, se tivesse chance de ter estudado talvez seja melhor, mas também...

**P:** ... sim, mas tiveram que trabalhar cedo. Difícil, né? E mais alguma coisa que o senhor queira me contar, que o senhor acha importante?

**A:** Ah, mas não tem muito [inaudível]...

**P:** Então, a sua vida basicamente agora é isto, o senhor faz algumas corridas informalmente...

**A:** Sim, é. Exatamente, exatamente...

**P:** Para aumentar um pouco a renda. Mas acha que conseguiu se cuidar, de modo geral?

**A:** Sim, sim, exatamente.

**P:** Que bom! E agora, o senhor veio fazer consulta rotina?

**A:** apareceu uma hérnia aqui assim, e aí amiga que trabalha aqui... e aí eu falei com ela faz dois dias e aí eu não consigo fazer – não, deixa que eu vou dar um jeito lá - que eu, que a gente é muito amigo, dela e do marido dela, né?

**P:** Claro, que bom! E durante a pandemia o senhor teve medo de sair para consultar ou quando precisava sair, trazia a mãe, tudo sem problema?...

**A:** Ah, não, isso a gente, quando a gente precisava, a gente não tinha, a gente andava sempre junto com ela. Não tem não, isso pode perguntar para a Cris que ela tá praticamente [inaudível]...

**P:** Que bom! Então é isso Sr. A. Foi uma conversa curta, espero que logo chegue a sua vez aqui.

**A:** Bom, bom... nós não temos queixa daqui! Tudo que nós precisamos a colega aí já nos auxilia também. E eu mesmo, acho que é a segunda vez que eu vim consultar. Eu para vir ao médico, só na hora que estou precisando mesmo, senão eu, não...

**P:** ... o senhor evita...

**A:** ... evito. Evito mesmo, é verdade... a gente evita, tem esse costume.

**P:** E o senhor, durante a pandemia, onde procurou mais informação? Na televisão...

**A:** Sim, a gente prestava muita atenção naquilo ali, o que que pode, ou fica por casa, evita de ir lá, ou... entendeu? Essa é a função que a gente tá tentando, a gente só sai mesmo obrigado, como se diz, né? Quando temos obrigado aí não tem, né? O que fazer?

**P:** Mas conseguiu se cuidar bem, não teve a doença, que bom!

**A:** Por enquanto, como eu to te dizendo, por enquanto não, graças a Deus!

**P:** Então lhe agradeço muito mesmo.

**A:** Obrigado!

<b>Entrevista 2</b>
<b>Respondente B</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>B:</b> Entrevistado (a)

**P:** Quantos anos tu tens?

**B:** 40

**P:** E eles são teus filhos, os dois?

**B:** Não. O R. é meu filho e ele é meu afilhado.

**P:** O R. tem quantos anos?

**B:** O R. tem 11 anos e eu tenho a I., que tá lá na rua, que tem 15 anos.

**P:** Ah, então tem mais uma menina. E ele mora contigo? [o afilhado]

**B:** Não, não ...

**P:** Quem é que mora na casa?

**B:** Na minha casa é eu, meu marido, e meus dois filhos... tá com medo do que meu amor? [pergunta direcionada para uma das crianças]. Não precisa ter medo.

**P:** Tu gostou desse gelzinho [álcool em gel em cima da mesa] que tem umas bolinhas rosas? Tu viu que bonitinho? Deixa eu te perguntar, tu estuda?

**Criança:** Sim.

**P:** E agora tu estás de férias?

**Criança:** Sim.

**P [para a criança]:** Pois eu tenho uma filha que tem 10 anos, sabia? E ela também está férias agora.

**Criança:** Acho que vou passar as férias com a minha avó.

**P:** Ah, que coisa boa! Passar com a vó é bom, a gente fica comendo bastante bolo, a vó faz coisas boas. E T., quem é que trabalha na tua casa?

**B:** O meu marido, o meu marido. Eu recebo o LOAS dele [se referindo ao filho autista que estava junto].

**P:** E me conta um pouco, foi difícil nessa época de pandemia, mudou muito a vida?

**B:** Pois foi. Foi bastante apertado em função assim, no ano passado não foi tanto porque a Isa não ficou tanto tempo comigo. A I. ficou durante seis meses lá na casa do O., né? Porque eu não tinha computador e não tinha impressora, né? Então até tu adquirir essas coisas, as coisas do R., como a I. tinha saído de uma escola pequena e foi pra uma escola bem maior que é o Pelotense, né? Então a estrutura era bem, bem maior, vinha muito material, e eu não ia dar conta. E a minha irmã como está fazendo magistério e é para anos iniciais, então resolvi deixar ela uma semana lá. Ela foi para passar uma semana e passou seis meses.

**P:** Ficou com a tia?

**B:** Exatamente, com a tia e com madrinha. Aí as coisas do R. como são todas elas adaptadas, né? Aí não dava para mim, aí eu ia numa loja que tem aqui perto e imprimia as atividades dele, fazia e mandava via celular para a psicopedagoga, né, e para as professoras. O material dele todo ele selecionado pela psicopedagoga. Mas independente de eu mandar as coisas para psico, eu mando para os professores também. Ele estuda aqui na escola Santa Terezinha, ali na 25 de julho.

**P:** Ah, certo, e eles tem atendimento diferenciado para ele?

**B:** Tem. O município ele tem todo o suporte. Não é que nem o estado. No município ele tem o AEE, tem o apoio. Então já tem toda essa infraestrutura. O R., no primeiro ano dele, ele foi pelo estado. Então ele passou de greve, toda época ele teve greve. Ele tá no quarto ano.

**P:** E a filha? A I.? Em que ano ela está?

**B:** Ela tá no sétimo. A I. está no sétimo, mas semialfabetizada. Ela está lendo silabicamente, né? Ela foi diagnosticada com déficit de atenção ou TNH, mas o H eu tiro fora porque ela não é hiperativa, né? Ela está fazendo tratamento, né? Agora dia quatro ela tinha neurologista novamente, né? E aí vamos ver se a medicação está dando certo, mas ele pegou bem na função nas férias, né, então ainda não deu ainda pra direitinho.

**P:** Então para ti, sem computadores e impressora em casa, deve ter sido mais difícil.

**B:** Foi bem difícil, porque aí eu tinha que sair nas segundas-feiras, para tirar xerox, aquela coisa toda. Mais a questão do R., em si, foi também complicada, né. Porque aí eu tive que adaptar, fazer, porque eles tinham toda, todos os dois têm muitas atividades durante a semana, né, durante de manhã nas segundas o R. tinha apoio e a sala de recursos, né. Aí na terça feira eles fazem uma orquestra de manhã, o ônibus pegava eles aqui oito, nove horas, ele retornava meio dia. Chegava em casa, tomava banho, ia para o colégio, né e nas terças feiras ele ainda chegava em casa, tomava banho, ia para o colégio, ficava na escola até às 3 horas. Eu ia para a escola pegava ele, levava ele para terapia ocupacional lá. Ali no Amílcar Gigante. Aí ele fazia terapia ocupacional ali, mas na pandemia ele continuou fazendo terapia ocupacional, né, via celular. Custou, assim, mas ele aprendeu bastante. Ele pegou uma terapeuta assim maravilhosa, né e a Agnes assim uma pessoa maravilhosa porque ela conseguia trabalhar comigo e eu com ela em conjunto e em conjunto com a psicopedagoga. Deu super certo, né. Ele conseguiu... ele aprendeu amarrar os cadarços, né... ele conseguiu...

**P:** Então mesmo com as dificuldades, ele conseguiu, de uma certa maneira, seguir com as atividades.

**B:** Ah, sim, e agora, agora ele anda com pânico de sair de casa, agora para nós ir pra cá já foi uma função toda, porque a gente já teve duas vezes de quarentena, né? Era suspeita de COVID, mas graças a Deus não teve...

**P:** Vocês já tomaram vacina?

**B:** Já, a primeira foi paga, foi mãe e esta semana já tomei a vacina da gripe também eles tomaram a vacina da gripe. Tanto ele, quanto a I., o O. e o G. já tomaram a vacina da gripe também. O R. não se enquadra e nem a I. Ela não se enquadra pra fazer a vacina do covid ... nessa fase agora. Porque no caso dela é asma, né? Mas não é aquele asmático grave, né?

**P:** E o teu marido trabalha no que?

**B:** Ele é ajudante de motorista e motorista. Ele trabalha na expresso São Miguel, né. Mas é uma coisa boa por causa que ele trabalha todos os dias e vem pra casa, porque já teve empresas que ele trabalhava, chegava a segunda, 4h da manhã saía. Chegava na quarta, dez da noite, saía na quinta de madrugada. e aí, depois, só na sexta.

**P:** Tem trabalho com carteira assinada?

**B:** Tudo direitinho, graças a Deus, o ano passado teve assim, no mês de abril, a gente ficou meio sestroso porque aí teve aquela função do ter que ficar em casa, ele entrou naquele programa do bem informal, né, então diminuiu a renda né. A gente andou bem apertado até porque a medicação do R. agora, trocaram a medicação dele e uma das medicações é bem cara. Não é barato né. Ela se torna cara porque tem um vidro só não dá no mês. Então tem que ser 2, né. E só um vidro custa R\$ 183,00. Então é ... tira a estrutura da casa, né. Tu gasta mais porque a criança em casa ela come mais. Então eles estão sempre comendo... é uma fruta... o R. não é tanto no besteiro porque não é disso. Agora já I. não, a I. já gosta mais do doce, né. Fazer coisa pra comer, doce...

**P:** Sim, passando todo o dia em casa...

**B:** Passa todo o dia em casa e aí acaba comendo... e as atividades que eles tinham...

**P:** Tinha alguma refeição que eles faziam na escola antes?

**B:** Não. Nunca teve por que o R. sempre foi chato pra comida. Ainda mais em escola. Se tem leite, ele não toma leite, aí ele tomava água. As professoras ficavam loucas de dó, mas eu dizia, fazer o quê, né? Mas em comida, assim, o arroz e o feijão vai, né. Vai tranquilo, tendo carne, isto e aquilo. Eles não gostam de frescura. Frescurite, como eu digo

**P:** Que bom, é o que alimenta!

**B:** Sim, não é da bolacha recheada, não é muito de salgadinho né. Pão é uma coisa que não pode faltar lá em casa que a criatura está sempre comendo o pão, ele já foi até puxado pela pediatra por causa disto.

**P:** E então, com todas as dificuldades conseguiram fazer distanciamento social...?

**B:** Ah, não, sim, total!

**P:** Conseguiram comprar máscaras, álcool em gel, seguir as recomendações...

**B:** Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... O marido tem um tubo de mostarda dentro da mochila cheio de álcool e a gente anda sempre com os flaconetes com álcool, para proteção... claro que se voltarem as aulas, o R. e a I. eu não vou mandar, eu já assinei termos na escola que eu não mandaria eles, até porque eles não são vacinados. Se a I. ainda se vacinasse, até poderia eu deixar, né. Mas no caso dela como é mais difícil né, porque tem que ter toda aquela concentração para ela poder entender o que está se passando, tu acaba te cansando muito, né.

**P:** E como é para ti, ficar em casa o dia inteiro, com eles? Principalmente sem um apoio presencial dos professores ...

**B:** Bom, eu vou te dizer assim, ó, eu estou voltando a estudar novamente, né.

**P:** Que bom!

**B:** Pretendo fazer uma faculdade mais para o lado da área da saúde mental, né. Por causa deles, que tu vê muito pouco profissional, vou te dizer assim ó, participo de bastante atividade de saúde mental, relacionada a UFPEL também. Para ter aquela coisa, né. Tenho bastante contato com a Clarice Cardoso, que é coordenadora da enfermagem do grupo de ouvintes de vozes que o R. participa, né. Então ela vai me mandando links - então, queres participar? - Estou participando de tudo. Tudo que me convidam eu vou lá e participo, né. Mas tem que ser online. E que nem agora de manhã eu participei de uma aula, né, de EVA, e aí o professor falou que isto aqui a gente está fazendo porque não pode ser presencial, então vai ser totalmente online. Então eu digo, ah professora e quando for presencial provavelmente vou ter que levar meu filho, né.

**P:** E vocês tem internet em casa?

**B:** Tenho, eu já tinha antes até por causa dele. O celular, eles têm, né. Eles têm... o meu celular e um outro pequeno que era meu, né, que é o que a I. usa, eu dei pra ela né. Mas aí como a televisão eu tinha queimado, eu disse, deixa este celular em casa e como ela tinha ido lá para madrinha dela, lá eles não usam muito celular né. Aí eu digo, deixa então a gente botava o aplicativo da TV, botava no celular. Ele passa praticamente o dia todo brincando no computador, jogando simuladores de caminhão, é de carro, é de moto, é tudo relacionado...

**P:** Então agora adquiriram algumas coisas, equipamentos?

**B:** Adquiri, adquiri o computador, adquiri a impressora, né. Tudo no finalzinho do ano passado né. Então esse ano eu estava bem capacitada pra fazer a função da I., né. E aí quando começou às aulas da I. que me pegou aquela coisa de surpresa, né. Eu disse ...gente ... Aí eu pirei na batata, eu pirei na batata legal, eu disse gente como

pelo amor de Deus como é que eu deixei passar isso? Porque eu fui sempre envolvida com o R. né. Eu disse a I., gente, pelo amor de Deus! Daí eu trouxe ela aqui, conversei com o Dr. Alexandre, com o Dr. Isac, aí eles me encaminharam o médico neurologista, porque eu também tenho ... eu sou diagnosticada com crise de pânico generalizado e crises de ansiedade. Então quando um deles está ruim, quando eles estão melhor quem acaba caindo sou eu né. E aí eu mexo que aqui tem o NASF, né ... então tem a J. que é a coordenadora e eu mexo com ela, porque eu tenho um WhatsApp e aí eu mexo com ela. Eu digo J., pelo amor de Deus marca um horário prá mim, porque eu preciso entrar dentro da T., momento Tais. Porque tu acaba vivendo só a vida deles...

**P:** E pra ti, isto piorou na pandemia...

**B:** Piorou bastante porque, o meu marido ele é um analfabeto né. Então porque só tem um celular em casa esse daqui, acaba que as vezes tu tá atrapalhado, dando atenção para eles, pros estudos nas segundas-feiras, que ele tem a rotina dele, se sai fora da rotina babau, porque tu não consegue fazer nada. E aí então a matemática como meu marido gosta de matemática e a única coisa que ele sabe fazer, então a matemática a gente deixa para ele fazer junto com o R. Então foi uma maneira da gente conseguir unir o útil ao agradável. A função do português. Ele também tenta interagir né. E agora eu voltando a estudar. Também estou dando mais aquela atenção, sabe, aquela coisa básica. Mas acaba te irritando porque as vezes tu está até atrapalhada uma coisa né: "amor, parte aqui pra mim"; "mãe, mãe como é que eu se escrevo isso" né. E aí fica assim porque tu estás com a cabeça cansada, nem é o corpo físico cansado, mas sim a cabeça cansada né. E aí é um momento que eu acabo me explodindo né. E aí a minha explosão é interna lá né. E aí acaba o que eu digo pelo amor de Deus eu preciso de conversar com alguém. Alguém pode me atender né. E aí acabo vindo aqui converso um pouco, no caso espaireço, e acabo conseguindo chorar, fazer as coisas... porque eu também não admito eu chorava, pois parece que estou fraquejando. Eu sei exatamente que é errado. Mas não tem, é o próprio inconsciente meu que já é automaticamente pra estar forte.

**P:** Bom, e tem mais alguma coisa que tu queiras me dizer? O que tu achas que foi mais difícil na pandemia? Foi a questão da educação, foi a parte financeira, o que tu achas que foi pior?

**B:** Eu acho que foi assim porque foi a parte financeira, porque diminuir a carga horária de trabalho acaba diminuindo bastante. Que tem muitos lugares que não estão abrindo, né. Agora que tá recomeçando, né. E aí acaba diminuindo a renda mensal.

**P:** Ele teve algum impacto na empresa, ou só quando ele aderiu ao programa que tu me disse, o Bem Informal?

**B:** Isto, quando ele aderiu ao bem informal e agora né, não é por acaso, porque diminuiu, ele recebia mil, mil e cem por aí, e agora tá recebendo 800, 700. Aí acaba quebrando a banca como se diz, né. A I. com medicação também, agora eu tive que entrar com medicação com ela. E claro que as coisinhas deles a gente sempre acaba dando né. Faz uns agrados, como a gente se diz né. Ele mesmo, no mês passado estava de aniversário e ele pediu o fone microfone, e lá dei o fone com microfone e adorei né, porque também funciona melhor, é uma maravilha.

**B:** E aí foi só isto que foi ruim assim. Foi o ruim mesmo foi a parte financeira, de a criança pedir e não ter para dar.

**P:** E a parte da I. ter ido pra casa da madrinha, também, como é que você encarou?

**B:** Não, eu encarei assim, legal, sabe. Ela mora lá no Fragata né.

**P:** E quando vocês se viam? Quantas vezes por semana?

**B:** Ela agora foi passar uns só lá, uns quinze dias só agora.

**P:** E durante aquele período, que ela foi para estudar?

**B:** Ah, a gente falava por telefone por videochamada, mas é aquela coisa né. É igual a este daqui, quer falar com a tua irmã, não, não quer falar, mas é tranquilo assim, né. Mas foi bem.

**P:** Parabéns, não é fácil ser mãe, te admiro muito. Eu espero que dê tudo certo.

<b>Entrevista 3</b>
<b>Respondente C</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>C:</b> Entrevistado (a)

**P:** A senhora mora aqui? Nesse bairro?

**C:** Moro aqui.

**P:** Certo, a senhora hoje veio para consulta de rotina, ou alguma coisa especial?

**C:** Não, não, eu tô assim, na verdade eu estou trabalhando na área do COVID, né, lá na FAU. E eu tô até bastante agitada. Não sei se é devido a isso aí... a gente pega muita sobrecarga das pessoas... eu já tive aí outro dia, agora me deram um calmante para mim, só que para mim não tá me adiantando, está abalando o coração. Daí hoje eu vim para ver o que está acontecendo, porque está cada vez pior.

**P:** Não está se sentido bem? ... E a senhora trabalha no que?

**C:** Eu trabalho na área da limpeza.

**P:** Na limpeza, lá na FAU, no hospital?

**C:** No hospital da FAU, ali.

**P:** Então deve ter sido, na verdade, deve estar sendo bem difícil, não é?

**C:** Não, tá, tá bem, bem complicada a situação. Já trabalhei na parte de cima, lá do COVID e daí para eles me tirarem porque a gente viu muita coisa ruim e acho que isso aí, não sei., tá me abalando cada vez pior. Eu estou bem, bem ruim...

**P:** E a senhora sempre trabalhou na área da limpeza em hospital ou trabalhava em outro lugar antes?

**C:** Trabalhava na Beneficência, trabalhei nove anos ali. Aí sai de lá e fui embora pra fora. Tentar descansar um pouco. Só que aí tem um filho adolescente, que queria trabalhar, né, aquela coisa toda e aí pediu para vir embora e acabei vindo embora pra cá. Você está desempregado, precisa trabalhar para ajudar em casa. Daí peguei na FAU, faz dois anos e meio que eu to lá agora. Só que tá bem complicado, né! Tá... bastante... tumultuado, né. Tu vê muita coisa, e isso vai sobrecarregando, né...

[existem falas sobrepostas da entrevistadora que não foram reproduzidas, pois repetem a fala do entrevistado, são frases de mera concordância, típicas de uma conversa travada em ritmo informal, algo comum em pesquisas etnográficas]

**P:** ... claro, situações difíceis, né? E quem é que mora com a senhora? A senhora disse que tem um filho, ele mora com a senhora?

**C:** Tenho, tenho um adolescente com 18 anos e... e o meu esposo, né?

**P:** Certo, e quem sustenta a casa agora? A senhora, ou os dois trabalham, como é?

**C:** Meu marido tá encostado, ele fez uma cirurgia agora de catarata e ele tá encostado. Ele recebe o auxílio do INSS.

**P:** E vocês receberam ou tentaram receber algum auxílio, o emergencial, durante a pandemia?

**C:** Não, não até porque ele trabalha com carteira, né? Ganha pouco, mas trabalha com carteira.

**P:** Claro. E a senhora também?

**C:** Eu também sou com carteira.

**P:** E o seu filho, estuda?

**C:** Meu filho estuda. Agora devido ao colégio tá parado né, agora ele pegou pelo jovem aprendiz, ele trabalha na BRASCON agora, meio turno. Ele faltou terminar o segundo grau agora, falta dois anos para ele, falta dois ou três anos para ele.

**P:** E ele chegou a fazer aula online, algo assim?

**C:** Não, não, ele não chegou a fazer. Agora é que ele vai ver se faz, porque ele tá trabalhando e ele vai ver se paga, para poder terminar...

**P:** Claro. E qual é escola que ele estuda?

**C:** Ele estava ali no Assis Brasil.

**P:** E então, quando não teve mais aula presencial, ele acabou não indo mais?

**C:** Ah, né, em função do trabalho né, ele queria trabalhar, porque queria ganhar o dinheiro dele, para ajudar em casa, né. Ele também me ajuda. E pouquinho, mas ele ajuda, né, ele assumiu uma água, ele assumiu a luz, tudo um pouquinho ele ajuda. Porque do jeito que tá o salário-mínimo, a gente ganha pouco, é difícil, né.

**P:** Claro, é difícil. E como foi, para comprar álcool em gel, tudo em casa? Ainda mais trabalhando em um hospital, como é que foi? Vocês tiveram COVID, ou conseguiram se cuidar?

**C:** Eu tive, tive. Eu fiquei 14 dias afastada. E eu tenho falta de ar, muita falta de ar. Estou com muita perda de cabelo, dor de cabeça e essa falta de ar mesmo que me atingiu bastante, né. Parece que depois que eu tive, parece que piorou. Eu já tinha antes, quando eu tive assim. Mas depois que tive e que deu essa aliviada, porque eu eu tive em março.

**P:** E a senhora precisou internar ou ficou em casa?

**C:** Não, fiquei só em casa, fiquei em casa. E aí me afastei do filho e do marido, né, para eles não pegarem. Como o meu marido tem...

**P:** Fez isolamento em casa mesmo, como foi?

**C:** Fiz em casa... e ele tem diabete, né... e daí eu fiquei no quarto lá, sozinha, lá trancada lá. Tinha banheiro até...

**P:** E quem é que lhe fazia comida, essas coisas?

**C:** Ah, ele fazia, me botava na porta, eu abria e pagava. Fiquei me cuidando ali... ah é bobagem! ... Não, não é bobagem não, porque se você se pegarem... a gente via né... do jeito que tava lá. Então vou ficar sozinha e vocês ficam aí. Aí fiquei por 10 dias... 10 dias, daí não senti mais sintomas, era dor de cabeça só que eu tinha, né, e muita tosse... e ainda tenho tosse também... diz que isso é normal, a pessoa tem também...

**P:** ... Sim, sequelas são muito comuns nessa doença ...

**C:** E de mais eu estou esperando, né, para ver...

**P:** E já foram vacinados, na sua casa? Que idade tem o marido?

**C:** Meu marido tem 55. Ele tomou uma, falta a outra.

**P:** E a senhora já tomou?

**C:** Eu já tomei no hospital...

**P:** Claro, trabalhando lá ... tomou as duas doses já?

**C:** Eu já tomei, porque trabalhava, tomei as duas. Eu já to livre, já!

**P:** O que a senhora considera que foi mais difícil? O que está sendo mais difícil na pandemia pra ti?

**C:** Essa função que a gente vê, as pessoas do estado que estão, né, e o meu guri mesmo, que é adolescente, e quer sair para a rua, a gente tenta trancar, né, até porque ele se ajuda um pouco também, digo para ele não saia, tenta evitar para não

pegar isso aí, porque graças a Deus ele não teve. O meu mais velho teve. Mas é casado...

**P:** ... então tem mais um filho que não mora com a senhora...

**C:** Não, ele já é casado, ele já afastou também da esposa. Ela foi para pra casa da mãe dela, com a filha, e aí ele teve, também ficou sem olfato, sem paladar por um tempo. Não tá sentido parece que ainda... já faz um bom tempo já que ele teve isso daí. Foi antes de mim ainda, e a gente procura, porque eu tenho netos, também, coisa, a filha que é separada, aí eu tinha que cuidar as vezes a criança, e daí eu digo não, não dá para ficar... ela se virara de outras maneiras, porque que em função a escolinha também não estava funcionando, né...

**P:** Claro, e a esposa trabalha?

**C:** Trabalha, trabalha, ela é separada e tem um guri pequeno, né, quatro anos... Ah, é uma função, né? Aí vai tudo vai te sobrecarregando, né.

**P:** Claro. E a senhora, mesmo trabalhando no hospital, conseguia tempo para cuidar dos netos...

**C:** Ah, eu cuido dele no fim de semana, porque ela trabalha sábado, né, na farmácia. E aí na semana a gente também, a gente ficava com ele. E aí tinha outros dias que a outra mulher ficava com ele, a mulher da APAE que tinha uma escolinha que não estava aparecendo, né, como era pouquinhos crianças a minha guria deixava lá...

**P:** Mas também, era um gasto a mais, né?

**C:** Sim, e tá sendo agora um gasto a mais, né? Agora ela colocou o guri na escolinha de novo. Querendo ou não, agora são 600 reais por mês que ela tira, né? Uma pessoa sozinha ganhar um salário pouco é brabo, né? Complicado... eu acho que isso tudo vai te sobrecarregando, né, agora vamos ver o que eles vão fazer comigo...

**P:** Sim... a senhora acaba ficando sobrecarregada. Mas vamos torcer para que fique tudo bem. Que a senhora ache um bom tratamento, para a senhora ficar bem. Quero lhe agradecer. A senhora quer me dizer mais alguma coisa?

**C:** ... não, não ... [murmurando]

<b>Entrevista 4</b>
<b>Respondente D</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>C:</b> Entrevistado (a)

**P:** Certo, quantos anos a senhora tem?

**D:** Quantos filhos?

**P:** Quantos anos...

**D:** Setenta... oitenta e sete...

**D:** Eu sou V. T., funcionária da terceira regional do Estado, comecei na primeira em Porto Alegre, eu sou psicóloga da mulher e da criança... eu to aposentada... e tenho, eu sou enfermeira, sou recepcionista, enfim... porque na época em que eu comecei, não tínhamos esse negócio, nem pra varrer os, os postos aqui em Pelotas não tinham... éramos nós que fazíamos... então nós somos polivalentes no caso.

**P:** ... é verdade... a gente faz de tudo

**D:** Sim, e agora eu estou aposentada, desde 2002.

**P:** Desde 2002 aposentada... e quem é que mora com a senhora na sua casa?

**D:** Senhor Jesus.

**P:** A senhora e o senhor Jesus. E a senhora mora aqui no bairro, mora aqui perto?

**D:** Moro não, eu moro na Fernando Osório.

**P:** A senhora é aposentada, mas pelo que disse na sua apresentação, trabalhava bastante, certo?

**D:** Nossa senhora, na nossa época era doze horas, não tinha essa história de quatro horas e pegava... tinha de abrir o posto, o centro de saúde, né, embaixo... e cinco horas nós tínhamos que estar lá para abrir, porque senão começava o povo a gritar, a incomodar... aí nós estamos no meio-dia e a uma hora já tínhamos que abrir a porta pra, pro segundo turno... então foi muito corrido, muito judiado. Trabalhei um período também, tentei conciliar as duas atividades, mas aí não sei se cheguei a fazer um ano, tive que sair porque tinha que trabalhar aqui na Fernando Osório, na... lá onde tem até uma UPA, parece que é... como que é o nome daquela rua ali?

**P:** Sim, sei onde fica.

**D:** Sai no Krolow, ali... a Salgado Filho... eu trabalhei ali uns dois ou três anos na Sagado filho, depois eu fui trabalhar na... no Cruzeiro do Sul, lá eu trabalhei 14 anos com o Dr. Moraes, Dr. Milton Martins Moraes, um rico de um chefe! E depois eu fui para a terceira, no Centro mesmo, fui para a Coordenadoria do Dr. Gurgot, secretário de gabinete ...

**P:** E o que a senhora acha, durante a pandemia, como foi a questão financeira, mudou alguma coisa, continuou como era antes ... ?

**D:** Não, a pandemia nos tirou tudo que a gente tem. Porque eu não tenho benefício nenhum, só a aposentadoria que é mísera. Eu moro sozinha, eu moro num apartamento emprestado do meu neto, então eu tenho que pagar a luz, eu tenho que pagar o condomínio, eu tenho que pagar a luz... então, para mim tá sendo muito difícil, eu branqueei os cabelos da noite para o dia, porque eu sou loura, tá bem?

**P:** E a senhora tem quantos filhos?

**D:** Eu tenho um filho só.

**P:** Um filho? E quantos netos?

**D:** ... um senhor casado. Eu tenho três netos. Três rapazes, tão formados, dois engenheiros, um é professor da faculdade, da FURG, e o outro é engenheiro e o outro é tecnólogo. Graças a Deus os meus netos estão todos bem.

**P:** Que bom! E a senhora, já fez vacina, evidentemente.

**D:** Fiz duas doses, da vacina do coronavírus, e fiz a vacina da gripe, fazem um dois meses.

**P:** Que bom! E não pegou COVID?

**D:** Graças a Deus que não. E não vou pegar.

**P:** Não vai pegar, claro! E a senhora conseguiu se cuidar, praticou distanciamento, como foi com os netos?

**D:** Não, não, os netos estão na casa deles, trabalhando, estão lá, tudo isolado. Tá todo mundo isolado. Eles não entram na minha casa, nem eu na deles, estou assim, confinada dentro de casa. Eu só saio como agora, para vir aqui, porque por incrível que pareça eu tenho convênio, mas um médico adoeceu, o outro se aposentou, o outro tá com COVID, o outro... então...

**P:** ... não consegue agendar consulta...

**D:** Não consigo agendar, então tive que apelar para o município que realmente é um excelente trabalho. Porque viva o SUS! Porque quem tá mantendo essa pandemia miserável é o SUS.

**P:** E o que a senhora acha que foi mais difícil, assim, durante a pandemia? O que que mudou, assim, que a senhora acha que foi uma coisa difícil?

**D:** Prá mim foi muito difícil eu ficar muito isolada, porque os apartamentos lhe separam do... como é que é... do meio...

**P:** ... do convívio, né?

**D:** ... do convívio. E agora tu não tem convívio com ninguém, isso que tá me deixando muito depressiva, muito ansiosa, eu tive uma crise de ansiedade muito grande, e continuo assim, não tenho vontade de comer, estou com inapetência, eu tenho crises assim emocionais, muito difícil, muito, muito difícil...

**P:** E a senhora sai para ir ao supermercado, essas coisas, ou alguém faz para a senhora?

**D:** Não, não, o supermercado o meu filho faz.

**P:** Que bom!

**D:** Eu não vou ao supermercado. Eu só vou em médico, farmácia e olhe lá.

**P:** E a senhora tinha alguma atividade de lazer antes, algum hobbie?

**D:** Tinha o fim de semana, com as amigas, passava o fim de semana, ia ao Centro, de tarde, dar uma voltinha, sempre tinha alguma colega, amiga, que a gente se encontrava, ia num barzinho, tomava um cafezinho... hoje não, eu estou completamente isolada, nem pessoas para se fazer uma limpeza, nada, não se consegue mais ninguém! Nem para te acompanhar a ir ao médico. Vou fazer uma cirurgia de catarata, agora dia 26... Não, dia 16, estou enxergando muito pouco com o olho esquerdo. E eu não estou conseguindo ninguém para me acompanhar. Tá difícil!

**P:** ... bem difícil, né... e os seus netos já têm filhos?

**D:** Não, casado a pouco tempo, mas não. Nessa crise nem deve.

**P:** Claro, entendo, não é o momento, né?

**D:** Não é recomendável uma gravidez nessa época. As meninas são formadas, são tudo... uma é bióloga e a outra é farmacêutica.

**P:** Mas que bom, pelo menos, que a senhora não contraiu a doença ... agora tem que cuidar um pouco da senhora mesmo, para ficar bem.

**D:** Eu me cuido muito, mas aí vem essa... como eu já estou com... eu sofri um acidente, em 2018, no dia 30, no final de 2018, eu caí, quebrei a coluna e o cóccix. Então isso aí, que a pandemia já me pegou bem debilitada. Mas graças a Deus com os cuidados e o meu filho não admite que eu saia pra rua, porque ninguém... então a gente vai levando, mas que foi uma coisa... muito... prejudicial a nossa saúde, ao nosso convívio, essa doença, porque... ela te transmite medo, um pavor, um horror [P: uma insegurança], uma insegurança muito grande e depois você que as pessoas vão se [inaudível, fala abafada] e vê os bailões, as festas, as pessoas não tão acreditando que a coisa é séria, que a doença não está de brincado, que o vírus não escolhe quem ele vai atingir, então acho que nós estamos [abafado]...

**P:** E ainda aquela fase mais restrita da quarentena, de supermercados fechados, como a senhora fez sozinha?

**D:** Ah, eu nem sei. Foi um terror, ter que esperar que alguém te alcance alguma coisa, e o rapaz, meu filho, coitado, ele tem família, ele se vira, e hoje de manhã ele me disse, que hoje ele tava indo levar as compras, que eu precisava ir no médico e ele me disse assim: "eu nem sei, Vitória" - ele me chama pelo nome - "eu nem sei onde é que vou estar". Ele corre pro trabalho dele, ele corre para a família, enfim...

**P:** ... acabou também sobrecarregado, o filho...

**D:** Ele, ele tá muito sobrecarregado. Ele está muito sobrecarregado. Bem complicado, porque ele tem que trabalhar pela sua sobrevivência, né? Inclusive, se você não trabalha...

**P:** ... é, não tem como né? Até trabalhando é difícil...

**D:** As contas estão chegando, né?

**P:** ... é verdade! Então, era isso que eu queria conversar com a senhora. Gostaria de me dizer mais alguma coisa, perguntar?

**D:** Não querida, eu que te agradeço. Acho que estás num bom caminho, as pessoas precisam muito de serem acolhidas, de ouvirem a palavra de uma pessoa mais experiente, de uma pessoa que tá conhecendo as atividades aqui na região, e no Brasil e de fora daqui. Porque até o meu filho tem uma sobrinha, que é casada, da irmã da esposa dele, que está na Nova Zelândia, que trabalha lá. E ela está tendo contato com Porto Alegre... não sei o que é... e ela passa informações, isso é muito [incompreensível]. Ela tá trabalhando lá...

**P:** E lá tá muito bem, muito seguro, muito controlado...

**D:** Na Nova Zelândia parece que tem um caso eu acompanho, ela até deu uma entrevista na televisão, eu não me lembro qual foi, ela dizendo... porque lá, porque lá até que é uma ilha, né? É mais difícil do acúmulo de seres humanos, né?

**P:** E a senhora acompanhou as recomendações pela TV, pela mídia, pelo jornal...

**D:** Ah, eu estou sempre atualizada porque eu, inclusive, tenho os meus amigos, né? Meus colegas, a gente conversa muito quando eu vou lá. Eles também têm muitos que ficaram ali [??? última palavra inaudível] ...

**P:** A senhora usa Whatsapp, celular ... como faz pra se comunicar?

**D:** Eu sim, tenho um celular, mas eu não sou muito... [longa pausa e múrmuros] mas até do Presidente, ele manda mensagem, Governador do Estado, eu tenho uma sobrinha que trabalha lá no Gabinete, então eu estou sempre acompanhando, e mesmo que a gente que é da área da saúde, sabe que aquilo que tu gosta, que você fez durante tantos anos, você nunca vai esquecer... então é uma área que é por opção, não é por ganância de dinheiro.

**P:** E a senhora tem mais algum irmão, mais algum parente em Pelotas ou só o filho mesmo?

**D:** Não, não, aqui em Pelotas eu não tenho nenhum. Duas, duas irmãs moram Porto Alegre. Tem três, são três, e eu sou sozinha aqui. Só eu aqui. Meu filho casou e eu fui ficando, ficando...

**P:** Mas fico feliz que a senhora esteja bem de saúde. Precisamos nos cuidar.

**D:** ... é, a gente tem que estar muito consciente do que está acontecendo, porque se a gente não tomar ciência do que está acontecendo e não admitir os cuidados... os... como é que chama? [**P:** as prevenções] As medidas preventivas, com esse vírus para que não chegue até a gente. Porque a gente tá no meio dele, não é verdade? Aqui mesmo na rua, tem pessoas que estão com máscara, tudo bem, mas não é fácil.

**P:** E a senhora seguiu consultando e se cuidando durante a pandemia ou evitou?

**D:** Não, porque os médicos nem tavam atendendo. Não tinha médico que atendesse. Então isto aí me causou um transtorno muito grande porque o meu médico que, que eu vou mais seguido não está bem. O outro, Dr. Milton, que foi meu chefe, também está impossibilitado. Então [parte incompreensível]... ninguém quer atender. Fiz até a panorâmica, estou esperando. Passa um pouco para ver, mexer na boca é algo muito complicado...

**P:** Sim, porque não tem como usar máscara ...

**D:** ... até porque os recursos aqui dos consultórios, em Pelotas, não são os que eles estão exigindo agora, tem que ter a cadeira bem alta, ter o encosto bem alto, aquela

história... então é muito perigoso. O vírus, eu ouvi, não sei se é, que ele se aloja principalmente nas gengivas...

**P:** ... sim, nas vias aéreas, boca e nariz ...

**D:** ... então tem que se escovar os dentes muito seguido, manter muita higienização na boca, nariz, sempre. Eu uso álcool sempre. Mas eu estou com as mãos ressecadas...

**D:** Mas você é jovem. Agora, uma pessoa de mais idade... tá todas as minhas mãos, tá que parece uma lixa.

**P:** Eu lhe agradeço muito mesmo, por conversar um pouquinho aqui comigo. Espero que a senhora fique muito bem de saúde.

**D:** Você tá começando, você é jovem, tem um caminho pela frente. Deus queira que seja uma boa profissional, porque a área, se você escolheu essa área, porque a área é boa. Quando a gente faz aquilo com amor, com boa vontade, você vai longe.

<b>Entrevista 5</b>
<b>Respondente E</b>
<b>Legenda:</b> P: Pesquisadora E: Entrevistado (a)

**P:** ... tá contando um pouquinho, o que a senhora faz? Qual a sua idade?

**E:** Eu trabalho com faxinas [-]

**P:** Certo, trabalha [-]

**E:** Tenho cinquenta anos.

**P:** Certo. E quem mais mora com a senhora?

**E:** Mora (...) três filhos. Um filho, duas filhas e o marido. E uma neta.

**P:** Ah, certo!

**E:** Uma netinha de quatro anos

**P:** E a senhora [...] como é que foi assim, durante a pandemia? Essa coisa da questão financeira? A senhora mudou a sua situação? A senhora acha que piorou? Teve alguma mudança? Como que foi?

**E:** Ah, eu acho que piorou, né? Até pro serviço como eu trabalho com faxina

**P:** Claro. Sim, mais difícil a senhora poder também conseguir?

**E:** Sim

**P:** As pessoas também tavam sem dinheiro, né?

**E:** Sim

**P:** E o seu marido também trabalha?

**E:** Ele trabalha assim, de fazer casa, colocar janelas, portas

**P:** Certo, faz serviços gerais?

**E:** Uhum

**P:** E pra ele também foi mais difícil?

**E:** Também foi mais difícil

**P:** E as suas filhas que idade tem?

**E:** Tem essa de quinze que tá ali

**P:** Certo

**E:** E o guri dezesseis e a outra de vinte e dois, que é a mãe da menina

**P:** E eles trabalham? Estudam?

**E:** As duas estudam. A minha guria também faz faxina, a de vinte e dois anos

- P:** Sim, já trabalha então? Então também já ajuda no sustento da casa
- E:** Sim
- P:** E como é que foi assim, durante o covid? Vocês tiveram covid?
- E:** Essa minha guria que tá ali na rua, ela teve [...] a semana passada foi testado positivo e agora ela ainda tá com dor. Dor na garganta, por isso que eu trouxe ela de novo, pra ver [-]
- P:** Sim, ah, ela que vai consultar?
- E:** Sim
- P:** E fora isso os demais tiveram?
- E:** Meu neto também quando morava comigo teve no começo, bem no começo. E o meu filho também que tava uns dia lá em casa também teve. Lá em casa teve três
- P:** Uhum. E mais passaram todos [-]?
- E:** O dele foi leve [-]
- P:** Foi tudo leve?
- E:** Foi tranquilo
- P:** Ah, que bom!
- E:** Ela já faz a (...) primeira, segunda dose, eu acho, fez da vacina
- P:** Uhum. Ah, que bom. E vocês todos, os demais, que podiam? Fizeram também vacina ou não?
- E:** Sim, eu já tenho a terceira. To esperando a quarta agora [-]
- P:** Ah, que bom! Que bom. Que bom, né? Ajuda.
- E:** Uhum, sim
- P:** A senhora disse que tem um neto, que ano ele tá? Ele tem quantos anos? Estuda?
- E:** O meu neto que mora comigo?
- P:** Mora, é.
- E:** Ele estuda, ele tá com dezesseis
- P:** Ah, ele tem dezesseis já? Já tá grande? [risos]
- E:** É, sim
- P:** E como é que foi essa questão da educação dele assim, durante a pandemia? Ele fez aula online?
- E:** Não.
- P:** Que série que ele tá? Ele tá no ensino médio? Ou tá no [-]?
- E:** Tá no sexto ano, ele tá bem atrasado.
- P:** Sexto ano? E aí ele estuda numa escola da rede municipal? Estadual?
- E:** Sim
- P:** E não teve aula online? Nada disso?
- E:** Não.
- P:** Então, basicamente ficou em casa sem estudo todo esse período?
- E:** Sim, uhum.
- P:** É, imagino. E vocês conseguiram, foi possível assim, ahn, seguir as recomendações da ciência? Do governo? Enfim, em relação ao uso de máscara, distanciamento, tudo isso? A senhora acha que conseguiu?
- E:** Sim, uso de máscara sim. Só quando meu neto teve, esse meu neto morava com nós que tava [...] agora ele não mora mais, quando ele pegou tinha cinco anos, né? A gente não conseguiu isolar ele, né? A gente ficou com ele
- P:** Sim, sim
- E:** Mas graças a Deus não pegou mais ninguém, só dele daí, né?
- P:** Claro, de qualquer forma conseguiram
- E:** Uhum, sim
- P:** E o que a senhora acha que foi a coisa mais difícil assim, durante a pandemia?

E: Ah, foi o trabalho, né? Que a gente quase não conseguiu (...) não conseguia faxina porque as pessoas [...] quase ninguém queria por causa, né? [incompreensível]

P: Claro, uhum

E: Se cuidarem e coisa, né?

P: E aí, como é que vocês fizeram pra sobreviver nesse período assim? Vocês receberam algum auxílio do governo? [-]

E: Recebeu auxílio, sim e (...) levando, né? Devagar nós...

P: Claro. E a senhora mora aqui perto? Nesse bairro?

E: Uhum, moro.

P: Certo. E me conta uma coisa sobre seus filhos? O que eles [...] como é que foi assim, em casa? Conviveram todos juntos todo esse período? Nenhum deles, ahn, estuda mais?

E: Sim, no caso, quem estuda é só esses dois adolescentes, né?

P: Os adolescentes? E a sua filha de vinte e dois que trabalha, ajuda nas faxinas, né?

E: Sim

P: Moram todos juntos?

E: Sim

P: E me diga alguma coisa, a senhora teve alguma outra questão assim, de saúde, ahn, ficou nervosa? Teve problema pra dormir? Alguma coisa assim, durante a pandemia?

E: Ah, eu sim, né? Eu (...) Não chegou a me dar covid, mas me deu infecção respiratória, me deu [...] até cheguei a baixar o hospital, ahn, sinusite, eu me ataco muito, né?

P: Sim. A senhora já tem algum outro problema crônico de saúde?

E: Tem, uhum.

P: Sim, aí ficou mais difícil. Mas acha [-]

E: Até uso de máscara, né? É complicado, mas tem que usar [-]

P: Claro, pra quem tem problema respiratório, né?

E: Uhum.

P: É verdade. E a senhora teve alguma dificuldade assim, psicológica? De lidar com esse momento? Achou [...] teve alguma coisa mais difícil que a senhora enfrentou?

E: Acho que não, né?

P: Conseguiram lidar bem todos?

E: É, só me apavorei mesmo quando foi meu neto que ficou com a [...] pegou a covid porque ali tava no começo. Ele pegou no começo então ali eu entrei em pânico, né? Mas...

P: Sim, ainda não sabia muita coisa, né?

E: Uhum

P: Mas que bom que ele ficou bem

E: Sim

P: E quem cuida dele normalmente?

E: É a mãe dele

P: A mãe dele fica em casa com ele? E ele não tem escola [...] não vai pra escola ainda?

E: Não, agora ele vai, agora ele não mora mais com a gente, ele mora em Novo Hamburgo agora, com a mãe dele e o pai dele, né?

P: Ah, sim. Ah, moram longe, então foi só no [-]?

E: É só passaram um [...] ali no começo eles tavam lá em casa daí [-]

P: Uhum

E: De resto foi tranquilo, né?

- P:** E ela agora trabalha? A mãe dele?
- E:** Agora ela tá em casa, não tá trabalhando
- P:** Então ela que cuida dessa parte dele e tal?
- E:** Uhum.
- P:** E deixa eu lhe perguntar mais alguma coisa então. E como que foi assim, o trabalho doméstico em casa? A senhora acha que aumentou durante a pandemia? A senhora lidou bem com isso? De ficar em casa e cuidar de tudo? Como é que foi?
- E:** Sim. Eu sempre cuido igual
- P:** Lidou? [risos]
- E:** [incompreensível] eu não consigo parar.
- P:** Sim, é verdade. A gente não consegue, né? E aí ficou na senhora?
- E:** Sim, uhum
- P:** É, é mais difícil. Tá bem, alguma outra coisa assim, que a senhora lembre? Ahn, sobre a pandemia que a senhora tenha achado difícil? Alguma coisa em relação a educação? Aos filhos?
- E:** Ah, eles ficam mais [...] parece mais revoltado, né? Porque tem que ficar só dentro de casa e coisa, né? Não...
- P:** Na cidade, né? Não pode sair e tal
- E:** Não podem sair, não pode. Ficam mais rebelde um pouco, mais alterados
- P:** Sim, sim. Ainda mais sem estudar, sem ter uma atividade né? Mais difícil
- E:** Sim.
- P:** Mas então tirando isso a senhora conseguiu lidar de boa com tudo?
- E:** Sim.
- P:** Foi bem então? E o que a senhora acha que assim, que é mais difícil pra população em geral assim? O que a senhora vê que o povo sofreu mais? Foi com a parte financeira? Foi com a parte do trabalho?
- E:** Ah, acho que foi, né? A parte financeira porque quem trabalha assim, que não [...] uns que tinham carteira assinada foram despedidos, né? Quem não trabalha com carteira assinada piorou a situação, né?
- P:** E a senhora alguma vez na vida já trabalhou com carteira assinada ou não?
- E:** Faz muito tempo, faz muito tempo que trabalhei de carteira assinada
- P:** Certo
- E:** Uhum. Agora por último sempre faxina, limpeza, assim
- P:** Então tá, na verdade era mais ou menos isso que eu queria, queria conhecer só um pouquinho no geral assim, da senhora, se tinha alguma coisa que a senhora queria falar sobre a pandemia. Eu agradeço muito pelo seu tempo, agora a gente já avisa ali que a senhora tá liberada, tá?
- E:** Tá bom. Tá. Obrigada.

<b>Entrevista 6</b>
<b>Respondente F</b>
<b>Legenda:</b>
<b>P:</b> Pesquisadora
<b>F:</b> Entrevistado (a)

**P:** E hoje tu veio então é, ahn, consultar por qual motivo?

**F:** Ah, eu não sei se é uma alergia que eu tenho lá de onde eu trabalho, que é [...] eu to com meu corpo todo *empipocado*, sabe?

**P:** Ah, sim.

F: Daí, nossa! Eu não consigo [...] eu chego em casa e eu vou tomar banho parece que invés de aliviar, piora

P: Piora. Ai! Essas coisas de pele é brabo, né?

F: Sim

P: E quantos anos tu tem?

F: Vinte e seis

P: Vinte e seis? Bem novinha! Tu trabalha com o que?

F: Metalúrgica

P: Ah, que legal! E tu mora com quem assim, na tua casa?

F: Eu sou casada, né?

P: Aham

F: O marido e os filhos

P: Ah, tens filhos? Que idade tem?

F: Uma tem dois e meio e o outro seis

P: Ah, querido! Eu tenho um, mas tem dez, já tá maior [risos] E como é que foi assim, durante a pandemia? Tu seguiu trabalhando? Teu marido também trabalha?

F: É, eu peguei o seguro durante a pandemia no emprego, né?

P: Ah, começou já durante a pandemia?

F: O primeiro ano foi tranquilo, mas eu peguei covid, né?

P: E como é que foi a tua covid?

F: A primeira vez [...] eu peguei duas vezes, mas a primeira vez foi bem complicado

P: Sim

F: Foi mais forte, sabe?

P: Uhum.

F: Bem mais forte. A segunda não tive tantos sintomas assim [incompreensível]

P: Na segunda tu já tava vacinada ou não?

F: Sim

P: Já tinha dose da vacina.

F: Mas a primeira vez que eu peguei eu perdi paladar, perdi olfato, perdi tudo, sabe?

P: Sei

F: Só queria ficar na cama, febre alta [-]

P: Ah, bem difícil. Como é que foi com as crianças em casa?

F: Daí a minha menina, novinha né?

P: Sim, imagino

F: Foi, acho que em janeiro, se não me engano, ela é de dezembro, então, ela tinha um mês, sabe? E eu amamentava. Ai, eu fiquei bem, mas bem louca, né? Aí o médico me recomendou a botar a máscara pra amamentar ela

P: E ela pegou ou não?

F: Pegou

P: Pegou. Difícil né?

F: Sim

P: E o teu marido trabalhava? Seguiu trabalhando?

F: Sim. Não! Daí aquela época eles davam afastamento, né? De quinze dias, aquela época

P: Ah, bom, uhum. E ele trabalha com o que?

F: Ele é funcionário público

P: Sim. E aí também não conseguiu te ajudar porque nesse momento é só a mãe né?

F: [incompreensível] o que ele tinha que fazer era ficar isolado. Aí como os pais dele são mais velhos, são mais [...] a gente não diz medroso porque a gente entende, mas eles tinham mais [-]

P: Sim, receio de pegar.

F: Aí a gente mora um do lado do outro tipo, se tinha que alcançar alguma coisa era só na porta ali, por baixo que tinha um buraco e tipo, bem [incompreensível], sabe? Eles viviam o isolamento deles

P: Então tu não tinha ninguém que te ajudasse com as tarefas da casa? Do trabalho doméstico? Nada?

F: Tinha meu marido, ele [incompreensível], sabe? [-]

P: Sim, ele ajuda. Sim, que bom

F: Ele me ajudou bastante

P: E aí a tua filha maior? Já tava sem estudar? Ou ela (...)?

F: Não, é um menino.

P: Ah, um menino

F: E como foi há dois anos atrás, ele não ia pra escola ainda, né?

P: Uhum

F: Não tava indo. Daí foi em janeiro ali, então foi uma época tipo, de férias, sabe? Então, tava tranquilo

P: Sim. Mas, aí também tu tinha que te dividir entre os cuidados com o bebê e o menino maior cheio de energia, né?

F: Isso, aham. Sim.

P: E agora ele já tá na escola?

F: Agora sim. Faz dois anos já que ele tá indo pro colégio agora. Daí eu peguei, a primeira vez que me deu forte foi o primeiro ano de pandemia.

P: Uhum

F: Quando começou

P: Sim. E tu acha que tu conseguiu assim, seguir as recomendações de início? Foi tranquilo? Como é que foi? Ou vocês tavam [incompreensível]

F: Eu [...] Sim, nós cuidamos um monte, sabe? Eu tinha muito medo assim, de [-]

P: Tu tem alguma doença?

F: [-] se parar pra analisar, no início era bem mais [-]

P: Sim, a gente não sabia o que ia acontecer

F: [incompreensível] aí o meu marido é coletor, ele [...] daí não tinha como usar máscara. Como é que a pessoa vai correr recolhendo lixo com máscara?

P: É difícil

F: Então pra eles não tinha como usar máscara [-]

P: Sim, e ali ele trabalha com outras pessoas também

F: Já ficavam tudo, né? Mas não tinha o que fazer, tinha que trabalhar, né?

P: E é a primeira vez que tu trabalha? Ou tu trabalhava antes [-]?

F: Não, eu já trabalhei antes

P: Aí tu parou por conta da gravidez?

F: É, que daí eu engravidei, daí eu tava trabalhando, daí saí do serviço e daí engravidei.

P: Uhum

F: Daí só depois que eu ganhei ela, né?

P: Sim sim. E aí com quem que ela fica agora?

F: Ela fica comigo porque eu não trabalho no outro turno

P: Ah! Que bom! Consegue revezar

F: Daí a gente [incompreensível] daí de noite eles dormem com meu marido, né?

P: Sim! E o que tu acha que foi mais difícil assim, nesse período da pandemia? De ficar em casa? Daquele período mais difícil?

F: Ah, eu digo que seria os cuidados porque, tipo, uns se cuidam, outros não.

P: É!

F: Né? Eu digo por mim mesmo, eu de início fiquei com medo e tal, mas aí depois de um tempo já não dei tanta bola. Então, eu não me cuidava o suficiente

P: Uhum. Sim a gente vai relaxando né?

F: Sim. Máscara, quando a gente ia sair, era só no lugar mesmo pra pôr. Então, eu digo que os cuidado, né?

P: Sim, sim. E os teus pais? Teus sogros, na verdade, que moram do teu lado, né? Não pegaram?

F: Minha vó teve lá comigo também, nesse tempo do [...] que eu peguei, que eu fiquei mal, as duas vezes, na verdade. E ela já tem sessenta e três, né?

P: Aham

F: As duas vezes que eu peguei, ela teve contato comigo e não pegou

P: Que bom, né?

F: Tipo. É! Sabe? É bem comum às vezes, eles que são mais velhos, são bem mais resistentes que a gente

P: Claro. E como é que tu te sentiu quando tua filha pegou?

F: Não. Daí ninguém pegou. Eu peguei

P: Ah, achei que ela tinha pego quando tu amamentava

F: Quando eu peguei, só eu peguei

P: E tu usou máscara e conseguiu! Ah que bom!

F: Mas meu marido fez teste [incompreensível] não fez teste, mas daí, então, tipo, foi só eu mesmo que fiquei

P: E aí ele então que te dava comida? Te fazia tudo?

F: Sim, fazia tudo.

P: E mesmo assim não pegou, que bom, né?

F: Daí, minha sogra queria tirar as crianças, daí eu disse não, eles tão aqui comigo até agora, porque eu fiquei sete dias com sintomas pra depois ir atrás, né?

P: Sim, uhum.

F: Aí ele disse não, eu disse não, não vou deixar eles. Daí o médico disse “Ah, quando tu for amamentar daí tu põe máscara pra não ficar [-]”

P: Ficar respirando, sim.

F: E daí, graças a Deus, deu tudo certo

P: E durante a gestação foi tranquilo? Ou tu ficou mais apreensiva assim, por causa disso?

F: Não, foi bem tranquilo

P: Foi? Que bom. Tu teve parto normal ou cesárea?

F: Cesárea

P: E ficasse internada no hospital?

F: Eu fiquei um dia só, eu ganhei ela de manhã e no outro dia, ahn, de meio dia [incompreensível]

P: E naquela época já tinha essa coisa de restrição de acompanhamento?

F: Não tinha começado ainda

P: Ah! Que bom então!

F: Foi só eu ganhar ela e começou a pandemia

P: Sim

F: Mas antes não tinha pandemia, sabe?

P: Sim, sim! Foi uma coisa que mudou assim, dum dia pro outro

F: Sim, sim. Daí depois (...) foi só pandemia

P: Em termos financeiros assim, tu acha que continuou a mesma coisa? Ou tu começou a trabalhar porque sentiu necessidade? O que tu acha?

**F:** Ah, eu acho que a mesma coisa, porque assim, claro, eu comecei a trabalhar pra ajudar mais aqui em casa. Até porque aumentou a família, né?

**P:** Claro!

**F:** Ficou mais difícil, mas eu acredito que não [incompreensível]. Pra nós assim, sabe?

**P:** Uhum. Então tá, e tu teve mais algum? Tu não tem nenhum problema de saúde, mas tu teve alguma coisa decorrente da covid? Ficasse com alguma sequela? Nada

**F:** Não. A princípio não.

**P:** Que bom! Então tá, tem alguma outra coisa que tu queira me falar? Que tu lembre? Foi tudo tranquilo?

**F:** Não!

**P:** Queria te agradecer por conversar comigo. Então, vou usar isso na minha pesquisa, te dizer muito obrigada e vamos ver se já chegou a tua vez

<b>Entrevista 7</b>
<b>Respondente G</b>
<b>Legenda:</b> P: Pesquisadora G: Entrevistado (a)

**P:** ... Vou lhe perguntar, dona Ana, quantos anos a senhora tem?

**G:** Eu tenho sessenta e sete

**P:** Sessenta e sete? E a senhora mora com quem?

**G:** Mora eu e o veio

**P:** É? Que idade ele tem?

**G:** Ele tem setenta e três

**P:** E como é que foi assim, durante a pandemia? Vocês trabalham? Vocês são aposentados?

**G:** Nós *semo* aposentado

**P:** Uhum. E a senhora recebeu durante esse período alguma ajuda do governo? [-]

**G:** Não!

**P:** Algum benefício? Nada? E conseguiu lidar bem durante a pandemia? Foi mais difícil? Foi a mesma coisa?

**G:** Foi a mesma coisa

**P:** A senhora tem filhos?

**G:** Tenho, cinco filhos

**P:** Cinco? Não moram com a senhora?

**G:** Não

**P:** Nem aqui?

**G:** Não, não

**P:** Moram onde?

**G:** Ah, uma mora lá no Santander, outra mora ali na minha rua mesmo

**P:** Ah, mas moram aqui, moram perto?

**G:** É. Outro mora na principal, tudo aí

**P:** E o que a senhora trabalhava antes de se aposentar?

**G:** Eu trabalhava na [...] de limpeza

**P:** Uhum. E a senhora acha que conseguiu assim, seguir as orientações do início da pandemia? Pra usar máscara, álcool em gel? Como é que foi? A senhora procurava saber o que tinha que fazer?

**G:** Não, eu consegui fazer tudo, me cuidava bastante

- P:** É? E a senhora tava covid em algum momento ou não?
- G:** Graças a Deus não
- P:** Nunca teve? Que bom!
- G:** Nem eu e nem meu velho
- P:** Ah que bom!
- G:** E a minha guria, toda a família, até o bebê de três meses já pegou covid
- P:** Ah, é?
- G:** E eu convivi com eles e não peguei
- P:** Que bom!
- G:** Eu convivi com outra guria também, minha neta, também pegou covid e eu não peguei
- P:** E a senhora fez a vacina?
- G:** Eu fiz, a primeira e a segunda só
- P:** Uhum
- G:** Daí eu to tentando melhorar, que ela disse que [...] melhorar da gripe pra mim sim conseguir as outras, sabe?
- P:** Certo!
- G:** Que eu ando muito *engripada* (...) e dor de garganta, diz que não é muito bom fazer [-]
- P:** Sim, sim, já tá um pouco (...) e a senhora tem alguma outra doença assim?
- G:** Eu sou hipertensa, sou diabética
- P:** Uhum
- G:** E o triglicerídeos alto, eu tomo bastante remédio
- P:** E como é que foi durante a [...] quando a sua filha teve? A família, todos tiveram covid leve? Como é que foi a covid?
- G:** Todos leves, todos leves
- P:** Que bom!
- G:** Até na pequenininha, coitadinha! Me deu até dó [-]
- P:** Ah é! É difícil ver bebê, né?
- G:** É, é! Mas foi tudo leve, graças a Deus. Tão tudo bem.
- P:** E é só essa neta que a senhora tem, não? Esse neto?
- G:** Não, não. Eu tenho catorze netos
- P:** Ah!
- G:** E tenho três bisnetos
- P:** E como é que foi durante a pandemia, a senhora seguiu vendo eles ou evitou?
- G:** Sempre
- P:** Conseguiram seguir se reunindo?
- G:** Sim, tão tudo bem, graças a Deus
- P:** Que bom! E o que a senhora acha que foi mais difícil assim, nessa pandemia toda? A senhora acha que teve alguma coisa assim, relacionada a saúde? A senhora ficava muito ansiosa? A senhora procurou não acompanhar pra não ver, ahn, noticiário?
- G:** Eu achei que foi mais difícil eu não poder dar umas passeadas, a gente ficou mais isolado, dentro de casa, né?
- P:** É, claro.
- G:** Todo esse problema [incompreensível] se cuidar, né?
- P:** A parte social a gente sente, né? Não conviver com os outros
- G:** É, é, é. Essa foi a parte que eu achei mais ruim, mas graças a Deus, tudo bem. Eles iam me visitar
- P:** Sim. E a senhora não precisou ficar isolada, né?
- G:** Não, não

- P:** Seguiu com a vida normal?  
**G:** Uhum  
**P:** Que bom! E sentiu assim, que em casa teve mais trabalho? Já que ficou em casa direto? Marido e tudo?  
**G:** Não, não.  
**P:** Foi tudo bem? Tirou de letra?  
**G:** Tudo bem tranquilo, tudo tranquilo, graças a Deus.  
**P:** Ah, que bom! Fico feliz.  
**G:** Aham  
**P:** Então tá, tem mais alguma coisa assim, que a senhora lembre?  
**G:** Não  
**P:** A senhora teve mais algum parente assim, que teve covid, ahn, que não foi leve? Que foi internado?  
**G:** Não  
**P:** Foram todos [-]?  
**G:** Foram todos bem, todos bem  
**P:** Que bom!  
**G:** As minhas duas famílias, as minhas duas filhas pegaram, mas foi leve. A minha neta pegou ainda quando tava grávida e também foi leve  
**P:** Sim!  
**G:** Foi tudo leve, graças a Deus  
**P:** Que bom.  
**G:** Eu tive com todos eles, peguei até o bebê no colo, cuidava, mas graças a Deus, eu não peguei  
**P:** Que bom que conseguiu continuar convivendo com eles, né?  
**G:** Aham, aham, foi muito bom  
**P:** Ah, então, que bom! Tá bem, era isso, eu só queria conversar um pouquinho com a senhora pra saber disso. Isso aqui então é pra minha tese do meu doutorado, não vou falar, não vou transmitir esse dado pra ninguém, só pra mim mesmo, pra minha pesquisa  
**G:** Sim, sim, aham. Tá bom.  
**P:** Mas eu queria lhe agradecer  
**G:** Imagina

<b>Entrevista 8</b>
<b>Respondente H</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>H:</b> Entrevistado (a)

- P:** Deixa eu te perguntar então, Luana. Quantos anos tu tem?  
**H:** Trinta  
**P:** Trinta anos. E o que te traz aqui hoje?  
**H:** Hoje o que me traz aqui é a gripe  
**P:** Ah, tá gripada?  
**H:** Sim.  
**P:** E me diz, tu mora aqui perto?  
**H:** Sim, moro aqui na frente.  
**P:** Ah, e tu é casada? Tem filhos?

- H:** Tenho uma filha, tem nove anos (...) e sou solteira.
- P:** Certo. E tu mora só com a filha?
- H:** Não, moro com a minha mãe.
- P:** Com tua mãe?
- H:** É, com a mãe, minha filha.
- P:** E quem é que trabalha assim, na residência?
- H:** Eu e a minha mãe.
- P:** As duas? O que que tu faz?
- H:** Eu sou doméstica.
- P:** Aham. E a tua mãe?
- H:** A minha mãe também é doméstica
- P:** E que idade ela tem?
- H:** A mãe tem setenta e nove.
- P:** Ah [incompreensível]
- H:** Quarenta e nove
- P:** Quarenta e nove? Super nova. E como é que foi assim, durante esse período a coisa financeira para vocês, de trabalho, seguiram na mesma função que trabalhavam antes?
- H:** Seguimos na mesma função, mas foi mais difícil, né?
- P:** Sim
- H:** Com a pandemia
- P:** Aham
- H:** Tudo aumentou
- P:** É verdade. E como é que foi com a tua filha? Ahn, ela ficou estudando em casa? Fez aula online?
- H:** Fez aula online, mas foi a mesma coisa que não fazer, né? Não tinha [...] a gente não tinha computador pra ela estudar e nem telefone
- P:** Sim, internet também
- H:** A internet também não era boa e às vezes fazia, às vezes não fazia, às vezes caía, às vezes não caía. Foi bem complicado.
- P:** E que ano ela tá?
- H:** Hoje ela tá na seg [-] terceira série
- P:** Terceira série?
- H:** Mas ela fez a primeira e a segunda online [interrupção] Ahn, eu não queria que ela passasse, né? Mas tinha uma lei que fizeram, não sei o que, que tinha que passar, eu não sabia.
- P:** Sim, aí ela acabou passando, mas também não aprendeu muita coisa nesse período
- H:** Sim, é, o que ela aprendeu bastante foi na creche, né? No pré, né? Que ela conheceu as letra e coisa e daí lá na primeira que tinha que juntar o bê-a-bá não conseguiu
- P:** Sim, é verdade.
- H:** Daí na segunda série também não, começou a ter aula muito no fim do ano acho que foi. Daí esse ano que teve, né?
- P:** É verdade
- H:** Mas, graças a Deus, ela é bem inteligente. Já tá aprendendo a ler.
- P:** Ah, que bom! Que bom!
- H:** É, a gente ajuda também, né?
- P:** Claro. E tu trabalha com carteira assinada ou não?
- H:** Sim.

**P:** Seguiu trabalhando no mesmo emprego durante a pandemia?

**H:** Sim, sim

**P:** Ah, que bom. E aí, ela ficava com quem assim? Quando ela não tinha aula e tu tinha que trabalhar?

**H:** Daí tinha que pagar alguém pra ficar, né? Pra ter alguém, pagava a vizinha pra cuidar dela. Até hoje pago, né?

**P:** Claro. Pelo menos tem essa [...] E me diz uma coisa, durante o período da pandemia, conseguiram se cuidar? Como é que foi? Vocês tiveram covid, alguém da tua família?

**H:** Ah, eu tive, mas tive [...] como é que é aquele, assintomático, né?

**P:** Uhum.

**H:** A minha mãe teve, foi internada, tudo [-]

**P:** Ah é?

**H:** Usou oxigênio, tudo, ficou vinte e poucos dias internada no hospital da cidade, mas graças a Deus, melhorou. Só que agora os sintomas, [incompreensível] mais sintomas, ficou com queda de cabelo, esquecida. Tem coisa que ela não tinha e tem agora. Não tinha diabetes, agora tem, não tinha pressão alta, agora tem.

**P:** Ah, então acabou causando outras coisas.

**H:** É! Depois do covid.

**P:** Sim. Mas agora ela tá bem?

**H:** Tá bem. Só que daí ficou, né? Com diabetes, com pressão alta.

**P:** Uhum. E vocês conseguiram se cuidar? Tentar usar máscara? Quando tu trabalhava também conseguiu tomar alguns cuidados?

**H:** Sim, sim.

**P:** E vocês? A tua filha não pegou?

**H:** Não, pegou

**P:** Que bom. E vocês receberam algum tipo de auxílio do governo nesse período?

**H:** Não, não

**P:** Não receberam nada? E o que que tu acha que foi mais difícil assim, durante a pandemia? Que tu acha que foi a parte pior

**H:** Ai! (...) Pior? Eu acho que (...) quase tudo, né? Tudo ficou mais difícil. Um ônibus pra tu ir trabalhar demora, daí perdi um ônibus e tinha que ficar lá no centro custa caro também. Ahn, o mercado aumentou absurdamente

**P:** É verdade!

**H:** [incompreensível] Nós, ali em casa, em três, a gente gastava no mercado uns setecentos, até setecentos e cinquenta por mês, nós três. Agora não baixa de mil reais

**P:** É verdade!

**H:** Não baixa de mil reais, e é necessidade, né? Que a gente compra, não é [...] Não baixa de mil reais e o salário continua sempre o mesmo [inaudível] alimentação.

**P:** É, a alimentação tá complicada, né? E ela [...] ela tem relação com o pai dela? Como é que é?

**H:** Sim, sim

**P:** E aí ela fica alguns dias com ele?

**H:** Sim

**P:** Ele ajuda financeiramente?

**H:** Sim, é que, na verdade, agora que eu me separei, catorze anos de casada. Ele morava com nós também e agora vai fazer seis meses que eu me separei e a gente

faz a superação [incompreensível] não teve nada, só não deu mais certo e a gente se separou, hoje minha questão é ela, né?

P: Sim

H: Porque ela é muito apegada a ele. Então, é aquela coisa, um final de semana ela fica com ele, um comigo, ela mora comigo, de vez em quando, ele vem buscar ela dia de semana pra jantar com ele, coisa assim, né? Bem (...)

P: Bem tranquilo

H: É bem tranquilo

P: Que bom, né? Isso ajuda, né?

H: É!

P: E financeiramente ele ajuda?

H: Ele ajuda

P: Ela estuda em escola particular ou pública?

H: Não, ela estuda aqui.

P: Ah, que legal! Que bom!

H: Ela estuda aqui

P: Sim. Então tá, tem mais alguma coisa assim, que tu lembre? Que queira me contar sobre a pandemia? Como foi?

H: Ah, acho que abalou todo mundo, né? [incompreensível]

P: É verdade! Teve algum familiar, algum parente ou conhecido que faleceu de covid?

H: Sim, meu avô

P: Teu vô? Que idade ele tinha?

H: Ele tinha uns setenta e dois (...) meu vô faleceu de covid

P: Foi bem no início? Lá na primeira (...)?

H: Não, foi bem depois. Foi quando ele tomou a primeira vacina, eu acho. Ele ficou mal e daí ficou uns dias no hospital e já positivou e [...]

P: E como é que foi assim, na casa que tu trabalhava? Ahn, eles tiveram algum cuidado extra? Te pediam, te exigiam alguma coisa extra de (...)?

H: É que na casa que eu trabalho são pessoas mais de idade, né?

P: Uhum

H: Então, eu usava máscara, não dentro da casa, mas quando eu chegava usava álcool e coisa porque nenhum dos dois pegou.

P: Ah, que bom!

H: Nenhum dos dois pegou covid até hoje.

P: Uhum

H: Então, os cuidados que eu tinha era usar máscara no ônibus, usar máscara fora e quando eu chegava passava álcool e coisa e daí fiquei trabalhando.

P: Sim

H: Mas, eles sempre me apoiaram se tivesse qualquer coisinha, eles sempre me mandavam ir fazer teste e coisa

P: Uhum, que bom

H: Sempre compreenderam

P: Sim, o momento, né?

H: É!

P: É [...] que era difícil pra todo mundo

H: É, que nem ontem que eu tava engripada, daí ela disse pra mim: “vai consultar, tá? Vai consultar”. Porque eu não gosto de botar atestado, daí a gente chega lá e dá explicação porque tu faltou. Ah, não, eu prefiro ir trabalhar. E outra coisa, tu vem aqui e tu fica a manhã inteira [-]

- P:** Pois é, e perde [-]
- H:** pra ti ser atendida. Eu trabalho das sete a uma. Vou sair daqui meio dia, mais uma hora. Então, eu só venho quando eu to muito ruim mesmo, sabe?
- P:** Sim. E que horas tu chegou hoje aqui pra ser atendida?
- H:** Era oito hora, a hora que abre. Por causa que eu [-]
- P:** Ah, aí demora mais [incompreensível] uma hora e meia, duas horas
- H:** Ih! É, eu vou sair daqui meio dia. Daí eu só vim porque tô com bastante dor no peito mesmo [-]
- P:** Sim
- H:** pra tossir e tô bem trancada. E daí tomei um chá e remédio já em casa e não adiantou, aí vim aqui pra tomar um antibiótico agora
- P:** Sim, alguma coisa pra melhorar
- H:** É, mas eu não gosto de vim, só se tiver muito ruim
- P:** Sim, quando precisa mesmo
- H:** É! Por que se não (...)
- P:** E a tua filha ficou bem? Sentiu falta assim, da escola com a pandemia? Ou ficou tranquila?
- H:** Sim, sim. Ela gosta, ela gosta, que nem agora de manhã ela vai nesse coleginho que tem aqui na esquina, sabe? Quando tu vem, que é o União.
- P:** Tá
- H:** E de tarde ela vai lá naquele lá em cima, que é o Guaraci, na escola.
- P:** Ah, ela vai em dois lugares
- H:** É! ela vai em dois lugares.
- P:** E aí num deles ela faz o terceiro ano que ela tá
- H:** Não, na verdade é tipo um (...) um intermediário esse União que tem, eles ajudam igual com atividade física [-]
- P:** Ah, que legal! [Incompreensível]
- H:** ahn, teatro, ballet. Não é um colégio, sabe?
- P:** Sim, sim
- H:** É uma forma de fazer com que a criança [incompreensível] atividades pra criança fazer
- P:** Sim, sim, pra poderem ficar em outro clube
- H:** Isso, daí ela só não tem aula na terça, na terça, ela tem aula a semana inteira das oito às onze e meia, só não tem aula na terça-feira
- P:** É? E quem é que busca ela ali escola quando tu tá trabalhando pra levar de tarde?
- H:** A babá que cuida dela, a vizinha
- P:** Ah, que bom!
- H:** Porque [incompreensível] eu moro bem aqui, na esquina, né?
- P:** Sim, sim, fica tudo perto
- H:** É.
- P:** Ah, que bom. Então tá, eu queria te agradecer muito por conversar um pouquinho comigo, tá?
- H:** Sim
- P:** Queria te desejar melhoras pra tua gripe
- H:** Brigada
- P:** Fique bem. Ân, vamos lá que agora falta, tinha só duas na tua frente, vamos torcer pra que passe rápido, né? [risos]

<b>Respondente I</b>
----------------------

<b>Legenda:</b>
-----------------

<b>P:</b> Pesquisadora
------------------------

<b>I:</b> Entrevistado (a)
----------------------------

**P:** Muito obrigada. Então, me conta, quantos anos tu tem, Luiz?

**I:** Trinta e dois, trinta e um

**P:** Oh! Já tá errando pra mais [risos]. E tu trabalha? O que tu faz? Estuda?

**I:** Trabalho, trabalho. Meu irmão tem um mercado. Não estudo, parei, tranquei, fazia faculdade de matemática, por causa do mercado, né? Trabalho com ele, é da minha família o mercado, trabalho junto das sete e meia até nove e meia.

**P:** Sim, um horário puxado

**I:** Não tenho tempo pra nada. E é isso.

**P:** E tu mora com quem?

**I:** Sou casado, moro com a minha esposa, aqui perto

**P:** Tem filhos, não?

**I:** Não, ainda não

**P:** Ainda não? E como é que foi durante a pandemia, tu seguiu trabalhando no mercado?

**I:** Segui trabalhando. Foi tranquilo pra mim, até sou meio descredulo dessas coisas assim, sabe? Não tenho a [...] tenho meu ponto de vista

**P:** Aham

**I:** Não [...] tanto que eu achei uma coisa estranha quando [...] ela pegou covid, né? No caso (...)

**P:** A tua esposa? Uhum

**I:** E a gente morando junto, eu não peguei, não tive nada. Sempre achei estranho essas histórias, essas vacinas que eles querem obrigar a tomar. Eu não tomei vacina nenhuma, nem gosto.

**P:** Não tomasse?

**I:** Sou bem contra isso, sabe? Tenho a minha opinião, respeito quem toma.

**P:** Claro, sim. Óbvio.

**I:** É como quem tem opiniões diferentes, seres humanos são pessoas diferentes

**P:** E a tua esposa ficou bem? Ela quando teve covid?

**I:** Ficou, ela só teve dor de cabeça até, daí ela foi e falaram que tava com covid, né? Aí eu sempre achei estranho a história do covid, daí eu fui fazer o teste e não deu. O nome dela é Letícia Tenente Rodrigues, até ela fez o teste nesse posto aqui.

**P:** Ah é?

**I:** A gente morava aqui perto antes, eu morava numa casa aqui, agora a gente se mudou.

**P:** Uhum.

**I:** Aí eu não tive covid, ali pra mim foi, foi onde eu vi que bah! Eu não sei, tive uma opinião estranha, acho essas vacinas muito estranha, te obrigarem que nem te obrigavam a [...] Mas, foi tranquilo pra mim

**P:** Sim, aí optasse por não [...]?

**I:** É

**P:** Tu, nesse período, tu chegou a te cuidar antes de tu conhecer? Antes de saber o que que era?

**I:** Claro, [incompreensível] o cara não acredita, mas fica com o pé atrás, tem que cuidar, tem que usar máscara

**P:** Te cuidasse um pouco?

**I:** Se eu tivesse num grupo de gente, num bolinho de gente assim, eu já usava máscara sempre. Quando eu tava mais em família, não.

**P:** Aham

**I:** Álcool gel, eu comecei a pegar uma mania de passar álcool gel, louco assim ó, tava louco, tava sempre [...] conversava contigo, botava a mão na mesa, já tinha que passar álcool gel. Me cuidei, entendeu? Não acreditando, mas também não sou [...] não vou também me abraçar e pegar todo mundo na rua

**P:** E alguém mais da tua família teve covid ou não?

**I:** Meu pai, minha mãe, meu irmão. Bah, todos.

**P:** E ficaram bem? Foi leve? Tranquilo? Ninguém teve [incompreensível]

**I:** Só o meu irmão que não foi muito leve, nada grave, minha esposa ficou seis meses, sete meses sem paladar. Agora que ela começou a voltar o paladar dela, agora não, faz um ano já.

**P:** Sim, sim.

**I:** Mas ela ficou quase um ano sem paladar nenhum, nos primeiros seis meses foi até estranho assim, coisa que ela amava comer, ela deixou de comer por causa que ela só sentia a textura, né? Pra ela era horrível. Feijão, por exemplo, ela amava e urgh!

**P:** Não sentiu nada?

**I:** Não sentia gosto, pra ela era horrível assim, até estranho isso.

**P:** É, eu tive com café isso, o meu problema foi o café

**I:** É? Ela amava feijão, feijão ela comia puro assim, toda hora. Ela não sentia gosto e ela começou a odiar feijão. Hoje em dia ela não gosta mais de feijão, achei uma viagem aquilo. O resto da família foi bem, o meu irmão mais novo, o Alexandre, que foi ruim, né? Pra ele foi bem pesado, foi bem bastante febre, dor no corpo

**P:** Mas não chegou a internar?

**I:** Não, ninguém se internou na minha família, graças a Deus

**P:** Ah, que bom

**I:** Conheço pessoas que perderam parente, tiveram internado, tudo, mas eu nunca, na minha família não.

**P:** Sim, ninguém próximo a ti. Que bom.

**I:** Graças a Deus.

**P:** E a tua esposa trabalha com o que?

**I:** Minha esposa trabalha numa clínica veterinária já

**P:** E ela seguiu trabalhando durante a pandemia? Como foi?

**I:** Não, ah, não. durante a pandemia, sim. Quando ela ficou com covid, ela ficou de atestado, afastada, entendeu?

**P:** Sim, sim

**I:** Mas durante a pandemia, normal. Todo mundo trabalhou normal na minha família até. Meu pai é taxista, que foi a pessoa que eu mais achei que ia ficar afetado. No início ficou pela verba, né? No caso, né? Não tinha muito dinheiro por causa da falta de cliente, mas fora isso, tranquilo.

**P:** Sim. Então, a questão da renda, pelo menos na tua casa, foi tranquilo?

Conseguiram manter mais ou menos a mesma coisa?

**I:** Sim, sim, graças a Deus, não passamos trabalho, graças a Deus. Eu achei que ia ser um ano [...] foi um ano bom até pra mim porque foi um ano que eu peguei um dinheiro na justiça, umas coisas assim, sabe? Achei que ia ser horrível e foi um ano maravilhoso na minha vida assim, financeiramente. Fora isso foi ruim, claro, não achei menor graça no que aconteceu assim, sabe? Sei que muita gente sofreu com tudo que aconteceu. Mas pra mim foi [-]

**P:** Sim, e o mercado foi normal? Ou tu acha que diminuiu?

**I:** Não, diminuiu muito, diminuiu demais. Bah, no começo, a gente tá no terceiro ano da pandemia, não?

**P:** É, sim, agora sim

**I:** Dois mil e vinte três é o terceiro ano, né?

**P:** É, dois mil e vinte e três vai ser o terceiro ano.

**I:** Dois mil e vinte e um, lá por fevereiro, se não me engano, sei que foi no início do ano passado, eu acho, foi muito ruim. Ano passado no início já tava na pandemia, né?

**P:** Sim.

**I:** Então foi no início do ano passado, tava muito ruim, muito ruim mesmo assim. Horrível! E tinha que abrir e se cuidar com a fiscalização, caso tinha alguém que podia pegar [...] alguma [...] sabe aquela coisa? Que tu tinha que te cuidar contigo, com os outros, foi terrível! Aí depois melhorou e a gente já tá normal. E na verdade [-]

**P:** E vocês como empresários assim, vocês tiveram que demitir alguém? Foi...?

**I:** Com certeza, houve uma redução grande no número de funcionários. Eram duas caixas de noite, duas caixas de manhã, aí ficou caixa de manhã, uma caixa de noite. Tudo foi um, um, um. Que não tinha condições, né? De manter até porque é até chato. E teve um cara que foi [...] o açougueiro saiu por causa que ele não conseguiu usar máscara, o cara não conseguia, sabe? Isso que a gente começa a reclamar e acabava ficando com medo, tomando multa. Que a multa, pelo que eu sei, era uma multa alta, né? Uma multa grave, aí não deu.

**P:** E tu tem algum outro problema? Algum outro não. Tem algum problema de saúde assim, crônico? Ou não?

**I:** Não. Eu tenho problema [-]

**P:** Por que tu tá aqui hoje?

**I:** Eu tô aqui por causa que eu preciso de um exame, né? Que eu vou participar de um grupo, por causa de drogadição, né? Porque eu tenho problema com drogas, com cocaína. Aí eu vou participar de um grupo lá e pra participar desse grupo tem que ter um teste de covid.

**P:** Tem que ter o teste aqui

**I:** Aí eu vou fazer o teste.

**P:** Ah que legal!

**I:** Eles não deixam participar. Eu me trato já faz dois anos. Eu tenho umas recaídas, às vezes, não muito, mas tenho. E eu quero tentar zerar isso e eu tô participandp de um grupo de pessoas, no CAPs

**P:** Que se apoiam, que legal! E durante a pandemia tu acha que ficou mais difícil de tu enfrentar isso?

**I:** Não. É que assim ó, que nem eu ia dizer, né? Na pandemia foi tipo, na pandemia foi pra serviço porque festa e coisa não parou em nenhum minuto nessa pandemia toda. Pra quem era da noite, festa, curtidão

**P:** Sim, mas tu te sentiu mais ansioso? Se sentiu mais [...] tu sofreu mais recaída?

**I:** Não, mesma coisa. Não, não mudou. Como eu disse, não mudou nada assim, nessa parte na vida do ser humano não mudou. Mudou na parte de trabalhar, mas nem sei porque assim, sabe? Parece que essa pandemia [...] essa [...] essas coisas de trancar pessoas assim, funcionou muito mais pro ser humano que quer fazer o certo, quer trabalhar, quer sair de ônibus, quer fazer isso (...) do que quem quer curtir porque festa tinha à revelia pelas ruas. Tinha, todo fim de semana tem uma festa

**P:** Mesmo durante o período que oficialmente deveria estar fechado?

**I:** Normal. Isso não mudou em lugar nenhum. Isso não mudou, nunca mudou isso aí. Parece que nesse lado da noite, da madrugada, das festas, curtidão, nunca teve pandemia, nunca teve nada.

**P:** E tu foi? Frequentou festas durante esse período?

**I:** Não, muito difícil. Eu evitava, né? Não vou dizer que não fui, acho que fui em dois aniversários e fui numa festa que ia ter um show dum cara que eu gostava. O cara faz rap, é um amigo meu, até fui pra dar um apoio pra ele. Mas, nunca teve problema, por isso que eu achei estranho, sabe? Tipo, falavam em contaminação, contaminação, mas os ônibus sempre lotados, as festas sempre acontecendo e enfim

**P:** Sim, ou seja, aquela parte oficialmente ali tava fechada, mas o resto acontecendo.

**I:** Sim, não é, exatamente. Ou é oito ou oitenta. Ou ninguém faz ou não existe essa “ah, não pode andar de ônibus porque” tipo, entendeu? Não vai entrar num ônibus sem máscara porque (...) mas daí as praia tudo lotada.

**P:** Mas aí as festas tem.

**I:** Tu não pode ir no shopping porque quis, mas teve festas de noite tavam lotada e ninguém usava máscara, entendeu? Então, não faz o mínimo sentido, nenhum sentido, na verdade, né?

**P:** Sim. E tu tinha alguma preocupação maior assim? Tipo, em relação aos teus pais que devem ter [...] que idade eles têm?

**I:** Meu pai veinho. Não, meus pais e a minha vó, eu tinha preocupação. Meus avós e meu pai, que meu pai é velho, minha mãe é nova, minha mãe tem quarenta e seis anos.

**P:** Nossa, super nova

**I:** Meu pai tem sessenta e sete, eles tem uma diferença de idade muito grande, mais de vinte anos. Não, é, dezoito anos. Aí eu ficava bem preocupado com ele, até tinha medo de eu pegar [-]

**P:** E passar pra ele

**I:** Porque eu me cuido, eu faço academia, um monte de coisinha. Então, eu não, eu não, tipo, até se eu pegasse, eu achava que eu ia me sair bem até, entendeu? Eu tinha medo de eu pegar e ir lá e passar pra ele, entendeu? Por mais que eu não acreditasse, como eu te falei, né? Eu [incompreensível] não adianta eu (...)

**P:** Claro. e a tua vó não teve ou teve?

**I:** Não, minha vó ficou isolada do mundo, né? A gente ia ver ela assim como eu e tu tamo assim, no máximo os dois numa distância. Ia fazer churrasco, sabe? Aquela coisa bem [...] e ela ficou [...] ela por ser veinha, ela não aceitava isso, sabe? Ela achava que era o cúmulo aquilo, mas por um lado foi bom, melhor do que ver ela entubada, respirando mal depois, né?

**P:** Sim, é mais difícil, né? E tu, mesmo não acreditando, na coisa toda, tu incentivava ela?

**I:** É que assim, como eu te falei, é a minha opinião, entendeu?

**P:** Claro, óbvio

**I:** Pelo momento que minha mãe tem uma opinião diferente, eu vou respeitar, que é a mãe dela, entendeu? Não é minha mãe, entendeu? Então, tipo, eu posso não acreditar, mas se eu chegar na tua casa e tu disser que a regra é assim, assim e assim, eu vou botar minha máscara e vou seguir a tua regra, entendeu? Se tu chegar na minha casa eu vou dizer “oh, meu, aqui tu pode ficar com o que tu quiser que aqui [...]”, entendeu? Então, eu respeito, eu tinha a minha opinião, eu tenho a minha opinião, mas eu respeitava geral. A maioria das pessoas seguiam um padrão [incompreensível] aquele padrão, entendeu? Não adianta eu querer bater pé que eu não vou fazer isso, fazer aquilo. Tu acaba virando o louco da volta, né?

**P:** Claro, é.

**I:** Então, eu tenho minha opinião formada sobre aquelas coisas, mas eu vou seguir tudo que falam pra seguir, tipo, usar álcool gel, usar uma máscara, evitar [...] Eu não vou, por causa da minha forma de pensar, eu vou lá botar meu pai e a minha mãe em risco, entendeu? Então, eu me cuidei, com certeza. Eu tentei [...] fazer bolinho [...] essas vez que eu fui em aniversário [...] a gente fez [...] fui no aniversário e a gente foi fazer exame logo em seguida, esse do palitinho que eu acho horrível. Esses exames eu fiz umas nove, dez vezes, eu acho.

**P:** Ah, fizesse?

**I:** Várias vezes, toda vez que eu achava que eu tava em risco de ficar com isso, eu ia lá fazer o exame pra ter certeza

**P:** Aham, pra não transmitir pra ninguém?

**I:** Claro, com certeza. Tem que se cuidar, não adianta também querer chutar o balde

**P:** E tu frequentou assim, alguma coisa de reabilitação? Alguns grupos durante a pandemia?

**I:** Do CAPS? Não. Eu só fui no psicólogo e psiquiatra. Só neles, daí na atividade em grupo [...] eu não ia na atividade em grupos dele lá porque não me encaixei, entendeu? Essa atividade em grupo que eu to indo é outro, é outra coisa

**P:** Ah, é outra coisa?

**I:** Pelo CAPs, o cara, meu psicólogo, me orientou a ir uma outra casa lá, aonde vai gente que só faz uso da droga que eu faço, que é cocaína. Lá no CAPs é muito é muito pessoas que usava crack

**P:** Geral, é outro problema.

**I:** Aí gente com história muito conturbada, que batia na mãe, que roubava família, eu nunca tive esse problema, entendeu? Aí eu acabava não me encaixando, daí eu segui um grupo de pessoas usuárias de cocaína que tem um padrão mais tranquilo, entendeu? Então, daí lá eu consegui me abrir mais, conversar mais

**P:** E te atrapalha no trabalho assim, algumas vezes assim, ahn, tu deixa de ir por causa da cocaína? Ou tá tranquilo? Já conseguiu?

**I:** Da droga? Cara, como, como eu uso [...] eu tô com trinta e um, eu uso desde os dezoito, né? Eu parei e botei o pé no freio desde os vinte e oito, então, faz uns três anos. Eu uso tranquilo no trabalho, eu não deixo de fazer as minhas coisas, se eu for usar, eu uso no trabalho, não deixo de dar atenção pra minha esposa, não deixo de comprar as coisas pra dentro de casa. Eu nunca, eu nunca roubei de dentro de casa, nada. Como eu não ganho mal, eu não ganho bem, mas não ganho mal.

**P:** Sim, sim. Mas consegue sustentar

**I:** Eu consigo sustentar meu vício, mas eu não quero, não pelo fato financeiro. Eu não quero porque não quero. Faz mal, saúde, tudo mais. Aí tem uma tia minha que trabalha em Viamão, que ela que me ajudou muito no início, acho que foi até ela que me deu essa roupinha, ela trabalha na prefeitura lá

**P:** Legal

**I:** O marido dela é da prefeitura. Aí eles me ajudaram bastante eles no início, né? Eles começaram, né? “Bah, não precisa disso, tu é um guri bom” porque eles descobriram foi num natal lá que eles me pegaram usando lá e “Bah, ó meu! Por que tu tá fazendo isso? Nunca imaginei!”. Aí “pum” parece que eu comecei a me virar, né? “Pior que não preciso dessas coisas”. No final, se tu for ver, daqui uns vinte anos, isso vai impactar na minha saúde, entendeu? Por mais que eu ache que não, aí eu comecei a me cuidar mais, né? Agora tô aí, em tratamento faz um tempo, mas eu tenho muita recaída, tipo, dia cinco, esses dias, sabe? Que tu pega dinheiro na mão, bah, é

complicado pra mim, né cara? Quando caí o pagamento, eu vejo assim, bah, meu Deus do céu!

**P:** Sim, a tentação é maior, né? É difícil

**I:** Mas tô conseguindo, cara. Eu tava, eu usava praticamente dia sim, dia não. Hoje em dia eu faço, a última recaída que eu tive faz duas semanas.

**P:** Aham. Sim, conseguiu já diminuir o [incompreensível]

**I:** É complicado essas coisas, tomo remédio e tudo, é bem tranquilo. Agora nesse grupo, eu acho que vai ser legal porque a gente pode se abrir com coisas que a gente não quer contar às vezes

**P:** Claro, com a família

**I:** Até tem coisas que a gente nem sabe que sofre no psicológico e a gente sofre

**P:** Aí quando alguém fala tu vê “ah, também passei por isso”

**I:** Isso, isso, exatamente. Pontos que tu te identifique, tu acaba vendo que às vezes procurava droga, não é por causa que tu achava [...] às vezes era um trauma ou alguma coisa que te faltava. Não sei te dizer mais. De repente tu não curtia, digamos, eu analisei que eu trabalhei a vida toda, desde os dezesseis, pra sempre. Então, eu nunca tive curtição na minha vida, daí acabou que depois dos meus vinte e seis, vinte e cinco [...] não, vinte e seis não, depois dos meus vinte e dois, vinte e três anos, aí eu comecei a querer, entendeu? Aí comecei a fazer mesmo [...] isso foi um dos gatilhos que eu fui entendendo

**P:** Claro. Tu foi descobrindo...

**I:** Então, é tipo esse exemplo que eu tô te dando

**P:** Ah, mas é legal porque tu descobre coisas diferentes.

**I:** É, a psicóloga falou que eu fui descobrindo aonde foi que eu deixei alguma coisa acontecer

**P:** Claro, todo mundo tem a sua [...]

**I:** [incompreensível] até foge do contexto da conversa

**P:** Não, mas a conversa é geral porque tudo faz parte, né? É a vida é assim, que a gente não consegue dividir “ah, esse é o trabalho” “esse é o pessoal”

**I:** Ah, tá. Tudo faz parte, é, é um, uma mescla de tudo. Exatamente.

**P:** Tá. E me conta então, um pouco sobre o que tu acha dessa coisa da covid assim? Sem preconceitos, sem (...)

**I:** Sem preconceito, sem nada. Eu acho que é tudo mentira. No quesito assim, tipo, o que a mídia, governo, passou pro povo foi uma história. Tipo, essa caneta eu tô te dando ela, eu não tô te contando como ela foi feita, entendeu? Eu só te dando essa caneta, toma essa caneta. É uma caneta, tu escreve com ela. Eu não tô te contando como essa caneta foi feita assim, assim e assim, entendeu? Pra mim é mais ou menos isso, é uma [...] Eu acredito que o ser humano, tipo, eu, tu, nós, a gente é pobre na verdade, por mais que tu tenha um padrão de vida bom, não se compara com um sheik, um cara que é dominante no mundo, entendeu? Um Elon Musk da vida. Então, eu acredito que a gente seja escravo desse sistema, entendeu? Pra mim, na minha cabeça, a gente é escravo de um sistema

**P:** Mas tu acredita no vírus? Ahn, na circulação do vírus?

**I:** Não acredito nesse vírus que eles tão falando pra nós, eu acredito que essa, essa gente controlam tudo e pra mim eles vão testando algumas coisas, até pra num futuro querer diminuir a população. E pra mim não interessa, é um vírus qualquer, uma coisa que tão testando na gente, entendeu? Porque, querendo ou não, eles não trataram com seriedade, se for pesquisar e ver algumas coisas tem muito cara que já é desse ramo aí que nem quis se vacinar, entendeu? Tem muito [...] não sei se tu acompanhou, tem um [...] ah, não dez deles lá, eu sei que três só se vacinaram, uma série de coisas,

sabe? Então, pra mim, eu creio que (...) eles passam uma informação pra gente, população, nós assim, né? Faz um alarde e às vezes não é tudo isso. Tanto que tem várias coisas, vários casos, eu mesmo, como te expliquei, minha esposa pegou e eu não peguei, eu não tive covid nessa pandemia, entendeu? E eu trabalho em mercado. Eu sei lá, eu acho que era pra ser diferente um pouco, como eu via os ônibus lotado, as festas acontecendo, as praias bombando e não [...] aí tipo, entendeu? Aí era aquela coisa [...] quando começou, tipo, quando foi pra votar liberaram, aí recolheram, aí agora (...)

**P:** Sim, dois pesos, duas medidas pra certas coisas

**I:** Aí agora ano novo, natal, “bum” bombando. Ano novo tu tem que ver como é que tava a praia, eu fui pra Santa Catarina, meu Deus do céu, né cara?

**P:** Tudo cheio?

**I:** Um mar de gente, todo mundo sem máscara. Não teve surto, não teve nada, entendeu? Vivia, vivia, vivia em festa, não, vivia sabendo de festa, vivia vendo acontecer tipo, em stories, em status de amigos meu, conversando, festas acontecendo durante as noites todas. A pandemia bombando e as festas bombando, todo mundo sem máscara e não via, ninguém morria. Não ficava sabendo de vinte se contaminarem e morreram, entendeu?

**P:** Tá, e esse número geral de mortes assim, tu acompanhou?

**I:** É uma [...] acompanhei, acompanhei. É algo que a televisão passa pra ti, se eles botarem lá que morreu metade do Brasil muita gente vai olhar e acreditar: “Ah, morreu metade do Brasil”. Se amanhã aparecer na Globo que tu é uma assassina perigosa, todo mundo vai acreditar que tu é uma assassina perigosa, né? Então, eu acredito no que eu vejo. Que legal! Uma informação que passaram, só que eu não vi com os meus olhos, o meu dia-a-dia é isso, entendeu? Como eu te disse, eu conheci pessoas que perderam gente por causa do covid, mas tipo, foi uma, duas, três, só. Não sei, esses números que, bah! Parece que tava morrendo o Brasil todo, entendeu? E como eu te falei, a mídia bota o que ela quer ali, entendeu? Vai da pessoa querer acreditar ou não, né? Eu acho, sempre achei suspeito, nunca fui muito de televisão, nunca fui de gostar de assistir, nunca tive tempo também pra essas coisas.

**P:** Sim, mas acabou acompanhando também

**I:** O cara acompanha, não tem como, o cara tem que ter o mínimo de informação até pra tu saber o que tá falando, né? Mas acho que são números que eles botam o que eles quiser, como eu falei, amanhã eles podem botar lá, “[entrevistado cita o próprio nome] estuprador, não sei o que” amanhã eu saio na rua e vou morrer na rua porque eles passam o que eles quiser e as pessoas acreditam, entendeu?

**P:** Sim, é verdade.

**I:** É a mídia, né?

**P:** E o que tu acha que foi a maior dificuldade assim, pra ti, durante a pandemia? Pra ti, pra tua família, enfim, pra tua esposa?

**I:** Foi se adaptar a essa falta de [...] tipo, de ter que [...] como é que eu vou te falar? Tu é obrigada a fazer certas coisas, entendeu? Eu não tomei a vacina porque meu irmão é dono do mercado, porque teve funcionário que foi obrigado a tomar a vacina.

**P:** Sim, sim.

**I:** Ou tu toma a vacina ou tu vai pra rua. Isso aí não existe, entendeu? Pra ti entrar num shopping, os lugar hoje tu tem que mostrar que tu tomou a vacina. Só que eu penso assim ó, se tu tomou a vacina [...] tá, tu tomou a vacina pra diminuir os efeitos em ti, entendeu? Então, por que que querem me obrigar a tomar a vacina se é uma coisa que vai fazer mal só pra mim, entendeu?

**P:** Tua escolha.

**I:** Se tu tomasse a vacina e tu não passasse mais vírus, nem contraísse o vírus, tudo bem, mas é tipo, pessoa que tomou a vacina, vai pegar o vírus e vai transmitir o vírus. Tu não muda nada.

**P:** Sim. É uma escolha pessoal tua

**I:** Entendeu? Mas tu tá vendo o que eu to dizendo, né?

**P:** Sim, entendi

**I:** A não ser que eu esteja enganado com a covid

**P:** É porque vai interferir na tua vida

**I:** Isso. Vacina, pelo o que eu sei, a vacina não te impede de tu pegar o vírus, tu vai pegar o vírus, se tu tiver com o vírus, tu vai passar o vírus. Então, não adianta nada. É uma vacina que é só pra diminuir os efeitos porque não adianta em nada. Quem pegar, vai passar. Então, pra que obrigar as pessoas a tomar quatro, seis, cinco dose? Daqui a pouco já tá na sétima dose. Tá na quarta ou terceira dose? Nem sei

**P:** Quarta dose. É, pra minha idade, pelo menos. E tu teve algum, algum lugar que tu tentou ir ou precisou ir e precisou comprovar?

**I:** Não, não teve, mas no serviço quase, mas meu irmão “bah, meu, tu tem que tomar a vacina” eu falei “não vou tomar a vacina, mano, não quero tomar a vacina”. Tanto que eu ia usar esse argumento: se eu tomar a vacina, eu vou deixar de ter o vírus? Não. Eu vou deixar de transmitir o vírus? Não. Então pra que eu vou tomar a vacina? Pra diminuir os efeitos, mas é comigo. Mesma coisa, se eu andar de moto sem capacete quem vai morrer é eu, entendeu?

**P:** Sim.

**I:** É a mesma coisa pra mim, que eu pensava, né? E ele, como ele falou e como eu via, ele teve funcionário, uma caixa, a Rê, que ela não queria tomar vacina e eles falaram “se tu não tomar a vacina, tu vai pra rua”. Então, tipo, é uma ditadura ou tu vai tomar ou tu [...] entendeu? Aí eles tão começando, eu sei que tipo, tem amigo meu, que eu fui procurar serviço e na empresa só te empregavam se tivesse a vacina. Pra ti entrar num lugar, tu só vai entrar se tu tiver a carteira de vacinação. Então, eles acabam, eles não te obrigam a tomar, né? Mas eles vão te minando, entendeu? “Tu não vai aqui se tu não tomar, não vai ali se tu não tomar”.

**P:** Claro, é, o teu caso foi mais tranquilo porque tu trabalha com tua família

**I:** Claro, com certeza, a minha esposa tomou vacina, ela foi obrigada a tomar a vacina no serviço dela, entendeu? Ela tá a cinco anos lá, ela não quis tomar. Ela tem opinião bem parecida com a minha. Aí eles falaram pra ela “se tu não tomar, tem quem tome”, entendeu? Então, eles vão [...] acaba que é uma obrigação tua tu tomar essa vacina e eu acho que, se fosse uma vacina, como eu te disse, quem tomasse e não transmitisse e não contraísse, tudo bem, é uma vacina eficaz, entendeu? Mas uma vacina que tu pega e transmite. Não, só pra diminuir os teus sintomas, entendeu? Aí tu vai tomar três, quatro doses de uma coisa que não inibe em nada, que na verdade não inibe, né? Se contrai e transmite, não te protegeu, entendeu?

**P:** Sim. É.

**I:** Minha opinião assim, da pandemia que tu perguntou

**P:** Não, mas, então tá, era isso. Tem alguma outra coisa que tu lembre assim, que tu queira me dizer? Contar?

**I:** Hum, não. Mais ou menos isso, na real. A não ser que tu fosse perguntando e eu ia lembrando, mas assim pra lembrar agora, eu não vim preparado pra esse tipo de diálogo, se não tinha feito a lista [risos]

**P:** Não, não, mas não tem preparação. O certo é [...]

**I:** Tu mora em Pelotas?

**P:** Eu sou de Pelotas, moro em Pelotas, daí to indo em nove cidades

**I:** A primeira é aqui? Ou tu já foi noutra?

**P:** Aqui é a terceira, é. Eu já fui em Canoas, claro, considerando Pelotas que foi a primeira, no lugar que eu fui. É pro meu doutorado, eu preciso terminar até o ano que vem

**I:** Ah, esse aí é o teu [...]?

**P:** Minha tese de doutorado

**I:** Que legal!

**P:** E aí, na verdade, a minha ideia é construção de políticas públicas pra ajudar a população mais vulnerável nesse [...] por que o que acontece? As pessoas, muitas, não foi o teu caso, felizmente, ficaram sem renda, perderam emprego. Então

**I:** O meu, bah, tá louco, eu fiz umas judiarias acontecendo, os caras ainda fechando [...] é, já que tu quer falar um tempo

**P:** Claro

**I:** Bah, uma judiaria, vários, eu via vídeos na internet, coisas assim, tipo, os caras iam lá e mandavam fechar um bazar

**P:** Exato

**I:** Tipo, tu tem teu cantinho ali onde tu ganha, tipo ah, o cara, digamos, o cara vendia coisinha assim, tipo isso, essas coisinhas que não é [...]

**P:** Sim, um mini mercado [incompreensível]

**I:** Aí eles mandavam fechar, só podia ficar aberto, no ápice da coisa, podia só ficar aberto coisas muito importante, entendeu? Mas, tipo, eles não pensavam o lado do cara que ele tem que comer em casa, ele tem filho

**P:** E vocês nunca sofreram algum tipo de [...]?

**I:** Não, por causa que era um mercado, podia ficar aberto, né?

**P:** Podia ficar

**I:** Mas eu vi gente que, tipo [...] tem uma mulher, eu até me lembro que [...] é aqui na Zeferino Dias, no mercado Liba na esquina, tem uma mulher que tem um bazarzinho que vende coisinha assim, tipo isso, isso, isso, entendeu? Isso. Essas coisinhas que não [...] e os caras fecharam, entendeu? Ela, claro, a família dela tinha dinheiro, ela era uma mulher aposentada, o marido dela também, eles tinham. Mas, eu me perdi pensando assim, “tá e se não fosse? Se não tivesse? Como é que faz? Passa fome? Sai roubando?”

**P:** Sim, sim

**I:** Vou roubar, vou pegar e juntar uma gurizada e vou roubar porque tem que comer, não adianta. E eles pessoas, eles caso, não sei se tu deve ter visto também, muitas pessoas fechavam e eles não tinham, tipo, vai reclamar com quem? Como é que tu vai sobreviver, cara? Tipo, para tu de trabalhar hoje sem ganhar renda, como é que tu vai sobreviver? Não tem como, tu precisa de dinheiro.

**P:** Não existe. É.

**I:** Pra tudo, até pra te limpar tu precisa comprar um papel higiênico. Aí eu achava demais isso. Quando mandaram fechar essa moça aí, bah! Eu achei demais, eu achei demais aquilo, sabe uma coisa que te indigna tu saber que tem gente que ganha pra fazer isso.

**P:** É, fica uma coisa

**I:** Aí eu não entendo: vão lá e mandam a mulher fechar o estabelecimento dela, mas não vão ver se tem festa acontecendo. Como eu te falei, praia bombando, as festas acontecendo. Então, é um peso, é uma medida e dois pesos diferentes. Pra ti uma coisa, pra mim, entendeu? “Bah, pra ti aqui vai pegar” “tá, mas os caras que fazem festa lá vocês não vão? Mas de noite fechar essas festa clandestina, vocês não precisam”, “ah não pega, o vírus só (...)”

**P:** Não tem coragem, é, não circula

**I:** É complicado, cara. E dói tu ver uma pessoa [incompreensível] que ela até, ela não precisa, ela argumentou meio que mentindo, mas o argumento dela é válido, que ela falou: “como é que eu vou sobreviver?” daí os caras, não tinha, pra eles tinham que fechar e acabou, entendeu? Mas aí eu fico pensando: “como é que tu vai fazer isso daí com uma pessoa? Como é que vão vir mandar tu fechar teu escritório aqui?”

**P:** Então eu acho que essa é uma coisa também que te motiva a não acreditar

**I:** Exatamente. Entendeu? Aí tu só vai criar uma bola de neve, só vai aumentando, entendeu? E foi e, bah, foi isso e mais um monte de coisa, mas isso era o cúmulo, entendeu cara? Tu tá destratando uma pessoa, como é que eu não vou abrir o meu negócio? É só usar máscara e acabou, entendeu? Tipo, eles queriam fechar um estabelecimento, mas os ônibus lotado. Não bate as coisas! Não tem um [...] não tem nexa, entendeu?

**P:** É, fica difícil tu ter credibilidade naquilo

**I:** Claro, com certeza, tem gente que pega ônibus no auge da pandemia quando essa mulher teve que fechar? Essa Rê, por exemplo, ela pegava ônibus, ela morava no [incompreensível] o mercado é lá perto da Tumelero e os ônibus lotado, a gente sempre perguntava pra ela, “e os ônibus?” “lotado”, entendeu? Então, tipo, não faz sentido cara, tu vai fechar o negócio da mulher ali e o ônibus que é pra quarenta pessoas, a gente se senta todo dia, entendeu? Não faz sentido nada. Nada batia. Ou não sei se era falta de organização mesmo do Brasil todo aí, mas muito estranho essa história do vírus, desde o início eu achava. Esquisito, mas tudo bem.

**P:** Mas, então tá, queria te agradecer muito por falar comigo, obrigada tá?

**I:** Eu que agradeço

**P:** Espero que tu seja atendido logo

**I:** Capaz, que isso. Bah, podia demorar mais um pouco.

**P:** Pois é, pelo menos passou um pouquinho o tempo

**I:** Certo. Sucesso pra ti no teu doutorado.

**P:** Muito obrigada, viu?

<b>Entrevista 10</b>
<b>Respondente J</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>J:</b> Entrevistado (a)

**P:** ... às vezes esquecendo muita coisa. Então, deixa eu lhe perguntar, o senhor mora com quem? Mora sozinho? Mora...?

**J:** Mora eu e uma filha

**P:** Uma filha? Que idade ela tem?

**J:** Doze anos

**P:** Ah, pequena. E quem cuida dela na casa assim, quando o senhor sai?

**J:** É eu

**P:** Tudo o senhor?

**J:** É eu. Tudo eu. Ela, quando eu saio, ela fica sozinha em casa.

**P:** Ah é?

**J:** Ela vai pro colégio a uma e meia, né? Esse horário eu saio, né? Quando eu tenho que fazer as minhas coisas. Na parte da manhã eu fico em casa com ela.

**P:** Sim, sim. E como é que foi, ela, durante essa parte [...] esse período de pandemia? Ela seguiu estudando? Fez aula online ou não?

**J:** Ela continuou estudando com o celular, né?

**P:** Estudou no celular?

**J:** Isso.

**P:** Vocês têm [...]? Se o senhor quiser deixar suas coisas aqui, fica à vontade. O senhor tem, já tinha internet em casa? Como é que foi isso?

**J:** Já tinha. Sempre ela tem no celular, né? Sempre, eu tenho um plano, né? Daí (...)

**P:** Claro. Aí ela conseguiu acompanhar?

**J:** Sim

**P:** Qual é a série que ela tá agora?

**J:** Na sexta

**P:** Ah, eu tenho uma filha que tem dez [risos] mais ou menos, a mesma idade

**J:** E eu tenho uma filha que é o teu nome [risos]

**P:** Ah é?! Ah!

**J:** Quando tu falou "Aline"

**P:** Então, o senhor tem ela que mora com o senhor (...)?

**J:** Eu tenho mais quatro filhos

**P:** Mais quatro?

**J:** Tem mais, um que mora, é, eram dois [...] Uma mora na França e outro na Espanha

**P:** Olha, que legal!

**J:** É, já faz vinte anos já que eles moram lá, né?

**P:** Sim. E essa filha mora com o senhor por que?

**J:** Essa eu [...] depois eu me casei de novo, né?

**P:** Claro

**J:** Daí não deu certo daí [...] e aí eu peguei a guarda dela

**P:** Aham.

**J:** Essa aí, eu to com ela há seis anos. Mas, a guarda dela mesmo eu peguei faz [...] faz dois mês que eu consegui a guarda da (...)

**P:** E o senhor tem compartilhada ou não? A guarda é sua?

**J:** Não, a guarda é minha, mas eu, fim de semana eu deixo ela ir lá na mãe

**P:** Ela visita a mãe

**J:** Só fim de semana, mas eu to com ela mesmo

**P:** Então durante a pandemia ela não ficou com o senhor?

**J:** Ficou.

**P:** Ficou também?

**J:** Ficou comigo

**P:** Ah, sim. Só a guarda oficialmente que o senhor conseguiu agora?

**J:** Sim. É que guarda de filha é difícil, né? Mas, eu tive como provar como ela não era uma boa mãe, né? E consegui a guarda

**P:** Sim, sim. Tem toda essa (...) Aí o senhor ficava preocupado assim, quando ela tava com a mãe?

**J:** Sim. Sim. Não, agora mesmo, né? Eu fim de semana fui lá buscar ela recém, antes de vir pra cá, buscar ela e larguei ela em casa. Ahn, a mãe dela não tava desde sexta-feira, né? Então, não tem condições dela ficar lá

**P:** Claro, claro. Ah, que bom que o senhor conseguiu organizar, então, essa questão da guarda, né?

**J:** Sim. Não, essa guarda dela...

**P:** E o que o senhor faz? O senhor trabalha? O senhor é aposentado?

**J:** Eu sou aposentado

**P:** O senhor trabalhava no que?

**J:** Era motorista

**P:** Motorista? Aqui? De caminhão? De ônibus?

**J:** De caminhão, de ônibus, de tudo um pouco [risos]

**P:** De tudo um pouco? E como é que foi durante a pandemia assim, o senhor conseguiu se sustentar com sua renda? O senhor teve [-]?

**J:** Sim, a minha renda é renda de motorista, né? Aí mais ou menos dá pra viver eu e ela tranquilo. É que antes eu pagava uma pensão pra ela já, né? Era quase seiscentos reais a menos, né?

**P:** Óbvio

**J:** Agora não, agora já reverteu tudo

**P:** Ah, que bom!

**J:** E meus filhos também, aqueles lá do exterior, eles me [...] sempre mandavam algum quando eu precisava de qualquer coisa, eles me ligavam “pai, como é que tá a coisa aí?” eles me mandavam, né?

**P:** Sim. E o senhor recebeu algum auxílio do governo? Alguma coisa durante a pandemia? Nada?

**J:** Não, aposentado não tem esses direitos

**P:** Não tem, né? É verdade, nosso país é difícil pros aposentados

**J:** Aposentado é aquele salário e (...)

**P:** E o senhor me disse que tem diabetes, o senhor veio consultar hoje por causa disso?

**J:** É, não, eu vim pegar um atestado médico com a minha doutora que eu consulto, ela tá de folga, ela vai ficar quinze dias fora. Então, aí eu preciso de um atestado para levar no INSS que eu to pedindo mais vinte e cinco por cento do meu salário, daí eu tenho que levar atestado aqui do médico. E é isso aí, e mostrar os meus exames pra ver se tem (...)

**P:** Claro, fazer uma conferida. E o senhor teve covid durante a pandemia?

**J:** Tive, faz um [...] quase um ano mais ou menos, eu tive. Até isso aí, eu vou falar com o médico, tem certas coisas que eu como, eu não sinto gosto, mas tem outras coisas, eu me alimento legal. O café mesmo é uma coisa que eu tomo, mas é a mesma coisa que não tá tomando, [risos] não tem gosto.

**P:** Não tem gosto nenhum?

**J:** Nem café com leite, nem nada, não tem gosto pra mim

**P:** O senhor sabe que o café foi a primeira coisa também que eu perdi o gosto quando tive covid

**J:** É? E eu até hoje, café não tem gosto de café pra mim. É incrível!

**P:** É mesmo?!

**J:** Eu, de manhã eu tomo sempre uma xícara de café com leite, mas é só por tomar porque ficar sem se alimentar [-] [incompreensível]

**P:** Sim, só saber que tem um cafezinho. E o senhor teve alguma outra coisa? Alguma outra doença ou algo assim depois da covid?

**J:** Não

**P:** Que o senhor notou só essa coisa do gosto?

**J:** Depois que eu tive a covid, tive isso aí faz um ano, a minha diabetes é sempre, sempre alta. Sempre duzentos e pouco, duzentos e cinquenta, duzentos e sessenta, duzentos e setenta. Eu tenho uma lista aqui que eu fiz dos quinze dias agora. Foi isso aí só. É duas coisas: é o café e essa diabetes alta sempre, de mais (...)

**P:** Uhum, de mais tá tudo bem?

**J:** E a minha covid foi uma [...] foi rápida

**P:** Foi leve? Foi rápida?

**J:** Foi leve. Eu [...] foi, eu acho que, no máximo, uns três dia. Que daí, aqueles três dias, era fim de semana, a gurria tava lá na mãe dela. Eu me deitava no sofá, me deitava naquela bobeira, eu “pá” pra cama, depois saia da cama e vinha pro sofá. E foi três dias, mais ou menos, e depois melhorei.

**P:** Sim.

**J:** Só que daí a diabete minha só subiu que ela era na base de cento e vinte, cento e trinta. Agora não baixa nunca de duzentas.

**P:** Ah! Então agora tá mais alta?

**J:** É!

**P:** Delicado, né?

**J:** Mas, foi normal.

**P:** E como é que o senhor fez assim, durante a pandemia com criança em casa? Com as tarefas domésticas? O senhor tem alguém que lhe ajude? O senhor faz tudo?

**J:** Não, eu e ela mesmo fizemos, ela me ajuda bastante, ela é bem atenciosa comigo e eu com ela. Cuido bem dela, né?

**P:** Que bom, claro.

**J:** Então nós se ajudemos, né? Porque a nossa casa é grande, né? Então, já [...] ela só diz pra mim “pai, nós temos que se mudar, é muito grande essa casa” [risos]

**P:** [risos] é muito grande pra limpar

**J:** Daí eu digo não, mas tá bom assim, né? E foi isso aí, ela me ajuda bastante.

**P:** E ela ficou nesse tempo estudando? Ela teve alguma dificuldade assim, com a escola? O senhor acha que conseguiu lidar bem com isso tudo?

**J:** Não, não. Ela gosta muito do colégio

**P:** Ah é?

**J:** Hoje ela vinha falando pra mim “bah, pai, eu to louca que comece as férias, eu não aguento mais esse colégio” ela fala assim pra brincar comigo, né? Mas ela gosta de estudar, não me incomodou.

**P:** E ela estuda na rede municipal? Estadual?

**J:** É, ela estuda nesse colégio aqui, nesse aí que é, eu acho que deve ser municipal

**P:** Isso, esse aqui, ah, que bom! E aí, então, ela conseguiu seguir com o estudo, mesmo com as dificuldades de fazer em casa, online?

**J:** É, tranquila, ela é [...] em casa ela faz os todos os temas dela e tudo. Ela é bem, ela consegue fazer tudo. E no colégio mesmo, agora, eu peguei uma avaliação dela nesse, nesse trimestre agora [interrupção]

**Desconhecida:** Com licença, oi, desculpa incomodar de novo, a Patrícia não passou por aqui, né?

**P:** Não, não. Não vi ela agora.

**Desconhecida:** Obrigada

**J:** Foi tudo “A”

**P:** Olha! Que bom, que orgulho hein

**J:** É, é muito legal. Eu vou no colégio uma vez por mês eu vou ver como é que tá o andamento, né? Converso com as professoras que, até o colégio me ajudou pra mim pegar a guarda dela, me mandaram um ofício daqui pra mim levar pro juiz, tudo.

**P:** Que bom, que bom

**J:** É, que eu sempre fui um pai atencioso. É que ela estudou sempre aqui nesse colégio. Ela ficou um ano com a mãe, que a mãe dela tava tentando me tirar a gurria, daí ela rodou aquele ano, que era pra tá na sétima, né? Daí ela faltou um ano

**P:** Sim, foi um ano difícil

**J:** É! Criei ela desde o pré ela entrou aqui e eu sempre [-]

**P:** Acompanhou

**J:** Acompanhei ela e aquele ano eu não pude acompanhar ela, a gente ficou mais [...] mas agora já normalizou tudo

**P:** E ela teve covid também quando o senhor teve ou não pegou?

**J:** Não

**P:** Não teve?

**J:** Não teve

**P:** Que bom. E o senhor acha que conseguiu assim, foi possível o senhor seguir as recomendações de uso de máscara? Gel? O que o senhor acha mais difícil assim?

**J:** Não. Eu vou te falar bem a verdade pra ti, eu, máscara, eu só uso mesmo quando to assim, num ambiente conversando com outra pessoa. Eu nunca usei máscara, né? Até no centro, quando eu vou no centro, eu só vou de ônibus, eu uso a máscara só no ônibus. Eu não uso máscara, é que eu tenho bronquite e asma, né? Daí eu me sinto mal de máscara, daí eu tenho que tirar. Então, eu não uso. Uso só nas ocasiões que precisa

**P:** E o senhor acompanhou assim, durante a pandemia, essa coisa das recomendações? O senhor ficava ligado nessa, a questão das mortes? Ficou ansioso? Ficou preocupado ou lidou bem?

**J:** Não. Eu lidei bem com isso aí, porque eu sou uma pessoa que [...] eu gosto muito de olhar jornal, televisão, não perco nada, sempre ali né? Então, eu to sempre atualizado nessas coisas.

**P:** Uhum, sim. E como é que é com os outros filhos? Quanto tempo o senhor não vê eles?

**J:** Ah, tem, aqueles que moram lá no exterior, eles [...] um veio ano passado, que é o mais [...] o do meio. E a guria faz três anos que ela não vem, mas eles vem de (...) de três ou quatro anos, eles vem. Porque são casados, né? E meu filho tem uma empresa lá também, aí fica mais difícil pra ele sair, né? Então

**P:** Sim. E tem netos? Não? O senhor tem neto?

**J:** Eu tenho, eu tenho dois netos de quando meu filho morava aqui no Brasil. Eu tenho [...] dele eu tenho. E a minha filha tem um neto, eu tenho um neto também, tem vinte e três anos, o guri. Que eles moram lá e os dois do meu guri moram aqui.

**P:** Ah, moram aqui com a mãe?

**J:** É, que ele era, no caso ele, ele era pai solteiro, né?

**P:** Sim, sim, de outro relacionamento

**J:** É! Então, ele tem esses dois filhos. Até tem uma guria que mora nessa rua aqui, ele comprou um apartamento pra ela ali e ela [incompreensível]

**P:** E o senhor encontra os netos de vez em quando ou não? Esses aqui?

**J:** É, não, desses aqui é muito difícil encontrar porque eles trabalham, né? E o daqui o [...] guri não mora aqui, mora em Tramandaí ou Cidreira. Eu tenho pouca relação com eles. Com a guria sim, com a guria era mais porque ela sempre tava ali em casa e tudo. Já o guri não, o guri eu conheci ele a pouco tempo. Eu não tenho muita intimidade com eles.

**P:** Uhum. Então tá, e mais alguma coisa que o senhor queira me falar assim, sobre a pandemia? O senhor conseguiu lidar bem com a coisa da renda, o senhor disse, o que é uma coisa boa, né? Qual que o senhor acha assim, que foi a maior dificuldade que o senhor enfrentou?

**J:** Na pandemia não, pra mim não teve dificuldade nenhuma.

**P:** É mesmo?

**J:** Passei legal, passei legal e tudo, não teve problema nenhum. Eu só cuidava mais era da menina, né? Eu trouxe ela pra fazer a vacina e ela só tomou uma dose da vacina, tem que dar a outra dose nela.

**P:** Claro.

[alguém entra]

**P:** Oi

**Desconhecida:** Com licença. Oi, tudo bem?

**P:** Tudo. Sim.

**J:** O resto tá tudo bem, graças a Deus

**P:** Mas o senhor conseguiu lidar bem então? Que bom, fico feliz.

**J:** Tudo bem

**P:** Bom, então, eu queria lhe agradecer.

<b>Entrevista 11</b>
<b>Respondente K</b>
<b>Legenda:</b> P: Pesquisadora K: Entrevistado (a)

**P:** Então, dona K, quantos anos a senhora tem?

**K:** Tenho quarenta

**P:** E o que lhe traz aqui hoje?

**K:** Eu vim porque tô com muita dor na minha perna, já tenho já problema de varizes, né?

**P:** Ah, sim.

**K:** Na perna, daí eu ontem fui dar uma [incompreensível] daí piorou.

Não consegui nem trabalhar hoje, não consegui nem levantar pra ir trabalhar. Eu disse não, então, tem que me levar no médico.

**P:** Sim, tem que olhar. E a senhora sempre teve problema de circulação?

**K:** Tenho problema de varizes

**P:** É? E com o que a senhora trabalha?

**K:** Eu trabalho na escola

**P:** Trabalha na escola aqui do [...] desse bairro?

**K:** É aqui, de auxiliar de limpeza

**P:** Ah sim, daí não tem como trabalhar assim, né? E quem é que mora com a senhora na sua casa? Vi que a senhora tá com seu filho, é isso?

**K:** Sim, meu filho [...] Eu tô morando com meu pai e com a minha mãe. Com meu pai, minha mãe e outro filho mais velho. Eu e o meu outro filho só.

**P:** Uhum. Que idade tem os meninos?

**K:** Tem o de vinte e três anos. Um de [...] esse tem, tem doze e o outro tem dezoito que já é casado.

**P:** Ah, sim. Moram todos juntos. Como é que foi? Quem é que trabalha na casa agora onde a senhora mora? Os seus pais trabalham também?

**K:** Meu pai, minha mãe

**P:** Trabalham também?

**K:** Meu pai trabalha todo dia, daí o filho mais velho, daí a minha mãe, ela trabalha só nas quartas-feiras. Que ela também [...] ela também passou já por várias cirurgias já de varizes também.

**P:** Sim

**K:** Já fez, passou por três cirurgia já, daí ela tá indo trabalhar só nas quartas feiras pra não, né? Ela tá melhor agora, tá super bem, né? Mas mesmo assim não dá pra forçar

**P:** Claro, não, que idade ela tem?

**K:** Tem sessenta (...) Ah, agora não me lembro se é cinquenta e dois ou cinquenta e três. Acho que é cinquenta e três que ela tem, não me lembro muito bem, acho que é isso. O pai que tem sessenta e dois, acho que é porque eles fazem aniversário quase os dois juntos. Ela é de... O pai é dia dezessete, ela dia dezoito.

**P:** Ah! Que legal

**K:** De julho, que passou agora.

**P:** Ah, sim, agora, recente fizeram. E com o que eles trabalham?

**K:** Meu pai, ele é, como é que se diz, mestre de obra. E a minha mãe trabalha com limpeza

**P:** E como é que foi assim, financeiramente durante a pandemia? Eles seguiram trabalhando? Vocês conseguiram manter as mesmas coisas? Foi mais difícil?

**K:** Sim, mantemo trabalhando, mas com todos os cuidado, né? Usando máscara, todo e continuemo

**P:** Sim. E a escola quando ficou fechada, aí tu ficou em casa?

**K:** Sim, a escola ficou fechada, daí nós tivemo, fiquemo em casa, né? Totalmente fechada a escola, mas também fomos mandados pra casa, ficar em casa. Mas, em casa a gente saia, a gente tava cumprindo o que tinha que fazer, né? Máscara, álcool.

**P:** Sim, conseguiram cumprir. Que bom!

**K:** Tranquilo

**P:** E alguém teve covid dentro da casa? Alguém ficou doente?

**K:** Meu pai teve

**P:** Teve?

**K:** O pai, meu pai teve.

**P:** E ele ficou bem?

**K:** Ficou, agora tá bem.

**P:** Que bom, que bom.

**K:** Mas ele quando descobriu que teve ficou bem louco, ficou bem nervoso, não queria nem chegar perto assim, de nós. Ele dizia “quanto mais longe de vocês, é melhor eu ficar”.

**P:** Claro. E como é que fizeram assim, na casa pra se isolar? Conseguiram? Quem é que cozinhou?

**K:** Ele ficou numa [...] como eu tenho minhas peças nos fundo, ele ficou lá, ele se isolou lá. Ele mesmo se isolou lá, fez ele mesmo fazia o café dele, fazia a comida dele, levou os prato, levou os copo, tudo pra lá, até se recuperar bem.

**P:** Fizeram uma mudança então?

**K:** É! E nós daí fiquemo na parte da frente ali, eu, a mãe e o meu outro, esse outro guri que nós não tinha, né? Não tinha pegado, né? Daí começou, na hora que ele pegou, ele já foi direto [-]

**P:** Claro

**K:** Já se isolou direto pra lá. E daí foi levado, que nem precisava de toalha, de roupa, foi levado tudo pra lá, a gente deixou tudo lá, até ele se recuperar bem **P:** Então ele teve que fazer o serviço doméstico dele? [risos]

**K:** Sim, ele mesmo fazia tudo, pra ele comer, pra tomar o café dele ele que fazia pra comer e tomar café. Daí ele [incompreensível] a parte que ele nem chegou a entrar na parte da frente, né? Ele pegou e foi pra parte, lá pra parte de trás. Daí nós conversava com ele e tudo, mas de máscara, né?

**P:** Claro

**K:** E de meio longe [...] nós conversava com ele, daí ele tava meio nervoso daí ele contou que tinha feito o teste e tinha dado positivo. É que ele fez o teste antes de dar os sete dias, daí já dava negativo.

**P:** Ah, sim, mas já acharam que tava com sintoma já

**K:** Daí como já tinha passado sete dias porque diz que o resultado da covid aparece depois de sete dias, depois que passou sete dias ele teve que fazer o teste de novo e aí foi aí que ele descobriu que ele pegou, daí deu positivo.

**P:** Sim. Que bom que conseguiram se isolar, né?

**K:** Ai ainda, agora, graças a Deus, tão tudo, tudo bem.

**P:** Que bom! E ele, seu filho de doze, estuda?

**K:** Estuda

**P:** Que série ele tá?

**K:** Tá no sétimo

**P:** Ah, que legal!

**K:** Sétima agora

**P:** E como é que foi assim, durante o período de pandemia? Ele teve aula online? Ele fez aula online?

**K:** Teve. Se não tivesse nós [...] a dele não foi online, a dele foi só distribuir os trabalhos e fazer em casa.

**P:** Entendi

**K:** Os dele. É lá [...] tinha alguns dias marcados que ia ter aula online, mas não era quase todo dia, era lá de vez em quando. Mas, o que ele mais recebia era os trabalho

**P:** Recebia os trabalhos, pegava na escola, aí ele fazia e mandava de volta?

**K:** É, no começo, que começou [...] quando começou de novo eles tinham que voltar a trabalhar, mas daí [incompreensível] máscara, né? E luva e álcool. Daí durante que eu tava trabalhando ali, eu pegava os trabalho dele pra ele e trazia pra casa os trabalhos e a gente fazia em casa.

**P:** Claro. Tu quer um apoio? Tu acha que ajuda tu botar o pé ali?

**K:** Ah, eu acho.

[movimentações]

**P:** E aí, me diz uma coisa, quem ajudava ele, por exemplo, quando ele tinha alguma dificuldade? Tu conseguia ajudar? Como é que era?

**K:** Sim, eu ajudava ele a fazer todos os trabalho. A minha mãe que ficava em casa me ajudava um pouco pra ele fazer os trabalho, e ele conseguia fazer os trabalho, ficava pronto daí eu levava, daí tinha que pegar outra remessa de trabalho pra ele fazer

**P:** Que bom! É porque é difícil, né? A gente conseguir, a gente nem lembra às vezes das coisas da escola pra ajudar os filhos.

**K:** É o dia de entrega, o dia dos trabalhos era só na terça, na segunda, na quarta e na sexta era as entrega de trabalho. Daí cada trabalho era uma matéria diferente, né?

**P:** Sim.

**K:** Daí ele pegava, a gente ajudava ele a fazer em casa. Tranquilo.

**P:** E tu tens algum outro problema de saúde? A não ser os da varizes, o das pernas que te incomodam? Não? Foi tranquilo?

**K:** Não, só as varizes mesmo que tá (...)

**P:** Sim, tá difícil, tá ruim

**K:** Tá, agora tá incomodando de novo

**P:** Ainda mais pra trabalhar com limpeza deve te atrapalhar bastante, né?

**K:** [suspiro] Ai, nossa! Tem que caminhar, é toda a hora caminhando pra lá e pra cá, tu não para.

**P:** Sim, sim, eu imagino

**K:** Daí é salas pra limpar, é corredor, é banheiro, saguão, é... Nossa!

**P:** É muita coisa, né?

**K:** A gente não para! A gente só para mesmo pra ter o intervalo pra tomar um café e depois tem que continuar de novo

**P:** Aham, tu trabalha todo dia ou um turno?

**K:** Todo dia! Todo dia. Hoje, hoje, principalmente hoje, eu não consegui

**P:** Sim

**K:** Não consegui levantar pra ir trabalhar. E eu não tinha como conseguir bengala pra me apoiar, não podia caminhar direito. Daí a única coisa que eu consegui, que eu pedi foi, que eu liguei pro meu irmão e pedi emprestada pra ele, pra ver se ele me emprestava isso aqui pra mim poder calçar porque não dá

**P:** Claro, sim

**K:** Sem apoio, não tem uma [incompreensível] não dá.

**P:** E ele estuda a tarde, teu filho?

**K:** Não, ele estuda de manhã.

**P:** Hoje ele veio te acompanhar?

**K:** Hoje ele veio, veio junto comigo, ele estuda de manhã

**P:** E tu recebeste durante esse período de pandemia algum auxílio do governo? Financeiro? Pediu alguma ajuda, nada?

**K:** Nada

**P:** E tu acha que foi tranquilo? Conseguiram, é, comprar as mesmas coisas? Conseguiram ir no super? Tudo?

**K:** Foi bem tranquilo.

**P:** E o que tu acha assim, que foi a coisa mais difícil durante a pandemia? Pra ti? Pra tua família?

**K:** Ai, mais difícil foi [...] eu tive que tá saindo com máscara e chego em casa troco, tem que tirar pra almoçar, tem que passar álcool se não, às vezes, eu chegava e ia direto pro banho pra tirar porque a gente sentava nos bancos [incompreensível]

**P:** Claro

**K:** Mais difícil foi isso ai

**P:** Oi

**Desconhecida:** Conseguiu?

**P:** Tudo certo, to aqui com a P agora. Ainda tinha duas pessoas na frente, então to aqui com ela.

**Desconhecida:** Ah, deu certo?

**P:** Sim, obrigada. Pois é, isso era o mais difícil e tu conseguiu, tu fez vacinas? Como é que foi?

**K:** Fiz, fiz a primeira dose, a segunda, a terceira e a quarta que teve que eu fiz

**P:** Uhum, que legal, que bom!

**K:** É, não me lembro se fiz a quarta, sim. Não, a quarta não, que era de sessenta e poucos anos, acho que era.

**P:** Isso

**K:** Eu fiz a primeira, a segunda e a terceira.

**P:** Uhum

**K:** O meu filho também fez, fez a primeira e a segunda dose da vacina da covid

**P:** Já fez, que bom.

**K:** Já fez

**P:** É, que bom.

**K:** Eu também já fiz daí, mas, graças a Deus, agora tamo tudo bem.

**P:** Que bom, né? E durante a pandemia tu achou assim, que tu ficou mais ansiosa? Teve algum problema pra dormir? Ou foi tudo tranquilo? Conseguisse (...)?

**K:** Tudo tranquilo, mas a gente dormia com medo, né? Medo de [...]pegar, pra saber se tu tá ou não tá, que às vezes dava uma dorzinha de cabeça na gente, uma dorzinha no corpo, né? Já pensava “Será que eu peguei? Será que não peguei?” isso aí era mais o medo que eu tinha.

**P:** Sim, ainda mais morando com os pais, né? A gente fica pensando “se eu passar”

**K:** Sim, mas, graças a Deus, foi tudo bem tranquilo

**P:** Que bom

**K:** O pior já passou

**P:** É, agora a gente tá enfrentando ainda, mas vai melhorar, né? Agora, se Deus quiser, vai melhorar. Então tá, tem mais alguma coisa que tu lembre? Que tu queira me contar sobre esse período?

**K:** Não

**P:** Tirando tudo que foi difícil, né? [risos] Mas, Denise, então te agradeço muito mesmo por conversar um pouquinho comigo, tá?

**K:** Obrigada

**P:** Ajudou bastante, eu espero poder também depois ajudar as pessoas

<b>Entrevista 12</b>
<b>Respondente L</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>L:</b> Entrevistado (a)

**P:** O que eu vou falar com a senhora é uma conversa simples sobre a pandemia. Eu trabalho lá na Universidade Federal em Pelotas e a gente tá indo em várias cidades do Rio Grande do Sul pra saber um pouquinho como que foi esse período de pandemia para as pessoas, que não foi fácil, né?

**L:** Sim, é!

**P:** Então, é uma conversa bem tranquila e eu só queria saber o seu nome, por gentileza

**L:** [entrevistada revela seu nome]

**P:** Quantos anos a senhora tem?

**L:** Sessenta e quatro

**P:** A senhora pode só assinar aqui pra mim que a senhora vai conversar comigo. O que que lhe traz aqui hoje, dona L?

**L:** Vim consultar por causa do inchume dos pés, muito inchado os pé, mais na esquerda.

**Desconhecida:** Fiquem mais perto porque a doutora chama no corredor

**P:** Ah, claro. Perfeito, eu escuto

**Desconhecida:** Tá bom?

**P:** Tranquilo, obrigada.

**L:** E eu cuido bastante diabete, tireoide, de sangue, tá tudo bom.

**P:** A senhora sempre teve ou agora começou a aparecer mais coisa?

**L:** Não, faz tempo, já me tratei, o médico tirou o remédio, né? Daí fiquei sem o remédio, daí me atacou e tive de novo, aí tive que ficar internada

**P:** Ah é?

**L:** Daqui a pouco o médico deu de novo o remédio e logo que comecei a tomar o remédio, começou a inchar as pernas [incompreensível]

**P:** Sim, tem que ver

**L:** Espera ainda, né?

**P:** Claro

**L:** Vamo vê o que que o médico vai acha hoje

**P:** Me conta um pouquinho, a senhora mora com quem?

**L:** Eu moro com a minha filha

**P:** Que idade ela tem?

**L:** Tem trinta e oito

- P:** Ah, perto da minha idade, eu tenho quarenta e um [risos]. E vocês trabalham? Como é que é?
- L:** Não, nós temos aposentada. Me aposentei por invalidez, né? Porque deu desgaste no quadril e na coluna
- P:** Aham. E no que a senhora trabalhava?
- L:** Na Colônia
- P:** Na Colônia? Ah, daí é bem desgastante fisicamente, né?
- L:** Sim, né? Daí [incompreensível] tem que dobrar lá, né? Firmava muito a perna pra subi o cerro [risos]
- P:** Ah, é verdade
- L:** Isso, daí depois eu não consegui mais trabalhar, né? Daí me encostei e aí depois me aposentaram, né?
- P:** Que idade a senhora tinha quando aposentou?
- L:** Cinquenta e cinco
- P:** Sim. E a sua filha trabalha? Estuda?
- L:** Trabalha
- P:** É? O que ela faz?
- L:** Ela é representante numa empresa ali da (...) me esqueci o nome
- P:** Ah, sim, tá
- L:** Ela lida com vendas, né?
- P:** Aham. Trabalha com vendas?
- L:** É.
- P:** E como é que foi assim, durante a pandemia? A senhora recebeu algum outro auxílio do governo? Só a aposentadoria?
- L:** Só a aposentadoria
- P:** É? E como é que a senhora achou assim, financeiramente? Continuou a mesma coisa em casa? Foi mais difícil?
- L:** Ai foi mais difícil, né? Porque a minha filha também, as vendas dela não foi muito bem, né? Porque as pessoas também não conseguiam quase, né? Vender. Daí ficou meio apertado. Agora que a gente tá se [...] quase conseguindo sair das conta
- P:** É verdade, foi difícil, né? E ela seguiu trabalhando no período da pandemia?
- L:** Seguiu.
- P:** É?
- L:** Seguiu trabalhando, não dava muito, mas tinha que trabalhar, né? Se não (...)
- P:** Claro, sim, com certeza. E ela tem filhos? Não?
- L:** Tem uma filha
- P:** Mora com vocês também?
- L:** Sim, ela tem nove anos
- P:** Ah, querida. Qual o nome dela?
- L:** Ana Luiza
- P:** Ah, que bom. E como é que foi? Aí ela ficou estudando em casa?
- L:** Ficou em casa.
- P:** É? E vocês tinham assim, como ajudar ela com internet, computador?
- L:** A mãe dela daí, né? Tem internet daí não [...] daí ela é bem esperta, né? Bem sabida.
- P:** Que bom! Que ano ela tá? A senhora sabe? Qual a série?
- L:** Quarta
- P:** Na quarta série?
- L:** É

**P:** Que legal!

**L:** É que no começo ali foi meio sofrido porque daí muitas coisas eles não conseguem fazer, né? Em casa assim, né? Mas, graças a Deus, ela tá bem

**P:** E quando a sua filha sai pra trabalhar ou durante a pandemia saia e a sua neta sem aula, ficava com a senhora em casa?

**L:** [incompreensível] daí tinha que esperar a mãe dela chegar pra fazer os trabalho porque, né? Eu não entendo de nada de internet

**P:** Claro, difícil de ajudar, né? A gente nem lembra nada dessa [...] [risos]. É!

**L:** Aí quando a mãe dela chegava daí [incompreensível] [risos]

**P:** E como é que foi durante assim, a pandemia, a senhora conseguiu se cuidar? A senhora procurou, ahn, usar máscara, álcool em gel? É? A senhora [-]

**L:** Eu quase nem saia de casa, né, porque a gente já tem tudo que é problema, né?

**P:** Uhum

**L:** Aí quando a gente saia, a gente usava máscara e álcool gel em casa que tu passa quando tá lavando as mão, né?

**P:** Sim!

**L:** Ajuda alguma coisa, né? [incompreensível] em casa [risos]

**P:** E alguém teve covid?

**L:** Não, graças a Deus

**] P:** Nenhuma das três?

**L:** É eu, meu marido, né? Minha filha, a neta e tem mais dois filhos que tão junto ali

**P:** Aham

**L:** Veio todo mundo [...]

**P:** Todos ali e ninguém teve?

**L:** Não

**P:** E o seu marido também aposentado?

**L:** Sim! Ele teve um AVC, né? Daí ele também ficou encostado e depois se aposentou

**P:** Sim. E ai vocês ficaram assim, mais com medo de sair, tudo durante esse período?

**L:** É, a gente não saia, né? Difícil. Tem pessoas que não gostavam de [incompreensível] entendeu? A minha filha também, teve casos que ela que não recebia, daí ficou sem acertar, né? Porque as pessoas às vezes tavam com ameaça de covid, suspeita, né? Daí ela não chegava também, né?

**P:** Claro, sim.

**L:** Foi bem difícil

**P:** E quem é que fazia super, essas coisas, durante a pandemia?

**L:** Como é que é?

**P:** Compras, ia no supermercado?

**L:** Ah, é, minha filha.

**P:** Sua filha? Ah, que bom que tinha, né? Essa opção

**L:** É, era minha filha que fazia as compras

**P:** Que bom

**L:** Mas eles moravam lá fora, né? Daí agora faz dois anos que temo aqui pra cuidar a menina aí porque não dá pra pagar pra cuidar, né? Daí o serviço dela não tava dando muito, daí eles vieram aqui, também tava só nós dois lá, né? Daí ela que tinha que cuidar lá e parar, né? Cheia de problema

**P:** Claro. E onde é? Que a senhora morava?

**L:** Redentora. Dá duzentos quilômetros daqui

**P:** Duzentos quilômetros? É bem longe, né? Então aí quase a senhora não via. Quando é que a senhora mudou? Dois anos atrás?

**L:** Faz dois anos que eu vim

**P:** Então foi bem no início da pandemia?

**L:** É!

**P:** Aí resolveu morar junto já pra ajudar a filha também?

**L:** Sim, aí ficamos morando junto, é! Ela se separou daí, né? Ficou com a menina, né? Daí vim morar, daí ficou outro pra lá, se separou também e veio junto também

**P:** Aham

**L:** Aí tamo tudo junto

**P:** Todos juntos agora

**L:** E o outro também tem problema de depressão, daí também tá ali, né? Tem que cuida ele

**P:** Claro. Oi!

**Desconhecida:** Oi, tudo bom?

**P:** Tudo!

**Desconhecida:** Essa é a dona L?

**P:** Isso

**Desconhecida:** Ah tá. Vou chamar ela depois então

**P:** Então tá. Mais acho que cinco minutos aqui e a gente já tá liberada

**Desconhecida:** É, não, mas vou chamar outra paciente daí vocês ficam fazendo com tranquilidade

**P:** Então tá. Obrigada doutora.

**Desconhecida:** Agora já lhe chamo, dona L

**P:** E, ah, então, pois é, e aí todos juntos, a senhora acha que assim, foi mais difícil pra cuidar da casa? Não aumentou muito o trabalho doméstico?

**L:** É, um pouco, né? Porque mais bastante gente, né?

**P:** Sim

**L:** Mas igual, as gurias ajudam, elas chegam do serviço, né? E ajudam a fazer as coisas

**P:** Uhum, ajudam. Que bom, né? E o que a senhora acha que foi mais difícil assim, nesse período? Para a senhora? Para a sua família? Nesse período de pandemia.

**L:** Ah, foi mais difícil que a gente não conhecia isso aí, né? A gente tinha que ficar em casa, meio parado, né?

**P:** É

**L:** Acostumado a fazer as caminhadas por causa da coluna, né?

**P:** Claro

**L:** Daí não dava pra sair [incompreensível] sair na rua, né? [incompreensível] Tem que ficar meio parado, né? Foi meio difícil, daí tem outro filho lá fora também que não dava pra visitar, né? Nem os netos dava pra visitar, né?

**P:** Sim, aí fica difícil sem visita

**L:** É difícil, né?

**P:** É verdade

**L:** Não saia também pra fazer compra, a gente é acostumado, né? A sair fazer compra, né? Eu que saia sempre lá, daí agora não podia sair, né? Tinha que tá dependendo dos outros pra buscar as coisas, complicado. Mas, agora tá melhorando

**P:** E a senhora conhece, teve algum familiar que teve covid nesse período?

**L:** Teve ali, meu cunhado, meu sobrinho. Eles são daqui pertinho, também tiveram

**P:** Mas ficou bem ou não?

**L:** Ficaram bem, graças a Deus, não deu nada

**P:** Que bom! E a senhora tinha medo assim, que seu marido pegasse? Que a senhora disse que ele teve um AVC.

**L:** É, a gente tinha medo, né? Que daí a guria saia a trabalhar, né? Daí o outro piá também trabalha, daí a gente tinha que cuidar, né? Que eles traziam. Mas, não. O piá também trabalhava e era o que menos, os outros colegas né, tiveram covid, mas ele também não pegou

**P:** Que bom, que bom que deu tudo certo, né?

**L:** Sim

**P:** E o que que a senhora acha que assim, sua neta, por exemplo, ela sentiu falta da escola? Ela ficou bem em casa? Como é que foi?

**L:** Sentiu falta sim, dos colegas, né? Daí tinha que ficar só em casa, mas ela não saia também, menos que nós [risos] ficava só em casa

**P:** Sim, era difícil né?

**L:** Era complicado porque ela gostava mais de ficar lá no colégio, né?

**P:** Uhum.

**L:** Em casa muitas vezes não entendia, às vezes ela ia fazer e não entendia e ficava braba, aí eu também não sabia [risos]

**P:** É, complicado, né? A gente tem que ajudar com coisa que a gente nem lembra

**L:** É. Teve criança que ficou bem atrasada, né? Bah, foi difícil pro povo, né?

**P:** Foi muito difícil, tá sendo ainda, né? Porque a gente agora ainda a gente tá passando por tudo que isso trouxe.

**L:** Tá sendo ainda. Sim, é.

**P:** É, e nenhuma das pessoas que trabalham, que moram com a senhora recebeu auxílio do governo? Nada?

**L:** Não.

**P:** Eles conseguiram passar por essa sozinhos?

**L:** Sim. E tem minha filha que trabalhava com vendas assim, né? E não conseguiu nada, né, do auxílio. Agora que o salário diminuiu bastante né?

**P:** Claro. Sim.

**L:** Mas, conseguiu, tá batalhando.

**P:** É mais difícil, né? E o outro filho que mora com a senhora que idade tem?

**L:** Vinte e um, vinte e dois. E o outro tem quarenta e um.

**P:** E o de quarenta e um é o que tem filhos?

**L:** Tem

**P:** Daí a senhora cuida dos netos todos também?

**L:** Não, os filhos são lá fora, não moram com ele

**P:** Ah, ele mora lá fora? O de vinte e um que mora com a senhora?

**L:** É, o de vinte e um que é solteiro

**P:** Por enquanto tá sem criança ainda?

**L:** É, tá. E esse outro que é separado que tem os filhos, né? Ele trabalhava lá fora, daí ficou doente, aí a mulher não quis cuidar dele, né? Ele veio morar comigo. Aí ele tá ali, se tratando, né?

**P:** Sim, é difícil né? E a senhora disse que a senhora tem diabete?

**L:** Sim.

**P:** Desde quando? Faz tempo já?

**L:** Faz tempo. Daí faz insulina, né? Tomo um monte de remédio

**P:** Sim. Mas conseguiu durante esse período da pandemia de covid, ahn, fazer os cuidados, vir fazer consulta normalmente? Ou a senhora evitava sair pra (...)?

**L:** Eu não fiz consulta acho, foi uma vez só. Que a gente sempre, né, manteu certinho o remédio e eu seguia a dieta, comida, né?

**P:** Ai é tranquilo, né? Uhum.

**L:** Que aí evitava de ficar doente pra não ir no hospital, né? Porque [...] lá no hospital é mais complicado, né?

**P:** Sim, sim. Ainda mais em um período difícil, né? E a senhora teve algum problema assim, pra dormir? Dificuldades? Ficou mais ansiosa? Mais nervosa? Não?

**L:** Não

**P:** Foi tranquilo? Que bom, né? Quando a gente tá bem, facilita.

**L:** É.

**P:** Que bom, dona Loureci. Então, tá, tem alguma outra coisa que a senhora queira me contar, me dizer? Sobre a pandemia

**L:** Acho que é isso, né? Tem gente que não sai mais, né? Não tem mais informação que também [incompreensível], né?

**P:** Claro. E a senhora acompanhava assim, pela TV as recomendações tipo, “Ah, cuidem, usem máscara”?

**L:** Sim, é, daí pela TV, né? Daí tavam sempre recomendando, né?

**P:** A senhora faz as vacinas da covid?

**L:** Sim!

**P:** Fez todas? Uhum. Que bom.

**L:** Sim, a minha filha, ela é técnica em enfermagem, né? Nossa, daí ela deu um jeito de nos cuidar, né? Ficava recomendando “Oh, tem isso fazer isso, tem fazer aquilo” daí [risos] “Vocês podem fazer a vacina”, sim, né, temo que obedecer.

**P:** Que bom! Que bom que tinha essa ajuda junto, né? Sempre bom

**L:** Sim, é! O cuidado, né? Sabe, né? entende mais das doença, essas coisa

**P:** Uhum.

**L:** E a menina dela, ela trouxe pra fazer as vacinas, tudo

**P:** Ah, que bom! Então tá bem, eu não vou atrasar muito a senhora na sua consulta, a senhora já vai ser chamada. Eu queria lhe agradecer muito por conversar um pouquinho comigo, obrigada, tá?

<b>Entrevista 13</b>
<b>Respondente M</b>
<b>Legenda:</b> <b>P:</b> Pesquisadora <b>M:</b> Entrevistado (a)

**P:** Então, deixa eu te dizer, M, novamente. Eu sou Aline, eu sou da Universidade Federal lá de Pelotas e tô trabalhando hoje aqui na UBS pra fazer algumas perguntas, pra conversar um pouquinho contigo sobre a pandemia, sobre como foi. Me conta o que tu faz? Tu trabalha?

**M:** Eu trabalho.

**P:** Qual é a tua ocupação?

**M:** Eu trabalho numa loja de roupas

**P:** Legal

**M:** No centro de Porto Alegre

**P:** Ah, lá no centro. E tu mora aqui perto? Por isso que tu veio aqui?

**M:** Moro, isso.

**P:** Que idade tu tens?

**M:** Vinte e dois

**P:** Ah, que... bem nova. [risos]

**P:** E tu mora com quem?

**M:** Eu moro com meu marido e com a minha filha de dois anos

- P:** Ah, já tens uma menina
- M:** Tenho e agora vou ter mais um
- P:** Ah é? Parabéns!
- M:** Tô grávida. Obrigada
- P:** Parabéns. Tá no início da gestação?
- M:** No início, isso, vou começar meu pré-natal
- P:** Então tua filha com dois, ela nasceu bem no início da pandemia?
- M:** Na pandemia, foi bem complicado porque eu descobri a gravidez[-]
- P:** Sim,
- M:** E alguns dias depois apareceu o coronavírus, daí eu fiquei bem assustada, né?
- P:** Sim
- M:** Porque eu sou asmática.
- P:** Ah!
- M:** Então, era muito risco, né? Na verdade.
- P:** Claro, claro
- M:** E eu passei assim, um belo sufoco porque aqui ficou bem complicado as, as consultas
- P:** Certo
- M:** as ecografias pior ainda, entende?
- P:** Imagino
- M:** Então, foi bem complicado tudo, em questão de ecografia, é, marcação de consulta. No final da gestação, ahn, eles pulavam as minhas consultas e não [...] pra mim não poderia ir, entendeu?
- P:** Sim
- P:** Até porque eu tava no final já, eu já tava com dilatação e daí eles ficavam remarcando as minhas consultas, eu vinha pra ser atendida e não me atendiam.
- P:** Ah, então teve essa dificuldade a mais ainda?
- M:** Tive, sim.
- P:** E a primeira gestação, né? A gente fica meio...
- M:** É, sim!
- P:** A gente não sabe como é, fica mais ansiosa, né?
- M:** Claro, qualquer dor eu não sabia se era normal ou não era
- P:** E aí não tinha todo o atendimento
- M:** Não tinha
- P:** E tu seguiu trabalhando? Tu já trabalhava na loja?
- M:** Não, eu trabalhava num hotel
- P:** Uhum
- M:** Daí assim que (...) veio o coronavírus eles me afastaram
- P:** Tá
- M:** porque, como eu era gestante e asmática, e lá tinha muita gente [...] como é um hotel tinha muita gente de tudo que é lugar
- P:** Sim, muita circulação, né?
- M:** Então eles não queriam que ficasse gente gestante lá, eles me afastaram e eu continuei recebendo até o final da gestação
- P:** Que bom!
- M:** Entrei em licença maternidade e (...) depois eu voltei a trabalhar e depois de um mês, eu fui demitida
- P:** Ah, entendi. E o teu esposo ele trabalha com o que?
- M:** Ele trabalha de home office
- P:** Uhum.

**M:** Ele trabalha com bolsa de valores

**P:** Ah sim. E aí, então, pra ele não afetou muito essa questão assim, do trabalho na pandemia?

**M:** Na verdade, não, na verdade assim, ele trabalhava, ahn, numa empresa de salgados e congelados, mas pra ele [-]

**P:** Isso antes?

**M:** Isso. Mas pra ele não afetou, na verdade, lá continuou

**P:** Vendendo e tal

**M:** Isso, normalmente.

**P:** Ah, então, tu acha que essa questão assim, da renda, na tua casa foi tranquilo? Vocês conseguiram lidar bem com isso ou teve alguma dificuldade?

**M:** Na verdade não, eu tive assim, como eu fui afastada do serviço, eu tive que receber pelo governo

**P:** Uhum

**M:** E assim, eles davam uma data e não cumpriam a data. Então assim, eu pago aluguel, pra mim eu passei um belo sufoco porque quando eles disseram que iam pagar, vamos supor, diz dez, eles pagavam dia vinte.

**P:** Sei.

**M:** Entende? Daí ficava essa situação [-]

**P:** Aham, claro, atrasava tudo.

**M:** Uma pessoa grávida e era bem complicado.

**P:** Sim, sim, é difícil. E aí tu acha que essa foi a maior dificuldade assim, de estar gestante durante a pandemia?

**M:** Exatamente. Eu me assustei bastante, até porque eu era tentante

**P:** Aham

**M:** eu tentei engravidar e quando eu consegui, eu fiquei um ano e meio tentando, eu não conseguia engravidar. Quando eu consegui engravidar e veio o coronavírus, eu praticamente entrei [...] eu tinha que tomar fluoxetina porque eu ficava muito ansiosa, eu ficava nervosa por tudo. Então, afetou bastante

**P:** Sim. E como é que foi o parto? Tudo? O nascimento? Ela nasceu perto do período previsto? Como é que foi?

**M:** Ela nasceu, ela nasceu dia dezenove de outubro

**P:** Uhum

**M:** de dois mil e vinte. No hospital Conceição. Uma semana, fiquei uma semana inteira, antes do nascimento dela, sangrando, é, vazando liquido e eu ia no hospital todo dia pra tomar soro, né? Porque eles não queriam me baixar pra induzir, eles queriam segurar ela

**P:** Sei

**M:** um pouco mais, pra ter um parto natural, que não queriam induzir. E [...] pra mim foi, né? Foi uma coisa bem nova, bem complicada. Eu tive [...] fiquei sete horas em trabalho de parto, ahn

**P:** Foi parto normal?

**M:** Foi parto normal. E como eu já tava tendo aquele problema do sangramento, eu fiquei um dia e meio sem comer que eu não conseguia comer nada.

**P:** Sim

**M:** Não por enjoo, mas por não conseguir, eu não tinha fome. E no dia do meu parto, eu não tinha comido nada, passei bem mal e (...) como foi no Conceição, né? Eles me atenderam super bem, só que eles erraram numa pequena coisa, eles não viram que eu tinha que tomar ponto.

**P:** Humm

**M:** E daí eu fiquei uma hora com ela em cima de mim e comecei a ter hemorragia

**P:** Sim

**M:** porque eles não fecharam, eles falaram que não ia precisar de ponto, daí teve uma correria. Pra mim foi bem ruim, né?

**P:** Sim, foi atípico. E tu pode ter alguém te acompanhando, já que era pandemia? No parto?

**M:** Eu tive ele no parto, daí ele foi no parto, ficou uma hora junto com a gente e depois ele foi embora. Não tinha visita, não deixaram fazer visitação e daí depois ele foi me buscar.

**P:** Sei. E aí foi difícil. Tu tem familiares aqui? Irmãos, sogra?

**M:** Foi porque, na verdade, [...] tenho, tenho, todos aqui. E na verdade pra mim foi bem complicado porque, como era primeira, por mais que eu já tivesse cuidado dos meus irmãos, como era primeira, eu tinha medo de deixar ela pra mim tomar um banho

**P:** Claro

**M:** porque era mais pessoas no quarto, entendeu? Então, a gente tem aquele medo. Eu tinha medo de roubarem ela, entende?

**P:** Claro, sim. Claro, sei, eu te entendo.

**M:** E daí pra mim tudo, eu não conseguia dormir porque eu tinha medo que alguém entrasse e pegasse ela. Então, faltou alguém ali comigo, entende? E agora eu não sei como vai ser neste porque ainda estamos na pandemia.

**P:** Sim, sim

**M:** E é bem complicado [-]

**P:** E aí agora tu tem ela também que tu vai ter que pensar, né?

**M:** Exatamente.

**P:** Quem é que [...] ela vai na escola ou quem é que fica com ela? Quando tu vai pro trabalho

**M:** Não, ela fica com meu marido.

**P:** Fica com ele? Claro, que ele fica em home office aí, isso é bom, né?

**M:** Isso, aham! Por enquanto ela tá [...] até porque as escolinhas estavam em surto de covid ali onde eu moro, eu moro no Sarandi, zona norte.

**P:** Uhum

**M:** E estavam em surto de covid

**P:** Tá

**M:** daí, na verdade, eu moro lá e venho, fico aqui, muito tempo, aqui na minha sogra. A gente fica em duas casas, na verdade.

**P:** Uhum, sei

**M:** E lá onde a gente fica mais, que ele tem mais o escritório dele, é, tava tudo em surto de covid.

**P:** Sei

**M:** Então, eu não quis mais ficar

**P:** Claro, pra evitar. Sim. E como é que tu acha que foi esse, tipo, bom, é que tu ainda teve essa gestação, como é que foi ficar em casa nesse início assim, sem ninguém pra te ajudar ou tua sogra?

**M:** Foi péssimo. Não, na verdade não tinha ninguém, né? Como todo mundo trabalhava, minha sogra, ela era bastante ocupada, meu marido tava trabalhando. Foi bem complicado pra mim, até porque eu não sou de ficar em casa

**P:** Uhum, sim, tu trabalha, tem uma vida bastante ativa

**M:** Daí eu fiquei praticamente trancada, sabe? Pra mim foi bem frustrante até, tanto que daí, isso aí me deixava bem nervosa, me deixava muito ansiosa, daí tinha a gestação, daí não podia sair pra rua. E eu, como sou asmática, qualquer coisa me sufoca

**P:** Sim e o uso de máscara

**M:** todo o lugar que eu ia a máscara era bem péssima, sabe? Mas, eu usava, só que era bem complicado. Daí, depois do parto eu continuei tomando fluoxetina porque eu tinha muito medo da minha filha pegar alguma coisa, sabe?

**P:** Sei

**M:** Em consultas médicas porque eu já vi várias e eu tinha muito medo.

**P:** Claro. E tu já usava medicamento antes pra dormir e coisa?

**M:** Não.

**P:** Tu acha que isso foi gerado durante essa situação?

**M:** Por conta da pandemia

**P:** Claro, claro

**M:** Eu não usava nada. Nunca tive problema com ansiedade, nada. O que me sufocou bastante foi saber que eu estava grávida numa pandemia e que vendo na televisão muita gente estava morrendo e que, como acontece com muita gente, não tá livre, ninguém tá livre, né? Eu tinha bastante medo.

**P:** Sim, sim. Eu imagino. Nossa, deve ser difícil. E qual tu acha que foi a maior dificuldade assim, pra vocês em casa, como família assim, nesse período?

**M:** Financeira. Porque assim, as pessoas em casa comem muito, tudo subiu, tudo! Na verdade, tu vai comprar um arroz, tá horrível de caro, uma coisa que era tão barata. Um azeite, muito caro. Então, foi assim, a gente passou muita dificuldade, mesmo ele trabalhando e mesmo eu recebendo pelo governo, sabe? Porque a gente em casa, ainda mais gestante, eu comia muito e não tinha muito o que comer, eu tive anemia na gravidez por não ter muito o que comer, entende? Por não ter exatamente o que era pra mim comer, qual a dieta era pra mim fazer, entende? Então, foi bem financeiro por conta da comida, afetou muita gente.

**P:** Sim, eu imagino, é, deve ter sido difícil. E tu estuda? Estudou já [-]?

**M:** Não, já me formei, já, em 2018 eu me formei.

**P:** Ah! Que legal, que bom! Então, menos isso. Pelo menos já tava livre dessa parte.

**M:** Sim, já, já.

**P:** Porque estudando é difícil né? E também como é que foi o trabalho de casa assim, por exemplo, tu sozinha com teu marido e ela? Tu fazia toda parte do trabalho doméstico?

**M:** Fazia, tudo, porque ele saia sete horas da manhã. No caso, tu diz na gravidez?

**P:** Isso.

**M:** Ele saia sete da manhã e chegava sete da noite. Então, como a gente tem bastante bichinho, eu adoro cachorro, essas coisas, a gente tem bastante. E tinha uma amiga minha que me ajudava, na verdade, ela ia lá alguns dias e me ajudava a limpar a casa. Eu fazia todo, todo o serviço doméstico.

**P:** E depois que ela nasceu ficou mais corrido ainda?

**M:** Bem mais complicado, sabe? Assim, tinha alguns apoios alguns dias, mas pra mim foi muita novidade, leite empedrado, é tudo muito novo pra mim, entendeu?

**P:** Claro, claro.

**M:** Infecionou os pontos, é tudo muito novo. Então, eu não sabia muito o que fazer, eu [...] vou te dizer nessa parte foi bem ruim pra mim

**P:** E vocês tiveram covid em algum momento da pandemia tu e o teu esposo ou não?

**M:** Eu nem ele e, ah, mas a minha sogra, meu cunhado, meus dois cunhados tiveram, mas eu e o meu marido não.

**P:** Mas ninguém em caso grave? Foi tudo tranquilo?

**M:** Não, tudo tranquilo. Só o primo do meu marido que foi em estado bem grave, mas, graças a Deus, ficou bem

**P:** Sobreviveu, ficou bem

**M:** Sim

**P:** Ah, que bom, que bom! Pois é, e agora com esse novo então, já sabe se é menino, menina?

**M:** Ainda não! Descobri recentemente

**P:** Ah, que bom!

**M:** Daí eu vim pra começar o pré-natal.

**P:** Ah, então hoje é a primeira consulta?

**M:** Isto!

**P:** Que bom, que bom! Aí tu pretende também seguir trabalhando? Como é que vai ser com dois?

**M:** Sim! Na verdade, a minha patroa disse que eu posso ficar trabalhando até uns quatro meses que ela não pode deixar mais que isso porque a gente ainda está numa pandemia, tem muita gente indo na loja, muita gente no movimento, entende?

**P:** Sim, sim, muito contato, né?

**M:** Daí, e eu também agora tô bem preocupada com isso, já tá me batendo aquele ansiedade novamente

**P:** Voltando tudo de novo

[batidas na porta]

**P:** Oi!

Desconhecida: Desculpa

**P:** Não, fica à vontade.

**M:** E eu tô bem, bem nervosa, bem ansiosa por conta disso, entende? Porque daí lá não é carteira assinada, eu não vou receber, já um outro história, entende?

**P:** Claro.

**M:** É bem mais complicado.

**P:** É, pois é. E o que tu acha assim, se tu tivesse que dizer, o que foi a coisa mais difícil? O que tu enfrentou assim, que foi assim? Bom, no teu caso, eu acho que foi a gestação mesmo, né?

**M:** A gestação que foi bem difícil pra mim na gra[-] na pandemia

**P:** E tua filha tem alguma [...] que nem tu tem, asma? Ela tem alguma doença respiratória? Alguma?

**M:** Não

**P:** Felizmente deu tudo certo

**M:** Graças a Deus! Não tem nada! Nada, nada

**P:** Ah, que bom! Então, menos mal, né?

**M:** E se ela usou bombinha durante três dias porque, quando ela era bem pequenininha, ela tinha três meses e daí eu vim com ela pra cá, ela tava bem ruim na parte da respiração, mas deu tudo certo. Ela usou só aquela, aqueles três dias e nunca mais. Graças a Deus!

**P:** Que bom! Tá, tem alguma outra coisa que tu queira me dizer sobre a pandemia? Ou qualquer coisa? [risos]

**M:** Não, eu acho que não. Sobre a pandemia o que foi mais difícil pra mim foi a gestação porque foi o começo da pandemia essa situação e agora, novamente, to gestante.

**P:** Novamente tu vai passar de novo, mas, pelo menos, vamo torcer pra que seja mais tranquilo, né?

**M:** Sim! Preciso que seja também, porque essa gestação tá sendo bem diferente. Tudo que eu não sentia naquela, eu to sentindo nessa.

**P:** Sim. Ah é?

**M:** É, enjoo, eu não senti nunca naquela. Agora eu levanto já quase vomitando. Tá sendo bem mais complicado. Sono vinte e quatro horas

**P:** Sim, ah, até pra trabalhar é ruim, né?

**M:** Sim.

**P:** Por causa disso, dessa sensação que a gente fica

**M:** Sim, é complicado, aham.

**P:** Mal estar. Bom, mas olha, eu queria te agradecer muito mesmo, obrigada por topar conversar um pouquinho comigo

**M:** Capaz

**P:** Foi ótimo! Ahn, agora a gente pode aguardar ali, vamos ver, acredito que não tenha sido chamada ainda, se não teriam te avisado aqui, mas de qualquer forma, quero te agradecer, tá? Obrigada

**M:** De nada!

<b>Entrevista 14</b>
<b>Respondente N</b>
<b>Legenda:</b> P: Pesquisadora N: Entrevistado (a)

**P:** E a senhora vai consultar hoje, então?

**N:** Não, não. Já consultei lá.

**P:** Hoje é outra consulta?

**N:** Agora é outra. Vou fazer uma cirurgia.

**P:** Tá ótimo assim, nem se preocupe. Perfeito, dona M. Então, me conte um pouquinho da senhora. Quantos anos a senhora tem?

**N:** Eu tenho sessenta e nove.

**P:** Sessenta e nove? E a senhora mora com quem?

**N:** Eu e o meu marido.

**P:** Que tá ali aguardando a senhora?

**N:** Que [...] eu tenho duas filhas, são casadas. Uma mora em Arregui, outra mora na Mariana.

**P:** Ah, certo!

**N:** Próximo ao shopping Iguatemi

**P:** Uhum

**N:** E (...) daí em abril me deu esse corona vírus [-]

**P:** Agora desse ano? Ou anterior?

**N:** Eu não [...] anterior. Fez um ano agora.

**P:** Ah, fez um ano?!

**N:** Sim. Daí eu [...] Deu em nós dois e a gente não saia de casa, não sei como a gente pegou.

**P:** Uhum

**N:** Usava álcool, esterilizava bem a casa, ahn, eu acho que foi do lado. Porque daí do lado da minha casa deu [...] na [...] dono da casa, dois filhos e duas filha. Morreu a mulher e as duas filha.

**P:** Nossa!

**N:** Deu [-]

**P:** Seus vizinhos?

**N:** Vizinha. Do outro lado morreu (...) a mulher (...). Do outro lado morreu outra mulher, nos fundos morreu um homem, na frente morreu outro

**P:** A senhora vê, conhece bastante gente então, que faleceu da doença?

**N:** Faleceu. E foram antes do que eu no hospital e faleceram. E eu dei graças a Deus, eles queriam me entubar e eu pedi: “Pelo amor de Deus” que não. Daí me deu a enfisema pulmonar, eu sou diabética, me deu enfisema pulmonar, pontada dupla

**P:** Então realmente foi forte a sua covid, não foi fácil, né?

**N:** Uh hum. E ele em casa, não podia se levantar [-]

**P:** E a senhora trabalha? É aposentada?

**N:** Sou aposentada.

**P:** E ele também?

**N:** Ele também

**P:** Então vocês vivem da renda da aposentadoria?

**N:** Da renda da aposentadoria. Daí ela, a minha filha e os vizinho vinham me atender

**P:** Sim

**N:** E (...) [-]

**P:** Que idade tem as suas filhas?

**N:** A minha filha tem quarenta. Daí ela, ela [...] essa que mora em Anarrequi, casada, mas trabalha, né? As duas trabalham

**P:** Uhum, sim

**N:** E daí [incompreensível], eu pegava o [...] daí pegou no marido dela, daí depois ela cuidou dele, pegou nela, depois pegou na filha, mas graças a Deus [-]

**P:** Então, família toda ficou? Mas todos ficaram bem?

**N:** Daí a outra, minha filha, pegou nela, pegou no marido. Daí o marido morreu e ela, graças a Deus, ficou.

**P:** Ah! Então seu genro?

**N:** Aham.

**P:** É mesmo?!

**N:** Faleceu. E nós [-]

**P:** E como é que foi assim? Como é que foi a [...] eles tinham filhos? Tem filhos?

**N:** Ahn, tem. Essa do (...) do [...] de Anarrequi tem uma filha de vinte anos

**P:** Uhum

**N:** Essa não pegou

**P:** Não pegou?

**N:** Não. Que daí ela foi pra casa do namorado e (...) ficou os dois, casal, né?

**P:** Ficou isolada

**N:** Ficou isolada. Daí um cuidou do outro e daí um pegou [riso] daí a firma afastou ele pra cuidar dela.

**P:** Claro.

**N:** E daí ele pegou, daí quando ela melhorou, ela foi trabalhar, daí a firma ex [-] afastou ela pra cuidar dele. Daí ele melhorou

**P:** Sim. Ah, poxa! E como é que foi assim, pra vocês? Vocês receberam alguma ajuda do governo? Algum benefício nesse período de pandemia?

**N:** Não

**P:** A senhora e seu marido, não?

**N:** Não

**P:** Não receberam nenhuma ajuda?

**N:** Nada, nada.

**P:** E a senhora acha que ficou mais difícil? Foi tranquilo assim, como é que foi? Ficar só em casa? O que a senhora achou mais difícil nisso tudo?

**N:** Mais difícil foi a dor e a [...] nem tanto de ficar em casa porque tu não podia se alevantar, não podia [...] dava desarranjo, dava vômito, dor no corpo, não conseguia [-]

**P:** Mal estar, né?

**N:** Mal estar, não podia comer, não podia tomar água. Tudo que tu tomava, voltava.

**P:** E aí com vocês dois doentes como é que a senhora fazia, tipo, pra cozinha, limpeza da casa, como que funcionava?

**N:** Tinha minha sobrinha que vinha ali fazer e a minha filha como podia e eu fiquei, daí fiquei nove dias no hospital internada e ele ficou sozinho em casa **P:** E ele em casa sozinho?

**N:** Daí vinha minha cunhada e, às vezes, vinha minha filha ali, mas ele não comia também.

**P:** E antes disso, lá no início da pandemia, a senhora conseguiu se cuidar? Vocês acham que conseguiram cumprir com tudo?

**N:** Conseguimos [-]

**P:** Tanto que demorou pra pegar?

**N:** Tinha álcool, álcool gel até hoje nós temo

**P:** Sim, virou um costume

**N:** Virou uma rotina o álcool

**P:** Uhum

**N:** Até na cama eu passo

**P:** Sim

**N:** E vou trocar a roupa de cama, viro o colchão e passo álcool

**P:** Sim

**N:** E [...] Mais o médico disse pra gente fazer assim sempre, né? Agora.

**P:** Claro. E a senhora hoje tá consultando por que?

**N:** Hoje, não [...] é que eu tenho uma cirurgia marcada pras vistas e o [...] a doutora Fátima, ela pediu pra mim que tem um remédio que é pra tirar, pra mim não comer doce

**P:** Uhum

**N:** E daí ele só vende com a receita

**P:** Ah, sim, entendi. Então, é uma preparação pra sua cirurgia

**N:** É, isto. É só pra pegar a receita

**P:** E a senhora tem algum problema de saúde? Diabete? A senhora me disse que tem

**N:** Eu tenho diabete e esse problema que me deu do covid, do enfisema pulmonar

**P:** Enfisema pulmonar

**N:** Que tem que cuidar, como disse o médico, né?

**P:** Uhum

**N:** E agora faz uma semana que me deu um desarranjo bem forte

**P:** Sim

**N:** Mas como disse a doutora Fátima lá, ela disse que é uma [...] um vírus que [-]

**P:** Sim, aí pega uma virose e a gente já tá fraco, né? Mais difícil

**N:** Ela me deu uns remedinhos lá pra tomar, passei na farmácia, peguei. Ela disse que vai passar, até lá o dia da cirurgia, passa.

**P:** E alguém na sua família estuda? Sua neta estuda? Ou não?

**N:** Ahn, tem uma que terminou a faculdade agora

**P:** É?

**N:** Todas elas estudam

**P:** Uhum, todas estudam?

**N:** E até minha filha mais velha também

**P:** E aí durante a pandemia elas pararam? Tiveram aula online? Como ficou?

**N:** Ahn, ficaram em casa

**P:** Tiveram aula [...] ficaram em casa. E além dessa coisa do seu enfisema, a senhora teve mais alguma dificuldade assim, por exemplo, pra dormir? Se sentiu mais nervosa? Como que foi assim, pra enfrentar esse tempo todo?

**N:** Ah! A gente ficava nervoso, né?

**P:** Uhum

**N:** Mas é assim, eu não pensava em [...] Eu dizia: “Deus é que sabe, né?!”. Vai pegar se for a vontade dele e vai [...] A gente vai morrer também se for

**P:** Sim

**N:** Mas, graças a Deus, foi até engraçado porque eu vim consultar aqui no postinho e a médica disse assim pra mim: “Vai lá bater um raio-x que tu tá com pontada”, no postão, sabe?

**P:** Aham

**N:** Lá no centro. Eu fui lá, cheguei lá tava [...] a moça disse assim pra mim, bateu o raio-x assim, “a senhora desce ali embaixo e faz o teste do covid”. Daí eu fiz. O médico disse assim: “Mas eu nem terminei de fazer e a guria venho correndo” e disse assim “ela tá com pontada dupla, enfisema pulmonar” e daí já me levaram pra lá. Mas não deu, acho que vinte minutos, já arrumaram o quarto

**P:** E a senhora foi internada?

**N:** Já fiquei internada lá no PATI, daí eu, mas foi tão rápido que (...)

**P:** E aí a senhora nem tava se sentindo mal ainda? Muito mal, né?

**N:** Tava

**P:** Bem no início? Já tava com sintomas?

**N:** Eu não podia tossir, não podia [...] uma tosse, uma tosse, uma tosse. Parece que arrancaram todo o pulmão

**P:** Muito difícil. A senhora já tinha algum problema de pulmão antes?

**N:** Não

**P:** Pneumonia? Nunca teve nada? Foi realmente da covid?

**N:** Ainda dizia que eu [...] eu sou natural de Santa Catarina, né?

**P:** Uhum

**N:** Eu disse “Vai fazer cinquenta anos que eu moro aqui e nunca tinha me dado pontada”, a primeira vez [...] que era pra dar, né? Porque eu era do calor

**P:** Sim, sim

**N:** E aqui é frio

**P:** É, aqui é mais úmido

**N:** É!

**P:** E como é que foi a situação do genro esse, da senhora?

**N:** Pra nós foi um cho [-] ele já tinha melhorado, daí ele foi trabalhar na firma e [...] daí deu um [...] caiu. Assim, deu uma (...) como é que se diz? Infarte e morreu.

**P:** Ah, já tinha passado pela covid?

**N:** Já tinha passado, mas tudo [-]

**P:** Indica que foi consequência

**N:** Que foi, é.

**P:** E como é que a sua filha agora tá lidando assim, sozinha? Ela trabalha? Tem renda?

**N:** Ela trabalha, trabalha

**P:** Trabalha?

**N:** Uhum. Trabalha, estuda, faz a faculdade

**P:** Uhum, que bom! E isso foi quando?

**N:** Foi o ano passado também

**P:** Sim

**N:** Foi o ano passado. Mas eu não lembro o dia que foi

**P:** Sim

**N:** Eles trouxeram pra velar aqui, e aí os familiar dele é aqui

**P:** Uhum

**N:** E a [...] Ela trabalha no Medianeira, a minha filha. Trabalha lá e a filha dela também. Essa que fez a faculdade, sabe?

**P:** Sim

**N:** Ela trabalha no laboratório

**P:** Ah, que legal! Que bom!

**N:** A mais velha.

**P:** E aí, mas vocês ficam praticamente sozinhos? A senhora e o seu esposo? Ficam [incompreensível] fazem tudo sozinho? A senhora cozinha? Tudo?

**N:** Ah sim! Tudo! Nós fizemos

**P:** Aí é difícil, né? Porque quando a gente fica doente fica mais complicado de conseguir cuidar da casa, tudo.

**N:** É, mas Deus ajuda, né?

**P:** Claro, não, a senhora tá bem, que bom, né? Que ficou bem.

**N:** Fiquei bem. A gente faz assim, um dia limpa uma peça, que a minha casa é bem grande lá pra dentro, depois limpa a cozinha

**P:** E a senhora tinha o costume assim, de encontrar as filhas, os netos sempre? Ahn, fazer almoço semanal? Almoço de família? E durante a pandemia deu uma parada? Como é que foi?

**N:** Fazia. Deu uma parada.

**P:** Aí evitaram se encontrar durante um tempo

**N:** E eu tenho bastante irmão que mora em Blumenau, oito.

**P:** Uhum

**N:** Mas [...] eles não ficaram com medo, vieram tudo.

**P:** Ah, vieram lhe ver? Que bom

**N:** Vieram. Até meu pai que tinha noventa e um anos

**P:** Ah!

**N:** Nunca ficou doente, ele veio. Daí eu disse “Meu Deus!”. Quando ele veio eu fiquei assim, tremendo.

**P:** Com medo? Claro, né?

**N:** Sim, né? Daí, mas, ele disse “minha filha, se for pra pegar, Jesus é que sabe” e depois ele foi pra casa, daí ele [...] dali uns dois meses ele baixou o hospital teve enfisema no pulmão

**P:** Uhum

**N:** E não pegou o coronavírus

**P:** Que bom!

**N:** E morreu.

**P:** Ah!

- N:** Ele nunca tomou um comprimido, trabalhava na roça
- P:** Saúde era ótima!
- N:** Ótima! Levantava de manhã, fritava um ovo frito e comia com pão, feijão mexido, trabalhava na roça
- P:** Se movimentava. E a senhora trabalhava com o que antes de se aposentar?
- N:** Eu trabalhava, eu trabalhava, bom, eu trabalhei de enfermeira e costureira
- P:** Olha!
- N:** Trabalhei no escritório da Tondo S.A. Trabalhava em tudo
- P:** Uhum. Trabalhou bastante então?
- N:** Trabalhei bastante.
- P:** E o seu marido? Ele trabalha, trabalhava com o que?
- N:** O meu marido trabalhou também de tudo, trabalhava no mato serrava pinheiro, ele foi encarregado da Frango Sul lá na (...) na empresa e trabalhou na cervejaria por lá, também foi encarregado.
- P:** Uhum
- N:** E a gente veio pra Caxias e, graças a Deus, se fez aqui
- P:** Que bom! Os dois eram de Santa Catarina ou só a senhora?
- N:** Nós somos de Santa Catarina
- P:** Os dois. Então tá, tem mais alguma coisa que a senhora queira me dizer assim, sobre a pandemia?
- N:** Não, tá bom
- P:** Foi isso?
- N:** É. Não apavorou porque, graças a Deus, a gente, né? Tem fé em Deus
- P:** E a senhora fez as vacinas todas já?
- N:** Ah! Eu fiz!
- P:** Que bom! Que bom!
- N:** A última que eu fiz, a quarta, né? Meu Deus!
- P:** Foi difícil? Teve sintoma?
- N:** Teve uma reação bem forte.
- P:** Ah, é!
- N:** Mas daí a doutora aqui disse pra mim que é por causa do, do [...] da diabete, daí mexe, né, com [...]? Ela disse, “nem te preocupa é da diabete”, daí dá essas dor no corpo, dor de cabeça, mas em uma semana passa
- P:** Bom, passou né? É, aí o efeito vale a pena, né?
- N:** Valeu a pena
- P:** Pelo cuidado
- N:** Daí a gente fica despreocupado, né?
- P:** Sim!
- N:** E a gente saí sempre de máscara
- P:** Claro
- N:** Nós fomos no mercado, lá na médica, tudo
- P:** Seguem então, se cuidando e fazendo [incompreensível] [-]
- N:** Se eu vou fazer as caminhadas [...] eu vou de manhã, né? Eu vou, coloco a máscara
- P:** Que bom, é bom!
- N:** Não tiro porque é perigoso, né? Não dá pra facilitar
- P:** Sim, claro. Sim, com certeza, a senhora faz muito bem.
- N:** É
- P:** Então tá, eu queria lhe agradecer muito, dona M. Vamos ali ver se já tá na sua vez. Queria agradecer bastante a senhora

**N:** [incompreensível] a gente vê tanta gente morrendo, né?